UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GUILHERME DE OLIVEIRA SILVA FONÇATTI

Bases para uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: entre o futuro, a narrativa e a fantasia

São Paulo
2021

GUILHERME DE OLIVEIRA SILVA FONÇATTI

Bases para uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: entre o futuro, a narrativa e a fantasia

(versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

São Paulo

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fonçatti, Guilherme de Oliveira Silva
Bases para uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: entre o futuro, a narrativa e a fantasia / Guilherme de Oliveira Silva Fonçatti; orientador Marcelo Afonso Ribeiro. -- São Paulo, 2021.
383 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Orientação Vocacional. 2. Psicanálise. 3. Carreira Profissional. 4. Projeto de vida. 5. Fantasia (mecanismo de defesa). I. Ribeiro, Marcelo Afonso, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Guilherme de Oliveira Silva Fonçatti
Título: Bases para uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: entre o futuro, a narrativa e a fantasia

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

Prof. Dr. _____

Instituição_____Assinatura_____

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é sempre a parte mais agradável de qualquer trabalho. Ainda mais os de uma tese como esta, que exigiu árdua reflexão, e, nas palavras do filósofo Émile-Auguste Chartier, “refletir é negar aquilo em que se acredita”. De certa forma, agradecer é justamente o movimento contrário: é reconhecer aqueles que acreditaram em nós.

Acreditaram, acolheram e agraciaram com seu saber, seu afeto e seu tempo. Se coube a mim a missão de trazer esta tese ao mundo, ela somente é minha na medida em que eu sou com o outro, e sem o outro nada em mim haveria; eu nem sequer existiria. Agradeço por estar rodeado de outros tão generosos, inteligentes e afetuosos.

À Paula, com quem tenho a honra de compartilhar a vida. Nossas palavras, sentimentos, ideias e corpos se somam, se trocam, e juntos se multiplicam. Por isso já valeu a pena viver; mas além de tudo, compartilhar nossas existências é muito gostoso!

À minha família: meus pais, Eunice e Carlos, meus “padrastos”, Márcio e Joana, meus irmãos, Raphael, Andrea e Tilo, além de toda a família expandida. Se orientar é descobrir suas origens e caminhar a partir delas, tenho muito orgulho de ter vocês na origem de tudo daquilo que me compõe hoje. O amor de vocês me deu e me dá a vida.

Ao Marcelo, que é uma referência para mim desde as aulas de graduação, como professor, depois como pesquisador e por fim como orientador dessa tese. A dedicação, a atenção ao todo e aos detalhes, o senso crítico sempre ligado e a inteligência sempre aguçada; tudo isso transbordando em respeito por quem o outro é, quer e pensa. Fico grato por ter um modelo desse porte para seguir os passos.

À Conceição, que para mim, é o nome próprio da orientação profissional e de carreira. Seu lugar de formadora é de valor inestimável para todos nós, seus alunos que viram colegas. Fico imensamente feliz por ter sido uma das vidas que você tocou, formou e transformou.

À Maria Eduarda Duarte, que me acolheu quando fui estrangeiro, enquanto aluno, pesquisador, viajante e pessoa. Para mim você é o exemplo de força e generosidade que levarei comigo se um dia me couber ser autoridade sobre outros.

À minha banca de doutorado, Paulo Cardoso, Maria Eduarda Duarte, Yara Malki e Belinda Mandelbaum, que generosamente leram e criticaram essa tese para que ela ganhasse em qualidade e legitimidade.

À minha banca de qualificação, Fabiano Fonseca e Yara Malki, que promoveram um verdadeiro ponto de virada nos rumos da minha tese ao me convocarem a retornar minhas origens e assumir quem eu sou.

À equipe do Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Universidade de São Paulo (USP): Marcelo, Yvette, Conceição, Débora, Marcelo, Sônia, Fátima e Marcos, que incondicionalmente me apoiaram em todos esses anos de pós-graduação, trabalharam por mim, cuidaram de mim e apostaram em mim.

À equipe de professores do Sedes Sapientiae: Mario, Cida, Sandro, Ciça, Chris, Milena, Marcos, Paula e Juca, que me compreenderam e me cobriram em todas as minhas ausências nesses últimos anos, e com quem troquei ideias e afetos quando estava presente.

À equipe do Departamento de Psicologia Social (PST): Nalva, Rosângela, Teresa Selma, Flávio, Anete, Tati, Tânia e professores, que sempre tiveram tempo e disposição para me ajudar em tudo o que precisei, desde tirar dúvidas até fazer força-tarefa para me socorrer.

À Anna Kelly Tizianel, que esteve presente como aluna no nascimento dessa tese, como amiga durante seu desenvolvimento, e como colega na ocasião de seu nascimento. Seu apoio e torcida fazer parte dessa obra.

Aos meus amigos: Camila, Diego, Omar, Valmir e tantos outros que aqui infelizmente não serão nomeados um a um, mas estão em minha memória e coração. Cada um de vocês me marcou de uma maneira, andou comigo de uma forma especial, e me presenteou com sua companhia única. Compartilhar o caminho com vocês deixou tudo muito mais rico e colorido.

Aos meus alunos e supervisionandos da Universidade de São Paulo (USP), Instituto Sedes Sapientiae e Universidade Presbiteriana Mackenzie, cuja presença me causou demandas às quais tenho tentando responder por todos esses anos, e por tabela me manteve no movimento de estudar mais e mais. Sou aluno com vocês.

Aos meus pacientes, que ao suporem que posso ajudá-los, me ensinam a cada sessão como ajudar o outro. Vocês são o mais profundo sentido da existência dessa tese.

Aos autores que já li e estudei. Sua generosidade em escrever suas ideias para que chegassem até mim é algo que levo para minha vida. Faz com que eu queira humildemente imitá-los e renova minhas forças para continuar escrevendo.

E em especial à Lilica, que chegou em minha vida já no final do percurso dessa tese. Veio me lembrar que mesmo em meio a um mundo tão hediondo, há uma florzinha de quem vale a pena cuidar.

Entidade

Ele vem de bem distante, vem, vem
Nem se sabe de que mundo
Seu saber é mais profundo porque vem
De além
Não conta o tempo por segundo
Não tem tempo, o tempo que ele tem
Pensando bem no fundo
Seu tempo é o tempo de ninguém

Ele vem de bem distante, vem
E está sempre do teu lado
Ele é o dono do passado
E do porvir também
O que é virtude
O que é pecado
Não define não, nem intervém
Pois foi sacramentado
O tempo bom ou mal de alguém

Ele é uma presença estranha
Que invisível te acompanha
Mas me creia
Volta e meia
Até se deixa ver

Teu caminho
Ele é quem rege
Te conduz e te protege
Mesmo quando
E até zombando
Tu não queres crer

Ele é sombra, espectro e vulto
E é por se manter oculto
Que tem feito desse jeito
Que é pra ser assim

Não cometa o desatino
De querer mudar o destino
Que ele sabe antes do início
E bem depois
Do fim

Paulo César Pinheiro e Yamandu Costa

DEDICATÓRIA

À memória das vítimas da pandemia de COVID-19 e suas famílias.

RESUMO

Fonçatti, G. O. S. (2021). *Bases para uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: entre o futuro, a narrativa e a fantasia* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A construção de projeto é um objetivo emergente na prática da orientação profissional e de carreira. Está presente nos atendimentos de adolescentes e adultos para os quais a tomada de decisão em forma de uma escolha não é o suficiente para corresponder às demandas apresentadas pela pessoa diante de seu futuro. Assim como as abordagens em orientação profissional e de carreira têm uma teoria de escolha, há a necessidade de se esclarecer qual é a teoria de projeto na qual o orientador vai embasar sua prática. O objetivo dessa pesquisa é lançar as bases para uma teoria do projeto na abordagem da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. Para isso, partimos das definições sobre a natureza dessa área, conceituada como uma ciência-aplicada cujo objeto é a relação da pessoa com o mundo do trabalho e/ou educacional lançada ao futuro. Diante desse objeto, deduzimos que um dos objetivos que se constitui é a construção de projeto, que ocorre no presente, mas é sempre relativa ao futuro. Partindo das bases teóricas da estratégia clínica, que são a psicanálise e a psicologia social crítica, e em diálogo com os saberes produzidos no campo da orientação profissional e de carreira, organizamos a tese em quatro partes, cada uma dedicada à exploração e definição de um conceito central que fará parte da proposta final de conceituação do projeto. A Parte 1 é sobre o futuro, definido como aquilo que não cessa de não acontecer; a Parte 2 versa sobre o projeto, entendido como uma construção imaginária-simbólica sobre o futuro; a Parte 3 discorre sobre a narrativa, que consiste em uma construção de linguagem sobre o futuro que fornece uma estrutura na qual passado, presente e futuro se articulam junto aos elementos que compõem a vivência da relação da pessoa com o mundo; e a Parte 4 apresenta o conceito de fantasia, compreendido como a sintaxe singular do sujeito que está estabelecida pela forma como ele busca reencontrar o objeto causa do seu desejo nas relações que faz com o outro em seu cotidiano. Como conclusão, articulamos essas definições às definições de pessoa e mundo do trabalho e da educação, para enfim propormos uma definição do que é o projeto para a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, a saber: uma narrativa que se estrutura sobre uma fantasia acerca da relação entre a pessoa e o mundo do trabalho e/ou educacional lançada ao futuro. Por fim, listamos uma série de pesquisas futuras que podem ser realizadas para o avanço da construção teórica para a qual essa tese procurou lançar as bases.

Palavras-chave: Orientação vocacional. Projeto. Futuro. Narrativa. Fantasia. Psicanálise. Carreira.

ABSTRACT

Fonçatti, G. O S. (2021) *Basis for a theory of project on the clinical strategy approach in career counseling: between future, narrative, and fantasy* (Doctoral Thesis). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Project construction is an emerging goal in the practice of career counseling. It is present in the practice with adolescents and adults for whom decision making in the form of a choice is not enough to meet the demands presented by the person in face of their future. As all approaches in career counseling have a theory of choice, there is a need to clarify which is the theory of project on which the counselor will base his practice. The goal of this research is to lay the foundations for a theory of project for the clinical strategy approach in career counseling. For that, we start from the definitions about the nature of this area, conceptualized as an applied-science whose object is the person's relationship with the world of work and/or education launched into the future. In view of this object, we deduce that one of the goals that is constituted is the construction of a project, which occurs in the present, but is always related to the future. Starting from the theoretical bases of clinical strategy, which are psychoanalysis and critical social psychology, and in dialogue with the knowledge produced in the field of career counseling, we organized the thesis in four parts, each one dedicated to the exploration and definition of a central concept that will be part of the final proposal of the conceptualization the project. Part 1 is about the future, defined as that which never ceases to not happen; Part 2 is about the project, understood as an imaginary-symbolic construction about the future; Part 3 discusses the narrative, which consists of a construction of language about the future that provides a structure in which past, present and future are articulated together with the elements that make up the experience of the person's relationship with the world; and Part 4 presents the concept of fantasy, understood as the subject's singular syntax that is established by the way s/he seeks to rediscover the object that caused his/her desire in the relationships he makes with the other in his daily life. As a conclusion, we articulate these definitions to the definitions of person and world of work and education, to finally be able to propose a definition of what is the project for the clinical strategy approach in career counseling, namely: a narrative that is structured on a fantasy about the relationship between the person and the world of work and/or education launched into the future. At last, we list a series of future research that can be carried out to advance the theoretical construction for which this thesis sought to lay the foundations.

Keywords: Career counseling. Project. Future. Narrative. Fantasy. Psychoanalysis. Career.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. O objeto da orientação profissional e de carreira.....39

Figura 2. Relação entre as instâncias do futuro, da pessoa e do outro no processo de orientação profissional e de carreira.....65

Figura 3. Representação visual da relação do conceito de projeto com os demais conceitos apresentados durante a tese.....340

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Análise topológica da orientação profissional e de carreira.....48

Tabela 2. Palavras-chave utilizadas nas pesquisas às bases de dados.....60

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **17**

INTRODUÇÃO **23**

Fontes para uma narrativa histórica 25

A natureza da orientação profissional e de carreira 29

Duas faces de um mesmo rosto 32

A ética da orientação profissional e de carreira 34

O objeto da orientação profissional e de carreira 37

Os objetivos da orientação profissional e de carreira 40

Uma topologia da orientação profissional e de carreira 43

Por uma teoria do projeto da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira 50

OBJETIVOS **52**

MÉTODO **54**

Natureza da pesquisa 55

Bases teóricas 57

Fontes de pesquisa 59

Caminho conceitual percorrido 60

Como se organiza essa tese 63

PARTE 1

O FUTURO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA **64**

O futuro e o objeto da orientação profissional e de carreira 65

Tempo e futuro 73

Passado e futuro 80

Presente e futuro: imanência e transcendência 84

Previsibilidade e indeterminação 88
Realidade e ficção 93
Experiência de futuro 98
Construção psicossocial do futuro 104
Futuro narrado via projeto 115
Síntese parcial 1 118

PARTE 2

O PROJETO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA 120

Projeto e futuro 121
Palavra, noção ou conceito? 124
Significado do termo projeto 130
Breve história do conceito de escolha 139
Utilização do termo no campo da orientação profissional e de carreira 143
Projeto como narrativa 149
Giro teórico contemporâneo: da escolha ao projeto 152
Duas dimensões do projeto: planos de ação e construção de sentido 162
Projeto como construção psicossocial do futuro 167
Projeto e psicanálise 180
Síntese parcial 2 190

PARTE 3

A NARRATIVA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA 193

Sobre o termo narrativa 194
O método narrativo 200
A narrativa também é psicossocial 217
Narrativa e identidade 220
Narrativa como articulador do tempo 225
Narrativa do futuro 230

Narrativa na orientação profissional e de carreira contemporânea 233
Narrativa e psicanálise 245
A narrativa na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira 252
Sob a narrativa 261
Síntese parcial 3 266

PARTE 4

A FANTASIA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA..... 269
O uso do termo fantasia na orientação profissional e de carreira 270
Metapsicologia e orientação profissional e de carreira..... 279
Fantasia para Freud 284
Fantasia para Lacan..... 296
Relação entre fantasia e narrativa 308
Trabalhar a fantasia e trabalhar com a fantasia..... 318
Conceituação teórica do projeto na estratégia clínica..... 323
Síntese parcial 4 331

CONCLUSÃO..... 334
Síntese de definições..... 335
Definição de projeto..... 339
Consequências e avanço 343

PALAVRAS FINAIS..... 346

REFERÊNCIAS..... 351

APRESENTAÇÃO

A partir do momento em que conseguimos aproveitar o presente de forma plena, o futuro fica mais claro (Diego Isquerdo).

Melhor seria se não houvesse projetos. Se pudéssemos viver absortos no presente e deixar o fluxo da temporalidade envolver-nos e guiar-nos em nossa própria experiência de tempo. Melhor seria se o futuro permanecesse sempre não antecipado, não assaltado e não assediado por nossa ansiedade, desejo ou imaginação.

Dito isso, essa tese visa estudar o projeto. Pois às vezes, no decorrer de nossas vidas, o futuro se apresenta a nós – e nos convoca a fazer algo diante dele. Não que ele não estivesse sempre adiante, nos aguardando para em nossa chegada desaparecer e reaparecer mais para frente, como um eterno companheiro ao qual nunca tocaremos o corpo.

É que, mesmo fugidio, vez ou outra sua voz chega até nós e ouvimos as seguintes perguntas: "*Que queres de mim*?"; "*Que queres encontrar por aqui?*"; e principalmente: "*Quem queres ser em mim?*". Quando essas questões se inscrevem em nós, seja porque as buscamos, seja por contingências que não controlamos, elas demandam alguma resposta nossa. O projeto é uma maneira específica de formular essa resposta; não é a única e nem a preferível em todas as vezes, mas em muitos casos é a melhor maneira possível de elaborar uma resposta à altura dessas perguntas, para munido dela, continuar vivendo no fluxo do tempo.

Nós, enquanto orientadores profissionais e de carreira[1], somos convocados em nossa prática a auxiliar as pessoas na construção dessas respostas. Foi em um episódio desses que reconheci a primeira semente que anos mais tarde germinaria na forma dessa

[1] A partir daqui, sempre que nos referirmos à área, usaremos o termo *orientação profissional e de carreira*; ao profissional da área, chamaremos de *orientador*; e à pessoa que procura o orientador, chamaremos de *orientando*. Será assim no corpo do texto e nas citações diretas que traduzimos ao português. As exceções são as citações diretas com original em português que utilizam outros termos, que mantivemos conforme os originais. A saber, esses termos são: aconselhamento de carreira; orientação profissional; orientação vocacional; conselheiro; cliente; paciente, etc. Para uma discussão sobre a nomenclatura da área, recomendamos a consulta à nota de rodapé 3 da página 109 de Ribeiro e Ribeiro (2019).

tese. No ano de 2011, enquanto ainda aluno do curso de aperfeiçoamento em orientação profissional e de carreira do Serviço de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, passei na secretaria para pegar uma ficha para começar a atender uma pessoa na modalidade individual. Peguei o maço de fichas dobradas todas iguais, e tirei uma do meio, como num sorteio. Tratava-se de uma mulher de 45 anos, cuja profissão era dona de casa. Liguei para a paciente e marquei o primeiro encontro.

Quando cheguei na supervisão de preparação com a cópia da ficha, a surpresa: estava suposto que os alunos atenderiam somente adolescentes com foco na escolha de curso superior. As fichas dos adultos estavam em outro lugar, e esta, por um capricho do acaso, acabou no lugar errado e depois em minhas mãos. Foi então que minha supervisora, Maria da Conceição Coropos Uvaldo, apostou em mim e disse: "*vamos lá, atenda ela e eu dou supervisão, você vai ver que é bem diferente do atendimento com adolescentes*." Essa aposta plantou uma semente que floresceu tanto em minha dissertação de mestrado[2], orientada pela professora Yvette Piha Lehman, como nessa tese de doutorado, orientada pelo professor Marcelo Afonso Ribeiro.

A partir de então, passaram-se dez anos nos quais tenho atendido adolescentes e adultos para quem o ato de escolher não é suficiente para configurar aquela resposta mencionada acima. A ajuda que eles necessitam é para a construção de um projeto. Essa é uma tarefa fundamentalmente teórico-prática, o que caracteriza, como veremos, todas as tarefas às quais se dedica a orientação profissional e de carreira. Meu interesse pelo tema nasceu simultaneamente pelo estudo da teoria e pelo fazer prático. No decorrer dessa

[2] Na dissertação de mestrado procuramos descrever o processo de orientação profissional e de carreira com adultos com trajetória de trabalhos precários (Fonçatti, 2016)

década temos sentido falta de maiores produções teóricas sobre o tema[3]. Por isso, resolvi dedicar minha pesquisa de doutorado à tentativa de uma contribuição nesse quesito.

No entanto, como aponta o poeta Almada Negreiros, "*até hoje fui sempre futuro*", e com essa tese não é diferente: um dia ela foi futuro, e era bem diferente de como está no presente dessa leitura. Ao ingressar no programa de pós-graduação (nível doutorado) em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, meu projeto era outro: estudar o conceito de carreira como um descritor da vida de trabalho no Brasil. O tema é caro, tendo feito parte de algumas publicações nas quais tive a honra de contribuir (Ribeiro & Fonçatti, 2017; Ribeiro et al., 2020). No entanto, no decorrer do primeiro ano de curso a questão do futuro me pegava, ou melhor, de como é possível que incluamos o futuro em nossos processos de orientação.

Foi então que, já integrante da equipe de funcionários do Serviço de Orientação Profissional, tivemos que dar algumas aulas sobre a construção de projeto no atendimento com adultos. No processo de preparação dessas aulas, encontrei o que sem saber estava procurando: a formulação de uma pergunta que calasse fundo no que de fato queria estudar. Quase um ano e meio após o ingresso no doutorado, conversei com meu orientador, Marcelo Afonso Ribeiro, que por sua vez apostou em mim e autorizou uma mudança de tema.

Na ocasião da banca de qualificação do doutorado, já estavam definidos o tema, os objetivos e algum desenvolvimento do escopo teórico, mas ainda me faltava esclarecer com que método conduziria a pesquisa. Foi então que a professora Yara Malki e o

[3] No ano de 2018 o Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Orientação Profissional – LABOR – promoveu um colóquio com o tema orientação profissional e psicanálise. Além disso, no mesmo ano foi lançado o livro "Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico" (Lima, Uvaldo, & Dias, 2018). Mesmo que extremamente ricas, em ambas as produções pouco ou nada se observa sobre contribuições teóricas sobre a construção de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

professor Fabiano Fonseca da Silva me convocaram a uma escolha: fazer um trabalho mais genérico, em diálogo com diversas teorias, e com isso apontar uma descrição daquilo que já existia; ou então assumir minha posição teórica diante de meu objeto (para não dizer desejo), e produzir um texto propositivo a partir daquilo que estudo e pratico.

Ainda no estremecimento desse dilema, já no terceiro ano do curso de doutorado, tive o privilégio de passar seis meses em Portugal, nos quais fui acolhido generosamente pela professora Maria Eduarda Duarte, na Universidade de Lisboa. O foco desse período não foi o cumprimento de créditos, se não a visita técnica a diversas instituições de pesquisa em orientação profissional e de carreira pela Europa[4], além é claro das preciosas reuniões com a professora.

Nessas visitas, tive contato com o que se tem feito e pensado de mais recente na área, e ficou muito claro o contraste com o que fazemos e pensamos no Serviço de Orientação Profissional. Um contraste saudável, não belicoso nem que provocou antagonismos, mas que me ajudou a ver melhor aquilo que sou: um orientador profissional e de carreira de base na psicanálise e na psicologia social crítica.

Nas reuniões com a professora Maria Eduarda, tive uma experiência socrática, na qual o que eu falava e pensava, voltava a mim como uma pergunta sobre quem eu era. A sua generosidade foi tamanha que além de ter me apoiado em tudo o que precisei enquanto viajante e estrangeiro, ainda me presenteou com uma extensa bibliografia sobre narrativa que foi de fundamental ajuda para a composição desse texto.

[4] Nesse período visitei o La.R.I.O.S. - *Laboratorio di Ricerca e Intervento per l'Orientamento alle Scelte* – na Universidade de Padova (Itália), com a Prof. Laura Nota; CEPCO - *Research Center in Vocational Psychology and Career Counseling* – na Universidade de Lausanne (Suiça), com o Prof. Jérôme Rossier; e o INETOP - *Institut National d'Étude du Travail et d'Orientation* – no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (França), com a Prof. Valérie Cohen-Scali.

Então, no retorno ao Brasil, quando estava prestes a tomar uma decisão de posicionamento, minha esposa Paula me disse uma frase e me fez uma pergunta que foi o suporte que eu precisava para me lançar de vez nessa vereda: "*você está escrevendo uma tese que é sua, e será para sempre sua. Como você quer olhar para ela daqui a alguns anos?*" E a minha resposta foi tão clara quanto um alívio: quero que seja uma tese teórica sobre a teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. Às vezes o mais difícil é perceber o óbvio.

Então meu orientador e eu decidimos assumir o caminho que já vinha em curso: uma pesquisa teórica sobre o tema citado acima. Essa pequena narrativa sobre o passado dessa tese mimetiza o que o leitor vai encontrar em seu conteúdo: como as construções que fazemos em nossa vida de trabalho são marcadas por uma errância que procuramos organizar pela via da narrativa e pela via de nossa gramática singular que se revela pela fantasia. Esse processo feito diante de nossa experiência do futuro é o que ganha o nome de projeto.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

A verdade é sempre transitória, marcada pelo tempo, e a certeza é sempre probabilística. Um modo de olhar prefigura o modo de ser olhado; isto é, as coisas não são, as coisas só tendem a ser
(Maria Eduarda Duarte, in Duarte, 2019, p. 41).

Não é raro que dissertações, teses, livros e artigos da área da orientação profissional e de carreira iniciem seu conteúdo com algumas palavras sobre o que seria essa prática. Geralmente isto é feito através de uma apresentação histórica de seu desenvolvimento durante todo século XX até os dias atuais. Há propostas bastante pertinentes de classificações de etapas ou fases, bem como definições sobre do que se trata nossa área a partir das matrizes teóricas que embasam as diversas abordagens. Nosso intuito nessa introdução não é descrever uma vez mais essa trajetória teórico-prática, e sim, a partir dessa história, colocar a própria orientação profissional e de carreira como objeto de nossa reflexão, tentando extrair dela concepções como natureza, objeto, ética e objetivo.

Essa é uma intenção bastante grande e caberia uma tese inteira somente para si. Como já mencionado, o objetivo da presente pesquisa é outro, mas as definições decorrentes dessa introdução parecem ser importantes para embasar toda a argumentação teórica que se seguirá. Por isso, faremos o possível dentro da concisão que nos obstringe para manter um rigor e coerência em nosso desenvolvimento de raciocínio, sem pressupor entregar uma filosofia completa e bem acabada da orientação profissional e de carreira.

No entanto, consideramos importante não nos furtarmos de arrolar abaixo algumas fontes importantes para que se conheça a descrição histórica de nossa área, pois, como veremos no decorrer dessas páginas, sem passado não há hipótese de se haver com o futuro. Note-se que não adentraremos na apresentação de cada etapa ou teoria que compõe os últimos 110 anos de nossa área, e sim nomearemos e comentaremos brevemente algumas fontes de onde se estudar essa história, para enfim adentrarmos em nossa proposta. Talvez o leitor iniciado na área não encontre novidades nessas fontes, e aos que estão se iniciando nela, fica a forte recomendação de ler esses trabalhos na íntegra.

Fontes para uma narrativa histórica

Narrativas histórias de Crites e Osipow (matriz teórica), Bock (ético-política), Ribeiro e Melo-Silva (demanda-chave) e Duarte (paradigma).

Um dos trabalhos mais citados como referência do estudo histórico da orientação profissional e de carreira é Crites (1974). Nele, o norte-americano John Crites apresenta uma classificação que é a mais utilizada até os dias de hoje, separando de forma cronológica o surgimento de algumas matrizes teóricas como o traço-fator, tipológico, teorias psicodinâmicas, desenvolvimentismo e decisional.

Outro pioneiro nessa narrativa é também norte-americano Samuel Osipow (Osipow et al., 1976; 1990; Osipow & Fitzgerald, 1996), que em sua longa carreira de autor também classificou as abordagens em orientação profissional e de carreira pela matriz teórico-prática à qual respondiam, como traço-fator, evolutiva, psicanalítica, tipológica, aprendizagem social, interacionista, para citar algumas[5].

Além desses, diversos autores também se dedicaram a descrever essa organização histórica via diferenças teóricas, e uma excelente lista é encontrada no capítulo 3 do primeiro volume do "Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira" (Ribeiro & Melo-Silva, 2011). Lá, entre as páginas 76 e 80, estão arroladas quinze obras de diversos autores de diferentes países, que abarcam desde a década de 1970 até o início do século XXI. O que há em comum entre todas é a produção de uma taxonomia dos enfoques teóricos produzidos.

[5] A história da orientação profissional e de carreira no Brasil tem suas peculiaridades, pois se tratou de uma localização que esteve à margem dos países produtores das grandes teorias da área no século XXI. Isso fez com que aqui se as "novidades" chegassem com outra temporalidade e que se produzissem teorias próprias. Para essa descrição histórica recomendamos a leitura de Sparta (2003).

Diferente dessa abordagem, o autor brasileiro Silvio Bock (2002) separa as produções da área em três grupos: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias para além da crítica. Elas se classificam de acordo com o alinhamento ético-político de cada uma delas. As tradicionais estariam alinhadas a uma visão liberal de indivíduo e sociedade, marcada pela ênfase no individualismo e adaptação ao social como ele se apresenta. As teorias críticas, ao contrário, criticam a concepção liberal e visariam esclarecer os determinantes sociais, econômicos e culturais que reproduzem na tomada de decisão do indivíduo o *status quo*. Por fim, a teoria para além da crítica seria aquela que consegue superar a dicotomia indivíduo e sociedade de forma dialética, isto é, sem cair em um individualismo nem em um determinismo social.

Ainda em organizações históricas que vão para além do teor meramente teórico das abordagens, a autora portuguesa Maria Eduarda Duarte (2019) também propõe uma tríade, mas dessa vez ordenada pelos paradigmas sob os quais a produção teórico-prática se encontra em um determinado momento histórico da comunidade científica. O primeiro paradigma é o "modelo de adequação pessoa/meio" (p. 17), no qual a tentativa científica da época era marcada pelo positivismo, medição e reducionismo dos objetos, a fim de serem melhor ajustados. O segundo paradigma é o "modelo desenvolvimentista de carreira" (p. 21), no qual os esforços dos cientistas eram de ajudar os indivíduos no constante trabalho de adaptação e transformação de si diante de um mundo social também em acelerada transformação. Por fim, o terceiro paradigma é a "abordagem construtivista" (p. 30), no qual a comunidade científica se volta a estudar processos construtivos de intervenção baseados mais na relação interpessoal, produção de significados e percepção de especificidades do que em descrição de fatos, verdades e princípios que precedem o indivíduo.

Por fim, nesse mesmo espírito de organização da narrativa histórica da orientação profissional e de carreira não somente pelas teorias propostas, Ribeiro e Melo-Silva (2011), na obra já citada, usam o crivo não ético-político, como Bock (2002), nem paradigmático, como Duarte (2019), e sim contextual, através de demandas-chave inspiradas na proposição de Jean Guichard[6]. Isto é, contém a ideia de que a orientação profissional e de carreira se desenvolveu a partir de necessidades sociais que se apresentavam a ela, e toda a produção de teoria e de modelos de aplicação visaram responder a essas demandas. Elas são seis, organizadas cronologicamente e dizem respeito à situação social de cada época.

A primeira demanda-chave foi expressa na seguinte questão: "como ajudar o indivíduo a realizar o seu ajustamento vocacional/ocupacional?" (Ribeiro & Melo-Silva, 2011, p. 81), à qual foi dada a resposta do traço-fator e do enfoque tipológico. A segunda demanda-chave trazia a seguinte questão: "como ajudar os indivíduos a entender os determinantes da sua escolha e poder escolher?" (p. 81), diante da qual se levantou o enfoque psicodinâmico. A terceira demanda-chave foi expressa da seguinte maneira: "como ajudar o indivíduo a desenvolver sua carreira?" (p. 82), cujas respostas foram o os enfoques desenvolvimentista e evolutivo. A quarta demanda-chave era referente à questão de "como ajudar o indivíduo a compreender seu processo de tomada de decisões e desenvolver um método de escolha?" (p. 82), quando entraram em cena os enfoques decisionais e cognitivos. A quinta demanda-chave enfrentava a seguinte questão: "como ajudar o indivíduo a entender e enfrentar as múltiplas transições em sua carreira?" (p. 83), para a qual se desenvolveu o enfoque transicional. Finalmente, a recente sexta demanda-chave com a questão: "como ajudar o indivíduo a construir dinamicamente sua carreira

[6] Jean Guichard (comunicação pessoal, maio de 2004).

em um mundo em transição?" (p. 83), para a qual a obra destaca alguns enfoques contemporâneos desenvolvidos até o ano de sua publicação, em 2011, como o caos de carreira, contextualista da ação, e o *Life Design*.

O interessante dessa classificação atrelada ao social é que a partir dela é possível traçar um panorama do mundo do trabalho nos últimos 110 anos, passando continuamente de um contexto mais estável e previsível para outro mais instável e flexível. Assim, coube à orientação profissional e de carreira responder com as primeiras ações de ajustamento, para depois passar à compreensão, desenvolvimento, processos de aprendizagem e finalmente chegar-se à palavra construção, presente de forma extensa até os dias atuais nas mais diversas abordagens, inclusive na presente tese.

Todas essas classificações apresentadas brevemente até aqui são o ponto de partida para colocarmos a orientação profissional e de carreira em questão desde um exercício filosófico. Isto é, tomá-la como o objeto mesmo de nossa reflexão, assim como a filosofia da arte toma a arte (mas não faz arte), a filosofia da ciência toma a ciência (mas nessa ação não produz saber científico), e assim por diante. Não pretendemos propor uma nova classificação, nem contribuir para a averiguação das diferenças no campo da orientação profissional e de carreira. O que procuramos é justamente os princípios do que há em comum nela como um todo. Ou seja, em vez de expor mais uma narrativa histórica, faremos uma narrativa filosófica. Para isso, vamos começar a discutir a natureza da orientação profissional e de carreira.

A natureza da orientação profissional e de carreira

> O ôntico. O campo da ciência. O campo da aplicação do conhecimento. A locução substantiva *ciência-aplicada*.

A palavra "natureza" aqui foi escolhida para tentarmos destacar o que a orientação profissional e de carreira *é* daquilo que ela faz, tem, propõe, do que parte, e que lugar ocupa. Esse destaque é artificial, pois é claro que esses fatores aparecem todos imbrincados na realidade. Queremos fazer isso pois se trata de um campo muito plural tanto do ponto de vista teórico como prático, e os fazeres, posses, propostas, antecedentes e lugares de atuação são muitos. Mesmo com essa diversidade, há um campo em comum, há congressos e revistas científicas que agregam essas diferenças em um mesmo todo – nem sempre pacífico e comumente contencioso, mas que reconhece no diverso uma semelhança que nos permite estar sob um mesmo nome: somos orientadores profissionais e de carreira.

Para tentar esse destaque do que seria ôntico à orientação profissional e de carreira, vamos partir dos mesmos autores apresentados acima. Alguns deles foram definindo as diferentes facetas desse todo a partir das matrizes teóricas das quais se alimentaram; outros, do alinhamento ético-político; outros ainda dos paradigmas sob os quais se desenvolveu; e, por fim, alguns o fizeram pelas respostas que deu a determinadas demandas sociais.

Então, das narrativas históricas de Bock (2002), Crites (1974), Duarte (2019), Osipow (1990) e Ribeiro e Melo-Silva (2011), extraímos algumas características que rodeiam o que poderia ser a natureza da orientação profissional e de carreira: 1) originar-se de uma matriz teórica; 2) ter um posicionamento ético-político; 3) pertencer a um paradigma científico; e 4) ser responsiva às demandas sociais.

A partir disso, vamos agrupar de um lado os pontos 1 e 3, e de outro os pontos 2 e 4. Do primeiro grupo, podemos pensar no fato de que toda a miríade de trabalhos reconhecidos pelos pares como sendo orientação profissional e de carreira, e não alguma outra coisa, devem partir de uma matriz teórica, e por sua vez esta estar baixo de um paradigma científico da época. Isso significa que a orientação profissional e de carreira está definitivamente no campo da ciência. Mas, aqui incorremos naquilo que queremos evitar: dizer onde ela está. Cabe perguntar, *seria ela mesma uma ciência*?

Deixamos a pergunta momentaneamente em suspenso para analisar as outras duas características. Do segundo grupo, extraímos que se trata sempre de uma resposta a uma demanda social, e, portanto, a orientação profissional e de carreira é definitivamente uma prática, isto é, propõe intervenções visando modificar algum aspecto da realidade. E, ao fazer isso, está necessariamente se posicionando sob alguma ética, mesmo que para si ela não esteja esclarecida e formalizada. Aqui incorremos novamente em falar da orientação profissional e de carreira a partir do que ela propõe e do lugar que ocupa. Cabe, então a formulação de uma segunda pergunta: *seria ela uma aplicação de conhecimento?*

Diante dessas duas perguntas, o que se observa na bibliografia apresentada anteriormente é que, historicamente, orientação profissional e de carreira se configurou, *ao mesmo tempo*, como uma ciência e como uma aplicação do conhecimento. No entanto, isso não significa que primeiro ela foi uma ciência, e a partir de um corpo conceitual estabelecido, passou-se à formulação de uma prática derivada desse bojo teórico abstrato, mas já consolidado. Parsons (2005), enquanto fundador da área, abriu um serviço de atendimento ao público pois foi movido por uma necessidade social de seu contexto. Enquanto respondia a ela na prática, trabalhava na sua formalização conceitual e teórica.

Também não significa que a orientação profissional e de carreira surgiu primeiramente como uma prática socialmente institucionalizada e depois ganhou uma formalização teórica por seu estudo científico. Fosse assim, os grandes expoentes da área não seriam todos acadêmicos mais (se não exclusivamente) dedicados à pesquisa e escrita cientificas do que ao atendimento ao público ou oferecimento de serviços. Esses acadêmicos não foram estudar o trabalho de orientadores que se exerciam no campo social, para a partir daí organizarem as teorias: eles mesmos eram os orientadores, enquanto cientistas e pesquisadores. Como colocam Ribeiro e Melo-Silva (2011), a orientação profissional e de carreira se constituiu no jogo entre a teoria que guia a prática e a prática que guia a teoria.

Assim, a orientação profissional e de carreira pode ser mais bem descrita como uma *ciência-aplicada*. Isto é, não é somente uma ciência, pois não tem um objeto externo a ela que a precedeu, e sim uma necessidade social que a causou; e não é somente uma aplicação do conhecimento, pois desde o seu surgimento está inscrita no campo da ciência, desenvolvida por acadêmicos e sujeita aos ritos no empreendimento científico. O termo escrito em duas palavras mediadas por um hífen, *ciência-aplicada*, denota a dupla natureza da área desde seu surgimento.

O termo ciência-aplicada deve ser compreendido como uma locução substantiva, na qual uma palavra precisa da outra para que se chegue a um sentido único que carregue um significado preciso, como acontece, por exemplo, com *guarda-chuva*, *pé de moleque* e *lua de mel*. Uma palavra sem a outra contém significados que se afastam daquele presente quando se expressa o conjunto como um todo. Assim, a natureza da orientação profissional e de carreira não é a de ser uma ciência, nem de aplicação do conhecimento, e sim de ser, desde o seu nascimento, uma ciência-aplicada.

Isso fica claro na seguinte definição do que compreende a orientação profissional e de carreira:

> Como síntese, temos que a orientação profissional e de carreira é um processo de ajuda de caráter mediador e cooperativo entre um profissional preparado teórica e tecnicamente com as competências básicas exigidas e desenvolvidas para um orientador profissional e um sujeito ou grupo de sujeitos, que necessite auxílio quanto à elaboração e consecução do seu projeto de vida profissional/ocupacional com todos os aspectos envolvidos do seu comportamento vocacional (conhecimento de seu processo de escolha, autoconhecimento, conhecimento do mundo do trabalho e dos modelos de elaboração de projetos) (Ribeiro & Melo-Silva, 2011, p. 53).

Duas faces de um mesmo rosto

> Dois quesitos da ciência. Dois quesitos da aplicação do conhecimento. Duas questões formuladas: sobre o objeto e sobre a ética.

Cabe, então, refletir sobre a natureza da orientação profissional e de carreira em suas duas faces de um mesmo rosto. Para isso, vamos retomar as duas perguntas chave apresentadas: *o que faz dela uma ciência?* e *o que faz dela uma aplicação do conhecimento?* Ao tomar o primeiro termo da locução substantiva, *ciência*, torna-se necessário que ela lide com determinados quesitos daquilo que é o campo científico, que podem ser pensados como referentes a dois pontos. Primeiro, ter o funcionamento geral que caracteriza o empreendimento científico: objetivos explicativos sobre os fenômenos, através da presença de método e sob a crítica de um grupo de pares. E, segundo, que ela tenha um objeto claro e circunscrito ao qual dedica todo esse funcionamento[7].

[7] Aqui não consideramos ciência como aquilo que está circunscrito na matriz de pensamento e método positivistas. Entendemos que o campo científico não é equivalente ao positivismo, mas o engloba e o ultrapassa. Assim, a orientação profissional e de carreira sempre deve estar inserida no campo científico, mesmo que esteja sob outras matrizes do pensamento não positivista e cumpra os outros dois requisitos apresentados no texto.

Sobre o primeiro ponto, é evidente que a orientação profissional e de carreira o cumpre, dado que a formalização de seu aparato conceitual e técnico se desenvolveu historicamente na academia, pela via da pesquisa científica, e divulgada em congressos e revistas com revisão de pares. Sobre o segundo ponto, para saber se o cumpre, precisamos responder à seguinte pergunta: *qual é o objeto da orientação profissional e de carreira?*

Ficamos com essa pergunta em suspenso para retornarmos à segunda característica da natureza dessa área: ser uma aplicação de conhecimento. Ao tomar o segundo termo na locução substantiva, *aplicada*, também se abrem dois requisitos: o primeiro, é que esteja para além do campo reflexivo e especulativo da academia, e se manifeste como intervenção sobre a realidade. E, o segundo, é que ela esteja debaixo de uma ética, uma vez que essa intervenção se dá necessariamente com/sobre/diante do outro.

Sobre o primeiro ponto, também é evidente que se o requisito se cumpre, pois há inúmeras estratégias, técnicas, materiais, instrumentos e dispositivos que compõe a prática do(a) orientador(a), disponíveis em editoras de materiais técnicos e no reportório de cursos de formação na área. Sobre o segundo ponto, cabe aqui também a resposta à seguinte pergunta, para que se verifique se o cumpre: *qual é a ética da orientação profissional e de carreira?*

Dessa forma, chegamos à conclusão de que para esclarecermos qual é a natureza da orientação profissional e de carreira, precisamos responder a duas perguntas: 1) *qual é seu objeto?* e 2) *qual é sua ética?* Vamos dar andamento a essa reflexão pela segunda questão.

A ética da orientação profissional e de carreira

> Questão fundante. O campo plural. Impossibilidade de resposta única. A ética da estratégia clínica. O sujeito e o psicossocial.

Então, dada a natureza de ciência-aplicada, quando o outro (seja uma pessoa, uma família, um grupo, uma instituição etc.) apresenta uma necessidade diante do orientador, a resposta que esse dá é justamente aquilo que pode ser definido como orientação profissional e de carreira. Isso faz com que esta seja uma área em que a questão ética é fundante, isto é, está colocada desde o seu nascimento e está presente em todas as esferas de produção de conhecimento teórico e atividades práticas que se propõe a oferecer ao mundo.

Nesse momento, devo frustrar o leitor, pois essa questão é tão complexa e extensa, que aqui não caberá uma resposta pertinente. O que deixamos aqui é mais a pergunta do que a resposta. Isto é, ressaltamos a necessidade de uma reflexão não sobre as técnicas, nem sobre as teorias, senão sobre aquilo que está pairando acima das práxis do orientador: o conjunto de princípios que estão determinando a posição e ação dele diante do outro, bem como aquilo que ele considera como sendo o bem a ser alcançado com sua proposta.

Como a orientação profissional e de carreira é um campo plural de teorias e técnicas, cabem nela os mais diversos posicionamentos diante do outro e convites de como o outro deve se posicionar diante do orientador. Cabem as mais diversas visões de ser humano e de mundo, bem como métodos e enquadres de trabalho, desde que sempre sujeitos ao processo crítico rigoroso da própria comunidade científica. Savickas (2011a) descreve esse processo de forma precisa:

> Durante sucessivas épocas históricas, diferentes aspectos da singularidade humana interessaram à psicologia vocacional, de modo que foram desenvolvidos

> novos conjuntos de termos e conceitos para lidar com as mudanças no significado da individualidade. Com o tempo, a psicologia vocacional desenvolveu o que Kuhn (2000) chamou de comunidades de linguagem, cada uma com seu próprio paradigma para a compreensão de si mesmo e do comportamento vocacional. No caso do *self*, como ele é fundamentalmente ambíguo, os adeptos de cada paradigma o descrevem a partir de um consenso em torno de uma linguagem e algumas metáforas. Assim, cada paradigma tem uma tradição textual, ou forma de falar sobre o *self*. Quando falam sobre indivíduos, os que estão na psicologia diferencial usam a linguagem da personalidade [*personality*]; os que estão na psicologia desenvolvimentista usam a linguagem da pessoalidade [*personhood*], e os que estão na psicologia construcionista usam a linguagem da identidade [*identity*] (p. 17).

Tomadas somente as três visões (e vocabulários descritivos) dos três principais troncos paradigmáticos da orientação profissional e de carreira a nível internacional, já fica claro que é muito difícil imaginar somente uma ética que contemple todas as vertentes teórico-práticas da área, pois no mesmo campo estão visões muitas vezes antagônicas sobre o ser humano e a realidade, mesmo que haja princípios comuns a todas elas. Se, somadas a essas três, incluirmos as abordagens teórico-práticas periféricas produzidas por outros cantos do mundo não europeus ou norte-americanos, percebemos que seria uma missão impossível.

Dito isso, cabe a cada uma das abordagens em orientação profissional e de carreira dedicar tempo e espaço para refletir, organizar e formalizar qual é a ética que está regendo suas propostas. Novamente, colocamos aqui que não se trata de uma questão opcional, periférica ou complementar, e sim mandatória para toda nossa área, devido à própria natureza do que a constitui.

No caso da abordagem na qual esta tese se localiza, que é a estratégia clínica, essa questão também segue colocada e até o presente dessa escrita, sem grandes ensaios de respostas. De fato, é curioso notar que há uma referência "oculta" a essa questão no livro

de fundação da abordagem, intitulado “Orientação Vocacional: a estratégia clínica”, do psicanalista argentino Rodolfo Bohoslavsky, cuja primeira edição em espanhol é do ano de 1971 e em português do ano de 1977. Nas referências bibliográficas do capítulo “Palavras iniciais”, consta uma autocitação do autor nos seguintes termos: “6. Bohoslavsky, Rodolfo: ‘*La ética: el tema olvidado’, inédito.*” (p. 29 na primeira edição em espanhol de 1971), que em tradução livre seria “A ética: o tema esquecido”. O número “6” refere-se à marca de referência. O curioso dessa citação é que ela não consta no corpo do texto – assim como outras da mesma lista de referências – e até hoje não se tem notícia desse texto ter sido publicado.

Dessa maneira, não será aqui que nos dedicaremos a tirar do ineditismo o tema da ética na estratégia clínica, mas é aqui que deixamos registrada a necessidade de nos havermos com essa questão. Como um início rudimentar de discussão para fomentar essa empreitada futura, podemos pensar que no caso da estratégia clínica, por ser uma abordagem de base psicanalítica (mesmo não correspondendo a uma psicanálise tradicional), a questão da sua ética está influenciada pela ética da psicanálise, isto é, a ética do sujeito do desejo inconsciente.

Da mesma forma, por ter sido forjada dentro do campo da psicologia social crítica, sua ética está igualmente influenciada pela ética dessa matriz de pensamento, marcada pela ênfase no psicossocial e na conscientização, mais do que no individual e em processos adaptativos. Nos contentando em não definir claramente como é a ética da estratégia clínica, extraímos o seguinte princípio: toda definição conceitual produzida pela estratégia clínica deve ter uma raiz em um conceito metapsicológico (campo do sujeito do desejo inconsciente) e uma descrição psicossocial (campo da psicologia social crítica). Esse ponto será retomado quando definirmos o objetivo da presente tese.

Retomemos agora a primeira pergunta que permanece pendente: *qual é o objeto da orientação profissional e de carreira*?

O objeto da orientação profissional e de carreira

> Descoberta ou invenção. Relação pessoa-mundo. A especificidade da dimensão do futuro. Uma definição do objeto.

Como dito anteriormente, a orientação profissional e de carreira não nasceu com a descoberta de um objeto pré-existente a ela, e a partir dessa descoberta se dedicou a estudá-lo. O que a precedeu foi uma necessidade social. No entanto, ao se constituir no campo científico, um objeto foi se constituindo, ou melhor, sendo inventado[8], para que fosse possível recortar uma parte do fenômeno social que provocou a demanda de resposta.

Esse fenômeno tem a ver com a pessoa que precisa tomar uma decisão de escolha profissional. A necessidade tem a ver com um mundo do trabalho e educacional que experimentou uma crescente especialização, se ramificando em múltiplos cursos preparatórios e trabalhos específicos. Assim, poderíamos supor que o objeto da orientação profissional e de carreira fosse justamente a relação da pessoa com o mundo do trabalho e/ou educacional. Mas esse objeto parece incompleto, pois nem todos os aspectos dessa relação estão no campo de aplicação da nossa área. Por exemplo, um aluno com dificuldades de aprendizado, sobre o qual se produz uma queixa escolar, tem uma questão

[8] "Inventado" aqui está no sentido de o objeto ir sendo constituído enquanto um ente abstrato de valor conceitual em torno do qual se pode organizar aplicações práticas. A partir desse processo de invenção do objeto, a orientação profissional e de carreira foi descobrindo as características desse objeto por meio da pesquisa científica. Ressaltamos a diferença para o caso de uma descoberta de um objeto pré-existente que estava até então velado, como é mais comum nos campos das ciências físicas e químicas, por exemplo. Sobre a relação da invenção e da descoberta no campo científico, ver Hermann (2017).

em sua relação com o mundo da educação, mas esta não se configura como uma demanda endereçada ao orientador.

No mundo do trabalho também é possível pensar uma série de situações em que há questões na relação da pessoa com o social que também escapam à orientação profissional e de carreira, como, por exemplo, adoecimentos do trabalho, organização das relações laborais e questões de desempenho. Claro que todos esses fatores não são estranhos à prática do orientador, uma vez que o fenômeno nunca aparece recortado, e sim em sua totalidade complexa. Mas, nenhum deles se configura como a demanda específica à qual o orientador procurará dar a melhor resposta.

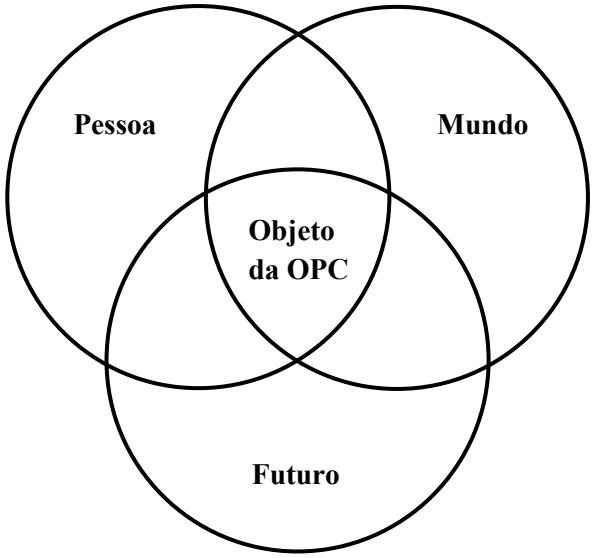
Há uma especificidade nessa relação que caracteriza todo o campo da orientação profissional e de carreira e distingue o seu objeto: a dimensão do futuro. No entanto, tampouco se trata de toda e qualquer relação da pessoa com seu futuro. Por exemplo, uma pessoa que necessita fazer uma cirurgia de redesignação sexual claramente tem uma questão com seu futuro: não deseja passar o resto de sua vida com um corpo que lhe é estranho. Todo trauma físico e todo trabalho psicológico para enfrentar uma cirurgia desse porte têm como objetivo propiciar um futuro diferente do passado e do presente da pessoa. Podemos entrar em consenso que esta não se trata de uma demanda endereçada à orientação profissional e de carreira. No entanto, caso essa pessoa se coloque a questão de como será seu lugar no mundo do trabalho e/ou educacional a partir do momento em que possuir um corpo adequado ao seu gênero, aqui discernimos claramente uma demanda para a orientação profissional e de carreira.

É quando a relação da pessoa com o mundo do trabalho e/ou educacional é lançada no futuro que aparece uma necessidade à qual a nossa ciência-aplicada tem sido desenhada para dar respostas. Assim, o objeto da orientação profissional e de carreira é

composto necessariamente por uma tríade: pessoa, mundo do trabalho e/ou educação (outro) e futuro, como propôs, inicialmente, Bohoslavsky (1977). Assim, concluímos que o objeto da orientação profissional e de carreira não é um elemento ou um estado, e sim uma relação. Essa relação não é dual, senão entre uma tríade que entrelaçada produz um objeto: a relação da pessoa com o mundo do trabalho e educacional no futuro.

Quando se retira um elemento desse trio, ou se toma um deles isoladamente, o que sobra não será estranho ao orientador, e inclusive será tema de estudo preparatório deste, mas não se configurará como seu objeto de estudo de fato. Isso pode ser visualizado na seguinte figura:

Figura 1 – O objeto da orientação profissional e de carreira



Mesmo que possamos definir de forma clara um objeto único (ainda que abstrato) da orientação profissional e de carreira, o entendimento sobre esse objeto varia enormemente de acordo com cada teoria, uma vez que o entendimento sobre o que é uma pessoa, o que é o mundo, e o que é uma relação também variam enormemente:

> É certo que não existe uma teoria universalmente aceita; ou seja, o que é tido como aconselhamento está diluído num número considerável de teorias (...). É também certo que, mesmo numa análise crítica em que não se faça um uso explícito de uma qualquer teoria, pode sempre identificar-se uma terminologia que, de algum modo, revela uma determinada perspectiva teórica acerca do aconselhamento (Duarte, 2019, p. 40).

A definição precisa dos três elementos que compõe a relação que forma o objeto da orientação profissional e de carreira será apresentada no decorrer dessa tese. Justificaremos a escolha dos termos pessoa, mundo e futuro, e exploraremos o que compõe cada uma delas.

A partir da descrição de sua natureza, das questões sobre sua ética e da definição de seu objeto, podemos passar a nomear quais são os objetivos da orientação profissional e de carreira.

Os objetivos da orientação profissional e de carreira

> Objetivo em relação ao objeto e à ética. Os três objetivos. A escolha e o desenvolvimento vocacional. As especificidades do projeto.

Por objetivos, entendemos as formas como o orientador vai trabalhar para incidir sobre o objeto da orientação profissional e de carreira. Ou seja, como ele vai ajudar a promover alterações no futuro da relação da pessoa com o mundo laboral e/ou educacional.

Isso significa que é o objeto que define o escopo dos objetivos, enquanto é a ética que define como esses objetivos ganharão determinada forma. Por esse motivo, foi importante primeiramente definir as questões sobre a ética e a descrição do objeto. Usando uma metáfora lúdica, o objeto seria aquilo que determina os objetivos de um jogo, enquanto a ética determina as regras desse mesmo jogo. Por sua vez, a importância de

definir objetivos limitados e claros é possibilitar a existência de denominadores comuns para as diferentes escolas e abordagens, que mesmo díspares ou até opostas entre si nos quesitos éticos, teóricos e técnicos, podem se congregar em torno de um mesmo objeto buscando os mesmos objetivos, mesmo que das mais diversas maneiras. É como se estivéssemos em um mesmo campo no qual se pode trilhar caminhos diferentes.

Dito isso, podemos discernir os objetivos da orientação profissional e de carreira. Diante do futuro de sua relação com o mundo do trabalho e/ou educacional, pode ser que a pessoa (ou conjunto de pessoas) precise tomar uma decisão. Se esse for o caso, o objetivo do processo será a *escolha*. Também pode ser que na mesma situação a pessoa precise visualizar e planejar uma parte do seu futuro. Nesse caso, o objetivo passa a ser a construção de um *projeto*. Por fim, também pode ser que a pessoa precise ser capaz de escolher ou fazer um projeto não na situação presente, e sim quando essa necessidade chegar em algum ponto esperado no futuro. Nesse último caso, o objetivo do processo de orientação profissional e de carreira passa a ser o *desenvolvimento vocacional*.

Note-se que nos três objetivos possíveis está em questão uma necessidade do outro, a saber: necessidade de preparação no caso do desenvolvimento vocacional; necessidade de enfrentamento de uma dúvida no caso da escolha; ou necessidade do atravessamento de uma transição no caso da construção de projeto. Vamos brevemente adentrar em cada uma delas com o objetivo de destacar este último.

Em caso de preparação, o objetivo vem pelo desenvolvimento vocacional, que é um nome já clássico da área utilizado por Donald Super para descrever o processo de produção de sínteses a partir das experiências de formação, esclarecimento e maturação das tendências vocacionais em interface com a realidade ocupacional (Super & Bohn Jr., 1972). O foco desse objetivo é a ideia de preparar a pessoa para uma necessidade de

tomada de decisão ou transição que ainda não se apresentou, mas espera-se que se apresente em um ponto determinado de seu futuro. Refere-se a grande parte do trabalho realizado com crianças, pré-adolescentes e em locais desenhados para o desenvolvimento deles, como escolas e instituições.

A demanda, nesse caso, geralmente não é da própria pessoa, e sim de seu entorno social, como os pais ou a equipe escolar, por exemplo. Por isso, o trabalho não é necessariamente baseado na dúvida ou angústia da pessoa, pois estas provavelmente não estão mobilizadas. O que está em jogo nesse objetivo é representar uma situação de decisão ou transição que ainda não existe com uma situação que já existe, a fim de que a pessoa desenvolva recursos que um dia serão utilizados em momentos de escolha e construção de projeto.

Já a escolha corresponde ao objetivo mais clássico da orientação profissional e de carreira, presente como a primeira palavra do título daquele que é considerado o primeiro livro da área – "*Choosing a Vocation*" (Escolhendo uma Vocação, em tradução livre), de Frank Parsons (2005), publicado em 1909. A escolha será abordada mais profundamente durante essa tese, com o objetivo de fazer contraste com o projeto.

Nessa introdução, podemos adiantar que a escolha se trata de uma nomeação, isto é, uma palavra que nomeia um curso ou posto de trabalho, que após o processo de orientação profissional e de carreira, passa a nomear também um pedaço do futuro da pessoa. Escolher, assim, não é antecipar o futuro, e sim nomeá-lo, enquanto algo que ainda não existe, com um nome que já existe e é socialmente compartilhado.

Por fim, o terceiro objetivo da orientação profissional e de carreira é o projeto. Ele aparece quando a necessidade relativa ao objeto que se apresenta diante do orientador não pode ser respondida a contento somente com uma preparação ou com uma nomeação.

Nesse caso, é necessário se trabalhar para promover uma construção. Como veremos extensamente no decorrer dessa tese, trata-se de uma construção narrativa, na qual ao invés de nomear algo que ainda não existe com um nome que já existe (como na escolha), a ideia é *contar uma história que ainda não existe a partir de uma história que já existe.*

Essa tese tem como objetivo aprofundar, esclarecer e dar consistência para isso que foi escrito no parágrafo acima, a partir da abordagem da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. Então, antes de passarmos às definições de objetivos e método dessa tese, vamos apresentar uma topologia que visa esclarecer do que se trata essa estratégia.

Uma topologia da orientação profissional e de carreira

Bohoslavsky: estratégia, tática e técnica. Lacan: ética e política. Uma topologia em níveis. Uma tabela de análise topológica. O lugar do projeto.

Bohoslavsky (1977) apresentou o nome "estratégia clínica" para a denominar a sua proposta de orientação profissional e de carreira com base teórica na psicanálise inglesa e argentina, e explicita o porquê dessa escolha, diferenciando o termo estratégia dos termos tática e técnica, da seguinte maneira: a estratégia está definida como as ações planejadas sobre uma situação com a finalidade de modificá-la segundo algum propósito previamente estabelecido. Já a tática refere-se ao enquadre que o orientador vai propor de acordo com cada situação (por exemplo, um atendimento individual, grupal ou institucional; duração do processo etc.). As técnicas são todos os recursos práticos que o orientador lança mão nesse enquadre para atingir o objetivo estabelecido (os exemplos são inúmeros: questionários, testes, dinâmicas, materiais intermediários, entrevista etc.).

A estratégia que esse autor desenvolveu é a estratégia clínica, de forma que não precisaria lançar mão das outras estratégias disponíveis (que ele deu o nome de estratégias estatísticas, mais alinhadas à psicometria da época). Já a tática e técnica podem ser constantemente alteradas de acordo com a necessidade de cada situação. O que define a escolha da estratégia, segundo Bohoslavsky (1977), é o quadro de referência do orientador, que inclui a sua teoria de base e sua visão de ser humano e de mundo (nomeada de logística). O autor não organizou esses elementos em um nível, como o fez outro autor, exposto a seguir.

Essa diferenciação de uma intervenção em níveis, que podemos chamar de um esboço de topologia, já estava presente em um autor bastante anterior ao Bohoslavsky, chamado Sun Tzu, no século VI a.C. Em seu livro "A Arte da Guerra" (1998), encontra-se a análise de uma batalha nesses três níveis. Outro autor, contemporâneo a Bohoslavsky, também se inspirou no livro chinês para pensar a sua prática clínica. Lacan (1958a/1998[9]), em "A direção do tratamento e os princípios do seu poder" omitiu o nível da técnica e acrescentou outro nível à análise: a política.

Acima da estratégia, e, portanto, a definindo, estaria o nível da política, entendida aqui como uma experiência que revela uma ética, no caso de Lacan, ética da psicanálise, que é a ética do sujeito do desejo inconsciente. Dessa forma, a política em uma sessão de análise deve cumprir essa ética, não cabendo ao analista, por exemplo, querer o bem do

[9] Nas citações de textos de Lacan, manteremos duas datas: a primeira refere-se ao ano do pronunciamento da conferência ou publicação original do trabalho; a segunda refere-se ao ano da publicação da edição por nós consultada. Quando houver somente uma data, é porque ambas coincidem. Consideramos esse cuidado importante para que o leitor possa localizar em que momento da extensa obra de Lacan a ideia em questão foi construída. Faremos o mesmo com as citações de Freud.

paciente, ajudando-o ou aconselhando-o num bem fazer, e sim escutar o bem do desejo do sujeito (Estevão & Metzger, 2015).

Essa ética, verificada nessa política, trará consequências para a escolha da estratégia, pois ela será composta pelos elementos que serão sustentados e sustentarão a ética, como por exemplo a transferência (mais que o vínculo), a associação livre (mais que a fala lógica e racional), a abstinência do analista (mais que uma presença humanista), entre muitos outros.

Ao nível da tática, Lacan reserva os elementos pelos quais a estratégia cumprirá mais facilmente a ética que a sobredetermina. São os dispositivos práticos do *setting*, como o uso do divã, valor e duração da sessão, frequência etc.

Ao sobrepor as apropriações que Bohoslavsky e Lacan fizeram do texto de Sun Tzu, ficamos com cinco níveis que podem formar uma topologia mais completa para destrinchar a orientação profissional e de carreira: a ética, a política, a estratégia, a tática e a técnica.

Iniciaremos pelo nível técnico. A partir dessa topologia, toda técnica é, em última instância, um ato político, pois toda técnica é pensada a partir de um conjunto de saberes, de uma ação interventiva possível e de um objetivo almejado. Em uma análise mais institucional, percebe-se que um conjunto de saberes sempre tem uma dimensão de poder: o detentor de saberes sobre o outro (seja sua dimensão psicológica ou social), entra em uma relação marcada por lugares de poder. Quando, a partir de seu saber sobre o objeto, a pessoa visa uma modificação no outro, e para isso ele pensa uma ação possível, esse poder passa a operar sobre o outro: passa-se a praticar uma política. Dessa forma, toda

técnica, além da dimensão teórica e além da dimensão operativa (eficiência procedimental), revela ao ser praticada uma dimensão política.

As técnicas formam então o nível mais fenomenológico da orientação profissional e de carreira, ou dimensão operativa, sendo composta pelos elementos que ficam visíveis ao orientando. Por isso, para o senso comum, essa dimensão muitas vezes corresponde ao que seria a totalidade da orientação profissional e de carreira: a aplicação de testes (psicométricos ou projetivos), utilização de atividades, dispositivos ou materiais mais ou menos estruturados, realização de dinâmicas de grupo e estabelecimento de tarefas, ou simplesmente um processo de fala e escuta, percebido como uma conversa.

Para ir além do senso comum, é necessário que o nível das técnicas nunca responda por si mesma, ou seja, deve estar significada pelo nível acima dela, que informa o sentido de seu uso: os níveis da tática e da estratégia. Aqui transpõe-se o aparente e acessamos um nível mais abstrato, ou melhor, de abstrações conceituais e procedimentais. Para o orientando, grande parte desse nível permanece invisível, enquanto para o orientador é fundamental conhecer o operar por ele. Podemos definir como uma dimensão teórico-prática, ou da *práxi*s, que compreende, em nível da estratégia, os conceitos teóricos, as competências, função e tipos de intervenção do orientador, as solicitações que se faz ao orientando, e o estabelecimento dos objetivos; e, em nível da tática, compreende a definição do contrato e enquadre, a metodologia, e os contextos em que se propõe trabalhar.

Até aqui o exposto está contido nas ideias que Bohoslavsky (1977) desenvolveu. É a introdução dos níveis da ética e da política que podem localizar na dimensão metateórica o que vai significar a práxis. A política, como uma ética em funcionamento (sendo praticada), precisa ser entendida a partir da reflexão sobre qual é a ética que

sustenta a situação. Como dito anteriormente, por ser a orientação profissional e de carreira em sua natureza uma ciência-aplicada, além de carecer de teoria, método e conjunto técnico, sempre estará impossibilitada de existir sem ter uma ética que a sustenta, seja ela conhecida ou não. É a essa ética, manifestada pela política proposta pelo orientador, que a estratégia, táticas e técnicas vão responder.

Esse nível metateórico, além de permanecer invisível ao orientando, fica também imperceptível ao orientador, a não ser que este faça um trabalho de reflexão que transcenda o estudo teórico e procedimental. É o campo em que é necessário refletir e fazer escolhas quanto ao entendimento da ética do trabalho, visando a compreensão das virtudes do orientador e do que é o bem para a orientação profissional e de carreira; visa também a como se dará a compreensão do funcionamento psíquico (psicologia), compreensão do ser humano (antropologia), compreensão do funcionamento do social (sociologia), compreensão da construção do conhecimento e no estatuto da verdade (epistemologia), compreensão da construção do ser e seu estatuto (ontologia), e – por que não incluir – da compreensão da construção do belo ou poético (estética).

A seguir, mostramos uma tabela sinóptica sobre uma análise topológica do que vem a ser a orientação profissional, localizando todos os elementos expostos até aqui:

Tabela 1 – Análise topológica da orientação profissional e de carreira

Dimensão	**Nível**	**Elementos**
Dimensão metateórica (invisível[10] ao orientador e ao orientando)	Nível da ética e da política	• Ética (compreensão das virtudes do orientador e do que é o bem para a orientação profissional) • Psicologia (compreensão do funcionamento psíquico) • Antropologia (compreensão do ser humano) • Sociologia (compreensão do funcionamento do social) • Epistemologia (compreensão da construção do conhecimento) • Política (compreensão das posições dos atores sociais em relação uns aos outros) • Ontologia (compreensão da construção do ser) • Estética (compreensão da construção do belo ou poético)
Dimensão teórico-prática ou da práxis (visível[11] ao orientador e invisível ao orientando)	Nível das estratégias e táticas	• Estratégias de intervenção (clínica, cognitiva, educativa, narrativa, construcionista) • Objetivos (desenvolvimento vocacional, escolha ou **projeto**) • Enquadres (grupo, individual, aula, palestra, oficina) • Metodologia (teoria da técnica de entrevista, elaboração psicométrica de teste, instrumentos e dinâmicas) • Funções do orientador (clínico, *counselor*, professor, coordenador) • Competências do orientador • Contextos de ação (consultório, escola, instituições, empresa)
Dimensão operativa (visível ao orientador e ao orientando)	Nível das técnicas e atividades	• Testes • Atividades, • Dispositivos • Materiais • Dinâmicas de grupo • Tarefas

[10] Invisível aqui está no sentido de inconspícuo, isto é, que não se observa claramente nas ações do orientador e do orientando. Para tornar essa dimensão visível, é necessário um trabalho de reflexão.
[11] Visível aqui está no sentido de conspícuo, isto é, que compõe o conjunto de propostas e ações do orientador.

A partir da Tabela 1, percorremos o seguinte raciocínio. A ética determina a política que se pratica; a política determina a estratégia de intervenção; a estratégia determina as táticas que se estabelecem diante da situação; as táticas determinam as técnicas que serão utilizadas. Assim, a orientação profissional e de carreira consiste em tudo aquilo que está situado entre a ética e as técnicas.

No nível ético, os elementos vêm de fora da orientação profissional e de carreira, emprestados principalmente da teoria de base (que sempre traz consigo uma ética oculta). Da mesma forma, o nível das técnicas é externo à orientação profissional e de carreira, que se apropria e faz uso delas segundo critérios internos (referentes à tática e a estratégia).

Isso traz duas consequências fundamentais para delimitar o que é a orientação profissional e de carreira: ela jamais pode ser reduzida a um conjunto de aplicação de técnicas; se isso ocorrer podemos falar de uma *pseudo-orientação-profissional-e-de-carreira*. De outro lado, a orientação profissional e de carreira não contém em si uma ética, mas como área aplicada que é, sempre expressará uma ética, vinda por empréstimo da sua teoria de base. Uma orientação profissional e de carreira desprovida de teoria de base (ou com uma base teórica frágil e incoerente) expressará a ética do discurso dominante de sua época (no caso contemporâneo muito alinhado ao individualismo, meritocracia, força de vontade, discurso oficial do que é fracasso e sucesso etc.).

Assim, toda abordagem de orientação profissional e de carreira está em uma dimensão teórico-prática (nível de estratégia) que pode estar dedicada aos três objetivos da área, entre os quais, a construção de projeto. A função dessa longa introdução a essa tese é deixarmos claro qual é o lugar do projeto na topologia da orientação profissional e de carreira, a saber: o projeto corresponde a um objetivo, localizado no nível das

estratégias e táticas (e não da técnica), dentro da dimensão teórico-prática (e não somente operativa).

Para alcançar esse objetivo, pode-se lançar mão de diversos enquadres de trabalho (individual, grupal e institucional) e em diversos contextos, baseando-se em diferentes aportes teóricos, além de se utilizar de diversas técnicas em sua operacionalização. No caso da estratégia clínica, isso tudo será feito sob os parâmetros metateóricos correspondentes à interface da psicanálise e da psicologia social crítica. Portanto levará em conta a ética do sujeito do desejo inconsciente e a ética da conscientização, pois entendo o ser humano como um sujeito duplamente assujeitado, como definiu Boholavsky (1983).

É a partir desse lugar que vamos apresentar agora a questão-base que motiva a existência dessa tese.

Por uma teoria do projeto da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira

Projeto como conceito central. Necessidade de teorias de projeto. A contribuição que essa tese deseja realizar.

Posto que a orientação profissional e de carreira é uma ciência-aplicada cujo objeto é a relação da pessoa com o mundo do trabalho e/ou educacional lançada no futuro, um dos objetivos que ela se propõe a realizar é a construção de projeto. Assim como todas as abordagens da área precisam ter uma teoria da escolha, uma vez que este é um dos objetivos da área, da mesma forma todas elas precisam desenvolver uma teoria sobre a construção de projeto. Não é suficiente somente a introdução de uma técnica ou instrumento que diga como construí-lo.

Isso porque o projeto, ao ser um objetivo, passa também a ser um conceito central da orientação profissional e de carreira, para o qual apontam todos os outros conceitos metateóricos, teóricos e técnicos. Caso não tenhamos uma teoria do projeto, corremos o risco, como já dito, de ao ajudar uma pessoa a construir um projeto, fazê-lo replicando o discurso social legitimado de nossa época, que é baseado na ideia de individualismo, meritocracia, aceleração e efemeridade.

Assim, urge haver teorias sobre o projeto. Essa tese visa contribuir em direção a essa necessidade, sem, evidentemente, esgotá-la. Então não pretendemos falar em nome de toda orientação profissional e de carreira, e sim da estratégia clínica, mas pretendemos manter o diálogo com as demais abordagens com as quais temos a honra de compartilhar o mesmo campo e o mesmo objeto. Dito isso, vamos definir quais são nossos objetivos e nosso caminho de desenvolvimento da tese.

OBJETIVOS

A tarefa do pesquisador é tridimensional, ou seja, visa a realização de pesquisas (produção de conhecimentos a partir de investigações), a construção de teorias (produção de concepções, noções e teorias) e o suporte direto ou indireto às práticas (resolução de problemas sociais e da prática profissional), sendo sua função social baseada na articulação entre estas três dimensões (Marcelo Afonso Ribeiro, in Ribeiro, 2014, p. 76).

A questão base sobre a qual essa tese se debruça é: *qual é a teoria de projeto da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira?*

Para se chegar a responder a essa pergunta, o objetivo geral dessa pesquisa é:

- Lançar as bases para a construção de uma teoria do projeto da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

Como caminho de construção para se chegar a esse objetivo geral, essa pesquisa tem os seguintes objetivos específicos:

- Aprofundar o estudo sobre a dimensão do futuro para a orientação profissional e de carreira, para que se esclareça o que compõe aquilo sobre o que se pretende fazer uma construção como é o projeto.
- Descrever o que se tem produzido sobre construção de projeto no campo da orientação profissional e de carreira, a fim de dialogar com o conhecimento existente sobre o assunto.
- Descrever o que se tem produzido pela via do método narrativo no campo da orientação profissional e de carreira, para ser possível tomar uma definição de narrativa.
- Introduzir o conceito de fantasia no campo da orientação profissional e de carreira, e a partir daí utilizá-lo na teorização do projeto dentro da abordagem da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

MÉTODO

Marco Polo descreve uma ponte pedra por pedra.
– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?
pergunta Kublai Khan.
– A ponte não é sustentada por esta ou aquela
pedra – responde Marco, – mas pela curva do
arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo.
Depois acrescenta:
– Por que falar das pedras? Só o arco me
interessa.
Polo responde:
– Sem as pedras o arco não existe
(Ítalo Calvino, "As cidades invisíveis").

Natureza da pesquisa

O objeto de estudo dessa tese é um conceito teórico – o conceito de projeto – e seu objetivo é fazer uma contribuição para uma melhor definição desse conceito, dentro de diversos parâmetros que serão esclarecidos a seguir. Isso faz com que a natureza dessa tese seja de uma pesquisa teórica, na qual as fontes de dados são as produções que o campo da ciência gerou sobre o tema. No entanto, com o objetivo aqui não é esclarecer o que já existe, se não tentar – na medida do possível – falar sobre o que ainda não existe, não optamos por um método exaustivo, como uma revisão bibliográfica sistemática. Se nosso objetivo fosse concatenar, organizar e formalizar um saber sobre um conceito já existente, mas disperso, esse seria o melhor caminho. Mas, até o momento, não há uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, nem mesmo dispersa em fragmentos de autores aqui e acolá.

Por isso, não está provida de um método experimental, não trabalha em cima de dados obtidos de forma padronizada (nem mesmo se tratando de pesquisa bibliográfica, como uma revisão sistemática) e não está marcada pelo raciocínio indutivo (do tipo *bottom-up*, isso é, dos dados específicos em direção às leis gerais). Essa pesquisa não procura trazer uma descoberta ou "novidades de fatos", e sim uma invenção ou "novidade de teoria", nos termos de Kuhn (2017). O que a princípio pode parecer menos científico, por prescindir de um campo de dados obtidos sistematicamente, deve ser entendido como uma das modalidades possíveis de evolução do conhecimento científico, pois "essa distinção entre descoberta e invenção ou entre fato e teoria imediatamente se prova ser extremamente artificial" (Kuhn, 2017, p. 245).

Trata-se, então de contribuir para um avanço de paradigma (sem ambicionar perfazê-lo). Para chegar a isso, a marca dessa tese é o raciocínio dedutivo, partindo do

conhecimento geral produzido por diversos campos sobre os conceitos em questão até chegar às definições especificas sobre eles (caminho conhecido como *top-down*). O rigor está pautado no máximo esclarecimento possível das premissas e no máximo esforço lógico no encadeamento dos argumentos que desembocam nas definições propostas[12].

Assim, reconhecemos que é uma tese que está na fronteira da ciência, em sua divisa com a filosofia. Mesmo não podendo, em grande medida, ser falseada, nos termos que Popper (2013) usa para definir o escopo das ciências, essa tese se presta totalmente a ser debatida, criticada, discordada, alterada – e é dessa maneira que poderá, eventualmente, contribuir para o alargamento das fronteiras do conhecimento científico.

Por isso, o capítulo de método dessa tese tratará dos caminhos feitos para se chegar a esse texto pronto, cujo produto final esperamos que de alguma forma alcance seus objetivos previamente colocados. No caminho metodológico não constará os tradicionais itens como participantes, instrumentos, procedimentos etc., o que não consiste em nenhum ineditismo nem raridade, dada a quantidade de teses produzidas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que são organizadas em forma de ensaios teóricos.

Assim, o que apresentamos aqui é de onde partimos, tanto no que se refere às nossas bases teóricas, enquanto acadêmico, como à nossa experiência prática enquanto orientador profissional e de carreira. Depois, apresentaremos as principais fontes que foram consultadas para a elaboração desse texto, e por fim descreveremos o caminho conceitual que guiou o raciocínio que procuramos transformar em palavras.

[12] Há momentos no percurso dessa tese que estão permeados, para além do exercício dedutivo, pelo raciocínio abdutivo, isto é, quando o pesquisador se coloca diante do conjunto de conhecimentos adquiridos por ele durante sua vida de estudos para, a partir desse repertório e pela via da criatividade e da lógica, produzir uma nova ideia.

Bases teóricas

As bases teóricas das quais compartilho enquanto estudante e prático são as correlatas àquelas presentes desde a origem da estratégia clínica: a psicanálise e a psicologia social crítica. No entanto, não são as mesmas. Isso porque nosso percurso dentro da psicanálise tem sido marcado pelo estudo dos textos de Sigmund Freud, Jacques Lacan e seus comentadores, enquanto a estratégia clínica nasceu pelo gênio de um kleiniano. De fato, Rodolfo Bohoslavsky praticamente não faz citações ao Freud em seus dois únicos livros, sendo sua obra fortemente marcada pela teoria de Melanie Klein, assim como tantos outros argentinos das décadas de 1960 e 1970, seus mestres e colegas como Enrique Pichón-Rivière, Hector Fiorini e José Bleger. Após seu falecimento prematuro, no Brasil as ideias de Bohoslavsky encontraram a psicanálise de Donald Winnicott por via de Yvette Piha Lehman, cujas contribuições serão apontadas, mantendo o desenvolvimento dessa abordagem dentro do escopo da escola inglesa de psicanálise.

É importante marcar essa diferença dentro da semelhança, no que se refere às bases teóricas desses grandes mestres e deste humilde pesquisador, pois sendo a psicanálise um campo em que ao mesmo tempo produz teoria e prática, ocorre algo de semelhante com o que já foi exposto em relação à orientação profissional e de carreira: há um eixo ao redor do qual giram diversas linhas de pensamento, por vezes conflituosos, por vezes em rico diálogo, mas todos dentro de um mesmo campo, que no caso da psicanálise podemos definir como sendo o campo da psicologia profunda descrita por conceitos metapsicológicos.

Dessa forma, no que toca à teoria psicanalítica[13], nossa base teórica será sempre Freud e Lacan, e apontaremos durante o texto todas as vezes que resvalarmos em

[13] Essa tese é uma pesquisa de orientação profissional e de carreira, e não de psicanálise, apesar de estarmos embasados, enquanto orientadores, na psicanálise. É importante ressaltarmos esse fato pois a escrita foi

conceitos kleinianos e winnicottinianos, procurando um diálogo não para consenso e equivalências, e sim para mais nítidos contrastes.

No entanto, há algo que permanece nessa tese que vem desde a origem da estratégia clínica, que é a tomada da psicanálise como matriz de pensamento para fomentar compreensão e prática para além do *setting* e do método tradicionais – a clínica individual que busca associação livre, atenção flutuante e interpretação. Os mestres argentinos citados se notabilizaram pela criação de práxis psicanalíticas com grupos, instituições, pronto-socorro e escolas, e para isso fizeram duas coisas: inovações no método e diálogo com saberes externos à psicanálise. Bohoslavsky não foi diferente, e nem nós pretendemos ser: em seus textos incorporou, além de outros, os saberes da orientação profissional e de carreira disponíveis em sua época e o estilo de pensamento crítico.

Em nosso caso, faremos diálogo com o que se tem produzido sobre projeto e narrativa no campo da orientação profissional e de carreira, inclusive incorporando esses saberes em nossa construção conceitual sobre o projeto. Também procuraremos discutir e salientar de forma crítica a natureza psicossocial dos conceitos centrais utilizados nessa pesquisa, como o futuro, o projeto e a narrativa, tentando nos resguardar de cairmos na vala que nós mesmos criticamos, marcada pela saliência liberal, individualista, adaptacionista e idealista.

Esclarecidas as bases teóricas das quais partimos, vamos apresentar as principais fontes de produção teórica consultadas.

---

endereçada prioritariamente aos interessados em orientação profissional e de carreira, que imaginamos que tenham variados níveis de conhecimento sobre a teoria psicanalítica. Por isso, ao discorrermos sobre os conceitos da psicanálise, tomaremos cuidado de sermos menos herméticos e mais didáticos quanto possível, sem perder de vista o rigor e a precisão conceitual.

Fontes de pesquisa

Em se tratando de uma pesquisa teórica, o campo que nos ocupou durante a confecção dessa tese foram as bases de dados, revistas científicas, dissertações, teses e livros. Destaco aqui as principais fontes, que não foram as únicas, mas traçam um panorama de onde buscamos nos alimentar conceitualmente.

Escolhemos algumas revistas científicas da área da orientação profissional e de carreira para serem fontes privilegiadas de busca. Os quesitos para sua escolha foram o papel proeminente que ocupam no desenvolvimento de nossa ciência-aplicada, representatividade geográfica variada e idioma de escrita que nos era familiar. Assim, destacamos cinco periódicos nos quais nos aprofundamos em nossas buscas:

- *Journal of Vocational Behavior* – país de origem: Estados Unidos; idioma: inglês; classificação Qualis Periódicos: A1; H Index: 141.
- Revista Brasileira de Orientação Profissional – país de origem: Brasil; idioma: português; classificação Qualis Periódicos: A2; H Index: 8.
- *British Journal of Guidance & Counselling* – país de origem: Reino Unido; idioma: inglês; H Index: 43.
- *L'orientation Scolaire et Professionnelle* – país de origem: França; idioma: francês; H Index: 4.
- *Revista Mexicana de Orientación Educativa* – país de origem: México; idioma: espanhol; classificação Qualis Periódicos: B2.

Além dessas fontes principais, foram consultadas as bases de dados de revistas científicas PePSIC e SciELO, e a base de dados de trabalhos acadêmicos Teses USP. Quanto às principais palavras-chave utilizadas em nossa busca, destacamos na Tabela 2 as seguintes:

Tabela 2 – Palavras-chave utilizadas nas pesquisas às bases de dados

Palavras-chave (sozinhas e com *and* entre si)			
Português	**Inglês**	**Frances**	**Espanhol**
Futuro	*Future*	*Futur; avenir*	*Futuro*
Projeto; plano	*Project; plan*	*Project; plan*	*Proyecto; plan*
Narrativa	*Narrative, narration*	*Narratif; récit*	*Narrativa; narración*
Fantasia	*Fantasy; phantasy*	*Fantaisie; fantasme; phantasia*	*Fantasía*

Por fim, também foram consultados diversos livros da área da orientação profissional e de carreira. Fora dessa área, consultamos livros sobre os temas de futuro, projeto, narrativa e fantasia, dos quais destacamos, somente como ilustração dos principais autores e suas obras, Jean-Pierre Boutinet (Antropologia do projeto), Paul Ricoeur (Tempo e Narrativa), Sigmund Freud (Obras Completas) e Jacques Lacan (Seminários).

Apresentadas as principais fontes consultadas, passamos finalmente a descrever o caminho de raciocínio que se construiu ao constituir essa tese.

Caminho conceitual percorrido

Como dito na apresentação dessa tese, o caminho percorrido até o produto final não foi retilíneo e totalmente calculado, e sim marcado por preemptividade[14] entre suas partes. Nós tínhamos clareza de nosso objeto e sabíamos dos objetivos a serem

[14] Termo desenvolvido nas ciências da computação para designar a alternância entre a dedicação do sistema a diferentes tarefas a cada momento. De certa maneira, todas as quatro partes que compõe essa tese foram desenvolvidas nesse sistema de alternância, de forma que uma não chegou a preceder totalmente a outra. Mesmo assim, procuramos dar ao produto final um aspecto de continuidade de construção e de raciocínio.

perseguidos, mas o processo de construção foi se fazendo ao ato, mesmo que dentro de alguns parâmetros.

O primeiro parâmetro foi tomar brevemente a orientação profissional e de carreira como objeto de reflexão para daí deduzir qual é o lugar do conceito de projeto dentro dela. Para isso, fomos do geral ao específico, refletindo sobre a natureza geral da nossa área, discriminando suas características fundantes como sua ética e seu objeto, para então definir que o projeto nada mais é do que um objetivo do processo de orientação profissional e de carreira. Sendo um objetivo, é um conceito central, que conjuga diversos outros conceitos teóricos e dispositivos práticos que compõe essa ciência-aplicada.

Por essa característica, percebemos que não podemos tratar o projeto como uma palavra qualquer, que compartilha seu significado com o que está escrito no dicionário e na "boca do povo". Tampouco podemos tratá-lo como uma noção emprestada de outro campo de saber e enxertá-lo no campo conceitual da área, uma vez que ele tem uma posição de centralidade. Assim, concluímos a necessidade de uma teoria do projeto que emerge do próprio campo da orientação profissional e de carreira, mais precisamente da abordagem em questão aqui, que é a estratégia clínica. O tempo todo procuramos citar autores de diversos saberes, de forma que há um fluxo de ideias que vai do geral ao específico, iniciando desde a etimologia das palavras, passando por noções de origem variadas, até chegar a uma definição mais próxima do escopo da estratégia clínica.

Como essa abordagem tem duas raízes, a psicanálise e a psicologia social crítica, entendemos que sua teoria de projeto também deveria ter duas raízes: em um conceito metapsicológico e em uma descrição psicossocial. Assim, passamos a procurar em nossa prática cotidiana de orientador e nos estudos de teoria quais conceitos poderiam melhor embasar e descrever o fenômeno da construção de projeto.

Do ponto de vista psicossocial, escolhemos o conceito de narrativa, por dois motivos. Primeiro, porque tem sido amplamente estudado e desenvolvido por diversas abordagens de orientação profissional e de carreira contemporâneas, sendo quase como um denominador comum a todos aqueles que em nossa área trabalham com o foco na fala e na escuta. Segundo, porque nós enquanto práticos víamos acontecer em nossa frente a produção de narrativa durante todo processo de atendimento, de forma que o projeto, ao final, saía com a estrutura de uma história. Partimos aqui também do geral ao específico, e quanto mais particular ficam as definições, mais dentro do campo da psicanálise e da psicologia social crítica elas devem estar.

Já do ponto de vista do conceito-raiz metapsicológico, o caminho foi mais obscuro – como não poderia deixar de ser. Baseado também na prática cotidiana e nos estudos, aulas e leituras de psicanálise, fomos procurando um conceito que pudesse nomear um fenômeno peculiar. Isto é, aquilo que parecia estar *sob* a construção narrativa, nos "porões" do processo de fala e escuta, que aparecia como uma certa repetição nas entrelinhas das diversas histórias de vida do sujeito, que configurava um padrão mais de forma do que de conteúdo...

Enfim, esse fenômeno profundo, extremamente idiossincrático e pouco "dizível" em palavras claras, foi remetendo ao conceito de fantasia, conforme proposto por Freud e precisado por Lacan. Dessa forma, passamos a estudar esse conceito de maneira demorada, algo que não encontramos precedentes no campo da orientação profissional e de carreira.

Assim, munidos dos conceitos de narrativa e fantasia, começamos a esboçar uma definição de projeto de comtemplasse atribuições metapsicológicas e psicossociais. No entanto, nesse momento do percurso percebemos que um elemento faltava. É o fato de

que o projeto não diz somente do sujeito, nem do ente psicossocial, nem da materialidade do mundo; ele diz essencialmente do futuro. Percebemos que o projeto é uma maneira específica de falar sobre o futuro, e suas especificidades estão determinadas pelo fato mesmo dele estar deslocado temporalmente em direção ao porvir.

Caberia então tentar definir do que se trata o futuro – tarefa que nos pareceu desde o início mais adequada aos artistas do que a um aprendiz de cientista. No entanto, não nos furtamos ao desafio. A dificuldade não somente se dava pela abstratividade do tema, mas também pelo pouco material desenvolvido especificamente sobre esse assunto tanto da psicanálise (como imaginávamos) como da própria orientação profissional e de carreira (como constatamos com surpresa).

Como se organiza essa tese

Assim, o caminho de raciocínio apresentado acima não coincide cronologicamente com a ordem escolhida para compor essa tese, mas a sua lógica está preservada no texto. Devido ao volume relativamente extenso da tese, a cada subtítulo incluímos um micro resumo para guiar a leitura, e ao final de cada parte incluímos uma síntese parcial. A tese ficou organizada em quatro partes, cada uma delas dedicada a desenvolver um conceito chave e produzir uma síntese parcial. A **Parte 1** é sobre o futuro; a **Parte 2**, sobre o projeto; a **Parte 3**, sobre a narrativa; e a **Parte 4**, sobre a fantasia. Por fim, a **Conclusão** é o momento em que as quatro sínteses parciais de juntam com o que foi discutido de forma preparatória na **Introdução**, para finalmente apresentar uma definição do que é o projeto para a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, esperando que ela lance as bases para o avanço teórico sobre o tema. Ideias de como esse avanço pode acontecer são apresentadas nas **Palavras Finais**, que terminam, como não poderia deixar de ser, apontando para o futuro.

PARTE 1

O FUTURO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA

A certeza do futuro é uma das coisas mais lindas da vida. Guimarães Rosa dizia que no 'viver cabe tudo'. Cabe tudo, mas não ao mesmo tempo. O prolongar da vida, a certeza de que haverá amanhã, essa é uma forma de caber o nosso tudo no viver (Anna Kelly Tizianel).

O futuro e o objeto da orientação profissional e de carreira

Condição *sine qua non*. Continuidade e ruptura. Necessidade de se diferenciar do presente. Os três enigmas. Por uma visão de tempo.

O que torna a orientação profissional e de carreira um campo específico é seu objeto de estudo. Não é, portanto, o tema da escolha profissional, ou o estatuto da vocação, ou, mais amplamente, o conjunto das problemáticas da relação da pessoa com o mundo educacional e do trabalho. Essas temáticas de fato representam bem o material de trabalho dessa área. No entanto, há mais um elemento que parece ser não somente central como bastante específico da pauta da orientação profissional e de carreira. Retornemos novamente a Bohoslavsky (1977), quando ele compõe a seguinte frase: "a pessoa não é senão o que procura ser" (p. 23), ou seja, quanto alguém procura orientação profissional e de carreira recorre a um outro, pois está preocupado consigo mesmo em relação ao seu futuro:

Figura 2 – Relação entre as instâncias do futuro, da pessoa e do outro no processo de orientação profissional e de carreira

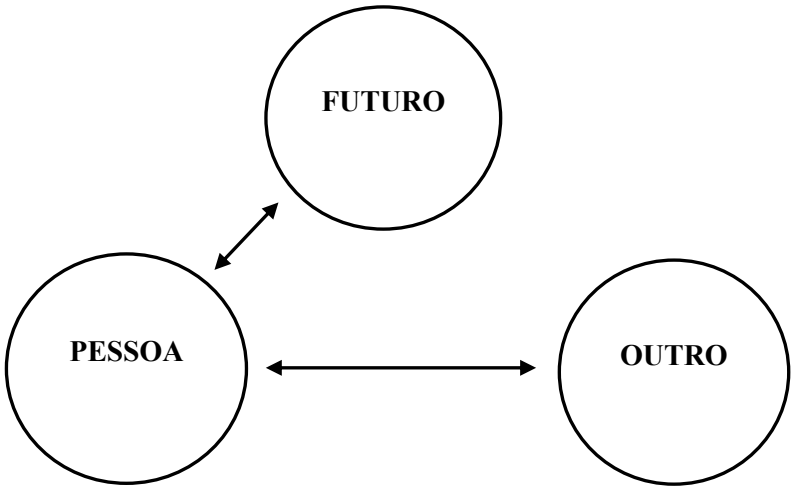


Figura 2: Bohoslavsky (1977, p. 23).

A dimensão do futuro sempre está em pauta no trabalho de orientação profissional e de carreira, seja ele feito com crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Tomando os itens citados acima como exemplos, o tema da escolha profissional contém em si a dimensão do futuro; o estatuto da vocação, também, pois a partir dele pode-se ser ou não ser no futuro; a questão referente ao estudo da relação da pessoa com o mundo educacional e do trabalho, interessa à área se houver possibilidade de mobilidade educacional ou no mundo do trabalho no futuro da pessoa.

A escolha, o mais clássico objetivo da orientação profissional e de carreira, tem na existência de uma experiência de futuro sua condição para existir:

> Deve-se notar aqui que a "escolha" ocupacional é usada para implicar uma disposição atitudinal em relação a algum comportamento futuro, o de orientar comportamentos para atingir um objetivo de determinada ocupação. Não significa uma ocupação (ou um objetivo) realmente escolhida para ser iniciada imediatamente (Howell, Frese, & Sollie, 1977, p. 333).

Por isso, desde sua fundação até a atualidade, a orientação profissional e de carreira está atrelada à experiência humana de futuro. Por exemplo, "em 1907, Bloomfield convidou Parsons para proferir algumas palestras para jovens que estavam concluindo o Ensino Médio e ele focou suas falas na necessidade de se realizar uma escolha vocacional adequada para um *bom futuro no mundo do trabalho*" (Ribeiro & Uvaldo, 2007, p. 22, grifos nossos). Já em 2018, 111 anos depois do convite feito ao Parsosn, Marsay, Scioli e Omar (2018), no contexto de jovens da África do Sul, propuseram a "Intervenção de orientação para o futuro imbuída de esperança" (*Hope-Infused Future Orientation intervention*), baseada em apropriação da própria cultura e tomada de decisões realistas que contribuam para um bom futuro no mundo do trabalho. E, em 2020, Watson e McMahon definiram a orientação profissional e de carreira como o processo que tem "o potencial de fomentar e facilitar o processo de reflexividade

necessário aos indivíduos para desenvolver um senso de direção futura na carreira" (p. 40).

Assim, é possível pensar que a possibilidade de haver futuro é o ponto basal para se pensar na possibilidade de se fazer orientação profissional e de carreira. Situações em que não há nenhuma possibilidade de futuro seriam as situações em que a orientação encontra o seu limite. Por exemplo, contextos sociais, psicológicos ou até mesmo físicos em que essa dimensão não está presente a não ser como replicação idêntica ao presente (nenhuma mobilidade social, condições extremas de sobrevivência, quadros depressivos graves, perda cognitivas e de memória muito acentuadas), são cenários em que é difícil pensar uma intervenção em orientação. Um outro exemplo, vivido intensamente nos anos de 2020 e 2021, é a situação de emergência sanitária causada pela pandemia de COVID-19. O presente se "congelou", interrompendo diversos processos em curso nos mais variados âmbitos, de forma que as possibilidades de futuro ficaram em suspensão, menos "presentes" na experiência das pessoas.

Se haver algum futuro é uma condição *sine qua non* para a orientação profissional e de carreira existir, é necessário pensar como entenderemos o estatuto do futuro. Boutinet (2002) traz a ideia de ambiguidade inerente ao futuro: ao mesmo tempo em que ele encerra o presente e o passado, e deles é constituído, deixa livre curso ao inédito. O futuro, então, é simultaneamente continuidade e ruptura, estando sempre parcialmente indeterminado, e, por isso, parcialmente angustiante (Boutinet, 2002). Outra ambiguidade é a sua extensão: estando o futuro demasiadamente distante, fica destinado a permanecer vago; ao mesmo tempo em que na outra ponta o futuro também está próximo demais do presente, e aí fica "constrangido às ações e adaptações imediatas" (Boutinet, 2002, p. 67).

O campo da orientação profissional e de carreira foi marcado em sua história por desenvolver-se em torno do conceito de escolha. Esta, feita sempre no presente, garantiria o acesso a uma antecipação do futuro. Uma escolha bem feita seria verificada, *a posteriori*, se o que tiver sido encontrado no percurso vivido estiver em coerência com o que foi antecipado no momento da escolha. Assim, é possível dizer que para que a escolha tenha um efeito antecipatório diante do futuro, é necessário que esse seja passível de ser conhecido antes de acontecer. Quanto mais o futuro for deduzível do presente, como no caso de um contexto muito definido pela tradição ou por um contexto social e econômico muito estável, maior é o poder preditivo que se tem a partir de uma análise bem feita das condições individuais e sociais do presente.

Por outro lado, quanto menos o futuro puder ser definido por meio da continuidade da tradição ou quanto menos estável for o contexto em que a pessoa se encontra, mais difícil é essa dedução, menos uma escolha poderá se embasar na antecipação do futuro e menos os orientadores profissionais e de carreira terão a capacidade de descrição do futuro. Quanto menos o futuro pode ser descrito a partir das condições do presente, condições como os constructos psicológicos atuais da pessoa e as categorias sociais que a atravessam, menos garantia uma escolha ou uma tomada de decisão (feita sempre no presente) terá.

Talvez essa seja uma das chaves de explicação de porque a orientação profissional e de carreira se desenvolveu em contextos socioeconômicos muito estáveis e para atender a uma população com o privilégio de contar com alguma garantia dessa estabilidade; e desenvolveu pouquíssimo saber teórico e procedimental para atender a massiva população que não estava e continua não estando sob a égide da estabilidade.

Um problema tem se apresentado à orientação profissional e de carreira referente justamente a esse ponto: o contexto instável, flexível e precário está se generalizando, inclusive para as camadas sociais economicamente privilegiadas. O orientador profissional e de carreira cada vez menos pode contar com a descrição acurada do presente (sejam de fatores psicológicos como interesses e aptidões; seja de fatores sociais como gênero e classe social) como um preditor da escolha acertada diante de um futuro esperado. Se a carreira é um processo que se constrói de forma objetiva e subjetiva com signos do passado, experiências do momento, desejos e expectativas futuras no trabalho (Ambiel, 2014), urge à orientação profissional e de carreira recolher e produzir conhecimento sobre a experiência humana do tempo.

No entanto, não cabe na presente tese um estudo aprofundado sobre o que é o tempo, desde seus aspectos físicos até sua metafísica, pois nosso objeto de estudo não é esse. O que nos interessa em relação ao tempo é a sua partição do futuro, um dos polos que compõe o objeto da nossa ciência-aplicada. No entanto, o futuro enquanto uma categoria abstrata também não é nosso foco de estudo, e sim a experiência humana de *se haver com a ver*, isso é: como o futuro aparece em sua relação com o mundo do trabalho/educacional. O tempo aqui não é o foco, mas é um determinante, um vetor que organiza essa experiência humana.

Sobre isso, Kehl (2009) diferencia o tempo e a temporalidade. Esta última seriam as formas de organização e percepção subjetiva do tempo. É o que nessa pesquisa estamos chamando de experiência do tempo. Escolhemos esse nome porque nos interessa deslizar para uma especificidade dessa experiência, que é a experiência do futuro, cuja análise é fundamental para a conceituação do projeto. Poderíamos tentar um deslizamento do termo temporalidade para um termo como *futuralidade*, mas para o bem da língua portuguesa, não o fizemos.

Cabe à orientação profissional e de carreira dizer coisas sobre o futuro, principalmente naquilo que se refere à experiência humana sobre o tempo. E esse dizer deve ser o mais conceitual possível, sem se tornar tão abstrato que se descole da ciência-aplicada e pouse fora desse campo, provavelmente no campo da filosofia. As próximas páginas, então, não se propõem a fazer uma filosofia sobre futuro, como foi ensaiado na introdução dessa tese sobre a orientação profissional e de carreira. A proposta é dizer como entendemos a experiência humana de futuro, para agregar esse saber aos outros saberes sobre o humano e o social, e assim tentar aprofundar os conhecimentos sobre o objeto de estudo dessa pesquisa: o projeto.

Esse aprofundamento é necessário porque no projeto está em jogo uma representação de uma relação deslocada no tempo. O projeto é sempre de futuro, sendo um pleonasmo – não necessariamente evitado a qualquer custo – quando montamos a expressão "projeto de futuro". Nessa tese evitaremos esse pleonasmo, mas o motivo dele aparecer recorrentemente em textos e na fala de orientadores talvez se deva em parte pelo caráter enigmático da natureza do que é o futuro. Ora, diante de um enigma, é preciso um esforço conjunto e duradouro para tentar decifrá-lo (ou chegar perto disso). É nisso que as próximas páginas visam colaborar.

Então, como demonstrado no introdução a essa tese, o objeto da orientação profissional e de carreira não é somente a relação da pessoa com o mundo do trabalho/educacional, senão esta relação deslocada para o futuro (que pode ser muito próximo ou muito distante). Isso implica em que, se não houver um ser humano e um contexto social que permitam mudanças, transições, tomadas de decisão ou construção de projetos, não há orientação profissional e de carreira.

Essas ações levantadas – mudança, transição, escolha e projeto – podem ser agrupadas sob um verbo: *derivar*, ou seja, mudar o curso de um caminho ao agregar elementos que propiciem desvios ou novas formas e configurações, sem romper com o curso original, mas antes sendo proveniente deste (Houaiss, 2009). O futuro não como repetição, mas como derivação do estado psicossocial do presente é a condição primeira da existência da orientação profissional e de carreira.

Dizer que o futuro sempre deriva do presente é uma maneira de dizer que não há futuro gerado por descontinuidade com o presente. Por mais que aparentemente um evento ou situação pareça ter sido totalmente disruptiva, se estudada e analisada em profundidade, todas as suas raízes, para não dizer sementes, serão encontradas no passado.

Ou seja, todos os eventos que nos guardam no futuro são históricos – têm necessariamente um lastro na história. Ao mesmo tempo, essa continuidade necessária do futuro em relação ao passado e presente não significa sua determinação à repetição. Se fosse assim, não caberia nem sequer a existência da orientação profissional e de carreira.

Essa perspectiva de atribuir ao passado as causas primeiras do que virá a ser o futuro, sem com isso determiná-lo exaustivamente, é uma argumentação que estamos fazendo a partir do referencial teórico da psicanálise. Mas, não a do tipo "tradicional", que tende a ser hermética e enclausurar todas as tentativas de respostas em si mesma, e sim em diálogo com conhecimentos da filosofia, da psicologia social e da orientação profissional e de carreira, dentro dos diminutos limites desse pesquisador. Esse diálogo nem sempre é de concordância, então sempre que possível tentaremos promover alguma discussão quando citarmos autores de outras bases epistemológicas que provoquem alguma incoerência com a psicanálise.

Assim, a necessidade (com origem na pessoa e/ou no social) de um futuro mais ou menos diferente do presente é o chão sem subsolo da nossa ciência-aplicada. Tudo o que se constrói, dos pontos de vista teóricos e práticos, estão sobre essa condição primeira. A ela, seguem diversos outros condicionantes subjetivos e objetivos, que inclusive podem reduzir ou até inviabilizar qualquer processo de orientação profissional e de carreira, como, por exemplo, limitações econômicas, sociais, cognitivas ou de liberdade.

Posto dessa maneira, é essa parte do futuro que se projeta ser diferente do presente que constitui o enigma que o orientador vai ajudar o orientando a desvendar para si. Essa "parte diferente" é aquilo que falta ao presente, pois se estivesse neste, não haveria nada *em a ver*, e assim não haveria a necessidade de se haver com o futuro. Por isso, podemos considerar o futuro como a falta causa da orientação profissional e de carreira.

Essa falta não é automática e nem está sempre inscrita na experiência de presente da pessoa. Quando o presente é avassalador, a dimensão do futuro tende a desaparecer para a pessoa. Isso acontece em momentos de crises agudas, perdas irreversíveis ou em cenários de intensa precariedade, onde a sobrevivência no presente toma todas as forças da pessoa. Isso não significa que o tempo para e o futuro não se tornará presente, pois o fluxo temporal continua. Mas, ele acontecerá à revelia da percepção da pessoa. E, nisso, pode-se passar meses, anos, ou até mesmo vidas inteiras e sucessivas gerações.

Quanto "o futuro desaparece como dimensão de tempo norteadora da ação humana, é mais difícil planejar ou esperar algo" (Uvaldo, 2002, p. 7). Isso é, quando se inscreve essa falta no presente da pessoa, aí somos convocados a ajudá-la a pensar e falar sobre seu futuro. Essa ajuda é o âmago do trabalho do orientador. É um fazer complexo, diante de um objeto complexo. Por isso, Cardoso (2012) traz que "o processo [de

orientação] nem sempre é tranquilo, e várias conversas podem ser necessárias para atingir um grau de coerência que apoie o estabelecimento de um plano de carreira que permita novas possibilidades de autoconstrução" (p. 366).

Para melhor nos dedicarmos a essa ajuda, lançamos mão de uma teoria sobre o ser humano que está sob uma *visão de ser humano,* também lançamos mão de uma teoria sobre o social, que está sob uma *visão de mundo*. Agora nos cabe buscar uma teoria sobre a experiência de futuro, que estará sob uma *visão de tempo*. Esse é o tripé metateórico sobre o qual as teorias e práticas de orientação profissional e de carreira estão assentadas.

A *visão de tempo*, assim como as visões de ser humano e de mundo, é uma escolha ética e teórica que não esgota nem invalida outras visões sobre os mesmos objetos. Elas falam de três enigmas que rondam a orientação profissional e de carreira e cuja inter-relação forma o enigma próprio dessa área. Por isso, há tanta ciência, filosofia, poesia, literatura e artes em geral que dizem tantas coisas sobre o tempo, sem jamais terem esgotado este assunto.

Juntando-nos a essa correnteza, vamos esboçar alguns parâmetros para nos aproximarmos de um entendimento da experiência do futuro.

Tempo e futuro

> Início ao retilíneo. Não-ontologia. Tripartição do tempo. Subjetividade além do presente. O futuro e o Real. O que não cessa de não se realizar.

O primeiro versículo do primeiro livro da Bíblia traz a seguinte frase: "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gênesis, 1:1). Em uma leitura rápida, podemos entender que a primeira criação tenha sido o céu e a terra, isto é, o espaço. No entanto, antes deles, consta a expressão "no início", ou seja, houve um momento de ponto inicial

no qual surgiu, primeiramente, o tempo. A partir daí (pelo menos até este exato momento), ele ainda não parou.

Segundo o Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2019), em quase todas as culturas humanas o tempo é simbolizado não por uma linha reta, mas por uma roda em movimento, em constante girar. A ideia de retidão, que possibilita uma natureza métrica do tempo, é muito recente, ocidental e cartesiana:

> O tempo é um dos fenômenos mais fundamentais e penetrantes de nossas vidas. É difícil de entender, não tendo propriedades diretamente observáveis. O tempo sempre confundiu e incomodou a compreensão humana. A tradição europeia ocidental usou como analogia do tempo a ideia de momentos instantâneos avançando ao longo de uma linha geométrica (Slife, 1980). O tempo é representado como uma ordem serial e como uma sucessão de "agoras" que medem os movimentos dos objetos no espaço. Relógios e instrumentos cronológicos são usados para localizar o período de tempo entre os eventos na linha do tempo (Polkinghorne, 1991, p. 139).

A partir dessa ideia de tempo retilíneo foram possíveis diversos avanços nas mais diversas áreas em que o tempo é um fato determinante de execução e melhoramento de processos. Inclusive a palavra projeto, nos mais variados usos em diversas áreas que tem no mundo contemporâneo, é também herdeira dessa recente tradição (Boutinet, 2002).

No entanto, a compreensão sobre o que é o tempo, mais precisamente o futuro, não se deixou esgotar pela ciência, e os artistas continuam a escrever, pintar e cantar sobre ele. Nas artes, o tempo é representado como o senhor dos sentidos. Continua a ser, nas antigas palavras de Santo Agostinho (1987), “a imagem móvel da imóvel eternidade”.

A parte do tempo que constitui o futuro tem estado presente na experiência humana desde tempos imemoriais. Para ilustrar[15], vamos tomar novamente o conjunto de

[15] Uma outra ilustração possível, fora da cultura ocidental judaico-cristã, se encontra entre os Aimarás, na região do altiplano andino da América do Sul. No idioma aimará, o passado é referido por palavras e

escritos antigos que fortemente influenciou a conformação das culturas das sociedades que produziram a orientação profissional e de carreira. Na Bíblia, há dezoito livros que foram escritos por profetas, que versaram sobre acontecimentos do porvir, sejam eles próximos ou distantes de suas épocas. Um desses livros, inclusive, versa sobre acontecimentos que ainda não teriam se dado: o livro de Apocalipse.

É curioso notar que há milênios existe em nossa cultura um texto que revelaria o que haveria de acontecer no futuro, mas até hoje ninguém conseguiu decifrar e descrever, com algum consenso, como será esse futuro. Nessa tradição, Deus escolheu mostrar o futuro, mas o fez em alegorias. É como se diante da revelação do real, o profeta não tivesse outro meio a não ser lançar mão de imagens e símbolos para representar aquilo que não se inscreve, nos termos de Lacan (1953a) que serão abordados detidamente mais adiante.

A existência do livro de Apocalipse revela uma possibilidade de conceber a natureza do futuro que é fundante de nossa cultura, mesmo que não única. Ele seria determinado e ao mesmo tempo enigmático; já escrito por um autor, e, ao mesmo tempo, dependente das ações no presente de cada pessoa para se realizar. Poderia ser acessado por uma habilidade especial como de um profeta ou vidente, mas ainda está à mercê do livre arbítrio dos viventes do presente.

Essa característica ontológica atribuída ao futuro, isto é, de que ele teria uma natureza de ser, onde se acham estados, cenários, elementos e objetos (ainda que intocáveis), o faria ter uma ontologia correlata ao passado. Neste, houve, de fato, estados, cenários, elementos e objetos, mesmo que já não disponíveis no presente. Aqui

---

expressões que remetem à espacialização para frente, para o adiante, ou seja, para o que está no campo de visão do falante. Já o futuro é representado pela espacialização referente ao para trás, ou seja, aquilo que está às costas do falante, e, portanto, fora do seu campo de visão. Dessa forma, o passado é aquilo que está diante de nós, e conseguimos ver e lembrar; já o futuro é o que está para trás.

precisamos apontar o equívoco em atribuir uma ontologia ao futuro, e para isso vamos analisar a diferença entre a "natureza" do passado, presente e futuro.

A ideia de futuro remete à tripartição do tempo – passado, presente, futuro (Boutinet, 2002). Mas, parece haver uma distinção decisiva do futuro em relação ao passado e ao presente:

> A própria acepção da palavra [futuro] dá margens à interpretações de elementos causais (é o "tempo que se segue ao presente"), de elementos sistêmicos ("o conjunto de fatos e acontecimentos relacionados a um tempo que há de vir"), da elaboração de conjecturas sobre esse período ("existência futura") e do acaso. Uma rápida reflexão sobre o paradigma utilizado no estudo de fatos históricos poderia servir para responder a essa pergunta: como objeto de estudo, o registro de fatos históricos serve há séculos como fonte de referência (ainda que a confiabilidade de tais registros possa muitas vezes ser discutível como "objeto cientifico" de estudo, pois o passado, no caso, apesar de registrado, não é mais "observável", a não ser pela ótica daqueles que o registraram) no estabelecimento de relações causais, na descrição de elementos sistêmicos e na elaboração de conjecturas sobre esse período (ou seja, a "existência passada") (Gabriel, 2008, pp. 23-24).

A diferença não parece residir na questão de ser observável ou não. Como aponta Gabriel (2008), a experiência do passado é baseada em fatos históricos, ocorridos. Esses fatos não estão mais disponíveis para observação direta, tendo um caráter de fonte de referências que precisam de um extenso trabalho feito por historiadores de coleta, verificação e interpretação, para enfim serem elementos que compõe a história.

Por sua vez, o presente também não é observável, por mais anti-intuitivo que isso pareça:

> Se o passado já não existe, se o futuro ainda não existe e se o presente voa tão rapidamente do futuro ao passado, este não tem nenhuma duração. Se a tivesse

> dividir-se-ia em passado e futuro. Logo o tempo presente não tem nenhum espaço (Santo Agostinho, 1987, p. 219).

O que distingue o presente das outras partições do tempo é que é nele que os sentidos operam. Porém, quanto esses sentidos são processados cognitivamente e afetivamente, já não é do presente que se está tratando, e sim do passado presentificado, via memórias, lembranças e reminiscências; ou do futuro presentificado, via ações cujo objetivo está imaginado no porvir. Tanto a memória como a ação podem ser disparadas pelos estímulos perceptivos do presente, mas em suas configurações está sempre uma temporalidade mais alargada:

> Nada é menos do que o momento presente, se entendermos por isso esse limite indivisível que separa o passado do futuro. Quando pensamos este presente como devendo ser, ele ainda não é; e, quando o pensamos como existindo, ele já passou. Se, ao contrário, você considerar o presente concreto e realmente vivido pela consciência, pôde-se afirmar que esse presente consiste em grande parte do passado imediato. (...) Nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro (Kehl, 2009, p. 146).

Assim, não é o tempo presente que define o passado e o futuro. Ao contrário, o presente é somente um ponto de divisão, que deve ser definido pelos outros dois tempos: "o presente seria o avanço do passado a roer o futuro". O presente então seria uma eterna permanência, mas onde nada permanece.

Por isso, Kehl (2009) coloca que o presente é "psicologicamente pobre, tempo da ação orientado pela atenção e vigiado pela consciência" (p. 130). O adjetivo "pobre" aqui refere-se à falta que profundidade daquilo que a psicanálise chama de realidade psíquica, isto é, as instâncias da subjetividade que ultrapassam o raciocínio, percepção cognitiva e os atos reflexos do corpo. É curioso notar que enquanto materialidades, estamos presos eternamente no presente, mas nossa vida psíquica somente existe de maneira humana

porque temos a capacidade de incorporar em nossa experiência de tempo tanto o passado como o futuro:

> Se o passado se incorpora ao imaginário, o futuro, como pura abstração inscrita em cálculos de probabilidades, representa o registro simbólico do tempo - que não por acaso é o mesmo registro da morte. Quanto ao presente, essa partícula fugidia e irrepresentável, a única temporalidade em que o corpo efetivamente exige e age, inscreve-se sob o registro do tempo Real. De fato, como representar essa partícula ínfima de tempo a que chamamos presente? (Kehl, 2009, p. 127).

Então, se nosso corpo – incluindo, claro, nosso cérebro – está no presente, nossa subjetividade não: se estende pelos registros do imaginário e do simbólico para outros tempos. Esses dois registros, juntamente com o terceiro que o do Real, foram propostos por Lacan (1953a) para auxiliar na compreensão da experiência humana. Para não interrompermos o raciocínio aqui apresentado, voltaremos mais detalhadamente a eles na Parte 4 dessa tese, quando sua conceituação será importante para trabalharmos o conceito de fantasia.

Cabe aqui somente definir que o registro do Real seria aquilo que "não cessa de não se inscrever" na experiência humana (Lacan, 1953a, p. 86). Ou seja, não se trata da realidade, como o nome poderia sugerir, mas daquilo que escapa de ser entendido, simbolizado, imaginado, visualizado, cheirado, enfim, experimentado. O Real "não cessa" porque não há momento em que esse resto deixa de existir e o ser humano consegue de fato uma completude de experiência; e ele "não se inscreve" porque é justamente o que fica fora do registro da experiência, mesmo estando lá, sem nome nem figura, e por isso fazendo efeitos de enigma: seja por fascinação ou por angústia.

É certo que este registro está presente em toda a experiência de tempo. Tanto o passado como o futuro são diretamente inacessíveis para nós, mas a diferença entre eles é que para acessar o passado contamos com a memória e com os objetos que estavam lá

e ainda estão por aqui. A memória é composta de lembranças e reminiscências cerebrais e de objetos reais que carregamos de sentidos, denominados de memorabilia, que formam um "baú" que contém muitos elementos que recorrentemente revisitamos.

No caso do futuro, devido à falta de um bojo do qual alçar conteúdos, para pensar e falar nele precisamos "emprestar" os elementos do bojo do passado. Esses elementos são signos que extraímos ao narrar o passado (Ambiel, 2014). Ao se tornarem signos, os elementos advindos das lembranças, reminiscências e memorabilia podem constituir outros objetos que podemos projetar em direção ao futuro. Alguns deles podem ser nomeados como constructos psicológicos como, interesses, competências e desejos, que trazem consigo objetos alvos como objetivos, ideais e estados – aquilo que constitui quem somos no presente. Outros objetos que projetamos são, a semelhança do que a memorabilia é para o passado, objetos que compõe a realidade material presente, que são, por exemplo, as informações sobre o mundo do laboral/educacional como cursos disponíveis, vagas de trabalho, locais e nomes de instituições.

Assim, para a orientação profissional e de carreira, o futuro somente existe a partir do passado. Ou, mais precisamente: a experiência de futuro somente é possível para o ser humano a partir de sua revisita à experiência de passado. Dessa maneira, futuro é distintamente marcado pelo registro do Real, pois, diferente do passado, nunca houve fatos e objetos no futuro, e só passam a haver a partir do momento em que lançamos algo para lá. Essa operação de lançamento de objetos nada mais é do que nossa tentativa de recobrir o registro do real com os outros dois registros. É por operações imaginárias e simbólicas que o futuro passa a existir para nossa experiência.

Essa imediação entre futuro e Real nos permite definir o primeiro a partir do segundo. Se o Real é aquilo que não cessa de não se inscrever, o futuro pode ser definido

como aquilo que *não cessa de não acontecer*. Uma vez que algo projetado finalmente acontece, automaticamente deixa de ser futuro; e por sua vez, quando um tempo futuro se torna acontecimento, é nesse momento que deixa se ser futuro, ao atravessar a divisa que chamamos de presente para ser passado para toda a eternidade.

Essa definição é importante para a orientação profissional e de carreira porque levanta a seguinte questão: sendo o futuro aquilo que não cessa de não acontecer, qual pode ser o estatuto de uma construção que fazemos sobre o futuro, como é o projeto? Do que se trata o projeto, se tudo o que o compõe são elementos originalmente do passado, rearranjados e estruturados para se manterem "em pé" nesse vazio que é o futuro? O caráter fantasístico-narrativo do projeto e muitas de suas vicissitudes serão exploradas nas próximas partes dessa tese como uma proposta de resposta a essa questão.

Mas, antes, vamos explorar mais características importantes da experiência de futuro a partir de algumas dualidades: o passado e o futuro; a imanência e a transcendência; a previsibilidade e a indeterminação; a realidade e a ficção.

Passado e futuro

> Alterar o passado presentificado pela fala. Afetar o futuro presentificado pela fala, ação ou viver. Fatos e narrativa. Reencontro e encontro.

Conforme já exposto na diferenciação feita entre passado e futuro, a maneira de alterar a percepção sobre os acontecimentos passados da vida de uma pessoa é falando sobre eles. Esse processo de recontar faz com que seja possível um acesso ao passado não exatamente como ele aconteceu, mas em seu caráter presentificado. A narrativa de vida de uma pessoa é o seu passado presentificado, sujeito a alterações, rearranjos, e novas composições. Dessa forma, é possível entender que falar tanto do passado como do futuro é uma maneira de viajar no tempo pela linguagem. E o presente pode ser entendido como

um jeito de falar sobre o passado e o futuro muito próximos, misturando-se memórias e projeções – talvez, por isso, o presente seja a temporalidade mais confusa.

Seguindo a mesma lógica aplicada ao passado, cabe a pergunta: como alterar o futuro? Aqui percebemos que a pergunta não é exata, pois o verbo *alterar* não cabe para se referir a eventos que nem sequer aconteceram. Seria, então, melhor nos perguntarmos como seria possível *afetar* o futuro:

> Outro aspecto que pode ser considerado aqui diz respeito ao simples fato de podermos recontar uma história de vida, de entendermos a metamorfose do passado como uma forma de território que pode ser revisitado como se fosse um espaço real de que estamos lidando, de forma que se traduza em uma transformação fundamental para a existência daquela memória particular (Campbell, 1995); a territorialização do tempo também se estende ao futuro - não é possível planejar sem fazer uma projeção espacial do que está sendo planejado (Duarte, 2017, p. 514).

Somente conseguimos trabalhar com o passado e o futuro nos deslocando imaginariamente no tempo e indo visitá-los. No entanto, há uma diferença fundamental ao se trabalhar sobre o passado e sobre o futuro: enquanto o primeiro é inalterável enquanto fato, o segundo nem fato ainda é. Diante do primeiro, somente cabe falar, isto é, construir narrativas. Diante do segundo, o próprio ato de viver no presente já afeta o futuro. Dessa forma, falar sobre o futuro não é condição para a sua formulação. O futuro, por sua natureza, já é uma constante reformulação do presente, à revelia do arbítrio do ser humano.

No entanto, também é possível falar sobre o futuro. É possível contar histórias que não aconteceram, com cenas ainda não vividas, personagens e cenários inéditos. Assim como é a construção de uma narrativa de passado que dá uma história à pessoa (Delory-Momberger, 2006), o ato de construir uma narrativa de futuro dá a ela uma história sobre

o seu porvir. O teor narrativo é o mesmo do passado: trata-se de uma história que contém um futuro presentificado, ou seja, projetado a partir de condições do presente, que não pode nos dar acesso direto aos futuros fatos, mas pode dar significado a eles a partir de um arranjo, uma composição no presente:

> Considerando-se que existem fatos passados, opções presentes e possibilidades para o futuro e não possibilidades passadas e fatos futuros, os estudos do futuro precisam lidar com o paradoxo de que não existe conhecimento real sobre o futuro e que somente um outro tipo de conhecimento poderá permitir que façamos afirmações sobre o futuro (Gabriel, 2008, p. 35).

Apesar do futuro ser não factual, aqui cabe uma ressalva: o único conhecimento real sobre o futuro se dá quando este é (quase) garantido como uma reprodução do presente. Isso acontece, como já foi dito, em contexto de restrição econômica extrema, por exemplo. Mas, mesmo nesses cenários de mobilidade quase nula, esse conhecimento real pode ser furado pelo acaso: por exemplo, um acidente, uma morte ou um desastre natural que reconfiguram o contexto e quebram a reprodução do presente (infelizmente, para pior).

Feita, essa ressalva, esse outro tipo de conhecimento que cabe ser construído sobre o futuro e deve ser não factual, pode ser de teor narrativo. A partir dele, observamos uma diferença fundamental do futuro em relação ao passado. Neste, o teor narrativo recai sobre o já vivido, os fatos dados, que fornecem alguma materialidade para servir de base para essa composição narrativa. O que estiver totalmente alheio a essa matriz material do nosso passado, não pode simplesmente ser incluído em nossa narrativa, sob o risco de ela perder a sua validade de presentificadora de cenas vividas. Diante do passado, a nossa liberdade de reconstrução narrativa está limitada pelo material disponível. Esse material é composto tanto pelas nossas lembranças e reminiscências como pelos objetos que guardamos por terem o poder de nos fazer lembrar de cenas e épocas passadas.

E diante do futuro? Que conjunto de coisas dispomos para compor uma materialidade da qual tiraremos elementos para criar uma história de futuro? Não há outro lugar de onde recolher materialidade se não do passado presentificado. Portanto, para fazer uma narrativa do futuro, é necessário primeiro uma revisita à narrativa do passado. Os limites de nossa liberdade para narrar essa história de futuro estão dados pelos fatores da realidade psíquica e realidade material que dispomos no presente *a partir* de uma revisita relevante ao passado. "Para tanto, o que temos é o passado como sinal de desejo e de projeto, ambos orientados na direção de um futuro que se prepara. Sob esse prisma, voltar ao passado é uma forma de delinear o futuro almejado" (Duarte, 2017, p. 515).

Assim, mais que uma visita breve, com teor de revisão, o falar sobre o passado na orientação profissional e de carreira tem um teor de reencontro: não das experiências vividas como foram de fato, essas vetadas à pessoa por estarem para sempre no passado, mas sim dos sentidos que emergem ao reconfigurar memórias no presente. É pelo passado ter um valor de *reencontro* que é possível o futuro ter um valor de *encontro.* Isto é, o futuro tem a característica de ser sempre derivado do passado, mas não necessariamente ser sua reprodução automática: "a escolha pelo futuro é a escolha do lugar de uma queda, é se reapropriar da história de forma a interiorizá-la para prescindir dela, sem fugir" (Yamaguishi, 2015, p. 101).

O projeto pode ser, então, uma produção, desde que enraizado nos elementos do passado trabalhados no presente. É na revisita a acontecimentos passados de nossa vida que há a possibilidade de unificar nossa história de vida a partir de uma certa perspectiva de futuro profissional (Bangali & Guichard, 2012). No entanto, é uma produção feita sempre no tempo presente. Por isso, agora vamos analisar a relação do presente com o futuro, e como este emana e se desprende daquele.

Presente e futuro: imanência e transcendência

> Conceitos de imanência e transcendência. Futuro como imanência. Futuro como transcendência. Uma transcendência em meio à imanência.

Da mesma maneira que analisamos a relação entre passado e futuro, é necessário que se diga algo sobre a relação do presente com o futuro. Para isso, vamos lançar mão de dois conceitos ontológicos da filosofia, a imanência e a transcendência. De forma alguma pretendemos expor uma monografia sobre esses dois conceitos tão extensos e intensos, e sim tomar uma definição de cada que nos possibilite uma análise de como o futuro se desprende e se diferencia do presente.

Transcendência é o conceito que define a característica de todo objeto que se encontra para além da experiência sensível, ou dos limites do mundo vivido (Schöpke, 2010). Seu oposto é a imanência, que é o conceito que define a característica de todos os objetos que existente dentro dos limites do mundo (Schöpke, 2010). Partindo dessas definições, para haver transcendência é necessário pressupor uma cisão do mundo em pelo menos duas esferas, produzindo assim um dualismo, seja ele da natureza que for (matéria e espírito, corpo e alma, realidade e ideia etc.). Por sua vez, na imanência toda e qualquer ação ou objeto devem estar necessariamente no interior da mesma esfera, única, não existindo nada além do próprio mundo – um monismo (Schöpke, 2010).

Nessa chave, seria o futuro uma dimensão temporal cindida do presente, como se fosse um mundo à parte do disponível a nós, onde estariam objetos e seres não pertencentes ao presente? Ou estaria o futuro na mesma dimensão do presente, e, portanto, tendo a mesma natureza ontológica deste?

É possível pensar que o futuro pode ser entendido como imanente em relação ao presente, ou seja, que tudo o que ele pode ser vem da própria ontologia do presente. Isso

porque o tempo não consiste em um dualismo: é a experiência humana que faz uma tripartição do tempo para organizar o fato de estarmos todos sob essa dimensão temporal e não podermos nos retirar dela, no máximo nos deslocarmos dentro dela. Dessa forma, o futuro seria um fluxo inevitável inerente ao presente, e ambos seriam uma coisa só.

Entender o tempo como uma imanência gera uma alternativa à sua divisão entre passado, presente e futuro – a tripartição do tempo –, que seria a ideia de que não existem de fato nem passado nem futuro, e o instante do presente é na verdade um fluxo contínuo (Pereira, 2003). A diferença entre passado, presente e futuro, seria, segundo frase atribuída a Albert Einstein, somente uma persistente ilusão. O que existiria de fato seria o devir, essa fronteira entre presente e futuro que aparece como uma esteira rolante, um estado de mudança permanente (Inwood, 2002), como entendido pelo existencialismo heideggeriano, para o qual o futuro é a errância da não-verdade (Ribeiro, 1998b). Assim, o presente nada mais é do que a margem do passado que nos expõe ao desconhecido.

No entanto, também é possível pensar que pelo fato de nunca ser presente, o futuro tem um caráter transcendente, no sentido de que ele nunca está disponível para o conhecimento sensível, a não ser no momento em que deixa de ser futuro e se torna presente. Se tivesse de fato a mesma ontologia do presente, o futuro poderia ser percebido, mesmo que para isso tenhamos que desenvolver técnicas específicas que possibilitassem sua disponibilidade para nossos sentidos (ou para a sensibilidade de máquinas desenhadas para tal).

Assim, mesmo estando na mesma dimensão do presente, o futuro não tem a mesma qualidade do presente. Então, entre ser imanente ou transcendente em relação ao presente, o futuro pode ser entendido como imanente ao presente, mas no seio desta imanência, ser uma transcendência, uma vez que sua natureza é a própria

indisponibilidade, aquilo que não cessa de não acontecer. O futuro não está descolado do presente, mas fala de um "outro mundo" dentro da mesma dimensão temporal, mundo este ao qual nunca teremos acesso, pois ao acessá-lo, imediatamente deixa de ser futuro. Dessa forma, na dimensão temporal, o futuro seria a transcendência em meio à imanência.

Heidegger (1998), novamente, faz uso dessa ideia de transcendência no seio da imanência no conceito de ser-aí, no qual o homem transcende as condições presentes como os fatos objetivos que o cercam e pode assim almejar a liberdade no seu devir. Mesmo que essa pesquisa não tenha sua base teórica no existencialismo, as contribuições dessa filosofia para o entendimento da experiência do tempo não devem ser desconsideradas. É a partir dela que mais claramente o futuro passou a ser compreendido como um campo de criação:

> Para Jean Paul Sartre, cada ser humano cria seu próprio futuro e deve assumir sua responsabilidade nessa criação. Essa visão é uma diferença fundamental de percepções ocidentais anteriores sobre o futuro, uma vez que ela indica que o futuro é algo a ser criado ou inventado e não apenas algo que se sucederá independente da vontade humana (Gabriel, 2008, p. 28).

Essa característica de "algo a ser criado", aliado à natureza de transcendência em meio à imanência é fundamental para a conceituação do que é um projeto em orientação profissional e de carreira. O projeto, ao falar sobre o futuro, emana do presente e transcende o presente. Essa característica tanto do futuro quanto do projeto está presente em uma concepção de projeto advinda do existencialismo, para o qual "toda projeção de uma ação é um princípio levado independentemente da ação real, ou seja, é uma fantasia da atividade, não a atividade em si. Toda projeção de ação é uma fantasia de ação" (Schutz, 1967, p. 59). Assim, mesmo imanente, é o caráter de fantasia que coloca o projeto em um nível de transcendência. Fantasia, para o existencialismo, têm um caráter de "representações intuitivas" (Schutz, 1967, p. 60).

Uma visão psicanalítica dessa dicotomia não discorda da questão da transcendência somente em meio a imanência, isto é, nunca separada desta e não existindo em paralelo em outra dimensão de outra natureza que não a realidade. No entanto, para a psicanálise, a realidade é na verdade composta por duas realidades, a psíquica e a material, sendo que uma não está alienada da outra, mas uma coconstrói a outra. Assim, o caráter de transcendência é compreendido de outra maneira, pelo elemento que faz a ponte entre as duas dimensões da realidade: a fantasia.

Mesmo sendo exatamente o mesmo termo usado no existencialismo, para a psicanálise as fantasias não são representações intuitivas, e sim uma estrutura simbólica a partir da qual a relação do sujeito com os objetos está constituída (Lacan, 1957-1958/1999). Quando esse objeto é o futuro (ou está projetado nele), é pela estrutura fantasística que ocorrerá essa transcendência em meio à imanência. Analisaremos detidamente esse funcionamento na Parte 4 dessa tese.

O que aparenta ser um paradoxo (transcendência *e* imanência) na verdade revela uma dualidade ontológica que está presente na maioria dos conceitos da orientação profissional e de carreira. Seja o caráter psico e social, sonho e realidade, sofrimento e realização, ou liberdade e determinação, a dualidade ontológica está amplamente presente nos conceitos da área, como, por exemplo, no trabalho, na escolha e no projeto (Ribeiro, 2014). Isso não se dá por mera coincidência, e sim porque é a dimensão do futuro que dá a distinção do objeto da orientação profissional e de carreira, marcando profundamente os conceitos dos quais o orientador lança mão para pensar e fazer orientação.

Nesse fazer, o orientador vai se debater com a questão do quando o projeto construído sobre o futuro será implementado ou não. Para pensar sobre isso, precisamos refletir sobre a previsibilidade e a indeterminação do futuro.

Previsibilidade e indeterminação

> Futurologia. O fortuito e o foco no presente. Impossibilidade de garantia. Indeterminação parcial. Futuro é previsivelmente indeterminado.

Posto seu caráter de enraizamento tanto no passado como no presente, constituindo-se como transcendência em meio à imanência, o futuro pode ser abordado através de outra dualidade: a sua previsibilidade e sua indeterminação. Muitas ciências se dedicam a aumentar o máximo possível a capacidade de prever cenários futuros, sem a ambição de chegar a cem por cento de acerto, mas se guiando em direção a isso, principalmente com o uso das ferramentas computacionais. Sabe-se que algo do futuro sempre escapa, mesmo a modelos matemáticos rigorosos, como a probabilidade que aponta possíveis futuros baseada nas chances de ele ocorrer e que tem sido o fundamento para a testagem psicológica em orientação profissional e de carreira. E, quanto mais distante na dimensão do tempo, mais indeterminado e menos reconhecível à experiência humana é o futuro.

Há uma área do conhecimento no campo da ciência que se dedica justamente a essa questão. Trata-se da futurologia, que é o exame de uma gama de futuros possíveis a partir de diversos saberes, a fim de propiciar melhores prognósticos de como estarão os cenários sociais, econômicos, educacional, laboral, político e dezenas de outros âmbitos. Segundo Gabriel (2008), "da mesma forma que estudos históricos procuram explicar os fatos passados e as causas destes, os estudos do futuro buscam discutir o potencial do presente para a construção de uma ou várias imagens do futuro" (p. 36).

O objetivo da futurologia não é a adivinhação, e sim aumentar o potencial das ações do presente. Por isso, não se vale somente das ciências exatas em sua empreitada, utilizando ferramentas para estudar o futuro como análise de tendências, identificação de

questões emergentes, grupos de opinião, construção de cenários, entre outras (Gabriel, 2008).

No campo da psicologia, Bandura (1982) em seu artigo que muito interessa à orientação profissional e de carreira, chamado "A psicologia dos encontros fortuitos e caminhos de vida", reconhece esse limite:

> A psicologia não pode prever a ocorrência de encontros fortuitos, por mais sofisticado que se torne seu conhecimento sobre o comportamento humano. Este fator introduz uma medida de imprevisibilidade sobre a direção do fluxo de vidas humanas. Dominar as ferramentas da agência pessoal não garante necessariamente o futuro desejado. Mas com tais habilidades as pessoas são mais capazes de fornecer suporte e direção para suas ações, para capitalizar em oportunidades planejadas ou fortuitas, para resistir às armadilhas sociais que levam a caminhos prejudiciais e para se desvencilhar de tais apuros caso se envolvam nelas (Bandura, 1982, p. 749).

Nesse trecho, Bandura (1982) deixa claro que a imprevisibilidade deve ser sempre levada em conta ao se pensar nos caminhos de futuro. Até porque, muitas vezes, ao tentar controlar o futuro, perdemos a chance de vivê-lo e de permitir o imprevisto. O autor escolhe a palavra "*chance*", aqui traduzida como fortuito, para fazer oposição ao que está planejado, ressaltando o quanto a aleatoriedade à qual todos estamos sujeitos pode alterar substancialmente nossos planos de vida (para melhor ou para pior). Diante desse fato, Bandura (1982) sugere que nos voltemos ao presente: trabalhar para que as pessoas tenham mais domínio sobre suas habilidades de agência seria o melhor que se pode fazer para lidar com a indeterminação da vida. Na mesma linha, Skinner (1973) coloca que "não podemos continuar a deixar o futuro para os efeitos colaterais ocasionalmente benéficos de uma forte preocupação com o presente" (p. 224), com a ideia de que para alterar o futuro é necessário agir no presente.

Tanto para o behaviorismo, como para o sociocognitivismo, existe uma maior ênfase na importância do presente, em contraposição à psicanálise. Isso fica mais claro nos processos de tratamento, como na terapia cognitivo-comportamental, por exemplo, em que se pode tomar uma questão e trabalhar para resolvê-la separadamente sem necessariamente ter que mexer com toda a história de vida da pessoa. Essas escolas de pensamento estão fortemente representadas na orientação profissional e de carreira em nível mundial, e dentro desta lógica, podemos pensar que a construção do projeto teria mais relação com autoconhecimento, poder de agência e autorregulação, a fim de promover uma maior chance de controlar o futuro pelo conhecimento e pela ação no mundo gerada por este conhecimento.

Mesmo não sendo a linha de raciocínio que guia a definição conceitual do projeto na presente tese, reconhecemos que algum controle sobre o futuro deve ser levado em conta na construção do projeto. No entanto, não cabe ao orientador mesmo levá-lo à cabo, isto é, dar uma garantia que esse controle existirá. Isso porque para nós o que pauta esse suposto controle não é prioritariamente os fatores psicológicos como autoconhecimento e agência, e sim os determinantes metapsicológico e psicossociais.

Sobre isso, o escritor Eric Hoffer traz a ideia de que "a única forma de prever o futuro é ter poder para formar o futuro". Ou seja, quanto mais poder sobre os determinantes sociais do presente uma pessoa tem, mais ela consegue estabilizar o futuro de acordo com sua preferência, aumentando seu poder de previsibilidade sobre este – mesmo que nunca em sua totalidade.

É incorreto afirmar que o futuro está totalmente aberto e indeterminado. Isso seria descolá-lo do presente, portanto da realidade, e somente beneficiaria quem tem maior poder de propiciar a si mesmo estabilidade e continuidade nas relações de trabalho e

educação. Ao mesmo tempo, a previsibilidade total não é possível, e isso em todos os casos. Assim, não se pode esperar a superação da indeterminação para ser possível construir projeto sobre o futuro. “Acolher a incerteza não é um problema, é uma maneira de estar no mundo” (Emerson Rasera, comunicação pessoal, 27 de novembro de 2020), maneira esta cada vez mais generalizada no contemporâneo. Assim, a incerteza e a indeterminação, “longe de operar uma inibição de projetos, participam de sua dinâmica, da objetivação de conflitos que, muitas vezes, os iniciam nas estruturas sociais e nos percursos biográficos dos sujeitos” (Baubion-Broye & Blanc, 2001, p. 2).

Como tentativa de síntese entre a previsibilidade e a indeterminação, é possível afirmar que o futuro é previsivelmente indeterminado, e ao mesmo tempo, cabe às ciências, nas quais se inclui a orientação profissional e de carreira, estarem determinadas a colaborar para maximizar a sua previsibilidade. No caso da construção de projeto, esses são dois limites que devem estar claros para o orientador:

> Quando o problema é construir um projeto profissional, a incerteza sobre o futuro é central. No projeto profissional, a perspectiva temporal do futuro se reflete na construção de um futuro profissional que o sujeito pode representar (Depolo et. al., 2001, p. 3).

Quando nos colocamos a fazer uma narrativa sobre o futuro, mais precisamente sobre nós no futuro, necessariamente nos colocamos a falar em perspectiva, e não em fatos únicos e necessários. Essa *narrativa perspectiva* alia dados da realidade e da imaginação, colocando-a como algo “entre a ficção e documentário, entre o mundo possível e o mundo necessário” (Dunker, 2019a, p. 216).

Essa posição mais perspectiva que factual diante do futuro não é opcional, senão necessária, porque ao falar do futuro necessariamente incluímos a chave temporal como condição possível para definir um determinado conjunto de coisas que ainda não são fatos

cumpridos. Há, na natureza da narrativa de futuro, uma indeterminação perspectiva (Dunker, 2019a).

Esse processo narrativo, por motivo de impossibilidade, não é exaustivo diante do futuro. Mesmo uma narrativa muito completa, que abarque os diversos âmbitos da vida psíquica e social da pessoa, passando por seus desejos e seus recursos materiais, será incapaz de cobrir de certezas tudo o que será o futuro, sobrando, necessariamente, alguma fração imponderável.

Não é possível nem sequer mensurar essa fração, se é uma porção grande ou pequena daquilo a que nos destinamos. Então qual é a função de uma narrativa do futuro? Uma boa narrativa vai fornecer consistência o suficiente para cobrir o futuro com um percurso desejado e prospectivamente realizável, mas não vai garantir que ele se realize exatamente como imaginado. Por isso, a narrativa de futuro não pode ser totalmente imaginária e rígida. Precisa ser "suficientemente boa", para utilizar uma paráfrase do conceito de Winnicott (1993) da mãe suficientemente boa, que é a função materna que consegue suprir as necessidades no filho ao mesmo tempo em que lhe dá espaço para explorar o mundo e vivenciar experiências de espera e frustração.

No caso da narrativa, deve haver espaço para seu autor, futuramente, acomodar a frustração da diferença entre a cena fantasiada-narrada à época da construção do projeto e a realidade como foi concretizada. O projeto tira a pessoa da angústia do vazio diante de seu futuro, mas de maneira alguma a coloca em um registro de completude ou certeza diante dele.

Posta a característica de ser previsivelmente indeterminada, a construção do futuro não pode ser feita somente a partir de fatos concretos, e muito menos prescindir deles. Em ambos os casos, o projeto ficaria estruturalmente frágil, pois nem concretude nem

abstração puras se sustentam na indeterminação do futuro. Por isso, cabe discutir se o projeto, enquanto nomeador do futuro, se trata de uma realidade ou de uma obra de ficção.

Realidade e ficção

> Lembrar e projetar. As duas realidades. Uma terceira: a realidade poética. Sofismo e subjetivismo. Consistência com incongruência.

Como já foi dito, sem o passado não existe o futuro, do ponto de vista da experiência humana, pois tudo o que projetamos no porvir necessariamente advém do que passou. Se o ato de falar do passado é lembrar, o ato de falar do futuro é projetar. Isso não significa que somente é possível falar do futuro se a pessoa tiver construído um projeto. Este é uma maneira de falar do futuro, com uma elaboração estrutural especifica. O ato de projetar, ou seja, fazer projeções, não implica automaticamente em se ter um projeto.

Essas projeções incluem imagens e palavras que descrevem a própria pessoa que projeta e seu contexto social. Assim como Bohoslavsky (1977) propôs que ao escolher não definimos somente o que queremos fazer, e sim quem queremos ser, no ato de projetar há o lançamento de uma imagem da própria pessoa no futuro, quem ela será, o que vai fazer e querer. Esse exercício imaginário sobre si é acompanhado, mais fortemente no caso da projeção do que da escolha, de imagens sobre lugares, cenários, personagens e enredos, enfim, de uma estrutura narrativa.

Todos esses elementos projetados são advindos da realidade externa e da realidade interna da pessoa no tempo presente. Dessas duas realidades (que incluem as fantasias, desejos, sintomas, interesses, habilidades, gênero, raça, classe social, recursos financeiros, redes de contato, para citar somente alguns itens) destacam-se elementos que, rearranjados, serão lançados ao futuro de uma forma mais ou menos narrativa. Dessa

maneira, é possível dizer que *o futuro projetado é uma ficção baseada em realidade*[16]. Em grande medida, o processo de orientação profissional e de carreira se desenvolve em torno "da criação de uma história sobre o eu visto a partir de uma perspectiva futura" (Bangali & Guichard, 2012, p. 189).

Essa base na realidade precisa existir nesse processo de criação, pois, assim como no caso da memória sobre o passado, se abstido dos fatos reais, o projeto perde seu efeito subjetivante. Ele deve ser uma ficção que precisa ter um efeito sobre o presente da pessoa que não seja de aumento de alienação ou afastamento da realidade. Ao contrário, ele deve ajudar a pessoa a ter mais condições de promover as alterações nas realidades material e psíquicas necessárias para que sua realidade futura seja mais próxima daquela imagem que ela deseja para si e para seu mundo. Se, nas palavras de Paulo Freire (1979), a conscientização é tomar posse da realidade, é a partir dessa posse que é de fato possível construir uma ficção do futuro, chamada de projeto, que faça efeitos de realidade sobre a vida da pessoa.

Nesses termos, o projeto é aquilo que está entre a ficção (uma vez que versa sobre o não realizado) e a realidade (uma vez que tudo o que é projetado adveio desta). Mas, de nada adianta ser uma ficção baseada em realidade se o projeto não fizer efeitos de realidade sobre a pessoa. Esses efeitos devem ser análogos aos efeitos que as duas realidades fazem.

Assim como a sua realidade interna ou psíquica e a realidade externa ou material determinam suas condições de existência no mundo (como recursos econômicos, lugar social, construção de ideias, identidade, percepção de si, desejos e motivações), o projeto

[16] Essa ideia será explorada em maior profundidade na Parte 4 dessa tese, na discussão da relação entre narrativa e fantasia.

pode entrar em cena como uma terceira realidade, construída a partir das outras duas, mas não contidas nelas: uma realidade fabricada, desenhada de forma ficcional-realista, mas que faz efeitos de determinação assim como as outras realidades[17].

Essa criação humana pode ganhar o estatuto de realidade não do ponto de vista metafísico, pois sendo relativa ao futuro, não tem uma ontologia. Mas, por dois motivos: primeiro, por seus efeitos de determinação sobre a pessoa, influenciando suas atitudes e percepções de si e do mundo assim como as duas outras realidades o fazem; e segundo, por seus elementos serem todos provenientes das outras duas realidades. Seu caráter é ficcional porque é uma construção sobre o futuro, este sendo aberto e indeterminado. Assim como o futuro sempre tem lastro no passado, o projeto é uma ficção que sempre deve ter lastro na realidade.

O projeto pode se constituir, assim, como uma terceira realidade, que não é nem interna, nem externa, ou seja, não está nem "dentro" nem "fora" da pessoa. Ela está à frente da pessoa: é projetada. E ela não é nem psíquica, nem material, e por isso, não é nem atemporal (como o inconsciente) nem determinada historicamente por seu passado (como o mundo material)[18]. Ela é sim composta a partir de elementos internos e externos (ou psíquicos e históricos), mas é fundamentalmente uma criação. Tomando o radical grego *poiesis*: o projeto é uma realidade poética.

---

[17] Novamente aqui chamamos atenção para o papel central que o conceito de fantasia cumpre nessa linha argumentativa, o que será exposto mais longamente na Parte 4 dessa tese.

[18] Sobre isso, Kaës (1997) propõe a existência de formações intermediárias que não estariam totalmente contidas nem na realidade psíquica nem na realidade material. O autor resgata na obra freudiana a ideia de grupalidade psíquica (grupo interno) pensada como capacidade associativa (ligação), que seria a base do aparelho psíquico. Ele define as formações intermediárias como: "... as formações e processos psíquicos de ligação, de passagem de um elemento a outro, seja no espaço intrapsíquico (formação de compromisso, pensamento de ligação, Eu, metáfora...), seja no espaço interpsíquico (mediadores, representantes, delegados, objetos transicionais, porta-voz...) seja na articulação entre esses dois espaços. Sua função é tornar possível a continuidade da vida psíquica, sua complexidade, sua regulação, sua representação por ela própria (auto-representação) e sua representação para outros sujeitos (alo-representação)" (Kaës, 1997, p. 224).

Esse radical é trazido por Aristóteles para conceituar a ação humana que não se trata nem da produção de conhecimento teórico, nem prático (Besnier, 1993). Ou seja, não busca nem a descoberta e conceituação da realidade o mais próximo de como ela é (teoria), nem busca intervir na realidade de maneira a solucionar da melhor maneira possível os problemas que ela traz (*práxis*). A *poiesis* é a ação que produz criação humana, buscando expandir a realidade e seus problemas a partir de sua expressão, da imaginação e da palavra (Besnier, 1993).

A orientação profissional e de carreira, enquanto um meio de construir um projeto, mesmo embasada em teoria e técnica, consiste em uma atividade fundamentalmente criativa, uma vez que nela orientador e orientando colaboram para produzirem novas perspectivas e a partir delas elaborarem estratégias e planos de ação em direção a futuros preferidos (Watson & McMahon, 2020). Essa criação é inerente ao processo, pois sem ela não é possível produzir as "conexões, temas e padrões dentro e entre histórias de vida de trabalho da pessoa, a partir das quais podem ser extraídas pistas para a suas histórias futuras" (Watson & McMahon, 2020, p. 45). Assim, ter um projeto é incluir uma terceira realidade nas determinações do nosso presente.

Mas, alguns cuidados devem ser tomados nesse campo híbrido da realidade poética, ou da ficção baseada em realidade, sobre o futuro. Sendo o projeto a estrutura que é tanto produto como produtora dessa realidade poética, corre-se o risco de o produto final de uma orientação profissional e de carreira se constituir com um sofisma, ou seja, uma manipulação do discurso a fim de produzir um efeito mais desejado independente da "verdade" (Schöpke, 2010). Entende-se a verdade a que temos acesso como uma produção humana, portanto sempre provisória e conformada aos recursos de um contexto cultural e temporal específicos (Duarte, 2019). No entanto, no sofisma abre-se mão de

haver uma correspondência necessária entre o discurso produzido e os objetos que compõe esses recursos contextuais de época e lugar (Foucault, 2010). Isso pode aparecer na orientação profissional e de carreira quando se formula uma narrativa de futuro que não presta nenhuma conta às condições materiais e sociais do orientando ou à realidade educacional e ocupacional que o cerca. Tampouco se fundamenta na realidade psíquica da pessoa, se limitando a se erigir somente sobre constructos psicológicos aferidos pela via da técnica. O que protege o projeto de ser um sofisma é um elevado nível de compromisso com ambas as realidades.

Esse compromisso precisa ser *consistente* o suficiente para tornar o projeto exequível, mas, ao mesmo tempo, precisa ser *incongruente* o suficiente para proporcionar o movimento de mudança que a imagem de futuro diferente do presente busca. Quando mais incongruência há entre a narrativa de futuro da pessoa e a suas realidades presentes, mais o projeto precisa contar com planos de ação detalhados e bem desenvolvidos que aumentem suas chances de realização. É a dimensão operativa do projeto que pode dar consistência para a criação de futuro um tanto incongruente com o presente, futuro este que a pessoa criou em seu projeto (Ribeiro, 2014).

O futuro narrado via projeto, então, não pode ser somente subjetivista. Deve haver em sua construção saberes referentes aos objetos da realidade material propriamente dita. Esse saber é chamado de informação profissional. Mesmo que reconheçamos que toda informação é representada pela forma como a pessoa percebe o mundo, o âmbito dos saberes sobre a realidade objetiva deve estar presente na formulação da realidade poética do projeto. O futuro é subjetivista no sentido de que ele não existe em si ou por si mesmo, sempre dependendo da projeção de uma subjetividade humana para ser concebido. Já o projeto, para ser considerado uma realidade poética, não pode parar nesse nível: tem necessariamente que ter uma dimensão subjetiva e uma operativa.

Assim, “a carreira relaciona o passado e o presente com o futuro, incluindo o planejamento e antecipação do futuro, e também aborda como o futuro motiva a ação e a construção de sentido no presente” (Collin & Young, 2000, p. 1). Nesses termos, o processo de orientação profissional e de carreira se trata de “ajudar os clientes a identificar perspectivas futuras desejáveis”, consistindo sempre em uma dupla tarefa: “que essas perspectivas possam dar sentido às suas vidas”, e que “sejam especificados os meios para alcançá-las” (Pouyaud et al., 2016, p. 3).

Então, tomadas todas as características expostas até aqui, podemos conceituar o futuro como sendo: 1) aquilo que não cessa de não acontecer; 2) necessariamente derivado do passado, mas não fadado a ser sua reprodução automática; 3) uma transcendência em meio à imanência do presente, portanto originado nas ações feitas nesse tempo; 4) nunca totalmente original nem passível de ser totalmente pressuposto, pois é previsivelmente indeterminado; 5) e o que se constrói sobre ele tem um caráter de ficção que, se embasada extensivamente nas realidades psíquica e material, pode se constituir como uma realidade poética que contribui para determinar e dar sentido para o presente da pessoa.

Dadas essas características do futuro, vamos analisar como elas aparecem na experiência humana sobre esse futuro.

Experiência de futuro

> Experiência humana do tempo. A Perspectiva Temporal. Uma estrutura sobre o futuro. Caráter teleomônico. *Gestalt* e *continuum* temporal.

Conforme mencionado no início desse capítulo, não pretendemos fazer um estudo sobre o tempo, e sim sobre a experiência humana sobre o tempo, mais especificamente

sobre o futuro, pois este é um pilar fundamental para o trabalho com o objeto da orientação profissional e de carreira.

A maneira como a pessoa se orienta na linha temporal afeta diretamente a sua maneira de experimentar o mundo. Há, por exemplo, estudos na perspectiva sócio-cognitivista que propõem o construto psicológico chamado *Perspectiva Temporal* (TP) (Zimbardo & Boyd, 2008). Eles geram categorias a partir da maneira como os processos cognitivos se direcionam às diferentes partições do tempo, como, por exemplo, passado-negativo e passado-positivo, e presente-fatalista e presente-hedonista (Zimbardo & Boyd, 1999).

O estilo de experiência de tempo de cada pessoa faz com que algumas coloquem mais ênfase no passado, no presente ou no futuro para filtrar sua percepção sobre os acontecimentos. Corral-Verdugo, Fraijo-Sing e Pinheiro (2006) nos dão um exemplo sobre como isso ocorre:

> Por exemplo, quem tem uma orientação presente tem a capacidade de aproveitar o momento, sem se distrair com as dificuldades do passado ou com preocupações futuras. Outros são orientados para o passado, no sentido de que gostam de lembrar eventos positivos que experimentaram antes ou são constantemente perturbados por experiências negativas do passado. Por sua vez, aqueles com uma orientação futura marcada são bons em estabelecer e alcançar metas e em planejar estratégias para cumprir obrigações de longo prazo (p. 140).

Essa experiência, seja em que estilo for vivenciada, é eminentemente humana, mais do que física ou biológica. Para Santo Agostinho, o tempo tem uma natureza psicológica, já que ele só pode ser definido e medido a partir da interioridade da alma do homem (Vieira, 2001). No entanto, essa experiência não pode ser compreendida a contento somente no campo das ideias, pois como a própria etimologia do termo "experiência" implica, para ela se perfazer são necessários os elementos externos

(partícula "*ex*") que colocam o ser humano na fronteira com a materialidade (partícula "*peri*"). Assim, mesmo que a experiência do tempo seja vivida no campo das ideias, ela se dá sempre em contexto, que nada mais é do que o conjunto de tudo aquilo que está contido na dimensão física do tempo. A experiência de tempo é uma forma do ser humano se organizar sob esta dimensão:

> Para este fim, falar em termos de linearidade ou presente, passado e futuro como verdades absolutas ou como coisas que 'são o que são' não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Cada indivíduo organiza o tempo em uma linha, na qual seus próprios pontos de referência são introduzidos; pontos que servem de base para a construção desse indivíduo (Duarte, 2017, p. 514).

Todos nós, inevitavelmente, "nas asas do tempo estamos indo", como disse Paulo Cesar Pinheiro em sua música "Viagem". Então, todos nós nos construímos dentro de uma linha temporal, traçada e medida a partir de nossas experiências. Essas marcas têm um valor maior do que uma simples medição: é a partir delas que nos constituímos subjetivamente.

> A temporalidade tecida de uma sequência de instantes que comandam sucessivos impulsos à ação, não sustentados pelo saber que advém de uma prévia experiência de duração, é uma temporalidade vazia, na qual nada se cria e da qual não se conserva nenhuma lembrança significativa capaz de conferir valor ao vivido (Kehl, 2009, p. 116).

Assim, a experiência de tempo teria uma dupla função: a de coordenar e de integrar as atividades humanas e a de fornecer uma "consistência pessoal constituída por um encadeamento de acontecimentos sucessivos que se organizam a partir de uma sequência irreversível, fornecendo a experiência de continuidade" (Maia & Mancebo, 2010, p. 381). Essa consistência, palavra que lembra materialidade, é dada pela existência

coordenada desses acontecimentos. Os acontecimentos estão para o tempo assim como os objetos estão para o espaço:

> Na experiência humana, entretanto, o tempo não aparece como uma sucessão de agoras ou uma série de instantâneos. Nem o tempo aparece como um fluxo contínuo indiferenciado. Nossa consciência do espaço é totalmente dependente de nosso conhecimento das relações entre os objetos no espaço. E da mesma maneira que experenciamos o espaço em termos de objetos, temos consciência do tempo em termos de eventos - coisas que ocupam, ou ocupam, tempo. Nossa experiência de tempo é estruturada e configurada em unidades significativas (Polkinghorne, 1991, p. 139).

Essa consistência espacializada que atribuímos ao tempo ultrapassa o presente, e se lança ao futuro. Isso porque a experiência humana do tempo não é definida pela tripartição abstrata entre passado, presente e futuro, mas sim como o presente das coisas passadas, presente das coisas presentes e presente das coisas futuras (Vieira, 2001).

Como já explicitado, esse "lançamento de coisas" é sempre feito a partir do presente, e tudo o que é lançado ao futuro é retirado do passado. Ao "cair" no futuro, essas projeções não formam fatos e certezas, mas sim uma criação embasada na experiência de passado e presente, e dessa forma pode ser uma estrutura tal que faça um efeito de realidade sobre a pessoa. Essa maneira de experimentar o futuro é o que chamamos de projeto.

Mas, não é a única maneira. Isso porque não é o projeto que cria o futuro. Ele cria uma estrutura sobre o futuro, a fim de para lá lançar elementos em um arranjo trabalhado. Independente desse processo, o futuro se mantém transformando-se em passado: "entrar no futuro não é um trabalho fácil. Tipicamente o futuro entra em nós. E aí tipicamente é tarde demais: já nos tornamos nele" (Mendonça, 2019, p. 126).

Assim, a experiência de futuro não é sinônimo de ter um projeto para o futuro. Essa dimensão temporal se faz presente na configuração da experiência humana como um todo, seja ela sobre o passado ou sobre o presente:

> O tempo experimentado é tempo estruturado e configurado. Nossa experiência é direcionada para, e ela mesma assume, formas estendidas temporalmente nas quais futuro, presente e passado se determinam mutuamente como partes de um todo. Nossa vida consciente consiste em episódios configurados temporalmente ou experiências vividas (Polkinghorne, 1991, p. 141).

Ou seja, a experiência de futuro influencia as demais experiências de tempo. Ginger e Ginger (1995), desde a perspectiva da Gestalt-terapia, consideram que os comportamentos humanos são causados tanto pelo passado como pelo futuro. Esta perspectiva teleológica de causalidade se justifica pela ideia de que há uma diferença entre os fatos vividos e as experiências sobre os fatos vividos, e isso vale tanto para o passado como para o futuro. Assim, mesmo sem haver (ainda) fatos no futuro, já há uma experiência sobre esse tempo, e é esta que influencia o estado presente: "a objetividade nos obriga a reconhecer o caráter teleonômico dos seres vivos, a admitir que, em suas estruturas e desempenhos, eles realizam e perseguem um projeto" (Ginger & Ginger, 1995, p. 110).

> Pensar sobre o futuro é essencial para a ação do homem. A reação é possível sem esse pensamento, mas não a ação, porque a ação requer antecipação. Portanto, imagens do futuro (objetivos, intenções, esperanças, medos e aspirações) são partes das causas das ações do presente (Gabriel, 2008, p. 37).

Esta ideia coloca a hipótese de que o futuro pode alterar não somente o presente, como também o passado. Novamente, nessa afirmação não se trata dos fatos vividos – os do passado não se alteram e os do futuro não existem como fatos. Mas, à medida que o futuro vai se tornando presente, novos elementos entram na linha temporal e podem

reconfigurar o sentido de elementos que foram vividos muito anteriormente em relação aos novos:

> Se os acontecimentos não são rigorosamente governados pelos impulsos e pressões do passado, não poderiam ser influenciados, de alguma forma, pela "tração" do futuro, que é uma forma de dizer que a meta poderia ser um fator físico concreto da evolução do universo? (Ginger & Ginger, 1995, p. 110).

Além disso, ao provocar alterações na experiência de futuro, como, por exemplo, a construção de um projeto, a experiência de passado pode ser provocada a sofrer alterações que reconfiguram o todo da experiência humana do tempo, e não somente uma ou outra parte. Por isso, passado, presente e futuro são sempre experimentados como uma *Gestalt*:

> A experiência temporal humana consiste em extrair-se do fluxo contínuo de padrões episódicos sucessivos, marcando os pontos inicial e final. Ligar eventos em um episódio unificado os tira de seus arredores temporais e produz um todo que é articulado internamente em suas partes contribuintes. Essa configuração cria uma relação temporal parte-todo através dos quais os eventos são apreendidos como *Gestalten* temporais (Polkinghorne, 1991, p. 140).

Dessa forma, reconfigurações da experiência do futuro também podem fazer efeitos de reconstrução de identidade e reconhecimento social, não sendo, portanto, um processo somente cognitivo. Sobre isso, Sools, Tromp e Mooren (2015), ao analisarem cartas ao futuro escritas por jovens, identificaram cinco processos narrativos envolvidos na imaginação do futuro. São eles: imaginar, avaliar, orientar, expressar emoções e dialogar.

Percebe-se que, lado a lado, há processos mais subjetivos como a imaginação, processos mais cognitivos como avaliação e orientação, assim como processos mais relacionais como expressão de emoções e diálogo. Imaginar o futuro é um processo

complexo pois envolve necessariamente âmbitos afetivos, racionais e relacionais. Todos esses processos humanos coordenam a constante reconstrução da história de vida de passado e, por que não, de futuro:

> Logo, na experiência humana, e somente nela, se encontram essas grandes linhas demarcatórias entre ontem, hoje e amanhã que, seguindo uma lógica sequencial, fornecem um sentido de *continuum* à diversidade de vivências pessoais que, unidas, formam uma história de vida (Maia & Mancebo, 2010, p. 381).

Esse *continuum* entre experiências de passado, presente e futuro, agrupadas no termo experiência de tempo ou temporalidade, é a chave conceitual que permite à orientação profissional e de carreira ser uma ciência-aplicada que convida a pessoa a deslizar no tempo, a fim de revisitar, reencontrar experiências que possibilitarão uma visita e um encontro com seu futuro projetado.

Para que essa conceituação sobre a experiência de futuro não fique somente abstrata, é necessário localizá-la no mesmo campo no qual todos os outros conceitos trabalhados nessa pesquisa – projeto, narrativa e fantasia – serão localizados. Em seguida analisaremos como a experiência de futuro é construída psicossocialmente.

Construção psicossocial do futuro

> De abstrato a corporificado. Pessoa, contexto e futuro. Escola e projeto errante. Vulnerabilidade e futuro. Resistência ao efêmero.

O tempo, e junto com ele o passado, presente e futuro, podem ser definidos na forma de conceitos abstratos. No entanto, somente esse nível de definição nos ajuda pouco enquanto orientadores que têm um compromisso com uma ciência-aplicada que visa atender às pessoas, ou seja, efetuar operações no mundo.

Esse caráter operativo da orientação profissional e de carreira faz com que ela precise, muitas vezes, traduzir conceitos abstratos em corporificados (Marcelo Ribeiro, comunicação pessoal, 2020). Para isso, se utiliza do arcabouço metodológico das ciências, incluindo aqui a psicologia, como busca por evidências, análises narrativas e contextualização sócio-histórica.

Sobre o tempo, não pode ser diferente. É necessário que se corporifique o conceito de tempo, e para isso escolhemos fazer uma discussão contextual, a fim de localizar mais especificamente a experiência de futuro no campo psicossocial. Essa escolha se dá pelo reconhecimento de que o desenvolvimento profissional é influenciado tanto por elementos advindos da pessoa e de suas construções e expectativas sobre o futuro quanto por elementos mais objetivos que marcam sua trajetória de vida e de trabalho (Fernandes, Mourão, & Gondim, 2019).

Dito isso, uma análise psicossocial da experiência de futuro é especialmente relevante porque a orientação profissional e de carreira se desenvolveu em uma época em que "o tempo biográfico encontrava-se escandido [no sentido de escalonado] nas etapas de uma carreira ou de um percurso na realização de determinada atividade produtiva" (Dib, 2006, p. 192), e em que "trabalhar, em boa parte do século XX se resumia, basicamente, a ter uma boa formação, conseguir um bom emprego e mantê-lo até o final da vida numa situação que possibilitava uma certa previsão do futuro" (Ribeiro et al., 2016, p. 15). Esse é um cenário cada vez mais raro, que tem convocado nossa área a se atualizar não somente do ponto de vista técnico, como também teórico.

Assim, sendo a experiência de futuro uma experiência humana, partimos de dois pressupostos: primeiro, está inscrita pela via dos três registros da experiência propostos por Lacan (1953a); segundo, é uma construção psicossocial, tendo, portanto, suas

determinações na relação entre pessoa e meio social, e não somente na psicologia do indivíduo.

Sobre o primeiro ponto,

> A pura passagem do tempo em direção à morte de todas as coisas, esse transcorrer inexorável, anterior ou independente de sua regulação social – esta que Freud afirma não ser passível de representação psíquica, a não ser pelo recurso à espacialização – pertence ao registro do Real (Kehl, 2009, p. 127).

Isto é, o tempo enquanto abstração, independente do corpo humano que o concretiza, é da ordem do Real, e por isso não se inscreve na experiência humana. Para que ocorra esse registro, o ser humano lança mão de recursos imaginários e simbólicos que fazem um tratamento alusivo a esse Real. Então, tudo o que a pessoa experimenta em relação ao seu passado e ao seu futuro são produções imaginárias e simbólicas: isso inclui os pensamentos e ideias, as formulações de identidade e reconhecimento, os desejos e objetivos que projeta para seu futuro.

Esses registros não são criações individuais, ao contrário: somente fornecem sentido para a pessoa na presença de um outro. Aqui entramos no segundo ponto, que é a necessidade da experiência de tempo ser entendida desde o campo psicossocial, isto é, não se abreviar em uma descrição somente psicológica dessa experiência:

> A perspectiva do tempo é uma dimensão fundamental na construção do tempo psicológico, que inclui aqueles processos cognitivos que classificam a experiência humana em "compartimentos" passados, presentes e futuros. (...) A perspectiva do tempo é aprendida e modificada pelo pessoal, social e fatores institucionais (Corral-Verdugo et al., 2006, p. 378).

É a pessoa em seu contexto que vai se haver com o futuro, que também não é só dela: vai acontecer também em um contexto futuro. Todos os elementos que lançamos ao futuro vão cair em uma estrutura imaginária sobre este, mas quando esse tempo chegar e

se tornar presente, todos eles estarão contextualizados em uma cultura e conjuntura que é maior que os aspectos psicológicos da pessoa. Esse processo acontece desde seu o nascimento:

> Pensar sobre o futuro e sobre um projeto de vida não é algo inato; é, na verdade, estimulado e instigado a partir dos discursos produzidos nas práticas institucionais que, por sua vez, constituem as subjetividades. Sendo a família a instituição primeira na vida de um ser humano, as relações que aí se estabelecem serão a base para se pensar em todas as outras relações institucionais posteriores a esta (Pini & Valore, 2017, p. 111).

Assim, a pessoa define suas formas de se relacionar com o mundo do trabalho em um presente que contém um futuro que é baseado nos modelos sociais em que ela está (Veinsten, 2006), portanto lhe pertence e à qual pertence:

> A perspectiva temporal do futuro pode sofrer algumas modificações em função de situações sociais mais ou menos favoráveis. Uma determinada experiência social pode, portanto, contribuir para a formação de diferentes concepções de futuro e para o surgimento de comportamentos relacionados (Ambrosino, 2003, p. 5).

No caso das instituições contemporâneas, esse modelo está fortemente atrelado à responsabilização individual, onde em cada pessoa está colocado o peso do sucesso ou do fracasso em relação às suas realizações futuras (Veinsten, 2006).

Esse viés individualista sobre a experiência de futuro tente a se configurar desde a infância, sobre as crianças. A escola, por exemplo, é um lugar social privilegiado para despertar a imaginação em relação ao futuro da vida profissional da pessoa (Drabik-Podgórna & Podgórny, 2006), pois é a única instituição social em que o erro é não somente esperado como constitutivo. Não existe escola sem pessoas errando dentro dela, de forma mais livre para ensaiar o pensamento e a prática do que em qualquer outro lugar em nossa sociedade.

Ora, diante do futuro, o erro também é constitutivo, pois não há hipótese de garantia de antecipação plena do porvir. A ideia de se trabalhar a experiência de futuro via construção de projeto dentro da escola deve entrar nessa mesma chave, de uma criação que deve *errar* – aqui em seu pleno duplo sentido de equivocar-se e de perambular de forma exploratória. Heidegger considera o futuro como uma errância da não-verdade (Ribeiro, 1998b). Como coloca o escritor Jules Renard, o projeto é um rascunho do futuro.

Mas, não é isso o que têm se verificado, em geral, nos trabalhos de Projeto de Vida para alunos de Ensino Médio, pois o foco acaba recaindo sobre a replicação do discurso individualista da corrida para o sucesso (Pereira, 2019), onde não há espaço para o erro. Caso a instituição escolar adira ao tabu do erro ou do fracasso (Pépin, 2016), no qual este é motivo de vergonha ou até estigmatização, adotará a noção de projeto nessa outra chave, a da certeza, da eficácia como constituição central, ou da tentativa de garantia de caminho certo de futuro.

Sobre isso, Bohslavsky (1997), ao refletir sobre as relações entre professores e alunos, coloca a seguinte ideia que se aplica no caso da construção de projeto como tema escolar:

> Parece que grande parte da relação entre professores e alunos consiste em desatender sistematicamente, ignorar continuamente o que se desconhece para que assim se possa trabalhar sobre o conhecido e seguro. Define-se, assim, uma forma de perpetuar o velho e conhecido e não uma maneira de indagar sobre o desconhecido (Bohoslavsky, 1997, p. 328).

O perigo de tratar a experiência de futuro dos jovens nessa chave, além de perder a chance rara em nossa sociedade de permanecer como ensaio, é correr o risco de comprimir o potencial do que poderia ser vivido pelo jovem ao constringir sua imaginação sobre si em nome de uma adequação a um discurso social oficial, genérico e

dessubjetivante, travestido de palavras como o “sucesso, êxito e vencedor”. Esse é o mesmo vocabulário que está presente extensivamente no mundo adulto do trabalho.

Isso causa uma dupla consequência: a experiência de futuro se esvazia ao ser apresentada como factual mais que criativa; e a experiência de presente se torna superinvestida, limitando as possibilidades de mobilidade tanto subjetiva como social:

> Lipovetsky e Serroy (2011) dizem que a projeção da vida em direção ao futuro teve uma mudança radical na contemporaneidade, pois, de forma contrária ao projeto social configurado ao longo do século XX, a supervalorização do futuro tem cedido lugar ao superinvestimento no presente e a curto prazo, há uma preocupação precoce com o futuro, conforme aponta Birman (2006), e uma vivência no presente com grande dificuldade de projetar o futuro pela ambiguidade das referências e modelos adultos disponíveis (Ribeiro et al., 2016, p. 21).

Esse processo de esvaziamento do futuro e abraçamento com o presente também ocorre com os adultos que têm que se haver com momentos de transição profissional. Para estes, além do tabu do fracasso, pesa o fato de no contemporâneo ser o tempo de trabalho aquilo que tende a organizar toda a experiência temporal da pessoa. As tarefas e compromissos cotidianos atuam com marcos temporais no presente, ajudando a construir o tempo diário, geralmente marcado pela percepção de falta de tempo, expressa pela sensação de sempre estar com pressa e em palavras como “correria”.

O que faz esse papel de marcador temporal no futuro acaba sendo as metas e objetivos estabelecidos pela pessoa:

> Fraisse (1957/1967) considera a perspectiva temporal do futuro como a representação de acontecimentos, organizados de acordo com planos de sucessão, e permitindo a antecipação do futuro. O futuro é, portanto, construído por meio do desenvolvimento de metas e sua localização temporal. O conteúdo da perspectiva temporal (sua densidade) e sua extensão (linha do horizonte) são

> reveladores das motivações, interesses e preocupações de um sujeito, em um dado momento (Ambrosino, 2003, p. 5).

Construir uma experiência de futuro a partir de metas e objetivos é um fenômeno da modernidade que se mantem (e em alguns casos se intensifica) no contemporâneo, quando o futuro passa a ser uma preocupação mais constante:

> A fim de adaptar-se a esse tempo [prospectivo], esboça-se o projeto, visando antecipar e prever o estado futuro. A influência do futuro sobre a vida dos indivíduos passou a ser relevante a partir do advento da modernidade. A preocupação com o tempo prospectivo e com a antecipação dos acontecimentos são características de uma sociedade que se configurou nas metrópoles no final do século XIX (Almeida & Magalhães, 2011, p. 209).

Há um acrônimo em inglês utilizado para descrever esse mundo contemporâneo em relação ao tempo que é o *vuca* – volátil, incerto, complexo, ambíguo (Whiteman, 1998). Essas são todas características intrínsecas ao futuro: ele sempre foi assim, mas no contemporâneo a percepção dessas características cresceu exponencialmente, sendo que a vivência em nossa época fica marcada por uma intensificação da experiência de ruptura (Rolnik, 2002). Parece que as características da natureza do futuro invadiram o presente, recaracterizando a experiência de se estar no presente: "quando se coloca o centro de gravidade da vida não na vida, mas no 'além' – no nada –, tira-se da vida o seu centro de gravidade" (Temple, 2007, p. 103).

Nesse cenário, a orientação profissional e de carreira tem se desenvolvido mergulhada nessa sociedade que visava antecipar o futuro volátil, incerto, complexo e ambíguo através da vivência no presente de um tempo prospectivo. A ajuda que coube ao orientador dar à pessoa para ela planejar e tomar decisões sobre a sua carreira ganhou a conotação social de também fazê-la "sentir que tem controle sobre o seu futuro". (Savickas & Hartung, 2012, p. 1). A ênfase aqui é na palavra "sentir", uma vez que o

controle factual sobre o futuro é um fator que escapa à possibilidade de garantia por parte do orientador.

A atribuição ao orientador de ajudar a pessoa a sentir que tem controle sobre o futuro se explica pelo aumento da instabilidade e consequente imprevisibilidade que o mundo do trabalho vem experimentando mais intensamente a partir da metade do século XX. Isso marca profundamente a experiência de futuro das pessoas que, muitas vezes, acaba sendo registrada ou pela ansiedade, ou pela desistência:

> A imprevisibilidade da contemporaneidade parece contagiar os jovens no momento de construção do futuro profissional, já que não relatam preocupação com o planejamento do amanhã. Afirmam não se programar para longo prazo, o que nos leva a pensar que o não-planejar se constitui como um modo de se relacionarem com as incertezas do devir. Os jovens se encontram em um contexto no qual são levados a construir suas biografias em um território que não oferece garantias sobre o futuro. A experiência de flexibilização das relações torna as vivências episódicas e fragmentárias, que são introjetadas pelos jovens e revelam-se no discurso que enaltece as liberdades individuais (Souza & Castro, 2014, p. 175).

Em contextos de maior vulnerabilidade, o trabalho apresenta mais aspectos negativos do que oportunidades de autorrealização e reconhecimento social (Ribeiro et al., 2020). Construir sentido para a vida profissional nesse cenário está mais atrelado ao apoio familiar no presente, por exemplo, do que a objetivos lançados no futuro. Aqui cabe à orientação profissional e de carreira, ironicamente, fazer uma escolha: corroborar com a naturalização da instabilidade e precariedade do trabalho, alimentada pelo engodo da ideologia individualista, ou fazer resistência a isso, se posicionando politicamente a favor dos processos emancipadores e subjetivantes na educação e no trabalho. Isso porque:

> Por um lado, esta situação [de precariedade] proporciona uma flexibilidade que garante a empregabilidade e, por outro lado, muitas vezes torna o sentido de

> trabalhar e de viabilizar qualquer tipo de planejamento impossíveis, tornando o futuro uma reprodução *ad infinitum* do presente (Ribeiro, Silva, & Figueiredo, 2016, p. 14).

Ainda no âmbito político, segundo Ribeiro et al. (2016), existem quatro aspectos que sustentam o conceito de trabalho decente da Organização Internacional do Trabalho (OIT): o primeiro diz respeito à dimensão da proteção do futuro; o segundo é a dimensão da oportunidade de tomar decisões e ter algum grau de controle sobre a própria vida; o terceiro é a dimensão da segurança e boa renda a partir do trabalho; e o quarto é a dimensão da desintensificação do trabalho. Observa-se que a dimensão do futuro é lembrada em primeiro lugar, no sentido de haver alguma percepção de haver um futuro para a vida da pessoa.

Ou seja, ter direito à experiência de futuro da forma mais consciente e emancipada possível é um ideal pelo qual a orientação profissional e de carreira tem o dever social de lutar. Isso não significa tornar o futuro uma instância ontológica, provida de alguma materialidade ou espírito, como se fosse um ente com o qual podemos nos relacionar de alguma maneira. O que está em questão como fator de decência no trabalho é a possibilidade de contar com alguma proteção garantida no presente que remeta sua experiência ao futuro, e a partir daí a pessoa ter a possibilidade subjetiva de se liberar do jugo do presente, tão pesado para a maioria da população:

> Assim, por intermédio de sua atividade profissional, o indivíduo se encontra incitado a viver o presente em uma dinâmica perpétua e a planejar sua vida futura. O trabalho ajuda a construir o futuro, ao mesmo tempo que organiza o presente. Quando este está ausente, falta a dinâmica: o presente torna-se entulhado de múltiplas preocupações à medida que as perspectivas para o futuro se tornam turvas (Ambrosino, 2003, p. 2).

Esse "desaparecimento" da experiência de futuro como um potencial de mudança do estado presente fica claro em situações de desemprego, quando "ao questionar as

relações que o indivíduo mantém com o presente, mas também com o futuro, o desemprego gera um estresse que é tanto fruto de suas preocupações no momento presente quanto de suas indagações sobre o porvir" (Ambrosino, 2003, p. 2). É somente a partir da presença de alguma garantia que é possível ocupar o futuro com elementos como desejos, fantasias, planos, metas, objetivos ou um projeto.

Por isso, Bohoslavsky (1974) na década de 1970 já anunciava a necessidade de um compromisso político da orientação profissional e de carreira que ultrapassasse a prática individual para avançar sobre uma transformação da sociedade via experiência de futuro:

> Se a matéria-prima do psicólogo orientador é o futuro dos seus orientandos, é evidente que este não pode ser qualquer futuro (tendenciosa neutralidade valorativa), mas um e apenas um: seja o de uma liberdade pessoal enganosa metafisicamente considerada, seja o de uma liberdade pessoal autêntica para a qual a libertação nacional e social é condição *sine qua non* (Bohoslavsky, 1974, p. 227).

Esse futuro que Bohoslavsky imaginou para ser perseguido pela orientação profissional e de carreira pressupõe que a liberdade individual é parte da libertação social. Essa libertação pode ser lida como a libertação do sistema capitalista, se não como um todo (e que implicaria em uma revolução), de suas manifestações contemporâneas. Dentre algumas já citadas nesse texto (flexibilização, precarização e individualismo) soma-se a aceleração da relação com o tempo:

> O indivíduo moderno também não é o senhor de seu tempo - a diferença é que ele já não sabe disso. 'Aproveitar bem o tempo' é um dos imperativos da vida contemporânea, que corresponde a uma série de possibilidades que de fato se abriram para o desfrute da vida privada nas sociedades liberais. O indivíduo, sob o capitalismo liberal, dispõe de uma enorme variedade de escolhas quanto ao desfrute de seu tempo livre, não mais regulado pelos ritos e pelas proibições da

> vida religiosa nem limitado pelas horas de luz do dia ou pelo maior ou menor rigor das estações (Kehl, 2009, pp. 124-125).

Esse ponto da aceleração alienada da experiência de tempo é importante porque toca diretamente na prática do orientador na construção de projeto, que visa se estender em um arco temporal longo. Esse arco, para ser experenciado pela pessoa, precisa necessariamente ser envolvido um processo de reflexividade sobre si, sobre o mundo e sobre a relação entre carreira e vida (Weiss & Harris, 2018). Esse não é um processo automático, e para se dedicar a ele há a necessidade – não por acaso – de tempo:

> Um desafio que se coloca para a orientação profissional e para os orientadores profissionais do século XXI é o de não formatar a sua prática à temporalidade contemporânea, apressada e atropelada, que desvaloriza a duração do tempo de compreender em nome de uma busca por resultados, que, sem as condições que uma experiência de processo produz, não se sustentam (Ribeiro et al., 2016, p. 21).

O orientador, no convite que faz ao orientando para se haver com sua experiência de futuro, deve estar consciente que ambos vivem em uma época "tão completamente imersa na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as velocidades e da pressa" (Kehl, 2009, p. 123). Assim, o processo oferecido pelo orientador pode ser uma oportunidade de fazer resistência a essa experiência de atropelamento, e somente o faz ao não colocar a rapidez e instantaneidade como objetivos mestres de seu trabalho.

Para isso, é fundamental para a construção de projetos em orientação profissional e de carreira que o orientador se conscientize de sua própria experiência de tempo, e mais detidamente, de futuro. Ora, se ele deve conhecer sua própria trajetória de vida de trabalho, constantemente revisitando seu passado; e se ele deve reconhecer seu lugar

social no presente, do qual se relaciona com os outros e com o mundo; é imprescindível que ele também se dedique à reflexividade sobre sua experiência de futuro dentro do contexto contemporâneo onde a temporalidade é "frequentemente vivida como pura pressa, atropela a duração necessária que caracteriza o momento de compreender, a qual não se define pela marcação abstrata dos relógios" (Kehl, 2009, p. 119).

Então, ao trabalhar com o futuro das pessoas, o orientador deve saber das implicações não somente técnicas e teóricas, mas também políticas e éticas que seu trabalho tem. Esperamos que as características previamente levantadas sobre o conceito de futuro tenham ganhado corpo com esses parâmetros apresentados que visaram localizar a experiência de futuro no contexto psicossocial no qual está sendo produzida.

Agora, vamos passar a analisar os operadores conceituais que possibilitam o orientador a trabalhar com a experiência de futuro dos orientandos. São eles: a narrativa e o projeto.

Futuro narrado via projeto

> Do psicologizante ao psicossocial. Sobre o autoconhecimento. A imatéria-prima. Conceito de fantasia como raiz metapsicológica.

Diante do contexto contemporâneo apresentado em relação a como se vive a experiência de futuro, as respostas da orientação profissional e de carreira implicam em uma mudança epistemológica de uma compreensão menos psicologizante do indivíduo para uma visão mais psicossocial. Uma consequência prática disso, por exemplo, seria o entendimento do autoconhecimento não consistindo somente em conhecer as características individuais, descritas e exploradas via constructos psicológicos como interesses, aptidões, habilidades e competências.

Partindo de uma perspectiva psicossocial (Ribeiro, 2014), o autoconhecimento seria também conhecer tudo aquilo que lhe atravessa: o contexto social, cultural, econômico, familiar, étnico; os discursos que ora influenciam, ora conformam o orientando. Isso porque desde esse ponto de vista não há indivíduo isolado, ou seja, não há psicológico sem o social. Ao se falar em autoconhecimento, dessa forma, se falará em um conhecimento psicossocial.

Isso ilustra que essa mudança epistemológica é fundamental para compreender os fenômenos com os quais trabalhamos. No entanto, ainda assim o conhecimento psicossocial cada vez menos tem uma capacidade de embasar uma escolha acertada diante de um futuro esperado. Isso porque a escolha tem um caráter pontual, enquanto a experiência de futuro tem cada vez mais um caráter de reconfiguração permanente:

> A configuração temporal não inclui apenas o presente e o passado, mas se estende de forma potencial ao futuro. A parte antecipada da configuração pode, de fato, não ocorrer. Se a antecipação não for cumprida, o acontecimento real traz uma reconfiguração das partes passadas do evento em uma configuração experimentada de forma diferente (Polkinghorne, 1991, p. 140).

A questão parece estar menos em como chegar à escolha e mais no próprio estatuto da escolha. No processo de orientação profissional e de carreira, é cada vez mais comum o orientando ir "construindo gradativamente um 'eu', e se vê capaz de direcionar sua vida para esse futuro que dá sentido a essas experiências ditas e conectadas" (Pouyaud et al., 2016, p. 5). Ou seja, orientador é convocado a ajudar a pessoa a ocupar seu futuro com projeções, e para isso, deve se ocupar da sua experiência de futuro. Assim, tem-se um processo mais fluido no qual a escolha deve não ser um ponto de chegada, e sim um ponto de continuidade de uma linha temporal: "o passado, o presente e o futuro constituem um único movimento temporal no plano do vivido, já que agimos e sentimos no presente, estruturados em um passado, mas em função de um futuro" (Maheirie, 2006, p. 148).

O que pode dar essa maior fluidez a isso é a utilização de um método que possibilite a interligação entre acontecimentos do passado e do presente com aqueles projetados para o futuro. Aqui entra a necessidade de se fazer um trabalho narrativo:

> Entre as características do saber narrativo, Lyotard destaca sua incidência sobre o tempo: A forma narrativa obedece a um ritmo, é a síntese de um metro que marca o tempo em períodos regulares e com um acento que modifica o comprimento ou a amplitude de algumas dentre elas. (...) Uma narrativa é uma forma linear e ritmada que se desenrola ao longo de um determinado tempo. (...) As narrativas não são uma forma de memorização do passado: são a própria atualização do passado no presente (Kehl, 2009, p. 159).

Esse processo de alinhavar as experiências de tempo num todo narrativo será explorada mais adiante. No entanto, esse método faz com que a experiência de futuro seja tão relevante para o produto final do processo de orientação profissional e de carreira quanto é a experiência de passado: "à semelhança de Janus, a carreira relaciona o passado e o presente com o futuro, incluindo o planejamento e antecipação do futuro, e também aborda como o futuro motiva a ação e a construção de sentido no presente" (Collin & Young, 2000, p. 1).

Aqui já ampliamos esse produto para além da escolha. Com isso, devemos questionar o status da escolha como conceito central da orientação profissional e de carreira, a substituindo por outro que em si contenha a dimensão do futuro: o projeto. Quanto menos descritível é o futuro, maior a importância de se trabalhar com a noção de projeto. A escolha, ou melhor, as muitas escolhas que a pessoa fará, ganham sentido não por si mesmas, mas se estiveram funcionando dentro de um projeto.

Então, o futuro pode ser narrado via projeto. Esta é uma maneira de se trabalhar com a imatéria-prima[19] que é o futuro, e representá-lo por meio de uma narrativa que o tira da abstração e o coloca em um lugar dentro da topologia teórica da orientação profissional e de carreira. Para isso, o desenvolvimento teórico do conceito de projeto deve ultrapassar não somente a sua descrição por meio de constructos psicológicos e sociais, sem preterir deles, mas incluindo outro nível de análise que não esteja capturado pelo presente: o nível metapsicológico, cuja característica é ser atemporal.

Por isso, nas próximas três partes dessa tese apresentaremos os conceitos de projeto, narrativa e fantasia, que constituem, essa ordem: o objetivo do processo de orientação profissional e de carreira; o método para se construir esse objetivo; e a raiz metapsicológica que alicerça essa construção dentro do campo da estratégia clínica.

Síntese parcial 1

O que distingue a orientação profissional e de carreira como um campo específico e único é a dimensão do futuro como elemento central em seu objeto. Assim, além de se preocupar em embasar sua prática em uma visão de ser humano e visão de mundo, o orientador também precisa refletir sobre qual é a sua visão de tempo, principalmente no que se refere à experiência de futuro.

Uma teoria do projeto precisa esclarecer algumas definições sobre como compreende o futuro, uma vez que o projeto é uma construção que diz respeito a essa partição do tempo. Nessa tese, entendemos que o futuro tem características de enigma, isto é, está constitucionalmente colocado como um território de desconhecimento e marcado por aspectos que estão vetados aos sentidos (restritos ao presente) e ao

[19] Referência à ideia de Bohoslavsky (1974) de que o futuro é a matéria-prima do orientador. Propomos um neologismo para designar uma matéria prima imaterial, como é a característica do futuro.

conhecimento racional antecipatório (o que não impede esforços de fazer prognósticos). O próprio fato de nos referirmos ao futuro como um "território" marca a necessidade de recorrer ao espaço para falar do tempo, uma vez que o futuro por si mesmo não é ôntico.

Assim, definimos o futuro como aquilo que não cessa de não acontecer, claramente inspirados na definição de Lacan (1953a) sobre o Real como aquilo que não cessa que não se inscrever. Essa definição declara que o futuro consiste em uma divisão feita pela experiência humana diante do fluxo da dimensão temporal que corresponde aos eventos que ainda não ocorreram, mas mantêm a possibilidade potencial de acontecerem. No momento em que esses eventos se realizam (ou perdem a possibilidade de se realizarem), deixam de ser futuro; este permanece sempre deslocado adiante, não cessando de não se realizar.

Diante dessa compreensão, levantamos algumas dualidades que procuraram descrever as principais características da experiência de futuro: necessariamente derivado do passado, mas não fadado a ser sua reprodução automática; uma transcendência em meio à imanência do presente, portanto originado nas ações feitas nesse tempo; nunca totalmente original nem passível de ser totalmente pressuposto, pois é previsivelmente indeterminado; e o que se constrói sobre ele tem um caráter de ficção que, se embasada extensivamente nas realidades psíquica e material, pode se constituir como uma realidade poética que contribui para determinar e dar sentido para o presente da pessoa.

Essas construções, nas quais se inclui o projeto, não devem ser somente abstratas, conceituais ou etéreas, pois formam parte da experiência de futuro da pessoa, e por isso os processos de orientação profissional e de carreira precisam ter um caráter psicossocial que forneça materialidade para a imatéria-prima que é o futuro.

PARTE 2

O PROJETO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA

Não temos a menor ideia de para onde estamos indo; quando aceitamos isso, tudo fica mais fácil
(Conceição Uvaldo).

Projeto e futuro

Articulador temporal. Otimismo e pessimismo. O vazio e o nada. Duas condições para o trabalho com projeto. Trabalho de linguagem.

Todo projeto requer alguma linearidade do tempo, ou seja, sua categorização entre passado, presente e futuro, chamada de tripartição do tempo (Boutinet, 2002). O projeto é um articulador temporal privilegiado no trabalho de orientação profissional e de carreira, e o faz a partir de um processo reflexivo e operativo:

> O projeto se configura como um conjunto de representações do que se considera mais desejável não se reduzindo simplesmente a um desejo ou intenção vagas. Comporta uma tripla reflexão: sobre a situação presente, sobre o futuro desejado e sobre os meios de alcançá-lo, levando necessariamente a criação de estratégias de ação (Uvaldo, 2002, p. 63).

Essa reflexão sobre passado, presente e futuro que se operacionaliza requer que o orientador tenha claro consigo como ele compreende a dimensão do futuro. Para Ito e Soares (2008), o projeto é uma construção que pode trazer uma globalidade ao presente da pessoa, uma vez que integra um modelo de sua história a uma previsão de seu futuro. Mas, essa tentativa de integração temporal não leva necessariamente ao apagamento das contradições e incompletudes inerentes ao porvir.

Por isso, um primeiro ponto que se levanta é que para que se construa um projeto para o futuro, não é preciso necessariamente que o orientador tenha uma visão otimista da vida, no sentido de compreender que o estado basal das coisas é o bem, a harmonia e a organização, onde tudo tende a convergir para a boa forma, para o repouso, para a integração. Ora, sendo o projeto uma tentativa de ordenação narrativa do futuro, se poderia pensar nesse otimismo como um elemento importante para o processo. Mas, é possível fazer um projeto mesmo a partir de uma posição filosófica de pessimismo, ou

seja, entendendo o estado basal das coisas como a tendência ao mal, ao caos, à desintegração.

O relevante desse ponto é que tanto a partir do otimismo como do pessimismo, o projeto acaba sendo entendido como oposição a esse estado basal. Por exemplo, se entendermos o futuro como o caos (Rolnik, 2002), temos uma perspectiva pessimista, e a função do projeto seria fazer oposição ao caos com alguma ordenação consistente o suficiente para superar a desintegração, desencontros e contradições inerentes à vida. Um bom projeto, nessa perspectiva, seria aquele que conseguisse resistir mais ao caos. Já se entendemos o futuro como tendido ao cosmos, em vias de ser organizado em boas formas, construir um projeto seria tentar desvendar essa organização da melhor forma possível, e um bom projeto seria aquele que conseguisse se aproximar de forma mais fidedigna dessa integração inerente à vida.

Dessa forma, a escolha da posição filosófica quanto ao otimismo e pessimismo fica a cargo do orientador, pois em ambas caberia a ideia de construção de projeto. Essa escolha é permeada pela dimensão metateórica que determina os caminhos teóricos e práticos do pensamento e trabalho do orientador, conforme discutimos na introdução dessa tese. De acordo com seus posicionamentos éticos, políticos, epistemológicos e ontológicos, ele pode se alinhar a uma concepção de futuro mais pessimista ou mais otimista.

O que é condição para se trabalhar com a ideia de projeto não é a tendência do futuro ao caos nem ao cosmos, e sim a sua condição de vazio. Aqui cabe a imagem que Lacan (1959-1960/1997) traz de um pote de mostarda para conceituar a falta, a partir da imagem de Heidegger (Corrêa, 2001) de um oleiro que trabalha em um pedaço de argila em sua roda, de forma a ir emoldurando o barro em torno de um espaço, um nada. Com

o tempo, aquele nada passa a ganhar alguma forma, que é a forma do interior de um vaso de barro, a ponto de em algum momento aquele nada se transformar em um vazio, o vazio do interior do vaso. Não se trata mais do nada pois há uma construção que o delimita, mesmo que ali não haja nada ainda: está vazio.

Se considerarmos o futuro não como o nada, mas como um vazio[20], a função primeira do projeto não seria nem resistir ao caos, nem desvendar o cosmos, pois o futuro deve ser entendido pela orientação profissional e de carreira como aquilo a ser conhecido somente quando se realizar (e deixar de ser futuro). Ele deve ser percebido como um vazio, aberto aos acontecimentos derivados do presente. Nessa perspectiva, a função do projeto é construir algo em torno do nada, a fim de dar a um pedaço do futuro alguma forma imaginada, e assim transformar o nada em vazio, para que seja possível colocar algo lá. Seja desde a perspectiva otimista ou pessimista, a natureza do projeto é sempre a da potência.

Assim, ao auxiliar a pessoa a construir um projeto, o orientador não tem necessariamente um compromisso com o otimismo em relação ao futuro da pessoa que está a sua frente. Tampouco com algum pessimismo, pois tanto um como o outro pressupõe uma visão de futuro (assim como há uma visão de ser humano e de mundo) com a qual o orientador pode se posicionar de acordo com sua teoria. Mas, dada a natureza vazia do futuro, o orientador deve sempre ter um compromisso com a potência: a ideia de que o futuro é sempre um problema em aberto, jamais totalmente determinado pelo

[20] O futuro pode ser considerado um vazio ao invés de um nada pois, mesmo não estando repleto de coisas do mundo, continuamente projetamos imaginariamente elemento nele. Se há coisas no futuro, foram lançadas do presente, e devem cair em alguma estrutura para não se perderem no nada. A ideia aqui não é defender que haja uma "experiência de vazio", mas sim que o vazio é aquilo que possibilita a experiência de futuro. O cerne dessa ideia é a diferença entre o nada e o vazio. O vazio aqui já pressupõe uma ação humana, um contorno, alguma construção "oca" que transforma o nada em um vazio. No caso da orientação profissional e de carreira, o projeto pode se prestar a ser uma construção dessas, transformando o nada do futuro em um vazio do futuro, para que se lance coisas para lá e caiam em algum lugar (imaginário).

passado e presente. Nas palavras de Paulo Freire (2004), “a inexorabilidade do futuro é a negação da história” (p. 29). A passagem do tempo sim, é inexorável, mas o futuro, não. Aqui extraímos duas condições para que a orientação profissional e de carreira trabalhe com o conceito de projeto: não negar a história passada (da pessoa e do social) e não conceber o futuro como pré-determinado e imutável, e sim como um vazio a ser preenchido por uma história prospectiva.

Essas duas condições somente são possíveis ao entender a orientação profissional e de carreira como um trabalho de linguagem, ou seja, baseada no uso das palavras e como essas são ditas. Mais especificamente, como são ditas em relação ao futuro. Ter a construção de um projeto como objeto da orientação profissional e de carreira significa assumir que o projeto é uma maneira de falar sobre o futuro. Mas, que maneira? Deve ser uma maneira específica, a qual a orientação profissional e de carreira saiba definir com clareza. Se projeto é um objetivo do nosso trabalho, é necessário que esse termo tenha um estatuto de conceito.

Palavra, noção ou conceito?

> Palavra e ciência. Definições: palavra, noção, conceito, signo, significante, significado e sentido. Projeto com estatuto de conceito.

Conceituar precisamente as palavras utilizadas é fundamental para todas as ciências, uma vez que estas trabalham com a ideia de rigor como validade (Massola, Crochík, & Svartman, 2016). Mais ainda para as ciências humanas e sociais (Cortina, 2020), que têm na palavra o seu maior instrumento de expressão e comunicação, e não símbolos gráficos que são desenhados especificamente para contar com um só significado, como se busca nas ciências naturais a partir da linguagem matemática. As palavras se prestam à multiplicidade de significados e seu sentido, ou seja, o significado

que ela tem em determinado texto ou fala, depende do contexto que inclui as outras palavras, o narrador e o receptor (Jakobson, 2008).

Aqui cabe explicitar definições para os termos palavra, noção e conceito. Longe de esgotar o assunto, pois é tema que pode ser discorrido longamente e por muitas vertentes do pensamento que escapam a esse pesquisador, essas definições visam esclarecer a diferença de significado dessas palavras muitas vezes intercambiáveis.

Para Saussure (2003), a língua é um sistema de signos formados pela junção do significante e do significado. Aqui já se apresenta uma diferenciação entre signo, termo muito pouco usado nessa pesquisa, e significado e sentido. A diferença é que o signo comporta um significado, mas não só: também comporta um significante. Este, por sua vez, corresponde à imagem acústica, ou seja, o som que uma vez emitido remete para um interlocutor um ou mais significados (desde que este compartilhe de uma matriz linguística próxima a do emissor). O sentido é aquilo que é atribuído naquele contexto e naquele momento ao significado do signo.

A palavra, então, é definida como sendo um significante: uma imagem sonora (ou escrita) arbitrária que se presta a conter significados, a partir daí comunicar sentidos. Dos três termos em questão nessa pesquisa (palavra, noção e conceito), é o mais aberto, adequado ao uso cotidiano, não técnico nem científico.

Já os termos noção e conceito referem-se a uma ideia um pouco mais fechada (Babini, 2006), geralmente com o intuito de descrever um fenômeno mais delimitado ou constituir uma categoria explicativa mais precisa (Zioni, 2006). A diferença entre elas é que a noção não implica necessariamente em uma compreensão explicativa do fenômeno, enquanto um conceito, dentro de um corpo teórico formado por outros conceitos, tem uma capacidade explicativa ou categorizadora que permite distinção de um significado

preciso que produza um sentido compartilhado por um grupo (no caso da ciência, de estudiosos do fenômeno). Isso permite que o uso do conceito tenha uma função e um poder articulador dentro de uma área de saber.

No caso da orientação profissional e de carreira, por ser uma ciência-aplicada, procura-se pesquisar e comunicar o estudo dos seus fenômenos alvo através de conceitos. Mas, sendo uma ciência humana e social, isso somente é possível pelo extenso uso também de palavras e noções, como está acontecendo nesse mesmo texto que o leitor tem diante de si. Ainda, há mais um agravante: ela é uma ciência-aplicada que está intimamente ligada a algo que, por definição, não está disponível como fenômeno: o futuro.

Isso produz a seguinte consequência: se nosso objeto de estudo e intervenção é imaterial, o nosso material de trabalho só pode ser a palavra, pois ela que se presta, enquanto significante, a trazer significados diversos que simbolizam o que não está à disposição, representando todo tipo de imaterialidade (Martins, 2010).

Por isso, a orientação profissional e de carreira é um trabalho de linguagem. O nosso convite ao orientando é para ele falar palavras e frases sobre seu passado e sobre seu presente; falar sobre si, falar sobre o mundo, cursos e profissões; falar sobre as relações entre tudo isso; para enfim falar sobre o futuro, e organizar essa fala de uma forma específica a qual damos o nome de projeto.

Assim, além de ter no texto, escrito ou falado, a sua principal forma de comunicação, e, portanto, ter que lidar com a polissemia das palavras, a orientação profissional e de carreira ainda tem que lidar com a dimensão enigmática de seu objeto: o futuro passa a existir a partir do momento que se fala sobre ele. Essa existência não se dá em um nível material, nem em um nível existencial, mas sim em um nível de discurso,

de palavra que expressa uma ideação. A ação de projetar é, a princípio, a de gerar uma ideação, seguida da realização de um percurso de vida. Essa idealização contém em si uma articulação entre a dimensão individual (subjetividade) e a social (Ribeiro, 2005) por meio das palavras que formam uma narrativa.

Por isso é duplamente necessário que a palavra "projeto" tenha um estatuto de conceito teórico formulado dentro do campo da orientação profissional e de carreira. Se não, ou os orientadores continuarão a usar essa palavra de forma polissêmica, sem valor conceitual, e fica colocado o desentendimento na própria comunidade, ou precisará emprestar de outras ciências as definições conceituais que delimitam um significado mais preciso para o projeto.

Manter o projeto somente como uma palavra não é uma opção, pois ele constitui um objetivo da prática da orientação profissional e de carreira. Isso significa que tem um lugar, topologicamente falando, de eixo organizador da área, para onde apontam todos os outros conceitos, teóricos e técnicos, assim como acontece com a escolha.

A outra opção, que seria tomar emprestado de outra área de saber um significado preciso para a palavra projeto, fará com que sempre trabalhemos com algum nível de adaptação conceitual, tendo que aparar arestas e pequenos desencaixes próprios de quando algo não foi feito sob medida para o todo onde está localizado (como já acontece com as teorias importadas de outros contextos sociais, como mostraram Ribeiro & Fonçatti, 2017). A isso, chamamos aqui de "noção": um significante que não tem a abertura semântica de uma palavra comum do vocabulário cotidiano, nem uma definição precisa e consonante que um conceito teórico erigido na própria área de conhecimento deve ter, mesmo que o tenha no contexto da sua ciência de origem.

Essa tendência do vocabulário da orientação profissional e de carreira passar de palavras a noções, para depois chegar a formular conceitos, é uma característica da área, não por uma falha de seus teóricos, mas pelas sua histórica:

> O orientador profissional aparece como profissional responsável pelo auxílio na escolha do futuro das pessoas no mundo do trabalho, mas sem um referencial teórico constituído, pois a urgência da realidade foi mais premente do que o tempo hábil para a elaboração de sistemas teóricos (Ribeiro, 2014, p. 76).

A palavra "projeto" parece estar no meio desse caminho. É utilizada quase sempre sem maiores explicações sobre a concepção que a fundamenta (Ito & Soares, 2008), o que passa a ser um problema conforme ela cresce em importância dentro do corpo teórico da área. Segundo Guichard e Huteau (2007), "seu uso é intermitente com outros termos como desenho, design, intenção, finalidade, objetivo, meta, visão, plano, programa, perspectiva, expectativa, esperança etc." (p. 344).

Há inúmeras descrições do que seria o sentido do projeto, e muitos delas serão apresentadas nessa pesquisa, mas muito poucas definições teóricas precisas e profundas o suficiente para a elevar ao estatuto de um conceito. Geralmente, as definições de projeto como noção têm um peso descritivo, ou seja, delimitam o significado da palavra somente o suficiente para que haja algum diálogo com os outros conceitos da área, mas carece de poder explicativo. Como exemplo ilustrativo, segue uma definição descritiva de projeto:

> O projeto é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade e é, também, o momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado (França & Soares, 2009, p. 76).

Percebe-se a forma como a noção de projeto "conversa" com o todo teórico das concepções de pessoa, de social e de temporalidade. É descrito o que ele faz, quando e onde aparece. No entanto, muito poucos textos passam desse nível para atingir um ponto

mais conceitual sobre o projeto. Esse passo é fundamental porque um conceito bem definido, além de fornecer rigor ao pensamento e prática da área, pode ganhar atributos importantes para que seja um operador que enriqueça as intervenções em orientação profissional e de carreira. Esses atributos podem ser explicativos (o conceito explica um fenômeno da realidade, não apenas o descreve), funcionais (o conceito passa a ter uma função, que é a forma como ele modifica o fenômeno de uma maneira específica) ou de postulado (o conceito serve como base teórica para que se proponha outros conceitos teóricos). Mantido como uma mera noção emprestada, o projeto abdica de ter essas características e a nossa área fica empobrecida.

Segundo Young e Valach (2006), a palavra "projeto" tem sido usada no início deste século com significados específicos na psicologia vocacional, como esforços para a sua conceptualização. Os significados que têm aparecido na área, segundo os autores, dizem respeito a três aspectos: 1) à sua natureza social e intencional; 2) à sua extensão no tempo; e 3) à suas características multideterminadas e indetermináveis.

Em consonância a esses três aspectos, nessa pesquisa, trataremos de fundamentar o conceito de projeto dentro do escopo da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. A base conceitual na qual esse conceito deve assentar é a psicologia social e a psicanálise, ambas constitutivas da formulação dessa perspectiva, em diálogo com os saberes das outras abordagens da área.

Assim, procuramos fundamentar o projeto como: 1) um conceito psicossocial; 2) uma narrativa lançada sobre o futuro; 3) uma estrutura incompleta, aberta e dinâmica. E, somada a essas definições, uma quarta: 4) enraizado em um conceito metapsicológico. Esperamos assim contribuir para que o projeto ganha o estatuto de um conceito. Para isso, vamos começar pelos significados dessa palavra no vocabulário comum, depois analisar

algumas noções que aparecem na orientação profissional e de carreira, para enfim discorrer sobre ela enquanto um conceito dentro da teoria da estratégia clínica.

Significado do termo projeto

Três significados etimológicos. Raízes históricas. Outras áreas. Projeto de estado e de ação. Existencialismo. Adolescentes e adultos.

A etimologia de projeto remonta ao termo latino *projectus* que contém três nuances de significados: *lançar para frente; ação de se estender; ação de expulsar* (Houaiss, 2009). A primeira remete imediatamente ao futuro, tanto no ponto de vista da trajetória que o objeto fará ao ser lançado (o processo) até o alvo no qual o objeto pousará (o estado) (Ribeiro, 2014). Esse é o significado mais trabalhado em orientação profissional e de carreira, e será exposto mais adiante.

O segundo significado, *ação de estender*, guarda uma ideia também importante para a compreensão do projeto: além de um lançamento, no qual algo se descola do estado atual para fazer uma trajetória, projeto também remete a tomar algo do presente e estendê-lo ao futuro. Há aqui uma ideia de continuidade do estado atual expandido para o futuro, sem necessariamente a conotação de modificação de estado. Há, no entanto, uma mudança no estatuto do presente ao se tentar ocupar o futuro com ele. Essa ideia também será trabalhada mais adiante.

O terceiro significado etimológico de projeto guarda a ideia de *expulsão*: algo que está no estado do presente é deslocado temporalmente para um futuro, adiando assim a sua presentificação, a fim de manter o presente como ele estava. Essa postergação de objetivos é muito comum na vida cotidiana, conhecido como procrastinação, ainda mais na contemporaneidade repleta de estímulos, preenchendo a vida de pequenos projetos que nunca são cumpridos.

O que há em comum entre as três significações da palavra projeto é que, apesar de sempre dizer sobre o futuro, ele guarda uma estreita relação com o presente. O projeto, assim, pode ser entendido como uma afirmação de um presente, quando este fica "carregado de promessas" para o futuro (Boutinet, 2002, p. 66). Segundo esse autor: "O projeto é uma novidade feita de criação/destruição, expressão de múltiplos possíveis, mas jamais uma possessão. O projeto é uma presença constitutiva que se dá sempre sobre um fundo de ausência fundadora" (p. 18). Ou seja, o projeto jamais pode ser entendido como uma "possessão" do futuro, pois esse tem como característica estar sempre parcialmente indeterminado. Mas, apesar de não ser possível se assenhorar do futuro via projeto, é possível construí-lo como uma "presença constituída", sempre a partir (*lançar*), enraizado (*estender*) e deslocado (*expulsar*) do/no presente, uma vez que é neste que está o material para essa constituição. O futuro por si somente, como já foi dito, é um vazio.

Dessa forma, trabalhar com o conceito de projeto é uma tentativa de incluir ontológica e epistemologicamente a dimensão do futuro no trabalho de orientação profissional e de carreira, futuro esse cada vez mais desconectado das causalidades lineares do presente. No entanto, ligar o projeto exclusivamente ao futuro seria, por um lado, corroborar com a temporalidade veloz e efêmera do contemporâneo, e por outro, seria "separá-lo das raízes que lhe dão suas características próprias: o projeto está necessariamente dirigido ao passado e ao presente, em relação ao futuro" (Boutinet, 2002, p. 93). Essa relação da pessoa com seu porvir não pode ser pautada em outra coisa senão nas relações passadas e presentes (Borges & Coutinho, 2010).

Velho (1994) define que o projeto parte da memória, isto é, do passado recontado (biografia), que vai buscar no presente os meios (recursos) para fazer uma negociação entre aspirações e realidade, a fim de alcançar um futuro desejado. Em suas palavras, "o projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca,

através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos" (Velho, 1994, p. 101).

Mesmo com claras aplicações na orientação profissional e de carreira, o termo projeto não se trata de uma invenção desta, nem da psicologia, e nem sequer da filosofia. Segundo Almeida e Magalhães (2011), remetendo a uma das leituras históricas que Boutinet (2002) fez do termo, o projeto como noção já aparece no século XV na área da construção civil, empregada somente para designar elementos arquitetônicos lançados para frente, como balcões ou pilares.

Figueiredo (2002) considera que as raízes da noção mais clara de projeto aplicada ao futuro da vida individual remontam ao século XIX, com a ascensão do liberalismo e do romantismo. Stuart Mill, expoente do início do liberalismo, coloca três esferas da liberdade humana como sendo: 1) liberdade de pensamento, no domínio interior da consciência; 2) liberdade de reunião de indivíduos para qualquer fim que não envolva danos a terceiros; 3) e liberdade de gostos e de ocupações, e de "formular um plano de vida que esteja de acordo com o caráter do indivíduo" (Mill, 1963, p. 15).

Filho desta história, o termo projeto com os significados que tem hoje é uma criação do século XX (Dib, 2006). Guichard e Huteau (2007) consideram o projeto como um "conceito maior" da filosofia do século XX. É ainda hoje também amplamente usado em áreas que envolvem algum tipo de construção (engenharia, arquitetura, design), de planejamento de ações (administração, economia) e de princípios para um conjunto de intervenções (educação, serviço social), entre outras. Ou seja, é usado em qualquer situação técnica-profissional em que é necessária alguma antecipação do futuro para que as ações do presente tenham um sentido lógico ou ideológico.

Na administração, é cada vez mais comum a organização do trabalho pela via de gestão de projetos, e a criação de cargos sob o nome de “gerente de projetos”. Mas, é a área de design – em suas mais diversas vertentes como a gráfica, virtual, de produtos, de interiores, de games, de joias etc. – que pode ser definida ela mesma exatamente como a ciência do projeto (Lacerda et al., 2013), uma vez que este é conceituado como um desenho de como algo deve ser, desde o ponto de vista estético e funcional, e de que artefatos são necessários para que esse algo se realize no mundo.

No caso da engenharia e construção civil, o projeto é definido como um conjunto de informações técnicas rigorosamente específicas que instruem a implantação de um empreendimento (Nascimento & Santos, 2002). Quanto melhor esse conjunto de informações estiver colocado, melhor servirá para a execução de uma construção de acordo a atender as necessidades do cliente.

Para a arquitetura, o conceito de projeto é oficialmente definido pela Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura da seguinte maneira: “o projeto é um intento, desígnio, empreendimento e, em sua acepção técnica, um conjunto de ações caracterizadas e quantificadas, necessárias a concretização de um objetivo” (Nascimento & Santos, 2002, p. 1).

Já para a educação, a palavra projeto é extensamente usada no conceito de projeto político pedagógico, que consiste:

> em um conjunto de ações coletivas que visam realizar mudanças estruturais na organização do trabalho pedagógico. Sua construção ocorre dentro de um processo dinâmico, contínuo, flexível e inacabado, pois exige, de seus atores, o comprometimento permanente, movimento este necessário para sua transformação (Magalhães et al., 2017, p. 248).

Em todas essas áreas do saber, o conceito de projeto é estabelecido em função do todo conceitual com o qual ele deve funcionar. Assim, não somente deve estar relacionado com os outros elementos constitutivos da área (como desenho para o design; especificações técnicas para a construção civil; concepção e execução para a arquitetura; e coletivo e dinamismo para a educação) como também ao objetivo final de cada prática (estética e funcionalidade para o design; resultado de acordo com a necessidade do cliente para a construção civil e arquitetura; organização da estruturação do trabalho e mudanças, para a educação).

Portanto, o termo projeto não é exclusividade de uma área, o que reforça a importância de uma definição conceitual precisa se quisermos utilizá-lo. Mesmo internamente à orientação profissional e de carreira, existe uma polissemia do termo projeto, que tem sido utilizado para designar ao mesmo tempo um estado que se pretende atingir, uma identidade que se pretende construir, e um conjunto de ações para atingir um fim (Ribeiro, 2004). Por vezes o termo aparece sozinho ou complementado de diversas maneiras, como em "projeto de futuro, projeto de formação, projeto profissional, projeto de carreira, projeto de vida e projeto pessoal" (Guichard & Huteau, 2007, p. 346). Nessa tese preferimos deixar o termo projeto livre de predicados, pois queremos tratá-lo enquanto um objetivo do processo de orientação profissional e de carreira, e não como uma atitude da vida humana[21].

Há muitos esforços de organizar essa polissemia. O projeto, enquanto processo e enquanto estado, já mencionado na análise da etimologia de "lançar para frente", foi

[21] Dependendo da situação do orientando que busca o projeto, como idade, condição social, contingências de momento etc., sua construção pode incluir mais temas de vida pessoal, mais temas de carreira, mais temas de "profissão" (no sentido de cursos preparatórios), mais temas existenciais etc. O eixo é sempre a vida de trabalho/educação, mas as inclusões de diversos âmbitos da vida são variáveis. Por isso, o termo adjetivado "projeto de vida" não necessariamente é o mais preciso para descrever o projeto enquanto um objetivo da orientação profissional e de carreira.

conceituado por Barbier (1991) que coloca a existência de dois tipos de projeto: o projeto de estado, embasado por uma representação do estado final do que se pretende transformar, e o projeto de ação, embasado no processo que permitiria chegar a esse estado final. Para esse autor, o projeto sempre é definido em relação à ação que ele prevê e dirige, e sempre procura produzir uma transformação possível da realidade. Assim, o desenvolvimento de um projeto está vinculado ao compromisso com uma ação de transformação particular da realidade (Barbier, 1991).

O projeto de estado seria a representação finalizante de um conjunto de ações, cujo processo é expresso por um plano de ação. Por isso que o projeto é entendido como uma representação com efeitos operativos (Boutinet, 1994). Assim, o projeto teria uma dupla função (Barbier, 1991): explicar as intenções da pessoa que, assim, ganham corpo mais consistente; e socializar essas intenções, para que ele possa as executar no mundo, não perecendo como uma representação privada da pessoa.

O projeto, como estado e como processo, ganha importância com o enfraquecimento dos ritos de passagem, que auxiliavam a marcar, no tempo, as transições que seriam vividas pela pessoa (Malki, 2018). Hoje, as transições estão não somente mais frequentes como mais dependentes dos tempos individuais e menos compartilhados. Tanto na adolescência como na vida adulta, a pessoa se deparará com o vazio que é o futuro diversas vezes, e será individualmente convocada a constituir seu projeto sobre ele.

Desde uma perspectiva existencialista, o conceito de projeto está intimamente ligado à ontologia do ser humano. Para Sartre, o projeto retém e revela a realidade superada, recusada pelo movimento mesmo que a supera, sendo ao mesmo tempo um salto para frente, uma recusa e uma realização (Graf & Diogo, 2009). A história de como nos constituímos no mundo seria o processo de como fazemos um projeto original a partir

do que fizeram de nós, processo este que renova incessantemente nosso projeto de ser (Campos, Alt & Exwald, 2009). Isso está sintetizado na frase de Sartre que se tornou um dito popular: "não importa o que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós". Assim, projeto e ser seriam indissociáveis, pois este é compreendido como:

> um vir-a-ser em constante transcendência que é reafirmada por seu projeto, entendido como direcionamento do ser para o futuro: o homem é apenas o que ele projeta ser pelas seguidas escolhas que faz. Um projeto é o momento de integração no qual passado e futuro se fundem pela afirmação do homem pela ação (Ribeiro, 2004, p. 89).

Dessa forma, a temporalidade seria ontologicamente constitutiva do ser humano, uma vez que o projeto de ser se relaciona às perspectivas futuras, e a escolha da profissão e o projeto de carreira seriam formas dessa ontologia se realizar no sujeito (Graf & Diogo, 2009). A própria vida do ser humano pode ser considerada como um projeto (Almeida & Magalhães, 2011), remetendo ao conceito heideggeriano de *Geworfenheit*, "*estar-lançado*", com a ideia de que quando nascemos somos lançados em um mundo pré-existente a nós. Ito e Soares (2008) apontam que, a partir das ideias de Sartre, ajudar a pessoa a trabalhar sobre a sua relação com o futuro é uma problemática filosófica que revela o projeto como pensado a partir das relações com os outros, com o passado, com o contexto social e com a condição material da pessoa.

Ou seja, mesmo a partir de uma base filosófica como o existencialismo, ao tomar o conceito de projeto e usá-lo como uma noção em orientação profissional e de carreira, é necessário adaptar um pouco o conceito original para ser operado na área. No caso da nossa área, isso implicaria em dar maior peso às condições sociais e materiais.

Segundo Velho (1994), o projeto é o resultado de uma deliberação consciente a partir de circunstâncias do campo das possibilidades em que o sujeito está inserido. Isso

faz com que a idade da pessoa, por exemplo, seja uma variável importante para se pensar do que se trata o projeto. Dib (2006), ao analisar as possibilidades em projetos de adolescentes, chega à seguinte definição:

> O projeto deixaria de ser a antecipação do futuro para se tornar uma *representação* de desejos e objetivos que, partindo de um conjunto de experiências passadas, da interpretação dos contextos (econômico, social, produtivo, cultural) onde o indivíduo se insere, de suas redes sociais de pertencimento e dos diferentes atravessamentos (educação, mercado, família, mídia), organiza e confere sentido às ações presentes e cotidianas (Dib, 2006, p. 243).

Percebe-se que essa definição contém uma descrição do que o projeto é (uma representação), de como se relaciona com os âmbitos que lhe tocam, e o que ela faz (organiza e dá sentido). A partir dessa definição, fica clara a questão da multidimensionalidade do projeto.

Segundo Boutinet (2002), os projetos dos adolescentes teriam três faces, revelando três dimensões de enfrentamento da transição que ele está vivendo. A primeira face se configura como um *projeto de mobilidade*, ou seja, a definição de que operadores o adolescente vai lançar mão nas mudanças de situação que lhe são iminentes. Aqui está o lugar da escolha do curso superior, por exemplo. A segunda face é um *projeto de adulto*, que diz respeito menos ao momento de mobilidade e mais à inserção que o adolescente visa ter quando for um adulto em mundo de adultos. Aqui está o lugar do trabalho e dos papeis sociais produtivos. Por fim, há ainda uma terceira face que o autor chamou de *projeto de vida*, que além de considerar o momento próximo de mobilidade e o estado de inserção no mundo adulto, vai antecipar qual o estilo de vida que o adolescente terá enquanto adulto, ultrapassando os limites do trabalho e incluindo outros lugares sociais a serem ocupados.

Essa terceira dimensão tem sido usualmente trabalhada com jovens em orientação profissional e de carreira em contextos educativos, pelo seu caráter de construção subjetiva de si na realidade:

> O projeto de vida se constituiria pelas possibilidades de relação dialética entre o projeto do sujeito (vinculado a sua possibilidade de existir no mundo) e o projeto de mundo (que sobredetermina qualquer projeto singular), numa relação de transformação contínua na qual sujeito e mundo se modificam a todo o momento através da dialetização de sua relação (Ribeiro, 2004, p. 90).

As três dimensões de Boutinet (2002) se articulam de forma parcialmente autônoma e dependente umas das outras, dizendo de um momento complexo, tendo em vista que o processo para se tornar adulto está cada vez menos evidente, num cenário descrito como:

> uma individualização maior dos comportamentos sem eliminar as imposições que pesam sobre tais comportamentos. O ambiente do jovem o incita a saber o que vai fazer mais tarde, e munir-se de um projeto, mas cria imposições tais que impede a realização de um grande número de projetos adolescentes (Boutinet 2002, p. 91).

Então, mesmo longe de ser uma solução mágica para resolver seus caminhos de vida, o projeto para o jovem pode ter um efeito de transformar seu entendimento de uma circunstância de vida percebida como fatalista em outro entendimento no qual ele perceba ser participante da delimitação de sua existência e não mero "brinquedo do destino" (Meza & Rosas, 2004). Isso porque o projeto pode ser uma fonte de compreensão da inter-relação que os jovens estabelecem com a conjuntura social, sem o foco necessário de se adaptarem ou se corrigirem diante dela (Dib & Castro, 2010).

Quanto ao adulto, o próprio conceito de carreira, historicamente vinculado a esse público, está cada vez mais atrelado ao conceito de projeto, uma vez que carreira não nomeia somente a trajetória pregressa da vida de trabalho, mas também o projeto da vida

profissional (Ribeiro, 2013). Boutinet (2002) também elenca três faces distintas e articuladas sobre o projeto do adulto, análogas ao projeto do adolescente, mas com algumas características distintas. A primeira ele chama de *projeto de emprego*, que talvez poderia ser nomeado como projeto de trabalho no contexto brasileiro, pois diz mais sobre a inserção no mundo produtivo do que sobre estabelecer vínculos formais de emprego. Aqui, o adulto leva em conta os lugares que ocupa e ocupará no mundo laboral. A segunda face é o *projeto de competência*, que diz respeito ao seu desenvolvimento enquanto detentor de conhecimentos e habilidades de fazeres produtivos. Por fim, há o que o autor nomeou de *projeto de carreira*, que diz respeito aos movimentos que o adulto fará no mundo do trabalho. Essa mobilidade (ascendente ou não, contínua ou disruptiva) é condição para que exista a dimensão da carreira no projeto do adulto.

Visto que a noção de projeto sofre alterações de acordo com o público que o constrói, como adolescentes e adultos, vamos discorrer sobre como essa noção tem sido trabalhada na orientação profissional e de carreira a partir de sua relação com outro conceito muito bem estabelecido na área: a escolha.

Breve história do conceito de escolha

Escolha e dimensão temporal para Parsons, Holland, Bordin, Roe, Ginzberg e Super. Contemporâneo e alargamento do arco temporal.

Para adentarmos em como o projeto tem sido conceituado como um objetivo da orientação profissional e de carreira contemporânea, é necessário antes que se diga algumas palavras sobre o outro objetivo da área, a escolha. Para isso, tomaremos o eixo temporal para passarmos brevemente por como o conceito de escolha foi pensado a partir das principais abordagens da área, até chegar à década de 1990 quando já há mais claramente um giro para a noção de projeto, ou seja, quando foram propostos conceitos

como adaptabilidade (Savickas, 1997), construção de carreira (Savickas, 2005) e construção de si (Guichard, 2009). Esses conceitos teóricos dizem respeito a uma relação com o mundo do trabalho não definida por momentos pontuais de tomada de decisão, e sim por uma constante reconstrução de lugares e objetivos.

Para Parsons (2005), considerado o fundador da área, a escolha era conceituada como um ajustamento entre o homem certo e o lugar certo (*the right man in the right place*). Seu objetivo era promover a justiça social ao auxiliar as pessoas a se encaixarem melhor no mundo de trabalho da época, estimulando-as a escolher somente após fazer um trabalho prévio de pensamento sobre si e sobre as vagas disponíveis (Ribeiro & Uvaldo, 2007). Mas, essa reflexão era feita de forma não-histórica e estática (Scheeffer, 1973), tendo Parsons vivido em uma época anterior ao desenvolvimento científico que embasaria a área: a psicometria.

Com o desenvolvimento das ciências dos testes psicológicos (psicometria), a escolha passou a ser conceituada ainda como um ajustamento, mas baseado em elementos factuais e informações racionais obtidas através de uma bateria de testes cientificamente padronizados e validados (Scheeffer, 1973). A escolha se operava pela justaposição mais adequada possível dos traços psicológicos da pessoa e os fatores do mundo do trabalho e educacional. Holland (1966) vai elevar essa ideia ao conceito da escolha como uma extensão da própria personalidade do indivíduo. Este precisaria descobrir seu estilo de conduta pessoal e escolher um ambiente profissional de forma a propiciar um melhor ajuste possível entre ambos, ou seja, um ambiente profissional no qual este estilo possa ser melhor expresso.

Aqui ainda não está incluída a dimensão temporal mais alargada da escolha, por dois fatores: primeiro, pela ideia de que o perfil ou tipo não mudaria substancialmente

durante o arco temporal da vida, e por isso seria possível realizar no futuro o que a pessoa é no presente, aferindo-se suas características por meio de uma bateria de testes; e segundo porque o mundo do trabalho exigia menos prospecção de caminhos futuros, estando a carreira mais ou menos estruturada de forma objetiva e estável (para uma pequena parcela da população à qual se aplicava essas teorias e práticas).

A partir da década de 1940, houve maiores contribuições teóricas à orientação profissional e de carreira, incluindo-se, no estudo conceitual da escolha, os aspectos afetivos e de desenvolvimento psicológico. Dentro do primeiro aspecto, as contribuições de Edward Bordin se destacam pela inclusão de aspectos dinâmicos e emocionais implícitos à escolha, que remetem à história pregressa da pessoa. Aqui aparece um alargamento da dimensão temporal para a explicação da natureza da escolha, que passou a ser entendida como uma expressão de algo enraizado em uma história, esse algo sendo, entre outras coisas, necessidade de gratificação, proteção contra ansiedades, e aceitação de um autoconceito de si (Ribeiro, 2018).

Na mesma linha, Roe (1957) se propôs a estudar os determinantes precoces da escolha, conceituando a tomada de decisão como sendo produto das relações afetivas com os pais nos primeiros anos de vida e da atmosfera emocional desse lar, e a escolha seria uma tentativa encontrar nas profissões maneiras de representar esses afetos e/ou rejeições (Scheeffer, 1973).

Ambos os autores de abordagem psicanalítica procuraram conceituar a escolha em sua relação com o tempo passado. Já Ginzberg et al. (1951), pela via dos aspectos desenvolvimentais, conceituam a escolha como necessariamente efetuada dentro de um processo de desenvolvimento de um período de tempo longo, composto de diversas etapas sucessivas. Nesse processo de maturação, os componentes afetivos, os interesses e traços

individuais e as pressões ambientais formavam a tomada de decisão em função da relação da pessoa com a realidade das profissões (Scheeffer, 1973).

Nos anos 1950, Super (1951) se dedicou a elucidar esse processo evolutivo, mas não pela história afetiva ou psicodinâmica, e sim pela elucidação das sucessivas etapas de desenvolvimento vocacional. Ou seja, o momento da escolha de uma profissão passou a ser entendido como um ponto culminante de um processo que abarcada toda a vida da pessoa, desde sua infância, e continuaria depois na vida adulta até a velhice.

É com Donald Super que, além do passado, a dimensão temporal do futuro é incluída na conceituação da escolha. Com o desenvolvimento do modelo *life-span* e *life-space* (Super, 1980), ele apresenta a questão da escolha como presente em vários momentos do arco temporal da pessoa, e esta deve esperar para seu futuro outros momentos de escolha e transições não somente no âmbito profissional como em outras áreas de sua vida.

Aqui a orientação profissional e de carreira apresenta um ponto de virada enquanto área científica de produção de saber. Segundo (Scheeffer, 1973):

> A psicologia vocacional, que até a década de 50 se desenvolvera às custas de conceitos e teorias emprestadas por outras áreas da psicologia tais como a diferencial, a clínica e a da personalidade, amadurecera suficientemente para estruturar e testar as suas próprias teorias (p. 6).

É interessante notar que a orientação profissional e de carreira passa a estruturar e testar suas próprias teorias a partir do momento em que se inclui na conceituação da escolha a dimensão alargada do tempo, ou seja, incluindo o processo que abarca o passado e o futuro. Na verdade, este argumento montado ao contrário parece mais preciso: justamente por incluir a dimensão temporal alargada, a orientação profissional e de

carreira passou a existir enquanto uma ciência-aplicada de corpo conceitual próprio (mesmo que em constante diálogo com suas "ciências mães").

Essa brevíssima história do conceito de escolha deixa claro um aspecto que vem sendo ressaltado no decorrer dessa pesquisa: que a orientação profissional e de carreira é uma ciência-aplicada intimamente ligada à experiência do tempo. Não há possibilidade de praticá-la sem se haver com o passado, e presente e o futuro.

Este último item da tripartição do tempo, o futuro, constitui uma questão cada vez mais premente para o ser humano, conforme mostrado na Parte 1 dessa tese. Os conceitos de adaptabilidade[22] (Savickas, 2005) e reflexividade[23] (Guichard, 2008), que foram (e são) os próximos passos conceituais dessa breve exposição da história da nossa ciência-aplicada, remetem mais diretamente à ideia do futuro como aberto, mutável, instável e flexível. É nesse cenário que há uma virada dos objetivos da orientação profissional e de carreira, do conceito de escolha à procura do conceito de projeto.

Utilização do termo no campo da orientação profissional e de carreira

> Relação entre escolha e projeto. Projeto familiar, escolar e social. Escolha é palavra, projeto é narrativa. Ampliação do alcance da orientação.

Na história da orientação profissional e de carreira, a escolha antecedeu o projeto enquanto objetivo. Isso nos faz pensar que a emergência da construção do projeto enquanto um objetivo da área ocorreu devido a escolha ter deixado de ser suficiente para organizar a relação da pessoa com seu futuro. Ou seja, só faria sentido falar de projeto

[22] O conceito de adaptabilidade é definido como a "qualidade de ser capaz de mudar" (Savickas, 2005, p. 254). Na orientação profissional e de carreira a adaptabilidade enfatiza "os processos de *coping* pelos quais os indivíduos se conectam com a comunidade e constroem suas carreiras" (Savickas, 2005, p. 48).
[23] Por sua vez, o conceito de reflexividade é definido como o "projeto reflexivo do self que consiste na sustentação de narrativas biográficas coerentes, mas continuamente revisadas" (Guichard, 2009, p. 252) diante das possibilidades existentes no mundo.

nos momentos ou situações em que a escolha não é suficiente para reorganizar essa relação. O perigo de pensar assim é a ideia subjacente de manter a escolha como o "verdadeiro" objetivo da orientação profissional e de carreira, e o projeto como um complemento.

Sobre isso, Uvaldo (2002) aponta que temos experimentado uma mudança de foco na área: "Na Europa, a Orientação Profissional, no esforço de compreender e incorporar essa nova configuração do mundo do trabalho, tem-se apoiado na noção de projeto, distinguindo-se da de escolha, de decisão profissional" (p. 63).

O projeto tem passado a ser uma necessidade para as pessoas que se esbarram com seus futuros. No entanto, se analisarmos a natureza do que é uma escolha, chegamos à ideia de que o ato de escolher somente é imbuído de sentido dentro de um projeto, assim como um nome só tem sentido dentro de uma narrativa, ou uma palavra dentro de uma frase. Os nomes e palavras têm significados, como os que um dicionário contém. Mas, um sentido depende dos referentes de contexto para se perfazer – para se definir qual é o significado que aquela palavra ganha naquele momento e contexto específicos.

Dessa forma, é possível pensar que toda escolha na verdade só encontra um sentido para pessoa que escolhe dentro de um contexto que ultrapassa a operação de escolher. Como a escolha é um nome que nomeia um pedaço do futuro da pessoa, o contexto aqui é um contexto também sobre o futuro. Esse campo contextual, maior que um nome, que fala sobre o futuro, é o projeto: há sempre um projeto familiar (Ribeiro, 2005), um projeto da escola (Silva, 2003), e/ou um projeto do meio social em que a pessoa que escolhe se encontra. Ou seja, esse entorno da escolha não é necessariamente um projeto de autoria do adolescente, como apontam Teixeira e Gomes (2004):

> Embora o ingresso na universidade já exija do adolescente uma primeira especificação de seus interesses profissionais, a escolha de um curso ainda é, para a maioria dos jovens, uma atividade exploratória, não correspondendo a um projeto de vida mais refletido e elaborado (p. 48).

É incomum o adolescente já ter uma experiência de construção própria de projeto profissional de longo prazo, salvo em casos específicos de antecipação da vida e de desempenho profissional adulto como em alguns adolescentes de altas habilidades atléticas, artistas ou acadêmicas, por exemplo. E, nesses casos, o projeto é necessário para que se aumente as chances de atingir o alto desempenho desejado, mas não vem sem cobrar seu preço:

> Os projetos de longo prazo passam a ser encarados como geradores de angústias; as decisões que eles demandam para sua construção e implementação geram situações irreversíveis, que, na percepção dos jovens, parecem significar uma redução do universo de possibilidades que desfrutam no *agora*, o futuro apresentando-se como um tempo em que não mais poderão resgatar projetos deixados no passado, um tempo irreversível onde se deverão fixar para sempre (Dib, 2006, p. 209).

No caso dos demais jovens, é mais comum que se foquem em fazer uma escolha pontual. Isso não significa que não haja projetos sobre o adolescente, somente significa que não foi ele que os construiu. Esses projetos são as formas como os outros significativos o sonharam, explícita ou implicitamente, para o bem ou para o mal:

> Cada aluno tem um projeto pessoal e profissional destinado a si por sua família e pelo grupo social no qual foi gerado, que pode ou não incluir o estudo universitário, (...) a explicitação da construção desse projeto nos ajudaria a identificar e entender como os aspectos sócio-históricos estariam sobredeterminando significativamente a trajetória de vida de cada um (Ribeiro, 2005, p. 59).

Dentro dessas narrativas que atravessam a pessoa, a escolha aparece como uma palavra importante, que nomeia muita coisa em relação ao seu futuro. Mas, se a escolha

é uma palavra, o projeto é uma narrativa. Quando o projeto tem uma estrutura de narrativa, ocorre o efeito descrito por Delory-Momberger (2006) de tomar "espaços e tempos esparsos e polimorfos" do futuro, ou seja, que se referem a diversas áreas e a diferentes épocas vindouras da vida da pessoa, e organizá-los em um "espaço-tempo construído e unificado" (p. 362) de futuro, sem a pretensão, claro, de esgotá-lo ou dominá-lo totalmente.

Então, se a escolha somente tem sentido dentro de um projeto, por que este não emergiu como primeiro objetivo da orientação profissional e de carreira, e sim a escolha? Ora, no início do século XX os projetos sociais sobre a pessoa eram marcados pela estabilidade, previsibilidade e legitimidade sociais restrita a poucas versões de projeto. Quanto a isso, Ribeiro et al. (2016) chamam atenção para o conceito de Mead (1953) de Outro Generalizado, que é uma narrativa com status único de legitimidade em detrimento às outras narrativas que seriam desviantes e marginalizadas. Na segunda metade de século XX houve a emergência dos Outros Generalizados, ou seja, várias versões de narrativas de vida e de futuro que encontraram legitimação social, ou em fragmentos do social, uma vez que este veio se tornando cada vez mais instável, imprevisível e plural. Quanto menos uma escolha (nomeação) faz efeito para fornecer alguma certeza do futuro, mais a pessoa precisa de um projeto (narrativa).

Assim, quando a orientação profissional e de carreira tornou-se uma profissão, no início do século XX, ela não tinha como seu propósito ajudar as pessoas a projetarem seus futuros profissionais, porque seus futuros estavam mais ou menos estabelecidos por discursos sociais únicos. Isso permitiu que o seu tópico central tratasse da escolha de uma vocação (Parsons, 2005). Mais de um século depois, esse objetivo tornou-se insuficiente, pois "as ocupações e profissões são em sua maioria instáveis, o emprego incerto, e os

suportes sociais tradicionais muito menos asseguradores da identidade das pessoas" (Guichard, 2009, p. 251).

O projeto sempre esteve presente ao redor de todas as escolhas, fornecendo-lhe suas possibilidades de sentido. Mas, é nesse cenário contemporâneo que, por muitas vezes, além da escolha de um nome de curso ou de profissão, a pessoa precisa, ela mesma, reconstruir uma narrativa através da qual ela possa compreender e se relacionar com o mundo.

No entanto, vale ressaltar que isso não acontece em todos os casos. Se a pessoa no ato de escolher tem um entorno social mais ou menos estável, com outras pessoas e instituições a sonhando, ou seja, fornecendo a ela narrativas estáveis e mais ou menos consistentes, a pessoa pode se dedicar a escolher o nome do curso e profissão, e este provavelmente será uma palavra que harmoniza com as narrativas através das quais está interpretando o mundo. Para esses adolescentes, pensar no projeto não costuma ser uma questão na orientação profissional e de carreira, pois ele já está mais ou menos pensado, estabelecido pelo seu entorno. O que se estabelece com esse jovem são somente linhas ou diretrizes gerais que ajudam a significar a escolha (Dib, 2006).

Esse grupo de pessoas que não precisa construir um projeto próprio para poder efetivar uma escolha inclui grande parte dos adolescentes de classe média e alta no Brasil – público que ainda hoje constitui a maioria dos clientes que a orientação profissional e de carreira atende, seja em consultórios particulares, em escolas particulares ou até nos escassos serviços públicos de orientação profissional e de carreira presentes em universidades (Fonçatti, 2016). Em todos os outros grupos sociais, que incluem grande parte dos jovens abaixo da classe média, além dos adultos em crise profissional e dos universitários em crise com seus cursos, chegar somente à escolha de um curso ou

profissão não resolve a equação pessoa-futuro, pois tanto para essa escolha fazer sentido como para que seja possível implementá-la na realidade, essa pessoa precisa estabelecer um projeto para si que é diferente das narrativas sociais que a cercam. É o giro da ênfase na realização de uma escolha para a ênfase na construção de um projeto que pode ajudar a orientação profissional e de carreira a ser mais efetiva para pessoas em contextos instáveis e pouco previsíveis (a maioria da população), pois o projeto é uma construção que

> comporta e acolhe possíveis perdas de interesse e sentido profissional, além da própria efemeridade das escolhas em face dos cenários cambiantes e da reconstrução contínua da trajetória a cada vivência profissional e/ou expectativa frustrada (Dib, 2006, p. 186).

Então, para que a orientação profissional e de carreira possa chegar a mais pessoas, umas das ações necessárias é o reconhecimento da construção de projeto como um de seus objetivos primeiros. A partir disso, poderíamos incluir como participantes da orientação profissional e de carreira pessoas cujo projeto familiar ou escolar não contempla a possibilidade de escolhas mais amplas (Ribeiro, 2010); assim como aquelas cujo projeto social é muito discrepante de sua própria narrativa de futuro, como por exemplo, a escolha de cursos muito desvalorizados pelo contexto social, seja pelo estereótipo de baixa remuneração, seja porque são marcados, pelo social, por uma associação ao gênero diferente do da pessoa (Silva, 2010).

Nesses casos, o orientador ajuda a pessoa não somente na escolha, mas também a construir o projeto dentro do qual essa escolha terá sentido e será exequível. O projeto, então, está em dialética com a margem relativa de liberdade de escolha que a pessoa tem em determinado grupo e momento histórico (Maia & Mancebo, 2010). Vamos agora explorar como essa dialética pode se dar na forma de construção de narrativa.

Projeto como narrativa

> Uma história que não existe. Narrativa enraizada em narrativa. Transformar passado em futuro. Origem e orientação. Universais e específicos.

A escolha, como apresentado, é entendida como uma nomeação, enquanto o projeto é entendido como a produção de uma narrativa. Nesse está incluído um conjunto de escolhas a serem feitas, mas que são colocadas dentro de uma estrutura narrativa. O processo de construir e reconstruir as histórias de vida de trabalho consiste, em última instância, num trabalho sobre "'nomes', designações para se entender que a vida é o que se faz dela, e o que se vê não é o que se vê, mas aquilo que se é" (Duarte, 2019, p. 41).

Essa narrativa trata de "nomes" ou palavras organizadas sobre um arco temporal mais alargado que a escolha. Esse arco, como a própria etimologia da palavra "projeto" nos traz, se estende sobre o futuro. Mas, que futuro é esse sobre o qual é possível produzir uma narrativa? Ou, em outras palavras, que futuro é esse que se deixa projetar? Como já exposto na Parte 1 dessa tese, é necessário buscar elementos já existentes para que seja possível falar daquilo que ainda não existe. Assim como uma escolha é um ato de nomear o que ainda não existe com um nome que já existe (por exemplo, os próximos anos de minha vida com o nome de um curso universitário), o projeto é o ato de contar uma história que ainda não existe a partir de uma história que já existe.

Todo projeto deve ser uma narrativa enraizada em outras narrativas que são construídas sobre a vida da pessoa, ou seja, sobre seu passado e presente. O projeto está calcado na trajetória de vida da pessoa, que por sua vez é moldada por múltiplas determinações, como a dinâmica familiar, a vida acadêmica/escolar e os grupos de pertencimento (Souza & Castro, 2014). É a partir de uma história do que já existiu, do que já foi vivido e experimentado, que pode ser produzido um vocabulário com o qual

será composta a narrativa sobre o que ainda não existe. Esse conjunto de palavras é adquirido durante o processo de orientação profissional e de carreira, não somente inspecionando o que a pessoa diz sobre sua história, mas, a partir dessas contações, produzindo novas construções de frases, de significados e de relação entre palavras.

Assim, solicitar que a pessoa conte sua história de vida a fim de produzir uma narrativa sobre o futuro em formato de um projeto, é, de certa maneira, como transformar o passado em futuro. Pois dada a natureza do futuro já apresentada nessa pesquisa, somente é possível olhar para o futuro e ver coisas por lá se projetarmos elementos do passado e presente. Talvez por isso que seja muito comum que, no processo de construção de projeto, o orientando inicie com frases no tempo verbal do futuro do pretérito – "eu queria, eu faria, eu gostaria disso e daquilo". O projeto começa no futuro do pretérito para ao final chegar a se descolar do pretérito e se lançar ao futuro: "eu farei isso e aquilo, dessa e daquela forma".

Esse processo de transformar passado em futuro não é de se estranhar, pois a própria palavra que a história reservou para nomear nossa prática tem em sua etimologia essa ideia encubada. "Orientar" tem em sua origem a palavra oriente, como o ato que saber onde fica o ponto cardinal leste. Oriente, por sua vez, contém a ideia de origem, aquele ponto onde o dia se origina, com o nascer do Sol. Orientar-se então – como nos mostrou a história da navegação pelo mundo da qual somos produto de uma forma ou outra – é saber apontar onde fica o oriente e a partir disso saber para onde se está indo. De uma forma mais poética, orientar é reconhecer a origem para se localizar a partir dela.

Na mesma ideia, construir um projeto é reconhecer a própria história de vida, com o foco (não exclusivo) na história de vida de trabalho e estudos. Esse reconhecimento é produzido a partir de uma construção de narrativa sobre o passado, e, a partir dela,

construir uma narrativa sobre o futuro. Isso não significa que essa história prospectiva deva ser uma repetição da história pregressa. Assim como um navegador, que primeiro reconhece onde fica o oriente, e não por isso precisa necessariamente seguir viagem naquela direção, fazer um projeto não é necessariamente retornar ao passado, mesmo que, para que seja possível construir um projeto seja necessário primeiro um reconhecimento do passado da pessoa.

Assim, podemos definir que a natureza do projeto é a natureza de uma narrativa. Isso implica em estarmos obrigados a duas coisas. Primeiro, explorar em profundidade o que significa uma narrativa, o que será feito na Parte 3 dessa tese. Segundo, a reconhecer que considerar conceitualmente o projeto como uma narrativa faz com que este não tenha em si um poder de descrição ou de explicação específicas de um fenômeno, e sim que seja uma matriz conceitual que contêm algo de universal sobre o fenômeno – assim como a produção de narrativa é universal. O que torna o projeto específico é a sua necessidade de contextualização e singularização. O que há de universal no conceito de projeto é, então, suficiente para colocá-lo como um conceito abstrato (isto é, não dependendo de um conteúdo para existir), mas não é o suficiente para colocá-lo como um conceito concreto.

Sobre seu caráter universal, os dois fatores que podem universalizar o conceito de projeto são, primeiramente, a "presença do futuro", no sentido de haver uma percepção de que ele existe e às vezes precisamos lidar com ele; e segundo, a produção de narrativa como a maneira de se lidar com esse futuro que se apresentou. Ambos os fatores são universais da experiência humana com o tempo e com a cultura, o que será destrinchado na Parte 3 dessa tese.

Agora, sobre seu caráter específico, que torna o conceito de projeto contextualizado e singularizado, e a partir daí, com poder descritivo e explicativo, são dois outros fatores. Primeiro, a realidade material que compõe o contexto específico (de espaço e tempo) no qual a pessoa se encontra. Esse fator é considerado nessa tese sempre do ponto de vista psicossocial. E, segundo, a realidade psíquica que estrutura a forma de estar no mundo daquele sujeito singular. Este fator, por sua vez, é compreendido nessa tese pela via da metapsicologia psicanalítica, e será apresentada de forma mais profunda na Parte 4.

Ambas as realidades, material e psíquica, são entendidas como universais enquanto estruturas estruturantes, parafraseando Bourdieu (2007). No entanto, é quando se explora seus conteúdos que se encontra justamente aquilo que garante a inclusão do contexto e da singularidade na construção do projeto – sempre feita de forma narrativa diante do futuro.

Colocados esses parâmetros, vamos apresentar como o projeto tem sido incluído no corpo teórico e prático da orientação profissional e de carreira, a fim de explorar aquilo que já se tem pensado sobre o tema.

Giro teórico contemporâneo: da escolha ao projeto

> Na educação e na psicologia. Dos fatos aos sentidos. Nas teorias contemporâneas. Teorias de escolha e de projeto. Giro metateórico.

O uso da noção projeto não é novidade na nossa área. Denis Pelletier já falava em projeto vocacional desde a década de 1970 (Pelletier, Noiseux, & Bujold, 1982), e o termo projeto de vida aparece no contexto escolar desde a tradição da educação para carreira (Hoyt, 1995). Ribeiro e Uvaldo (1998) trazem que a necessidade do projeto ser uma construção que articule desejo e realidade aparece claramente no pensamento de Pelletier

et al. (1982), que diz que todo projeto "deve coordenar o desejável com o provável" (pp. 56-57), a fim de manter seu caráter ao mesmo tempo instrumentalizador para a pessoa e exequível na realidade.

> Os projetos mais desejáveis no plano das necessidades não são aqueles cuja realização seja a mais provável. Em face disto, o indivíduo deverá confrontar seus projetos com fatores tais como seus limites pessoais, seu currículo escolar, o contingenciamento, a situação socioeconômica, de sorte que leve em conta as possibilidades profissionais que melhor se adaptem a suas necessidades (Pelletier et al., 1982, p. 56).

Para que seja possível construir um projeto nesses termos, caberia ao orientador, "saber fazer o inventário das possibilidades, colocar questões pertinentes, organizar os elementos do problema, avaliar os fatores de realidade e computar as probabilidades de materialização dos seus projetos" (Pelletier et al., 1982, p. 56). Fica claro o grande peso que essa teoria dá à realização do projeto.

Ainda no ponto de vista da educação, Danza (2014) coloca os seguintes fatores como imprescindíveis para uma construção teórica sobre projeto de vida: a dimensão futura; a criação; a busca de sentido; a pessoalidade; os valores; as condutas de antecipação e planejamento; o campo de possibilidades; e a realização do projeto em si.

A partir da psicologia, Catão (2001) coloca que o projeto profissional teria três dimensões: a espaço-temporal, a socioafetiva e a sociocognitiva. A primeira diz respeito à trajetória de vida e possibilidades de futuro; a segunda, à inclusão social, familiar e à relação consigo mesmo; e a terceira diz respeito à capacidade da pessoa de pensar e refletir. Isso coloca o projeto entendido como um conceito sócio-cognitivo-afetivo.

No âmbito da estratégia clínica, Uvaldo (2002) também ressalta algumas atitudes necessárias para promover a construção do projeto, colocando que:

> para o delineamento de um projeto são necessários: conhecimento atualizado da realidade, conhecimento de si mesmo (habilidades, interesses, conhecimentos, dificuldades, deficiências), um objetivo claro e definido, avaliação das possibilidades, criação de estratégias efetivas de ação, levantamento das dificuldades que podem surgir e avaliação de perspectivas futuras (Uvaldo, 2002, p. 150).

Ou seja, mesmo nas teorias psicodinâmicas, a preocupação com a realização do projeto é muito presente. Ribeiro (2018) mostra como na teoria de base psicanalítica de Edward Bordin já constava a ideia do projeto como um objetivo da orientação, correspondendo ao terceiro momento de seu processo de aconselhamento vocacional (os primeiros são o momento de diagnóstico (*reshearsing*) e de orientação (*refocusing*). Essa etapa final foi chamada de *reconstructing*, que é o momento da feitura de um projeto (*plan*). Vale notar a escolha da palavra reconstruir no original, ressaltando, ainda na década de 1950, a ideia que persiste até hoje de que o projeto é uma construção, e não somente uma tomada de decisão ou esclarecimento de um objetivo.

Em teorias mais focadas na ação, a definição de projeto fica mais próxima de delimitação de objetivos. Projetos são definidos, por exemplo, como "ações direcionadas a um objetivo em um contexto" (Little, Salmela-Aro, & Phillips, 2007, p. 18) e como "representando uma série de ações, construídas como tendo objetivos comuns, durante um período de médio prazo" (Young, Valach, & Domene, 2005, p. 217), mesmo que haja a preocupação de vincular esses objetivos ao sentido da vida:

> Como dar sentido às necessidades e aspirações em uma dinâmica biográfica que exige escolhas realistas? A gestão da sua formação no plano da vida profissional e pessoal exige o horizonte de um projeto de vida ou objetivos de desenvolvimento pessoal (Dominicé, 2005, p. 6).

Mas, o projeto (assim como a identidade[24]) como princípio organizador de tomadas de decisão representa uma contribuição da virada do milênio. Mandelli, Soares e Lisboa (2011) apontam que a construção do projeto de vida tem similaridades com a construção da identidade, no sentido que ambas são processuais, em permanente e constante metamorfose, e necessitam da interação com a realidade objetiva, com o social e suas implicações. Ribeiro (2004) ressalta que o projeto e a identidade se constituem sempre num saber partilhado, pois se objetiva pela ação, que necessita laborar na construção da civilização. "Não é a vontade subjetiva, nem as circunstâncias objetivas que produzem os projetos de vida, mas sim as relações indivíduo/sociedade, formando e transformando, assim, suas representações sociais" (Ribeiro, 2004, p. 90).

Identidade e projeto são dois conceitos que se inter-relacionam na orientação profissional e de carreira. Uvaldo (2002) coloca que "as primeiras experiências profissionais (25 a 30 anos) delinearão a construção da identidade ocupacional, constituindo não apenas uma identidade no trabalho, mas também uma projeção de futuro" (p. 108).

Na modernidade, a ideia de se ter um plano para o futuro passou a se confundir com a própria formação da identidade, ambos com essa função de biografização (Dib, 2006). Mas, como pode o plano de futuro fazer efeito de formar biografia? Isso ocorre porque nesse cenário moderno de maior abertura para o não estabelecido pela tradição, "o futuro, como uma externalidade, emprestava sentido à história, ao mesmo tempo em que cadenciava o ritmo de vida dos sujeitos, apontando a direção dos caminhos a serem

[24] Na Parte 3 dessa tese discutimos a questão da identidade pela via da narrativa, e como ela se relaciona com o projeto.

seguidos" (Dib, 2006, p. 243). Isto é, o projeto faz efeito tanto no presente como também na forma como percebemos o passado.

Por isso o movimento da orientação profissional e de carreira no século XXI tem sido em direção à ênfase em conceitos como sentido e identidade, ao mesmo tempo que se distancia do foco dado no século XX aos fatos e à personalidade (Watson & MacMahon, 2015). Por isso vêm emergindo diversas formas de orientação profissional e de carreira narrativas para se elaborar a construção de projetos, como: aconselhamento de carreira narrativo (Cochran, 1997); aconselhamento sociodinâmico (Peavy, 1998); construção da carreira (Savickas, 2002); construção de si (Guichard, 2009); *Life Design* (Savickas et al., 2009); teoria contextualista da ação (Young, Valach, & Collin, 2002), entre outros. Essa mudança vem aproximando a orientação profissional e de carreira de uma ideia de projeto mais existencial (Boutinet, 2002), pois diz mais da vida da pessoa do que da definição de um objetivo pontual e planejamento para alcançá-lo. A mudança de foco do "escolher" para o "projetar" pode ser vista na proliferação crescente dos métodos narrativos de orientação (Duarte, 2017).

Young e Valach (2017) compreendem o projeto como sendo um conjunto de ações direcionadas a metas duradouras dentro de uma esfera da vida da pessoa (profissional ou não). O conjunto de projetos que a pessoa tem configurariam a sua carreira. Nesse sistema de pensamento, há uma tríade crescente entre ação, projeto e carreira, todos compreendidos como processos direcionados a objetivos nos diversos âmbitos da vida (Young et al., 2005). Nota-se que nessa perspectiva, os projetos e mesmo as carreiras como um todo, mesmo que se refiram ao futuro, se desenvolvem em ações no aqui e agora: "não há projetos ou carreiras sem ações" (Valach & Young, 2017, p. 525).

Já o Aconselhamento de Construção de Carreira (CCC) de Savickas (2011b) é uma estratégia em orientação que enfatiza a dimensão intersubjetiva do aconselhamento de carreira, colocando dois objetivos principais: primeiro, ajudar a pessoa a criar sua identidade narrativa (presente); e, segundo, ajudar a pessoa a projetar novas possibilidades de autoconstrução (futuro) em papeis profissionais (Cardoso et al., 2014). A dimensão do projeto aqui aparece na forma do verbo projetar. O que se projeta ao futuro são as possibilidades de autoconstrução, e o que se utiliza para essa construção são as profissões. Aqui fica claro como os objetivos do aconselhamento são mais amplos que a tomada de decisão pontual.

Por isso tem sido observado um giro teórico no que se refere aos conceitos chave para a orientação profissional e de carreira. Inspirado neste movimento emergente e corroborando seus princípios, Ribeiro (2014) sintetiza esta transição conceitual e de eixo temático de análise ao operar a passagem da escolha vocacional para a elaboração de um projeto profissional. Quanto a isso, Bujold (2004) coloca: "a escolha da profissão ou da carreira deve ser encarada como uma escolha criativa e que envolve multifatores que não podem ser considerados do ponto de vista objetivo e premeditado como o positivismo" (p. 471).

Essa "escolha criativa" que o autor coloca contrapõe-se à escolha descritiva almejada por uma via mais positivista. Criatividade anda junto com palavras como construção, design, sentido, projeto e narrativa. Isso provoca a orientação profissional e de carreira a rever sua dimensão metateórica, antes de repensar as estratégias das quais lançará mão, pois construir sentido não é um fazer meramente técnico, pois tem efeitos diretos na construção da subjetividade: "nessa perspectiva, o projeto como espaço para a construção de um sentido para as trajetórias profissionais evoca os processos mesmos de

construção da subjetividade dos sujeitos, nos quais se articulam e entrelaçam as dimensões individual e coletiva" (Dib, 2006, p. 216).

Por esse motivo, Uvaldo (2002), ao analisar os dados apresentados em sua pesquisa de atendimento em grupo a adultos, coloca que "operacionalmente optou-se por trabalhar com a noção de projeto profissional, proporcionando aos orientandos uma reflexão crítica sobre o atual contexto de trabalho (transação objetiva), resgate da história pessoal (transação subjetiva) e desenvolvimento de um projeto futuro integrativo" (p. 158). A ideia de projeto propicia uma maior gama de atuação do orientador do que se ficarmos presos à ideia de escolha. A autora cita ainda que "a própria ideia de projeto, em substituição à de escolha, foi extremamente relevante, pois introduziu nos grupos a ideia de articulação entre o passado, presente e futuro, tão necessário em um momento de violentas mudanças como o que nos encontramos" (p. 154).

Essa necessidade de articulação temporal é ainda mais relevante quando se trabalha numa época com as características do contemporâneo. O projeto sempre está associado a uma possibilidade de futuro, a um movimento através da temporalidade (Mandelli et al., 2011). Ribeiro (2004) aponta que momentos de transição são caracterizados por "uma desagregação das categorias que servem para definir a si e aos outros, pois o passado já não é pertinente e o futuro ainda não está estabilizado" (p. 40). Sobre isso, Teixeira e Gomes (2004) escrevem que momentos de transição podem ser entendidos como ocasiões em que a "narrativa que articula experiências passadas e expectativas para o futuro é provocada a se recontar, e reformar um todo que carrega em si vários significados" (p. 49).

Esses momentos que eram poucos e pontuais nas vidas das pessoas, agora parecem ser o seu cotidiano – daí a importância da narrativa no lugar de estruturas mais fixas. Para entender as transições, as teorias desenvolvidas sobre carreira têm sido essencialmente de

tradição positivista e objetiva (Bujold, 2004). No entanto, considerando que na hipermodernidade cada vez mais os limites trazidos pela autoridade e tradição vêm sendo enfraquecidos, as instâncias que constituíam em grande medida os atores sociais e seus papeis vêm perdendo o lugar de matriz e deixando as identidades social e pessoal cada vez mais como projetos em aberto (Malki, 2018).

> O conceito de projeto se refere a um homem que não está completamente determinado pelas circunstâncias, por seu passado e seu presente. Pressupõe que o homem possa perceber, analisar e compreender a sua situação passada e presente e, a partir dessa leitura, criar um projeto como intenção futura (Uvaldo, 2002, p. 64).

Assim, se para compreender a escolha no contemporâneo, o pensamento reducionista e positivista tem falhado, para conceituar o projeto ele tem pouco a dizer. Isso porque o projeto está mais fortemente apegado ao futuro do que a escolha. Uma diferença entre a escolha e o projeto é que toda tomada de decisão é feita no presente, mas refere-se a um futuro próximo, e espera-se que tenha efeitos num futuro mais estendido (prevenindo processos de reescolha, por exemplo), sendo uma ação pontual. Já o projeto também é feito no presente, mas refere-se mais claramente a um futuro estendido, e, da mesma forma, espera-se que tenha efeitos no futuro próximo, sendo uma ação estendida. Esses efeitos ganham o nome de planos de ação, conceito que será abordado mais adiante.

A escolha, ou tomada de decisão pontual, é rica em explicações teóricas, e não é de se estranhar. É necessário haver teorias de escolha em orientação profissional e de carreira porque a escolha é um dos seus objetivos finais, portanto deve estar com estatuto de conceito teorizado. Não fosse assim, nossa área seria uma prática que não sabe dizer sobre seu próprio objetivo, tornando essa prática sujeita ou às definições do senso comum ou às definições conceituais de outras ciências, como já exposto. Se o projeto ganha

também o estatuto de objetivo da orientação profissional e de carreira, como têm acontecido nas últimas décadas, também se faz necessário haver teorias de projeto. E o perigo é análogo à falta de uma teoria de escolha: corre-se o mesmo risco de se fazer um trabalho baseado no senso comum da palavra "projeto", senso este que não tem nada de natural, pois é moldado pelas regras fixadas pelas condições históricas de nosso tempo (Foucault, 2010).

O trabalho de orientação profissional e de carreira ficaria limitado a ser um conjunto de técnicas que, mesmo bem elaboradas e conceituadas, produziriam efeitos com frequência meramente adaptacionistas e alienantes. Assim, para que a orientação profissional e de carreira enfrente um de seus desafios contemporâneos, que é promover reflexão, análise e elaboração de projetos de vida (López, 2005), precisa se dedicar a erigir teorias de projeto.

Malki (2018) elenca alguns elementos chave para um quadro de referência atual para balizar o trabalho do orientador. Para a autora, um ponto crucial é a escolha ser entendida como uma tarefa radicalizada, e não pontual, que ultrapassa o profissional e abarca outras esferas da vida como o gênero, por exemplo; outro ponto é o entendimento que o sentido da vida e sua busca estão cada vez menos coletivos e mais individualizados, "mesmo que haja imperativos de modelos idealizados atuantes" (p. 162).

Há um cuidado a ser tomado quando há um movimento de afastamento de epistemologias mais objetivistas, que é o relativismo individualizante. A psicologização das escolhas, também presente no positivismo, pode ser transferida sem se perceber para uma epistemologia mais construtivista, mesmo que esta não se proponha a isso. É preciso atentar que mesmo institucionalmente enfraquecido,

> O meio conserva a sua influência, mas a dissimula com o imperativo de que o indivíduo deve ocupar uma posição voluntarista de elaborar escolhas, reconhecer-se autor de sua própria orientação de vida. Fazendo isso, a cultura do projeto participa amplamente da escalada do individualismo e cultura do efêmero contemporâneos (Boutinet, 2002, p. 97).

Assim, mesmo que os projetos sociais tenham se desregulamentado e se deslocado do coletivo para os desafios individuais (Malki, 2018), a orientação profissional e de carreira deve estar acautelada de não corroborar cegamente com uma visão alienante, através de uma prática não refletida.

Utilizando as palavras produzidas nessa pesquisa: para se fazer o giro teórico que desloca o conceito central da orientação profissional e de carreira da escolha para o projeto, o motor do giro deve estar situado na dimensão metateórica, que abarca a discussão epistemológica, ontológica e ética, e não somente na dimensão da práxis (e muito menos na dimensão das técnicas), caso contrário a orientação profissional e de carreira se reduzirá a produzir metodologias e enquadres desenhados para a nossa época, aparentemente eficientes, mas que aprofundam a crise das pessoas que vivem a hipermodernidade, chamada por Boutinet (2002) de "cultura do projeto", calcada na ilusão de antecipar e controlar os acontecimentos futuros, criando uma nociva "obsessão projetiva" (p. 14). Sobre isso, Almeida e Magalhães (2011) apontam que, a partir de meados do século XX, o processo de escolha de uma profissão teve que contemplar pelo menos alguma elaboração de um projeto de vida e profissional, o que teve o efeito colateral dele servir como uma categoria fundamental à ideologia dessa época.

Assim, a análise de Ribeiro (2004) sobre os efeitos do giro teórico da escolha para o projeto traz o seguinte:

> A ideia de escolha, que sempre foi o foco de atenção predominante da orientação profissional, deve ser substituída pela ideia de projetos, que envolvem escolhas

> contínuas e não somente uma escolha profissional única e definitiva, já que estamos imersos na instabilidade. Não teremos como base a ideia clássica de projeto como uma operação realizada no presente, embasada no passado, como forma de apropriação do futuro, pois isso também pressupõe um certo grau de previsibilidade. A solução seria, diante da impossibilidade de traçar projetos que possam antecipar o futuro (projetos de estado), desenvolver os instrumentos objetivos e subjetivos necessários para lidar com as constantes crises da vida, através da elaboração de projetos de ação. O grande problema para a orientação profissional seria que, num mundo instável fica impossibilitada a construção de modelos de carreira que ofereçam planos gerais de carreira, ou seja, etapas previamente pensadas como projeto de carreira (p. 100).

Ou seja, pouco adiantaria substituir, para os casos que assim o necessitem, a noção de escolha por uma noção de projeto que carece de estabilidade e previsibilidade para poder funcionar. Isso faz com que qualquer noção de projeto que seja resumida a um conjunto de planos de ação, ou elaboração de etapas a serem cumpridas, já é deficitária e pouco efetiva para o atendimento das demandas do contemporâneo. Assim, é necessário discriminar uma dimensão do projeto que seja diferente da meramente operativa.

Duas dimensões do projeto: planos de ação e construção de sentido

> Dimensão operativa e subjetiva. Planos de ação. Objetivos, metas, intenções. Curto, médio, longo prazo. Bússola e caminho. Projeto e sucesso.

Para dar conta das transições tanto em adolescentes como em adultos, a construção do projeto deve ultrapassar a dimensão somente operativa, sem prescindir dela. O projeto implica em uma apropriação que a pessoa faz de si em diálogo com o meio, que se manifesta através de etapas imaginadas e objetivos selecionados, que ocorrem em duas esferas: a dimensão subjetiva, que visa a busca de sentido, e a dimensão instrumental, que visa os planos de ação para que o projeto se realize (Fonçatti, 2016; Ribeiro, 2014).

Segundo Barbier (1991) “um plano de ação é, na verdade, apenas sempre a combinação inédita de rotinas preliminares” (p. 140). O plano contempla parte do “programa” a ser executado a fim de se alcançar outros aspectos do que foi antecipado, como os objetivos de médio e longo prazo. No entanto, esse programa não pode ser “muito restritivo a ponto de acabar matando o projeto” (Boutinet, 1994, p. 141).

Devido à parcial indeterminação do futuro, o projeto sempre é “uma mistura instável de representação e ação” (Boutinet, 1994, p. 140), ou seja, não se resume ao cumprimento de um programa pré-estabelecido. Sobre isso, Barbier (1991) compara o projeto com um gerente de obras, que, apesar de ter um programa em mãos, tem que lidar com diversos imprevistos e modificar ações e prazos; e não como o projetista que em seu escritório desenhou um planejamento, etapas e cronograma a serem cumpridos.

O projeto não é entendido como uma estratégia que possibilita o melhor cumprimento de um programa pré-estabelecido, como metas e cronograma, e sim como aquilo que permite incluir as indeterminações e restrições do porvir junto aos planos de ação, para construir uma realização singular que cria uma forma original que provavelmente será ao menos um pouco diferente do programa de objetivos e etapas prevista no início. Por isso, Guichard e Huteau (2007) apontam que o projeto seria “uma intenção reflexiva, inscrita no tempo e na ação, se situando além de todos os objetivos estabelecidos para si” (p. 347). Assim, um conjunto de metas ou um conjunto de ações fazem parte do projeto, mas não correspondem à sua totalidade.

Nessa pesquisa, não pretendemos nos alongar na dimensão operativa do projeto, como por exemplo: como montar programas, cronogramas, estabelecer o curto, médio e longo prazo e estratégias para agir em direção ao alcance de objetivos. Tudo isso é importante e faz parte do processo de orientação profissional e de carreira. No entanto, é

na dimensão subjetiva que nos alongamos nessa pesquisa. Durante a realização da pesquisa de mestrado, nos deparamos com processos de orientação que tiveram seu desfecho não com uma escolha, e sim com um projeto (Fonçatti, 2016). Para os participantes da pesquisa, a construção do projeto se deu em um processo de revisita ao passado, quando os "buracos" da memória foram sendo preenchidos e, posteriormente, costurado em uma narrativa. A capacidade de projetar-se no futuro, isto é, a pessoa ser capaz de se apropriar de uma imagem desejada de futuro, identificando-se com ela, foi produto dessa narrativa, que fez efeito de nortear e dar sentido para os planos de ação que constituíram o projeto (Fonçatti, 2016).

O projeto, então, tem uma dimensão que é composta por uma imagem desejada de futuro construída no processo de orientação e que é enraizada nos passos anteriormente dados nesse processo: apropriação da trajetória, apropriação de si como trabalhador e apropriação de seu desejo. A função do projeto, então, não é necessariamente antecipar o futuro (mesmo que sempre o faça em alguma medida), e sim de articulá-lo com o presente. Articular tem o sentido de firmar, ligar, mas permitindo o movimento (Fonçatti, 2016). A trajetória de vida de trabalho pode funcionar como o "eixo psíquico organizador que estabelece as relações entre o passado, o presente e o futuro, exigência do vínculo com a realidade e da constituição da subjetividade" (Uvaldo, 2002, p. 130). O projeto é um instrumento para isso:

> Ao invés de antecipar e programar o futuro, os projetos se destinariam a alimentar o presente, transformando-se em objetos virtuais que integram as ações e o imaginário dos sujeitos. Como a própria biografia, o projeto vai se construindo no seu fazer; as diretrizes gerais, assim como os planos traçados em curto prazo, vão se atualizando e remodelando conforme os recursos disponíveis e a permanente negociação entre as experiências e as expectativas (Dib, 2006, p. 212).

Esse curto prazo é marcado pela dimensão operativa ou instrumental do projeto que consiste em um plano abrangente sobre como estruturar e organizar os próximos passos a serem dados na carreira da pessoa, de acordo com suas necessidades e ideias atuais. Os planos de ação estão presentes também nos níveis de médio e longo prazo, mas em menor grau, pois quanto mais longe no arco temporal um elemento for lançado, menos controle temos sobre as variáveis de sua realização.

Assim, os planos de ação, enquanto uma das duas dimensões constitutivas do projeto, é de evidente importância, mas por mais ênfase que se dê à sua operacionalidade, o projeto não pode "perder a capacidade criadora e transformadora de sentido inerente ao ser humano, que possibilita a ampliação de horizontes e permite a contínua atualização e transformação do próprio si-mesmo" (Teixeira & Gomes, 2004, p. 59).

É a dimensão subjetiva ou de sentido que possibilitará o projeto ser um referente, um orientador, como uma bússola, mostrando um caminho possível à frente da pessoa, de acordo com os objetivos a serem alcançados (Fonçatti, 2016). Como na bússola, que sempre aponta para o norte (assim como já foi dito sobre o oriente ficar no leste), mas não necessariamente seu portador irá nessa direção, assim seria o projeto: ele aponta uma direção, mas não descreve totalmente o caminho, e por isso necessariamente não pode ser seguido à risca, passo a passo, mas que ajuda a situar a condição atual da pessoa e a ver por onde ela pode caminhar.

O projeto, mais que planejar, deve buscar imprimir um sentido à ação que antecipa, se deixando guiar por uma "grande inspiração suscetível de transcender a multiplicidade dos empreendimentos que surgir aqui e acolá" (Boutinet, 2002, p. 14). Ou seja, o projeto deve conter e ser guiado por uma dimensão capaz de transcender a multiplicidade de objetivos, metas e oportunidades que surgem no processo de orientação

profissional e de carreira, e também posteriormente, durante a trajetória da pessoa. Sem essa dimensão transcendente, o projeto fica reduzido aos planos de ação (Ribeiro, 2014).

Assim, um projeto deve ser consistente e bem construído do ponto de vista lógico, e ao mesmo tempo exige também uma certa flexibilidade, um grau mínimo de abertura para o inesperado. Afinal, o futuro é o tempo que nos convida a vivê-lo (Danza, 2014). Como afirma Boutinet (2002), o projeto consiste em "explorar oportunidades em ambiente aberto" (p. 258). Do contrário corre-se o risco de ele ser uma narrativa que aprisiona a pessoa e a faça não prestar atenção suficiente à realidade que a cerca (Biémar et al., 2003), e assim ter um efeito "idelogizante". Por isso, a construção do projeto deve ser a busca de uma solução de compromisso em forma de ação entre realidade interna e realidade externa, mesmo que tenha que ser feita mediante uma interação constante de componentes conflitivos e afetivos (Uvaldo, 2002).

Conforme mostra estudo longitudinal de Biémar et al. (2003), que acompanhou jovens entre o período do Ensino Médio e os estudos universitários, não é possível afirmar que exista uma relação causal e linear entre se ter um projeto e se conseguir o sucesso profissional. Nem todo projeto leva ao sucesso, e todo sucesso não implica necessariamente na precedência de um projeto. Neste estudo, os alunos que se desenvolveram muito bem profissionalmente após os estudos não necessariamente tiveram um projeto muito específico durante os mesmos. Inclusive, muitos jovens conseguiram obter êxito nos estudos quando a escolha do curso e primeiros trabalhos não foram objeto de reflexão aprofundada (Biémar et al., 2003).

Parece ser mais importante para o desenvolvimento profissional no início da carreira o investimento no trabalho e a implementação de ações que possibilitem a aquisição de conhecimentos. Ter um projeto profissional prévio e bem elaborado pode ou

não ajudar nesse caminho. Assim, Biémar et al. (2003) concluem que é paradoxal que haja obrigatoriedade curricular em encorajar os alunos de Ensino Médio a construírem um projeto de vida, uma vez que, mesmo podendo ser uma boa oportunidade de promover exercício de reflexão sobre si e o mundo, a constrição a que os jovens estão sujeitos pela pouca previsibilidade dos próximos anos de suas vidas restringe consideravelmente o que pode ser preditivo do projeto.

Assim, colocar-se a fazer um projeto é uma oportunidade do jovem se perceber como agente de transformação, uma vez que essa ação pressupõe o futuro como possibilidades e não como a mera reprodução do que é dado culturalmente (Mandelli et al., 2011). Mas, essa abertura à mudança sempre está atrelada à medida do possível do seu contexto social, econômico e familiar – em outas palavras, ao contexto psicossocial.

Projeto como construção psicossocial do futuro

> Subjetivo/objetivo. Garantia, solução, alienação. *Habitus* de classe. Criatividade. Conhecido no desconhecido. O não-saber. Posição projetante.

Ribeiro (2003), ao pesquisar as demandas de alunos de escolas públicas ao planejar seu futuro profissional, elenca sete necessidades principais que tocam diretamente à prática da orientação profissional e de carreira. São elas: desinformação sobre o mundo do trabalho; falta de material informativo sobre inserção no mercado de trabalho para além do curso superior; importância do conhecimento da realidade do mundo do trabalho; realização da orientação profissional e de carreira na própria escola; necessidade de espaços de reflexão sobre o futuro; contato com experiências de jovens da mesma faixa etária; esclarecimento de que o curso superior não é o único caminho para o sucesso profissional.

Dessas sete demandas, três referem-se diretamente à realidade social, duas dizem respeito ao ambiente escolar e grupal, e duas remetem mais prontamente ao futuro (necessidade de reflexão e ampliação de caminhos de sucesso). Fica claro como a relação com o futuro, mesmo que ideativa, está fundamentalmente ligada à relação com o social. Ou seja, o projeto se constitui sempre refletindo uma época e um lugar. Para Boutinet (2002), houve uma época de uma cultura sem-projeto, cujos indivíduos se organizavam temporalmente com o foco no presente[25]. O futuro da pessoa era esperado como uma repetição do presente da pessoa mais velha, sem grandes mudanças ou objetivos individuais.

Todo projeto está inserido no campo de uma situação cultural que permite que ele exista (Barbier, 1991). Ou seja, é necessário que na cultura haja espaço para haver projetos pessoais. Por exemplo, o futuro de trabalho de jovens na China atual ilustra bem essa necessidade, pois, na cultura mais tradicional, eles devem seguir o que a comunidade e a família esperam deles, e os projetos pessoais têm espaço restringido, conforme apontam Fan e Leong (2016). O projeto se configura como um modo de gerir a incerteza característica do tempo futuro, desde que este não se apresente como uma situação simplificada e com resultados já previstos (Danza, 2014).

A possibilidade de uma análise psicossocial do projeto surge por ele estar nessa região intermediária entre o subjetivo e o objetivo (Ribeiro, 2003). Então, sendo um conceito psicossocial, o projeto não é natural nem necessário: é sempre relativo, pois sua construção ocorre em função de interpretações, experiências e interações da pessoa com a sua cultura (Maia & Mancebo, 2010). Ele está sempre atrelado ao grupo social e época

[25] Ainda existem atualmente contextos em que a cultura sem-projeto permanece viva, como por exemplo em sociedade pouco expostas à globalização ou aos discursos hegemônicos sobre o mundo do trabalho e da educação.

nas quais a pessoa está inserida, e ao mesmo tempo, somente faz sentido se ajudar a construir um futuro desejado e esperado numa dada temporalidade futura (Borges & Coutinho, 2010).

Em um cenário em que as pessoas têm falta de perspectivas sobre o futuro, retração do mercado de trabalho, maiores dificuldades de mobilidade de lugar social e modo de vida, há uma percepção de impossibilidade de construir projetos profissionais (Drabik-Podgórna & Podgórny, 2006). Por um lado, quanto menor a percepção de espaço de manobra para compor um futuro diferente do presente, mais árdua é a construção de um projeto. Por outro, na ausência de alguma imaginação de um futuro pelo menos um pouco diferente de um presente árido, mais condenada a uma vida árdua a pessoa fica.

Como o projeto é construído intersubjetivamente e baseado em representações sociais, ele seria um ponto de ultrapassagem da oposição indivíduo e mundo social, aparecendo como uma variável intermediadora entre eles que permite a articulação dos tempos de vida da pessoa e das representações sobre si e sobre o mundo (Ribeiro, 2005).

Por isso, é importante frisar que a introdução do projeto como objetivo da orientação profissional e de carreira não se apresenta como uma solução para o estado de vida das pessoas; menos ainda como caminho para uma revolução coletiva diante de um contexto social desarrazoado – mesmo que eventualmente possa contribuir para ambos os efeitos. Baixadas as ambições, o lugar do projeto dentro da orientação profissional e de carreira fica sendo análogo ao lugar de seu outro objetivo clássico: a escolha. Não é um lugar de garantias de estados futuros; não é um lugar de soluções finais para os dilemas humanos; tampouco necessariamente um lugar de convocação política à mudança social.

Mas – e essa deve ser a marca mais importante –, não pode ser um lugar de alienação: nem alienação de si enquanto sujeito do desejo, nem de alienação de si enquanto um ente psicossocial. Como ajudar as pessoas a construírem um projeto profissional não alienado e ao mesmo tempo que não prometa provocar mudanças pessoais e sociais que não pode cumprir?

O social e o pessoal devem ser entendidos como um *continuum* psicossocial (Ribeiro, 2014). Isso significa que os saberes sobre si e sobre o mundo ao redor não são, de forma alguma, duas instâncias alienadas entre si. Conforme já apontado, todo autoconhecimento é um conhecimento psicossocial. Segundo Ribeiro (2013):

> Toda escolha ou projeto de vida profissional de uma pessoa se produz a partir do cruzamento social, e conhecer a pessoa faz parte da questão da Orientação Profissional, mas certamente não é questão inteira. Já que não basta conhecer a pessoa, devemos construir com ela o seu futuro no mundo do trabalho (postura ética e política de Orientação Profissional e Educacional) (p. 24).

A pessoa analisa a realidade social sempre a partir do que sabe sobre sua própria existência (Rascovan, 2012). Com o futuro, não é diferente: toda construção pessoal sobre o futuro deverá ser entendida também como uma construção social, e somente é possível dizer algo sobre o futuro a partir de um ponto de vista, que é a experiência de vida da própria pessoa que o diz. O projeto, portanto, enquanto uma maneira não alienada de falar sobre o futuro, é necessariamente psicossocial, e o orientador deve ter isso claro para poder ajudar a pessoa a construí-lo no processo de orientação profissional e de carreira. "Para pensar sobre o mundo que queremos, não há outra maneira a não ser a partir do pensamento sobre o mundo que temos" (Rascovan, 2012, p.15).

A narrativa é uma maneira possível de estruturar o projeto porque nenhuma narrativa se emite em neutralidade, ao contrário, sempre comporta o contexto do qual

advém e explicita formas de relação com o mundo que remetem ao conjunto de códigos e signos compartilhados (Souza & Castro, 2014). Quando uma pessoa pensa em algum planejamento para o futuro, os processos históricos e sociais do seu contexto incidem sobre seu ponto de vista individual (Souza & Castro, 2014), estruturando seu pensamento e sua subjetividade como um todo, como fica claro no conceito de *habitus* de classe de Bourdieu (2007).

Como Ribeiro (2005) mostrou ao analisar a evasão de estudantes universitários, quando o desejo que uma pessoa tem para seu futuro não é uma possibilidade inscrita em seu *habitus* de classe, por mais que ela transforme esse sonho em um projeto, terá um fator limitante para a sua realização ou para que o mesmo seja colocado como prioridade em sua vida.

Dito isso, como auxiliar a pessoa a construir esse projeto psicossocial do futuro? Tomados os cuidados de sempre considerar o projeto como psicossocial, pensemos no seu processo de construção. Primeiramente, esse trabalho não deve entrar no registro exclusivo da produção, compromissado com a entrega de resultados, performance, eficiência etc. Esses fatores são evidentemente desejados, mas não devem marcar a principal característica do processo de orientação profissional e de carreira, pois somente assim esse processo pode fazer contraste com o que a pessoa já vive em sua vida de trabalho – sempre em busca da produtividade – e pode ter o potencial de fazer um movimento diferente daquele no qual a pessoa está imersa em seu cotidiano. Como colocou o escritor Lima Barreto ainda no início do século XX, "um dos males da nossa época é essa pregação do trabalho intenso, que tira o ócio do espírito e nos afasta a todo o momento da nossa alma imortal e não nos deixa ouvi-la."

Essa lógica parece ter se intensificado no século XXI, e parece adequado a um trabalho que visa aprofundamento e subjetivação ao invés de gestão eficiente da vida,

como é o caso da orientação, nadar contra essa corrente. Nas palavras de Domenico de Masi (1999), “a atividade criativa, por sua própria natureza, dá muito menos margem do que a atividade industrial (trabalho físico e intelectual do tipo executivo) para a alocação de tarefas e para a divisão entre tempo de trabalho e tempo livre” (pp. 11-12).

Mas, se não é um trabalho do tipo executivo, baseado em administração de tarefas, qual deve ser a característica da construção de projeto no trabalho de orientação profissional e de carreira? Usando a ideia do mesmo autor, deve ser a de um ócio criativo. Isso significa não um tempo livre, um esvaziamento ou um descanso. Ócio criativo é “a peculiaridade humana de introspecção, ideação, produção criativa, reprodução vital, jogo inventivo” (Masi, 1999, p. 9). Assim, é um trabalho potente não por sua produtividade, e sim por sua criatividade.

A orientação profissional e de carreira não pode se furtar a responder às demandas sociais que se impõem em nosso tempo, mas ao invés de ler essas demandas como de produtividade a qualquer custo para formar pessoas bem sucedidas, podemos nos voltar a outras demandas sociais atuais tão pujantes quando esta: demandas que tem a ver com o crescente multiculturalismo, mudanças nos modelos educacionais, na estrutura e organização familiar, nos avanços tecnológicos, e na manifestação de sistemas de valores diversos coexistindo (Gomez & Medrano, 2003). Construir projeto nesse cenário é auxiliar na formação de subjetividades, seja intensificando a desigualdade e individualismo, seja fomentando a pluralidade e coletivismo de forma criativa e não alienada.

Para ir em direção ao segundo caminho, o caráter prioritariamente criativo da construção de projeto não pode excluir a abrangência dos fatos da realidade, mas os incluírem a partir do processo criativo. O “projeto é diretamente influenciado pelo local

onde ele é produzido, e por elementos objetivos como, por exemplo, as possibilidades de emprego e as atividades de trabalho oferecidas" (Roques, 2003, p. 22).

Contudo, a dimensão operativa do projeto, que tem o nome de planos de ação, deve estar ancorada em uma dimensão não operativa para que ele passe a ser considerado um objetivo da orientação profissional e de carreira. Isso ocorre porque o objeto da orientação profissional e de carreira é uma relação, então seus objetivos devem ser relacionais. Sendo o plano de ação uma descrição procedimental e factual, externa à pessoa (mesmo que realizada por ela), é necessária alguma ligação com um elemento de origem subjetiva ou psicossocial. Isso não faz com que o plano de ação se torne subjetivo, e sim que se garanta que ele advém de uma construção psicossocial, que por sua vez vem de um esclarecimento subjetivo e social.

A busca aqui é por uma garantia de não produzir uma série de assertivas sobre o que a pessoa deve ou não fazer enquanto ações de curto prazo de forma meramente adaptacionista, na qual a própria pessoa fique em uma posição alienada diante do próprio futuro de curto prazo. O projeto, como entendido nessa pesquisa, é uma construção psicossocial produto de uma orientação profissional e de carreira, e pode servir como base para que se ancore os planos de ação necessários para a exequibilidade dos elementos contidos no projeto.

> Retornemos primeiro à noção de projeto. De nossa parte, diremos que o projeto não pode ser equiparado a um objetivo que seria concebido e desenvolvido, e cujas estratégias seriam implementadas deliberadamente. O projeto não está vinculado a intenções, mas sim a trajetórias individuais e pessoais (Roques, 2003, p. 5).

O projeto não é o estabelecimento de uma meta ou objetivo, mesmo que ele possa conter em si metas e objetivos. Se o futuro não está disponível a nossos sentidos, o projeto

precisa ser mais que um processo cognitivo (ou mesmo sociocognitivo), e se aquele não é passível de ser desvelado, este não pode se resumir a uma antecipação desse futuro, mesmo que sempre seja uma representação antecipadora (Ribeiro, 2004). Ao mesmo tempo, sendo uma construção psicossocial, o projeto também precisa ser mais que um conjunto de intenções que de forma alguma podem se arranjar somente subjetivamente. Ou seja, por ser construído no campo intersubjetivo (Velho, 1994), não pode ser classificado junto a outras construções marcadamente subjetivas, como os sonhos e a ilusão.

É possível pensar, então, que o projeto se trata de um saber construído sobre algo desconhecido: o futuro. Desta maneira, podemos afirmar que o futuro e o projeto são antônimos. O futuro é o desconhecido em meio ao conhecido, e o projeto é o conhecido em meio ao desconhecido.

Nesse jogo de palavras, percebe-se que a palavras "desconhecido" sempre se refere ao futuro, no sentido daquilo que não está disponível para o conhecimento. Já a palavra "conhecido" se refere ora ao presente (na primeira oração), no sentido daquilo que está disponível aos sentidos, ora se refere ao projeto (na segunda oração), no sentido daquilo que se constrói e se lança no porvir. Mas, diferente do presente, os conteúdos do projeto não estão disponíveis à percepção – eles se mantêm lançados no futuro. O que daria, então, o estatuto de conhecido para o projeto, que o faz contrastar com o desconhecido do futuro? Ou antes: seria o projeto um conhecimento do futuro?

É difícil defender essa ideia, pois o caráter do futuro de não disponibilidade à experiência perceptiva o distancia do conceito de conhecimento. Na história da humanidade, marcada pelas sociedades tradicionais, nos poucos momentos em que era necessário ter algum conhecimento do futuro (pois este se apresentava como a não

repetição do presente), este era fornecido pelo saber religioso socialmente estabelecido ou pelo âmbito espiritual por via de mensageiros selecionados para isso (Boutinet, 2002).

Então, ao invés da palavra "conhecimento", é mais factível defender que o projeto sustenta um não-saber sobre o futuro, que não se constitui como um conhecimento (uma vez que está irremediavelmente localizado no futuro). Diante desse desconhecido, estão sempre em cena tanto um não-saber de si futuro como o não-saber do mundo futuro. Nenhum projeto tem o caráter de um vaticínio, cuja pretensão seria uma predição de conteúdos futuros, mesmo que sua construção esteja sim permeada de exercícios prognósticos baseados no estado presente da realidade ocupacional, educacional e econômica:

> Para uma apropriação do futuro, via projeto, é necessário uma apropriação do passado, via memória. O projeto é uma antecipação que tem efeito operatório, ou seja, não é uma previsão do futuro, mas sim, um futuro a fazer na relação dialética sujeito e sociedade: um "dizer" (projeto como representação, com efeito operatório, ou projeto como imagem efetivadora) que prepara o "fazer" (escolhas e ações finalizadoras) (Ribeiro, 2004, p. 95).

Mesmo incapaz de se constituir como um conhecimento, o projeto é uma estrutura feita de linguagem, cujo poder estruturante permite que se diga algo sobre o que ninguém pode saber, e esse dizer, em forma de narrativa, sustenta uma existência imaginária de estados, relações, objetos, personagens, lugares etc., tendo uma estrutura poética, como já apresentado nessa tese.

Por isso, o projeto pode cumprir essa função de sustentar o não-saber, aplacando a angústia que advém do encontro com o futuro. A necessidade do projeto aparece quando temos que nos haver com a superação de uma situação objetiva no futuro próximo (Graf & Diogo, 2009), futuro esse que não toleramos que seja igual ao presente. Ele precisa ser re-composto.

Desse modo, é possível pensar que "o futuro é a dimensão poética da palavra trabalhada na orientação profissional e de carreira" (Anna Kelly Tizianel, comunicação pessoal, 2020), pois se presta ao jogo com os sentidos do vocabulário e da gramática própria da pessoa de modo a refazer a composição dos elementos do presente da pessoa para que caiba uma mudança em direção ao seu desejo. É um trabalho de refazer a forma como a realidade pode se apresentar no futuro. Assim, construir um projeto é de fato construir uma realidade sobre o futuro: uma realidade poética, uma vez que não há outra realidade no futuro – só haverá quando este deixar de ser futuro e se presentificar. Mas, mesmo sendo poética, essa realidade pode ter efeitos tão reais sobre a pessoa quanto a realidade material e a realidade psíquica.

Esses efeitos podem trazer satisfação como também frustração, assim como ocorre com as outras realidades citadas. Uma marca de se haver com o tempo futuro é a disputa entre esperança e a realização com o arrependimento e a decepção (Danza, 2014). A realidade futura criada pelo projeto pode ser denominada de "realidade" justamente por esse caráter dialético que tem, se apresentando ao mesmo tempo de três maneiras: não totalmente submisso à fantasia da pessoa; elusivo ao total domínio da racionalidade; e não completamente determinado pelos efeitos da realidade material disponível no presente.

Isso não significa que o projeto seja uma construção romântica, na qual uma obra de ficção sobre o futuro viria a substituir a realidade, com o intuito de "distrair" a pessoa (e, em alguma medida, aliená-la) e tornar mais palatável a dureza da vida como ela é. Feito dessa forma, perde seu efeito de realidade sobre a pessoa. Contudo, ele tem sim características românticas[26], pois se propõe a construir uma realidade complexa, profunda

[26] Segundo Figueiredo (2002), as principais características do romantismo são a valorização da espontaneidade criativa, da expressão autêntica, do autodesenvolvimento da personalidade e da

e singular que abarca também a contradição, os não-ditos e, por que não, alguma extravagância, no sentido de estados um tanto discrepantes do presente (tudo isso lapidado por planos de ação que garantam alguma exequibilidade pelo menos no futuro de curto prazo):

> Todo projeto, através da identificação de um futuro desejado e dos meios próprios para fazê-lo realidade, se dá num certo horizonte temporal, no interior do qual ele evolui. Mas, o projeto não se termina no ambiente onde sua evolução é previsível. Ele diz respeito primeiramente ao autor, que se dá uma perspectiva de um futuro esperado (Ito & Soares, 2008, p. 70).

Realidade poética significa ter uma licença para driblar a impossibilidade de construir uma narrativa de forma totalmente realista sobre o futuro por quem está no presente, e, ao mesmo tempo, dizer o que precisa ser dito sobre seu futuro a partir da perspectiva de autor do projeto.

Aqui aparece um aspecto fundamental da construção do projeto, e para explaná-la recorreremos a uma imagem que Moreno (2007) construiu para falar sobre as lendas urbanas, que pretensamente relatam fatos cotidianos, mas não passam de ficções. Usaremos em paráfrase para falar sobre o projeto: nele, "não se trata de uma trama engenhosa demais, de um sólido encadeamento lógico, de uma verossimilhança impecável, de uma rica minúcia de detalhes, de tudo aquilo que é demasia. Essa perfeição só encontramos na literatura e raramente na vida real" (p. 121). Caso o projeto tenha essas características, trata-se de uma construção reduzida simplesmente à imaginação do seu autor, "perfeitamente" construída, e por isso mesmo perdendo sua capacidade de estruturação de uma realidade, a realidade futura.

---

exteriorização de uma interioridade profunda. Todas essas características são desejáveis na construção do projeto, mas não correspondem à sua totalidade.

Sobre isso, Paulo Freire (1979) nos traz a ideia da forçosa incompletude do projeto enquanto este não for colocado em prática:

> Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis histórica que o anteprojeto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis (Freire, 1979, p. 16).

O projeto que se faz no processo de orientação profissional e de carreira, tem sempre esse caráter de anteprojeto, pois somente se perfaz do plano do vivido. No ato de sua construção, nunca é hegemônico, mantendo-se nos próximos anos como dialético, histórico e multidimensional (Borges & Coutinho, 2010). Por isso, ele está fadado a futuras modificações a serem feitas pela pessoa que o construiu. Assim, mais do que construir um projeto, a orientação profissional e de carreira deve ser um espaço e um tempo para que a pessoa de fato ocupe a posição de quem projeta – uma *posição projetante*[27] – pois é a partir desse lugar que ela poderá, depois que a orientação acabar, refazer o projeto o quanto baste até ser possível perfazê-lo.

Essa noção de incompletude do projeto não é uma percepção somente das abordagens psicodinâmicas. Teixeira e Gomes (2004) apontam, fazendo referência a John Krumboltz, um dos principais autores do enfoque sociocognitivo em orientação profissional e de carreira, que:

> A qualidade do projeto profissional não reside no grau de certeza assumido pelo formando, mas sim em seu realismo e na formulação de estratégias alternativas. Flexibilidade e abertura não podem faltar a uma boa estratégia de carreira

[27] Aqui propomos o neologismo "posição projetante" a partir da expressão "posição desejante", que em psicanálise significa o ato pessoa ocupar a posição de sujeito do próprio desejo inconsciente.

> (Krumboltz, 1992), especialmente para quem está começando em mercados de elevada concorrência e poucas oportunidades (p. 58).

Não é possível, portanto, construir um projeto que se constitua plenamente como uma ordenação racional do futuro, pois este não é passível de ser ordenado racionalmente, dada a sua natureza no campo do real. Diante do real, há que se construir experiências humanas nos dois outros registros, a fim de encobri-lo: no imaginário e no simbólico (Faria, 2019). Uma vez que é um exercício cotidiano de todos aqueles que não estão afogados em demandas do presente, é evidente que o que é possível fazer diante do futuro é imaginá-lo e simbolizá-lo. Isto é, em última medida, pensar e falar sobre o futuro é sempre uma atividade de criação imaginária e simbólica. Mas, para que essa criação tenha lugar como objetivo de uma orientação profissional e de carreira, esta que está no campo da ciência-aplicada, devemos transcender a sua natureza meramente estética ou artística de liberdade criativa e incluir nessa criatividade uma natureza lógica, sendo assim possível localizá-la no campo das ciências.

O desafio colocado aqui é possibilitar que a construção de um projeto fruto de um processo de orientação profissional e de carreira seja capaz de dar uma natureza lógica para um pedaço do futuro. Mas, essa lógica não pode se resumir à ordenação racional, pois o futuro não se subjuga a esta. O que, então, poderia fornecer essa lógica ao projeto para que ele possa dizer logicamente sobre o futuro?

Devemos aqui adentrar em um outro campo que esteja além da racionalidade, mas que seja ainda uma forma de ordenação lógica da experiência de relação da pessoa com o mundo: os processos inconscientes descritos através de conceitos metapsicológicos. Esse mesmo caminho foi feito por Bohoslavsky (1977) para definir uma teoria metapsicológica da escolha, a partir das ideias de Wender (1965).

Com a teoria de projeto, é necessário se percorrer um caminho semelhante. Por exemplo, assim como as identificações estão no nível de conceito metapsicológico e a partir de trabalho relacional com o orientador e com o mundo podem embasar a emergência de uma identidade profissional (Bohoslavsky, 1977), o mesmo acontece com o projeto. As projeções que a pessoa faz ao pensar sobre si e sobre o mundo no futuro podem ser entendidas pelo conceito metapsicológico de projeção, mas é somente com um trabalho relacional com o orientador e com o mundo que elas podem sofrer as transformações necessárias para semearem uma nova construção não metapsicológica, nem psicológica, mas psicossocial, que é o projeto. É essa característica de conter elementos subjetivos e objetivos, ou internos e externos, ou ainda, psíquicos e materiais, organizados sempre de forma relacional, que faz com que o projeto esteja qualificado para ser um conceito central da orientação profissional e de carreira.

Nessas últimas páginas o leitor percebeu a introdução no texto de conceitos como real, imaginário, simbólico, identificação e projeção. Pensar o conceito de projeto a partir desse campo de conceitos é necessário porque estamos partindo na base teórica da estratégia clínica, que tem uma raiz na psicanálise e a outra na psicologia social crítica. Vamos agora adentrar na primeira raiz, e expor o que a psicanálise tem produzido que se relaciona ao conceito de projeto.

Projeto e psicanálise

> Projeto como: mecanismo de defesa; integração; sublimação; pretexto e atualização. Operativo, cognitivo e o inconsciente. Função. Fantasia.

A conceituação da relação entre a pessoa e seu futuro na estratégia clínica representa, segundo Ito e Soares (2008), uma lacuna desde a obra de Bohoslavsky. A psicanálise não se dedicou extensivamente no desenvolvimento da ideia de projeto, nem

a qualquer outro operador conceitual que faça referência direta ao futuro. Uma possível explicação a isso pode ser o fato da psicanálise ter privilegiado o estudo da personalidade retroativa, onde estão em jogo mecanismos de reatualização dos vínculos e experiências passadas, e não ter se debruçado sobre o que Boutinet (2002) chamou de personalidade proativa, onde se leva em conta os elementos prospectivos da experiência da pessoa, que seria a dimensão mais própria ao projeto.

Ribeiro (2004) escreveu sobre a visão psicanalítica do projeto. Nela, o projeto seria um mecanismo de defesa que proporcionaria a conciliação da afirmação da dinâmica pulsional (explicitada como onipotente, por estar na instância inconsciente) com a afirmação da dinâmica social (com característica limitante, pois está fora do sujeito). Estas duas afirmações são incompatíveis de forma completa, e a conciliação promovida pelo projeto possibilitaria o alcance da satisfação na vida do indivíduo.

O projeto visto dessa forma tem em sua constituição o conflito. Nele há a possibilidade de conciliação (sendo, potencialmente, uma formação de compromisso), mas não sem uma contínua luta entre pulsão de vida e pulsão de morte. O projeto é visto como uma ação de criação de um propósito de vida com horizonte no futuro, ao ser uma expressão do desejo no mundo (Ribeiro, 2004).

Já para Pichon-Rivière (1993), o projeto se constitui quando o sujeito sai da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, sendo, portanto, um processo de integração. A diferença entre a formação de compromisso que concilia pulsões e a posição depressiva que promove uma integração é que na primeira o que está em questão é a economia das pulsões, e na segunda, a relação de objeto. É na segunda, portanto, que o indivíduo tem uma experiência existencial, que pode se aproximar mais do conceito de identidade.

Boutinet (2002), mesmo não sendo psicanalista, concatenou algumas ideias sobre uma possível visão psicanalítica sobre o projeto. Para isso, ele lançou mão dos conceitos de projeção, de sublimação e de ideal de eu. Sobre a projeção, um mecanismo de defesa que visa descarregar sobre um objeto externo um conflito interno, o autor trabalha com a ideia de que, caso a projeção não seja usada como um mecanismo de defesa, conseguirá cumprir uma função de projetar-se, ou seja, em vez de lançar fora de si o conflito, projetar-se em objetos exteriores, pela via ou do ideal do eu ou da sublimação.

O ideal do eu é uma instância projetiva, mas não estruturada como é o caso da instância do supereu. Todo projeto estaria ligado a um mecanismo de projeção, oscilando entre mecanismo de defesa e mecanismo de sublimação. Esta ocorre quando há uma canalização de energia psíquica para causas não sexuais psicologicamente e socialmente valorizantes (Boutinet, 2002). Pode ser o caso, por exemplo, das artes, desenvolvimento científico, criatividade e curiosidade.

Dessa forma, para Boutinet (2002) haveria dois tipos de projetos: o que ele chamou de projeto-pretexto, que visa camuflar um conflito psíquico através do descolamento e mascaramento de um conflito projetado (via mecanismo de defesa); e o chamado projeto-atualização, que via ideal do eu e sublimação consegue canalizar as pulsões do sujeito orientando-o para que seja mais fortalecido e valorizado em sua autonomia. O autor acrescenta que provavelmente o projeto de fato acabará sendo um misto de ambos.

Tanto o projeto-pretexto como o projeto-atualização estão enraizados em determinações inconscientes, que trazem ao seu autor um descompasso entre a racionalização de seus interesses e atitudes e os resultados que relata ter ao decorrer de sua vida. Ao estudar os processos inconscientes presentes do atendimento de orientação

profissional e de carreira, Dyer et al. (2010) observam o que o orientador pode fazer diante deles, e chegam à seguinte constatação:

> Às vezes o autor [do projeto] pode ser incapaz de explicar sua ação, não tendo consciência de seus próprios motivos e objetivos. Às vezes, o autor está ciente do objetivo da ação, mas não consegue ver a ligação entre a ação realizada e o projeto superordenado; outras vezes, o autor está ciente do projeto, mas o vínculo ação-projeto não está em sua consciência. Em todos esses casos, o autor pode interpretar sua ação como um evento aleatório, dar-lhe um significado diferente ou ligá-lo a um projeto diferente que pareça plausível. No entanto, o objetivo da ação ou o projeto superordenado pode estar disponível para um observador que pode ver uma ordem significativa por trás do caos aparente. Se alguém disser que deseja um emprego de tempo integral mais do que qualquer outra coisa, mas desistiu de cada emprego depois de algumas semanas, podemos, como observadores ingênuos, postular que há um objetivo ou projeto alternativo não falado, talvez inconsciente, trabalhando contra seus objetivos conscientes (p. 345).

Aqui fica claro que é necessário que o orientador ouça o que é de nível inconsciente da pessoa, que é uma maneira de dizer que se deve ouvir o que não está sendo dito, mas está sim sendo comunicado pelas entrelinhas, pelos descompassos, repetições, pausas e silêncios, pontos de confusão e angústia, enfim, por tudo aquilo que se apresenta descentrado da racionalidade da própria pessoa.

Isso deve ser feito, é claro, sem cair no outro extremo denominado "psicanálise selvagem" (Freud, 1910/2013[28]), que fica presa na "dicotomia entre um autor 'cego' (por exemplo, um cliente) e um observador onisciente (por exemplo, um conselheiro)" (Dyer et al., 2010, p. 345). Ajudar a pessoa a construir um projeto mais singular e significativo

[28] Nas citações de textos de Freud, manteremos duas datas: a primeira refere-se ao ano da publicação original do trabalho; a segunda refere-se ao ano da publicação da edição consultada. Quando houver somente uma data, é porque ambas coincidem. Consideramos esse cuidado importante para que o leitor possa localizar em que momento da extensa obra de Freud a ideia em questão foi construída. Faremos o mesmo com as citações de Lacan.

é levar em conta os aspectos inconscientes sem detrimento dos aspectos egóicos e operativos, como tenta fazer a estratégia clínica.

Dentro do campo da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, Uvaldo (2002) conceituou e utilizou a construção de projeto no atendimento em grupo a adultos, pois a definição de uma escolha profissional para esse público não resolveria a questão pela qual buscaram o atendimento. Segue a definição de projeto da autora:

> O projeto é uma ação, deve ter no seu cerne o questionamento dos meios que serão utilizados, e mesmo prever que ocorram resistências, dificuldades na sua realização. Projeto corresponde a uma apropriação, em que, a partir de uma confrontação eu-exterior, o indivíduo seleciona determinados objetivos que se lhe apresentam como preferíveis relativamente a outros, fica implícito que, seja qual for o projeto, há sempre uma elaboração pessoal, na qual o sujeito toma plena consciência do significado que aquela opção particular comporta, no momento e para o futuro, que para a sua concretização é necessário o cumprimento de certas condições, de certas etapas, de um plano de ação (Uvaldo, 2002, p. 64).

Percebe-se que esta é uma definição que permite que se pratique a orientação profissional e de carreira com públicos para os quais a definição de uma escolha não é suficiente. Ao definir o caráter de ação que se realiza no campo psicossocial e que tem uma dimensão subjetiva e uma operativa, cumpre-se os requisitos para o projeto ser um objetivo da orientação profissional e de carreira.

No entanto, essa definição ainda não constitui uma teoria do projeto para a estratégia clínica, pois carece de estar fundamentada em um conceito metapsicológico, portanto de processos inconscientes, que subjazem todo o nível aparente, cognitivo, relacional e operativo que o projeto tem.

Neste resumo das breves contribuições psicanalíticas sobre o projeto, percebe-se o uso dos seguintes conceitos metapsicológicos para se pensar sobre o projeto: pulsão de

vida e pulsão de morte; posição esquizo-paranóide, posição depressiva e integração; projeção, sublimação e ideal de eu.

A proposta dessa tese é incluir outro conceito metapsicológico para fomentar uma teoria do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira: a fantasia. O projeto, quando construído de forma profunda e singular, pode ser compreendido como o encontro entre uma fantasia e uma narrativa. A fantasia teria a função de gramática e a narrativa de vocabulário.

O projeto, metapsicologicamente falando, seria uma narrativa que se estrutura sobre uma fantasia, e ao mesmo tempo uma fantasia que fornece uma estrutura para a narrativa se construir. Assim, um pedaço do futuro da pessoa se torna projeto – em outras palavras, um projeto passa a nomear um pedaço do futuro da pessoa – quando ela consegue narrá-lo a partir de sua fantasia. Esse encontro é estabelecido quando uma fantasia é encapada por uma narrativa, dentro da temática da relação pessoa e mundo do trabalho e/ou educacional e lançada no futuro. É isto que pode ganhar o nome de projeto dentro da orientação profissional e de carreira na estratégia clínica.

Esse enraizamento profundo na fantasia da pessoa e sua superestrutura de narrativa não tiram o caráter psicossocial do projeto. Isso porque o projeto entendido dessa maneira não é individual, pois não se constrói sozinho e depende fundamentalmente do outro para se implementar no mundo – desde pessoas da família até o mundo do trabalho como um todo:

> Nossos projetos de vida nunca são exclusivamente pessoais. Eles são invadidos pela presença de outras pessoas e precisamos aprender a experimentar essa presença de outras pessoas em nossas vidas de uma forma significativa. A solução para essas questões depende de fundamentos biográficos (Dominicé, 2005, p. 5).

Mas, mesmo não pertencendo exclusivamente à esfera do individual, o projeto que é construído sobre a fantasia da pessoa pode ser entendido como singular. Isso porque a fantasia é sempre singular, dizendo da relação da pessoa com a causa do seu desejo (Lacan, 1966-1967). O Outro participa da fantasia da pessoa na medida em que essa fantasia deixa de ser somente uma gramática e passa a buscar elementos simbólicos e imaginários para se perfazer via elementos narrativos, como pessoas, cenários, enredos, locais, objetos de interesse etc.

Caso a construção do projeto seja feita principalmente pela repetição de um dos discursos sociais disponíveis à pessoa, sem um trabalho de fundação subjetiva da narrativa, ele deixa de ser singular e, portanto, passa a ser dessubjetivante, com grande risco de ser alienante e contrário aos efeitos desejados pela orientação profissional e de carreira para quem a procura.

Por um lado, então, o projeto pode ser conceituado sob imperativos de racionalização, antecipação e adaptação, uma vez que ele existe por causa das incertezas e imprevisibilidades do contemporâneo. Mas, por outro lado, o projeto também pode ser conceituado como uma prática subjetivante que se constrói sob orientação do diálogo e emergência de sentidos, além de incluir a instância do não-saber (Dib & Castro, 2010). O orientador deve saber qual dos focos está dando ao oferecer esse espaço de construção ao orientando. Por meio dessa tese, nos localizamos no segundo foco.

E, ainda, caso se opte por não se trabalhar com nenhum conceito de projeto, numa tentativa de não se comprometer com o investimento em um futuro que não se sabe se dará retorno, também se corre o risco de expor o orientando a um processo de dessubjetivação – não via alienação como mostrado acima, mas via desumanização:

> O indivíduo se adapta a uma situação cultural de incerteza através de relações sociais de descompromisso e sem projetos futuros, minando qualquer possibilidade de integração espaço–temporal, gerando o que Lash (1984) denominou de "cultura de sobrevivência". A cultura de sobrevivência reduz a subjetividade humana à sua dimensão real mínima (a dimensão fisiológica) desconectando, então, as dimensões temporais de passado, presente e futuro e impedindo a construção de projetos de vida (Ribeiro, 2004, p. 59).

Assim, escolhemos tomar os cuidados para não cair em nenhum dos dois caminhos (alienação e desumanização). Pretendemos expor uma teoria do projeto que seja psicossocial, fundamentada em um conceito metapsicológico, e ao mesmo tempo que seja exequível como objetivo do processo de orientação profissional e de carreira, sem se resumir a um conjunto de passos ou tarefas padronizadas visando sua materialização por meio de uma reificação alienante e sem obliterar a importância que a relação com o futuro tem para a subjetividade das pessoas.

Teoricamente essa concepção de projeto pode fazer sentido, e esperamos que seja assim. Mas, é evidente que para a pessoa que procura a orientação profissional e de carreira, leiga no que diz respeito às suas ideias teóricas, é importante que o projeto que ela construiu chegue a se concretizar em sua vida. Por isso, faz parte do trabalho do orientador sempre se lembrar de auxiliar na construção dos planos de ação para que o projeto seja o mais exequível possível. Essa dimensão operativa e procedimental não será exposta extensamente nessa tese, pelos motivos já explicados anteriormente. O foco desta gira em torno de uma contribuição teórico-conceitual.

Cabe aqui ressaltar que nas diversas áreas em que o termo é utilizado, a função do projeto é sim garantir a realização do estado antecipadamente desejado da obra, construção, programa, intervenção etc. Mas, no caso da orientação profissional e de carreira, não é possível se apostar em um projeto com essa função porque nossa matéria-

prima é imaterial: é a relação da pessoa com o mundo do trabalho no futuro. E é impossível esgotar racionalmente o controle de todas as variáveis que compõe a pessoa, o mundo do trabalho e o próprio futuro. Não há total exatidão possível quando o material de trabalho é o desejo da pessoa, por exemplo, e, portanto, esta (a exatidão) não deve ser condição para construir um projeto (Dib & Castro, 2010). Então, o perigo de se insistir em um conceito de projeto estritamente racional, cuja construção se baseie somente no plano de aferição de evidências racionais sobre a pessoa e sobre o mundo, é ele estar quase sempre fadado a não cumprir sua função atribuída e, portanto, fracassar:

> Se o projeto delineador das biografias se oferece como uma dessas formas de mediação, também ele se vê afetado: quando o futuro parece desprender-se das visões projetivas que ambicionam restringi-lo ou capturá-lo como componente dos arranjos de realização, quando o passado esmorece como referencial para significação do mundo, do presente e do futuro, a ideia de um projeto para a vida profissional parece quase naufragar (Dib, 2006, p. 204).

Assim, podemos afirmar que para a orientação profissional e de carreira, mesmo levando em conta a preocupação com a sua exequibilidade, não é função do projeto que ele se concretize. Função aqui está no sentido de ser o motivo de sua existência dentro de do conjunto de elementos que formam a vida da pessoa. Se o orientador prometer que o projeto da pessoa será cumprido, ele incorre no risco de se comprometer com o que não pode cumprir, uma vez que não se domina todas as variáveis do futuro da pessoa e do social.

Todo projeto precisa ter um caráter dinâmico, ou seja, permitir movimentos dentro de si como mudanças, adaptações, e se movimentar entre circunstâncias não esperadas e previstas. Isso faz com que, assim como uma narrativa, esteja em constante reelaboração (Velho, 1994). Se não há garantias de seu cumprimento (mesmo que se trabalhe para ser o mais provável possível), qual seria a função do projeto, então?

Como ele é fundamentalmente uma construção fantasística-narrativa sobre o futuro, sua função é a de ser um elemento influenciador sobre o presente, como se estivesse viciando as ações da pessoa em direção a ele. O sentido de vida da pessoa no seu presente vai ser em parte determinado por esse projeto a partir do momento que ela o tiver:

> Tal movimento implica a *antecipação cognitiva* do que poderá ser o futuro, na medida em que determinadas circunstâncias se verifiquem. (...) Ter um plano para o futuro implica, nesse caso, que o indivíduo tenha a *sensação de que possa controlar* os cursos de ação e, assim, realizar o que pretende (Dib, 2006, p. 194, grifos nossos).

> Elaborar um projeto pode ser apreendido como prática subjetivante, que envolve um processo de *recognição* dos inúmeros fatores que afetam a inserção profissional. (...) A partir da *recognição* desses elementos e fatores, a construção do projeto se oferece como processo para os sujeitos procederem como uma invenção ou ressignificação de si próprios (Dib, 2006, p. 217, grifos nossos).

Então, o projeto como meio de invenção e ressignificação é o que as teorias de orientação profissional e de carreira estão buscando. Mas, será que estamos mesmo fadados a construir projetos que, apesar de existenciais e reflexivos, sejam meramente "antecipações cognitivas" que criam "sensações de controle" do futuro a partir de processos de "recognição"?

Apostando que não, vamos agora conceituar o que se está chamando por narrativa e por fantasia, a fim de esclarecer os elementos que constituirão essa tratativa teórica sobre o projeto. Primeiramente vamos aprofundar no estudo da narrativa (Parte 3), para depois fazermos o mesmo no que se refere à fantasia (Parte 4).

Síntese parcial 2

A construção de projeto constitui um dos três objetivos que a orientação profissional e de carreira visa alcançar diante de seu objeto (ou outros dois são a escolha e o desenvolvimento vocacional). Assim como há teorias de escolha nas diversas abordagens em nossa área, também é necessário haver teorias de projeto. Para isso, precisamos elevar a palavra "projeto" ao estatuto de conceito, isto é, um termo dentro de um corpo teórico formado por outros conceitos que tem uma capacidade explicativa que permite a distinção de um significado preciso a fim de produzir um sentido compartilhado pelo grupo de estudiosos.

O projeto tem sido um objetivo emergente na orientação profissional e de carreira, cada vez mais necessário para os casos em que a tomada de decisão em forma de uma escolha não é o suficiente para corresponder às demandas apresentadas pela pessoa diante de seu futuro. O projeto se constitui de duas dimensões: a operativa ou procedimental, formada pelos planos de ação, e a de construção de sentido, formado por processos subjetivos. O foco dessa tese é na segunda dimensão, o que não diminui a importância da primeira, cujo objetivo é tornar o projeto exequível na realidade.

Há um giro teórico em curso em nossa área, da escolha ao projeto, não com a pretensão de substituir um pelo outro, mas sim de ampliar o alcance do trabalho do orientador a diversos públicos, locais e situações. Isso porque a experiência de futuro no contemporâneo tem sido cada vez mais marcada pela ruptura e instabilidade das instâncias imaginárias e simbólicas que forneciam mais possibilidades de previsibilidade e continuidade dos estados presentes. Transições no mundo do trabalho, no mundo da educação e também no âmbito pessoal são frequentes e provocam a pessoa a se haver com seu futuro de forma mais alargada.

A principal característica do projeto é se referir ao arco temporal do futuro justamente de maneira alargada, não sendo, portanto, uma ação pontual. Para que isso seja possível, ele precisa ter uma estrutura que se sustente diante da imaterialidade do futuro, mas que não seja rígida ou busque se solidificar por lá, uma vez que não há controle total sobre o que ainda não aconteceu. Assim, a natureza do projeto é a da potência, mais do que a da garantia ou da certeza.

Essa estrutura é ambígua, pois deve ser ao mesmo tempo estável e mutável, constituída e esvaziada. Como metáfora, remetemos à ideia trazida por Heidegger e por Lacan de vazo de barro, que, ao existir, institui uma estrutura oca na qual o espaço interno já não é mais o nada, e sim o vazio – e a partir daí pode conter coisas. O projeto seria uma transformação do futuro de nada a vazio, a fim de ser possível projetar nele diversos elementos organizados em estrutura imaginária-simbólica que se sustenta sobre o real do futuro.

Ainda, essa estrutura deve cumprir a função de realidade na vida da pessoa, isto é, determinar parcialmente as percepções e o sentido experimentado no presente, assim como o fazem a realidade material e a realidade psíquica. No caso do projeto, trata-se de uma realidade poética, tomando os devidos cuidados para não se tornar uma estrutura alienante ou desumanizante. Para isso, é necessário que se convite o orientado a ocupar uma posição projetante, enraizada em sua metapsicologia e em sua condição psicossocial, mas promotora de um processo criativo e reflexivo de autoria de uma narrativa de futuro.

Nessa narrativa, a estabilidade e mutabilidade das palavras organizadas entre si podem não somente se sustentar sobre o vazio do futuro como também incluir os elementos materiais e singulares que serão projetados para lá. Assim, a construção de projeto dentro da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira deve ser

concebida de forma psicossocial e singularizada. Para explicar essa concepção, recorreremos aos conceitos de narrativa e fantasia, temas das próximas duas partes dessa tese.

PARTE 3

A NARRATIVA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA

Nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque
nós temos uma história; nós temos uma história
porque nós fazemos a narrativa de nossa vida
(Delory-Momberger, 2006, p. 363).

Sobre o termo narrativa

> Tudo é narrativa? Definições. Etimologia. Estrutura maleável. Intermediário. Transmissão de conhecimento. Tornar o futuro presente.

Assim como acontece com o termo projeto, a narrativa é uma palavra que encontra uma grande diversidade de usos e significados, desde a presença no vocabulário do senso comum, passando por usos operativos em textos e pesquisas, até ganhar um estatuto de conceito com definição mais precisa em algumas áreas do saber.

Como é um termo extremamente polissêmico, é necessário depurar sua conceituação para definir inclusive o que não seria uma narrativa. Isso porque a pesquisa narrativa atualmente "parece não ter sentido fora do desejo do pesquisador de enquadrar seu estudo como narrativa: no momento atual, tudo é narrativo" (Schiff, 2012, p. 43). Isso é um problema pois ela perde seu valor de conceito teórico:

> Assim como no caso do conceito de discurso, o uso do termo narrativa tornou-se mesmo exagerado, ainda que tenha aparecido no contexto das ciências humanas apenas recentemente. Este exagero é de certa forma surpreendente, dada a longa tradição do estudo da narrativa na teoria literária e na linguística. Consequentemente, seu potencial conceitual e analítico tende, algumas vezes, a tornar-se pouco claro (Brockmeier & Harré, 2003, p. 526).

A estrutura narrativa é usada para organizar eventos em vários tipos de histórias; desde histórias biográficas de indivíduos, passando por histórias imaginativas ou ficcionais na forma de romances e contos de fadas, até as histórias de nações e grandes coletivos (Polkinghorne, 1991). Brockmeier e Harré (2003) apontam, por exemplo, que a diferença entre uma crônica e uma narrativa é que a primeira é uma simples listagem de eventos, enquanto a segunda tem uma linha orientadora específica que realiza um discurso histórico.

Assim, é possível pensar que uma narrativa é tudo aquilo que abarca e transmite uma história, e uma condição necessária para que um discurso seja uma história é que tenha personagens e um enredo que evolua ao longo do tempo (Brockmeier & Harré, 2003). Mas, a dimensão desse significado do termo é tão grande que narrativa aparece, ao mesmo tempo, enquanto sinônimo de enunciado, do conteúdo do enunciado, do ato de enunciar, e de um modo específico de enunciar (Paulon, 2018). Esse tipo de definição é muito ampla para possibilitar seu uso em orientação profissional e de carreira, portanto vamos procurar refiná-la.

McIlveen e Patton (2007) apontam para a importância de definir a noção de narrativa e diferenciá-la de outros padrões de discurso com base estudos sócio-psicolinguísticos, filosóficos e literários. Jerome Bruner (1991), a partir da psicologia, define o que é uma narrativa pela presença de diversas característica, das quais Alves (2008) destaca: 1) diacronicidade: remete à captura do vivido em um arco de tempo humano; 2) particularização de acontecimentos inerentes a esse vivido; 3) implicação de estados intencionais: apresenta protagonistas e suas intenções na história; 4) interpretação hermenêutica: na narrativa a verdade não está assegurada racionalmente e positivamente; 5) canonicidade e quebra: a narrativa não é linear e os pontos de interesse estão nas quebras e transições; 6) referencialidade: a narrativa não se propõe a ser uma cópia da realidade, e sim uma versão dela; 7) capacidade de expansão: a narrativa pode se acumular com outras, gerando uma história maior.

Já Fonte (2006) aponta quatro ações fundamentais características da narrativa: 1) definir um objetivo que o protagonista possa a atingir; 2) sequenciar os eventos que possam conduzir ao objetivo; 3) estabelecer uma ligação entre os eventos que permita um

sentido de causalidade; e 4) imprimir tensão dramática para que a sequência de eventos seja o mais significativa possível em termos de experiência humana.

Nesses quesitos levantados pelos dois autores, a narrativa aparece como uma totalidade que contém as experiências particulares da pessoa expressas por cenários e personagens, não entendida somente numa lógica objetiva, incluindo tanto a subjetividade como o contexto em que é produzida, e sempre aberta a ser ampliada e modificada. Por isso que, em última instância, a narrativa é ao mesmo tempo aberta e estruturada, ampla e específica:

> A metáfora da narrativa deve ser suficientemente aberta para incluir uma ampla gama de pesquisas e dissidências. Mas, por outro lado, deve ser suficientemente específica para que saibamos o que é a narrativa e por que estamos fazendo narrativa, os componentes estruturais das narrativas não são o que torna a narrativa especial e onipresente. Pelo contrário, acredito que a narrativa é interessante por causa dos significados que somos capazes de expressar e articular através dela (Schiff, 2012, p. 34).

Diante de tais conceituações, cabe resgatar a origem da palavra, na busca por alguma baliza. A etimologia da palavra narrativa remonta à partícula grega "*gno*", que significa conhecimento (Houaiss, 2009). Essa raiz deu origem a uma gama de palavras usadas hoje, e um desses braços se configurou na partícula "*narr-*", com o significado de *dar a conhecer*, *contar* sem a necessidade de uma exposição formalizada, portanto de forma mais livre, mas com alguma estrutura que permita a quem narra revelar a alguém um conhecimento sobre algo.

Assim, partimos do pressuposto que uma narrativa existe ao ser anunciada (verbal, textual ou imageticamente), sendo então uma forma de comunicação que tem como característica uma maleabilidade criativa e estruturada, mas não rígida. Outra

característica é que ao ser anunciada ela dá a conhecer alguma coisa a alguém, transmitindo um saber, tendo então um caráter de intermediário.

Esses parâmetros podem ser encontrados em diversos usos acadêmicos do termo. O uso de narrativas como método de pesquisa, por exemplo, tem sido cada vez mais utilizado em diversas áreas como Enfermagem, Educação, Saúde Coletiva, Psicologia, Sociologia e Antropologia (Guerra et al., 2017). Existe, por exemplo, a medicina narrativa (Carelli, 2016), que é aquela praticada quando a equipe médica se dispõe a "reconhecer, identificar, absorver, interpretar e ser movido pelas histórias de doença e para agir em direção ao outro" (Tavares, 2017, p. 28). Ou seja, o termo narrativa aparece quando a produção do conhecimento se dá não sobre o outro, mas com o outro.

Essa produção não está diretamente atrelada a uma teoria específica. No caso da psicologia, a narrativa como ferramenta de trabalho para a pesquisa da identidade aparece, segundo Crossley (2002), em quatro campos teóricos principais da área: psicologia social experimental; psicologia humanista; psicologia psicanalítica/psicodinâmica; e construtivismo/socioconstrucionismo. Por isso é necessário que a noção de narrativa seja bem definida para funcionar no campo das ciências psicológicas, que são diferentes das literárias:

> As abordagens narrativas, no entanto, devem estar claramente vinculadas a uma teoria de carreira abrangente. A teoria narrativa por si só não fornece clareza e direção suficientes sobre como os orientadores podem usar as histórias dos indivíduos para entender quem eles são (personalidade profissional), como se adaptar (adaptabilidade na carreira) e quais funções de trabalho são importantes para eles (temas de vida) (Del Corso & Rehfuss, 2011, p. 338).

Isso é especialmente importante porque uma característica do uso do termo "narrativa" na academia é seu caráter de abertura. Como exemplo, há uso do termo em um tipo de revisão de literatura, chamada narrativa, que se define da seguinte maneira:

> A revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática *mais aberta*; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, *não exigindo um protocolo rígido para sua confecção*; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, *com grande interferência da percepção subjetiva* (Cordeiro et al., 2007, pp. 429-430, grifos nossos).

O termo "narrativa" é usado aqui como adjetivo para se opor à sistamático, exaustivo, rígido e bem definido. Abarca uma estrutura mais aberta e passível de interferência subjetiva. Esse tipo de estrutura, pouco precisa em termos científicos, advém do fato da narrativa não ser uma invenção da ciência. Muito antes de ser um método científico, esse modo de transmitir conhecimento já era propriedade da humanidade, como mostram Granato, Corbett e Aiello-Vaisberg (2011):

> Já dissemos que o narrar, antes de ser tomado por psicanalistas, linguistas, antropólogos e outros pesquisadores como ferramenta básica de seu ofício, era a forma original pela qual as pessoas compartilhavam suas experiências, aprendiam com os antepassados e orientavam as novas gerações segundo linhas de conduta moral e ética (p. 87).

Assim, segundo Schiff (2012), a principal missão de uma narrativa é criar e transmitir significados para palavras, frases ou eventualmente imagens. E ela o faz servindo como um bojo no qual as palavras caem, e reconfiguram as relações que fazem entre si, provocando assim a emergência de sentidos. Ora, a orientação profissional e de carreira é um processo de criar sentido (Soledad Rodriguez, comunicação pessoal, 2020).

Esse processo é fundamental para que seja possível falar sobre o futuro, que por si somente é um bojo vazio de sentido:

> A narrativa representa outra coisa. É um espaço reservado conveniente, *um recipiente vazio*, configurado para os fins de cada usuário que pode definir o termo da forma que desejar. Como Hyvärinen (2006) argumenta, nas ciências sociais, a outra coisa é, frequentemente, a vida; narrativa é uma metáfora poderosa para entender a vida (Schiff, 2012, p. 34, grifos nossos).

Chama atenção aqui a metáfora do recipiente vazio utilizada por Schiff (2012), que guarda muitas semelhanças com aquelas já apresentadas nessa pesquisa propostas por Lacan e Heidegger. Três pensadores de abordagens diferentes (na ordem dos nomes nesse parágrafo, psicologia social do desenvolvimento humano, psicanálise e existencialismo), acabam exemplificando conceitos como a vida, a falta e o futuro com a metáfora de um recipiente vazio, que não seria equivalente nem ao nada nem à coisa consistente.

Mais que coincidência, isso revela que conceitos como vida, falta e futuro são recorrentemente abordados pela figura de uma espacialidade artificialmente criada para que se transforme o nada em um vazio, como já foi dito, e assim se prestar a ser cheio, conter coisas: característica essa do tempo presente.

Assim, a narrativa é um meio de tornar o a vida, a falta e o futuro presentes, ou em outras palavras, atribuir a eles caraterísticas do presente (como ontologia e materialidade), mesmo que de forma simbólica (pela via das palavras):

> A propriedade fundamental da narrativa é 'tornar presente'. Esta é a função primária da narrativa. Fazer presente é: 1) Declarativo: Fazer presente dá presença à experiência subjetiva; 2) Temporal: Tornar presente dá sentido ao passado, presente e futuro; e 3) Espacial (social): Tornar presente cocria compreensões compartilhadas e divergentes do mundo (Schiff, 2012, p. 36).

Segundo Schiff (2012), a dimensão da temporalidade – que é a que nos interessa aqui, pois o projeto é uma narrativa deslocada para o tempo futuro – é um meio de trazer alguma experiência de futuro para o presente, de forma a superar a aparente contradição da expressão "experiência de futuro". A experiência humana com o tempo está intimamente relacionada à capacidade também humana de fazer narrativa (Ricoeur, 2011). Mas, antes de discutir sobre a narrativa como um articulador do tempo, precisamos elucidar se ela pode ser um método científico válido para se estudar essa experiência humana.

O método narrativo

> Análise (da) narrativa. Verdade pessoal. Complexidade. Via áurea. *Logos* e *mythos.* Comunicação científica. Razão narrativa.

Se a narrativa precede a ciência, o que nos permite passar a usá-la como método de trabalho científico, clínico ou acadêmico? O que se encontra na orientação profissional e de carreira e outras áreas atualmente é justamente o crescimento do uso de narrativas como método, uma vez que os objetos com os quais trabalhamos estão cada vez menos passíveis de serem compreendidos por métodos mais objetivos ou baseados em protocolos rígidos:

> A estrutura narrativa é útil para lidar com a desordem da experiência humana, a fim de inferir o significado de ações, motivações, causa e efeito, conexões. Tais convenções tornam-se mais evidentes e necessárias à medida que a complexidade aumenta (Schiff, 2012, p. 42).

Reid e West (2011) ressaltam a importância de fundamentar as pesquisas e a construção da teoria não somente em modelos lógicos, mas também na experiência, mesmo que esta tenha sempre uma "complexidade confusa" (p. 174). Sobre se trabalhar utilizando o método narrativo diante de um fenômeno complexo, McIlveen (2017) aponta

dois caminhos metodológicos distintos: fazer uma *análise narrativa* e fazer uma *análise da narrativa*. Na primeira, a ênfase é no "pensamento generativo por meio de histórias e usando histórias para criar verdades pessoais" (p. 156), enquanto na segunda o intuito é pensar sobre as histórias das pessoas, isto é, as próprias histórias como objetos de análise. A diferença aqui, aponta o autor, é que são dois processos mutuamente excludentes para a geração de conhecimento, pois a análise narrativa gera "conhecimento pessoal por meio da história" e a análise da narrativa se preocupa em "validar sua veracidade e autenticidade pessoais" (p. 157).

Não é difícil notar a qual dos dois métodos as definições apresentadas nessa pesquisa se inclinam. Para se alcançar o projeto, narrativa é um meio, e não um fim. Ou seja, consiste no material de trabalho para se construir o projeto, esse sim o fim do processo de orientação. Além disso, é um meio que se presta a servir de matéria-prima a ser desconstruída, reconstruída e coconstruída em novas formas, promovendo um rearranjo de sentidos (Duarte et al., 2009) do qual se extrai uma "verdade" do projeto.

A narrativa, desde nossa perspectiva, não se presta a ser escrutinada e analisada como um objeto fixo de estudo em busca da verificação de padrões diferenciais e saturações de dados estatisticamente significativos que revelariam à pessoa algumas verdades sobre si. Por isso McIlveen (2017) aponta que "a noção de verdade pessoal fala a uma ontologia e epistemologia profundamente personalizada e autocentrada", mesmo que seja "importante notar que a narrativa é um processo social cocriado por mais de uma pessoa para que faça sentido no mundo real" (p. 156). Isso coloca a orientação profissional e de carreira mais como um processo criativo do que exato e factual:

> Um dos critérios de avaliação de uma boa teoria, na perspectiva tradicional, é sua capacidade de explicar e predizer um número razoável de fenômenos. O desenvolvimento da carreira, no entanto, por meio das múltiplas decisões que

> requer e dos riscos que envolve, e por causa das formas únicas dos indivíduos de lidar com obstáculos, eventos imprevistos, várias circunstâncias, acaso e conflitos internos, pode ser considerado, pelo menos em parte, como um processo criativo. E a imprevisibilidade é, por definição, parte de toda criação (Bujold, 2004, p. 471).

É a imprevisibilidade crescente do contemporâneo que atrai a orientação profissional e de carreira para o campo do processo criativo e inventivo, e como consequência, a afasta do campo do processo preciso e factual. O que se cria ganha o nome de verdade pessoal, e não pode se confundir com o processo de investigar e descobrir a "verdade eterna", que marca a caminhada da humanidade nesse constante e coletivo esforço chamado "ciências" (Duarte, 2019). No entanto, tampouco pode ser colocado como oposição a ela: é parte dessa produção de conhecimento, mas uma parte que se volta para um objeto pouco passível de ser reduzido e esgotado pelo método científico. Esse objeto é o objeto da orientação profissional e de carreira conforme conceituado na introdução dessa tese: a relação produzida na tríade pessoa, social e futuro, inerentemente complexa:

> Os problemas dos sistemas humanos e dos decorrentes sistemas psicossociais são aqueles ligados à nossa dificuldade em lidar com a complexidade. O nosso conhecimento mais clássico não consegue captar os aspectos complexos das novas e, por vezes, incontroladas situações que têm surgido em todas as nossas atividades (Vieira, 2006, p. 10).

Vieira (2006) aponta alguns parâmetros para definir se um fenômeno está no campo da complexidade. São eles: composição, que é a interpenetração variada de diversos elementos que compõe o todo; a diversidade, que é a grande variação de ocorrências e manifestações diversas dentro de um mesmo tipo ou grupo; conectividade, que são os diferentes graus de relações internas estabelecidos; integralidade, que é a dificuldade de repartição do fenômeno em partes reduzidas sem perturbá-lo; e estrutura e

coesão, que são duas características que fazem com que o fenômeno tenda a se manter funcionando como um sistema.

Há aqui uma diferença entre a complexidade ao longo de uma ou algumas variáveis do objeto e a complexidade do próprio fenômeno em si (László et al., 2007). À primeira, a complexidade se revela no caminho do entendimento do fenômeno, que depois de muito bem entendido, passa a ser simples (mesmo que continue extremamente misterioso para os não especialistas no assunto). Para enfrentar esse tipo de complexidade recorre-se ao reducionismo do objeto de estudo, que somado a outras pesquisas com outros objetos reduzidos do mesmo campo de fenômenos, com o tempo e volume de achados, pode-se chegar a se conhecer verdades gerais sobre o fenômeno complexo. Este é o campo do reducionismo, e não o campo da complexidade (mesmo os fenômenos como um todo sejam complexos).

A segunda complexidade é a que se revela como sendo inerente à totalidade do próprio fenômeno. Diante dela, o reducionismo do objeto pode pouco, pois o objeto que sofreu a redução se altera nesse processo, e o próprio fenômeno como um todo também se altera com a "retirada" de um elemento seu. A complexidade aqui é menos passível de ser enfrentada pela repartição e posterior acumulação de estudos sobre pequenas partes do todo. Este é o campo da complexidade, onde é necessário enfrentar o fenômeno como ele se apresenta e do qual um pesquisador específico conseguirá falar um pouco, entender um pouco, ressaltar esse ou aquele aspecto do todo complexo.

Somando-se muitos pesquisadores, tem-se muitas falas, muitos entendimentos e muitos aspectos ressaltados, mas provavelmente jamais um entendimento que esgote o objeto, e que assim revele objetivamente todas as suas leis gerais de funcionamento e torne-o simples, pelo menos aos especialistas na área. Esse caráter inesgotável é a marca

do nosso objeto em orientação profissional e de carreira: sempre escapa de ser totalmente compreendido, pois "a verdadeira complexidade é aquela que não pode ser colocada no discurso falado e escrito" (Vieira, 2006, p. 15).

Esse segundo tipo de complexidade, chamada de complexidade inerente ao objeto ou campo da complexidade (em oposição ao campo do reducionismo) parece ser o caso do objeto da orientação profissional e de carreira. McMahon e Watson (2013) nomearam o enfrentamento da crescente complexidade das necessidades que as pessoas trazem para o orientador como um grande quebra-cabeça, e a chave para montá-lo tem sido apontada como sendo os métodos narrativos. Del Corso e Rehfuss (2011) apontam que "as intervenções narrativas de carreira permitem que os orientadores abordem de forma holística o 'que', 'por que' e 'como' os orientandos constroem suas carreiras, sem dividir a pessoa em partes" (p. 338).

Assim, a narrativa tem sido nas últimas décadas uma inovação metodológica no campo científico que ajuda a melhor conhecer os objetos do campo da complexidade, mesmo que para isso tenha que alargar as noções tradicionais de verdade. Essa ampliação tem gerado muito debate epistemológico nos últimos cinquenta anos, com as obras de Kuhn (2017) e Popper (2013) como grandes eixos para girar os argumentos. É uma questão que ultrapassa a orientação profissional e de carreira, mas da qual esta não pode simplesmente se esquivar.

A verdade pessoal que se pretende produzir a partir da construção de narrativa, então, precisa responder a essas questões epistemológicas, o que foi ensaiado na introdução dessa tese e ainda precisa ser abordado mais vezes e a partir de mais perspectivas. Afinal, qual é a validade da verdade pessoal? Aqui podemos recorrer ao

filólogo Antonio Candido (2011), que coloca a ideia de que o acesso à literatura deve ser considerado um direito humano, assim como a alimentação, proteção e dignidade:

> Antonio Candido postula o acesso à literatura como direito humano: Como podemos perceber pelas palavras do crítico, a questão da humanização, pela literatura e, no limite, pela arte, *não é superficial, nem simples*. Primeiramente, o autor defende que a humanização, pela e através da literatura, não diz somente respeito a obter informações, ou a experimentar a vida "real" ou referencial por meio do texto literário, seja ele poesia, ficção narrativa, drama ou qualquer outro. De acordo com o crítico, muito mais que isso, a forma literária *é sempre constitutiva de um tipo de compreensão, pelo ser humano, do seu 'estar no mundo*' (Carelli, 2016, p. 20, grifos nossos).

A verdade pessoal não consiste na descoberta de um dado, mas na compreensão de um lugar no mundo, como coloca Carelli (2016). A abordagem narrativa fornece "dados" que podem ser analisados em profundidade para gerar descrições detalhadas sobre a vida de trabalho de cada pessoa (Barnes & Brown, 2016).

Por isso que a escolha do método narrativo para a construção do projeto não foi feita por um capricho desse pesquisador, e sim porque parece ser a melhor maneira de fazer essa construção com capricho. Ou seja, é a forma mais adequada de compreender a trajetória de vida de trabalho da pessoa e proporcionar a construção de uma trajetória projetada no futuro. Adequada em dois sentidos: no metodológico, por ser mais eficiente e mais próxima do registro da experiência humana no mundo do que os métodos positivistas; e no sentido ético, uma vez que ajudar uma pessoa a produzir uma narrativa de uma forma compartilhada, cuidada e respeitosa é um ato em direção à humanização desta, conforme apontam as ideias de Candido (2011).

Essa humanização passa por um posicionamento ético e político do pesquisador/orientador. Quando é possível obter dados de pesquisa diretamente por meio

das narrativas das pessoas às quais o estudo se refere, e não mediadas por um instrumento pré-fabricado, corre-se menos riscos de enquadrá-las em categorias conceituais que foram construídas a priori e muitas vezes em outro contexto sociolaboral, o que frequentemente gera um descompasso entre o que diz a teoria e o que mostra a realidade (Ribeiro & Fonçatti, 2017). Assim, o método narrativo seria aquele que revelaria a realidade da experiência de vida de trabalho o mais próximo do que ela é (ou foi), justamente por não tentar enquadrar a realidade em categorias pré-existentes cientificamente construídas, mas genéricas. A verdade pessoal é, em última instância, sempre psicossocial.

Por todos esses motivos, a construção de narrativa pode ser considerada o caminho de ouro da orientação profissional e de carreira para se alcançar o que se costumou chamar de *autoconhecimento*. Desde que se perceba que todo autoconhecimento é um conhecimento psicossocial. Continuam válidas as outras maneiras, como através de instrumentos psicométricos, que não ficam substituídas:

> A abordagem narrativa, portanto, não é projetada para substituir uma forma existente de realizar o trabalho de orientação, mas pode ser vista como fornecendo ao orientador mais flexibilidade para trabalhar de forma eficaz com, talvez, clientes mais difíceis, auxiliando-os na tomada de decisões e transição (Reid & Scott, 2010, p. 180).

A produção de narrativa foi chamada de "caminho de ouro" em alusão ao termo via áurea que Freud (1900/2019) usou para se referir aos sonhos no trabalho de psicanálise: não são a única forma de se conhecer os conteúdos inconscientes e não excluem outros meios e técnicas, mas são a forma mais direta, mais próxima da experiência atemporal e amoral do inconsciente, com menos acabamentos e barreiras, mesmo que seu conteúdo precise ser trabalhado e interpretado para se revelar com peso de uma verdade pessoal.

Assim, a narrativa não aparece pronta e instantânea no processo de orientação profissional e de carreira. Ela exige trabalho, tanto do orientando como do orientador, para que possa em determinado momento ser reveladora dessa verdade pessoal. A validade que eleva essa produção ao estatuto de "verdade" não está fora de si, ou seja, em categorias previamente estabelecidas de forma comparativa para uma verificação de fidedignidade. A validade da verdade pessoal está vinculada ao próprio processo que a forja.

Ao enfatizar o processo narrativo no lugar do levantamento de fatos sobre a pessoa, a construção de projeto em orientação profissional e de carreira passa a ser produzida a partir da trajetória de vida da pessoa como é narrada por ela (Duarte et al., 2009), e não a partir de fatos sobre sua vida a serem aferidos por instrumentos construídos para tal:

> As histórias de vida são baseadas em fatos biográficos, mas vão muito além dos fatos à medida que as pessoas se apropriam seletivamente de aspectos de sua experiência e constroem imaginativamente passado e futuro para construir histórias que façam sentido para eles e para o seu público, que vivifiquem e integrem a vida e torná-lo mais ou menos significativo (McAdams, 2001, p. 100).

Isso provoca uma mudança epistemológica profunda para o campo da orientação profissional e de carreira, pois:

> No aconselhamento vocacional, um dos agentes não pode ter certeza de que o outro irá comportar-se racionalmente. Mesmo durante uma interação simples de resolução de problemas, as premissas e definições modificam-se continuamente e, muitas vezes, por caminhos não lineares. Cadeias decisórias mutantes e complexas são a regra. Causalidades lineares simples são a exceção (Duarte et al., 2009, p. 397).

As abordagens narrativas podem ser vistas como parte de um posicionamento epistemológico e metodológico mais amplo que valoriza as pessoas e suas histórias, bem como a importância do diálogo nas interações profissionais (West, 1996), tornando, por consequência, os processos de orientação cada vez mais qualitativos:

> As práticas de aconselhamento de carreira contemporâneas, cada vez mais são constituídas pelas técnicas qualitativas, dentre as quais, as narrativas. As narrativas são elementos essenciais de uma perspectiva de carreira que não aceita a limitação dada pela avaliação no sentido tradicional, pelo foco no resultado e pela prescrição (Araújo et al., 2013, p. 199).

O processo e o produto da orientação profissional e de carreira não configuram uma verdade factual, mas uma verdade narrativa, significativa para o indivíduo em termos de experiência, compreensão do mundo e de possibilidades dentro deste (West, 2006). Para isso, a pessoa sempre fará uso dos discursos sociais disponíveis para construir sua narrativa, mas nesse processo deve poder integrar narrativamente passado, presente e futuro de forma singular. Assim, mesmo que os fatos não sejam o foco, o processo de compreensão da história de vida da pessoa inclui mais do que somente sua individualidade. Esse processo pode ser analisado "via discurso (*logos*), que é legitimado coletivamente, e via narrativa (*mythos*) que é singular e experiencial" (Ribeiro & Melo-Silva, 2011, p. 30).

Essa diferenciação entre a "logia" e o "mito" é apresentada por Ribeiro (1998b) como sendo de dois campos distintos na configuração de uma história. Enquanto a "logia" se refere ao campo lógico, da linguagem escrita e da historização enquanto esforço da ciência, o mito é marcado pelo campo da linguagem oral ou da fábula, onde o esforço de compreensão da história é via ficção. Mas, essa ficção não tem um valor de irrealidade, ao contrário: compõe as narrativas que ajudam a rememorar e ordenar a história de um

coletivo ou de uma pessoa. Assim, os mitos estão "sempre em relação a uma 'criação': conhecer o mito é aprender o segredo da origem das coisas, chegando-se consequentemente, a dominá-las e manipulá-las" (Ribeiro, 1998b, p. 34). Podemos, a partir disso, dizer que, construído pela via do método narrativo, o projeto está para o futuro como o mito está para o passado. Isso porque é necessário reconhecer que o logos pode pouco diante do futuro.

A ideia de logos e mito aplicada à prática do orientador é fundamental para este poder estar diante do fenômeno complexo que se apresenta a ele. E, uma vez ali, não sucumbir nem ao relativismo absoluto e individualista, que desconsidera a realidade tanto material como psíquica, nem ao positivismo reducionista que desconsidera a idiografia como meio legítimo de produzir conhecimento com (e não "para" nem "sobre") a pessoa.

O mito não precisa da organização cronológica para se sustentar: a ela basta uma organização lógica, pois ele é atemporal (Vieira, 2001). Assim, a narrativa, ou o *mythos*, é aquilo que permite reconhecer nosso objeto de trabalho como intrinsicamente humano, em uma sociedade cada vez mais cronológica, administrada e robotizada. Nas palavras de Lévi-Strauss (1970), "na civilização mecânica, não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem" (p. 224).

A narrativa, então, pode ser usada como corpo de conhecimento sobre a pessoa humana, conhecimento este menos factual e mais processual e relacional, realocando o entendimento das decisões de carreira dela através da compreensão da história na qual ela faz parte (Savickas, 2001). As narrativas expõem e dão sentido para experiências passadas, e também apontam caminhos para o futuro, através de elementos que estão presentificados na história narrada pelo indivíduo. Esse processo têm um arco que se expressa como "o eu do passado conduziu e preparou o cenário para o eu do presente,

que por sua vez levará ou preparará o cenário para o eu do futuro" (McAdams, Josselson, & Lieblich, 2001, p. XVII). Assim, a narrativa é consistente com uma abordagem interpretativa para entender a "mente" humana, que oferece uma alternativa para a abordagem causal-explicativa dominante na psicologia (Sools et al., 2015).

Mas, em meio a todas essas caras capacidades, ainda há um problema metodológico no uso das narrativas para a produção e transmissão de conhecimento pela via da pesquisa científica que não pode ser ignorado. Nas palavras de Reid (2005), "as narrativas têm um imediatismo que se perde quando a história é escrita em um estudo de caso" (p. 128). A narrativa produzida pelo pesquisador ao relatar um caso atendido, por exemplo, já não é uma cópia fiel da narrativa produzida pela pessoa no momento do atendimento. Nem sequer seria se fosse uma transcrição da gravação exata das palavras ditas, pois sendo a narrativa um fenômeno relacional, não só está sempre atrelada a um autor como também está parcialmente determinada pelo interlocutor. Ora, na narrativa original, o autor é o orientando e o interlocutor é o orientador; já na transcrita para transmissão científica, o autor é o orientador a partir da fala do orientando (ou do gravador utilizado por aquele, que registra fielmente as palavras, mas perde a cena) e o interlocutor é a comunidade científica.

Este problema de pesquisa, a ser decifrado e enfrentado pelos estudiosos de metodologia, é, por outro lado, o maior fortúnio do uso da narrativa na prática cotidiana com os orientandos. Nenhum outro método de trabalho é tão imediato e integral, e por isso tão próximo das experiências originais da pessoa, estas inacessíveis diretamente por estarem perdidas em tempos e espaços passados:

> Apesar da disjunção entre experiência e narrativa, narrar está intimamente ligado à experiência vivida e às nossas reflexões sobre a vida. Narrar é, sem dúvida, o mais próximo que podemos chegar da experiência e de nossa compreensão da

> experiência. Não há como negar que as narrativas são construções, mas são construções que articulam aspectos da nossa experiência vivida e se tornam forças ativas no campo da vida social (Schiff, 2012, p. 38).

Por essas características, o uso da narrativa na transmissão científica deve tomar o seguinte cuidado: a narrativa se presta muito pouco a ser trabalhada pela via da lógica quantificável (Reid, 2005), pois sua natureza não reducionista de *Gestalt*, relacionando partes e todo de forma indissociável, não permite um rigor matemático ao decompô-la em fragmentos a serem classificados em categorias externas ao próprio todo narrativo em questão.

Sobre isso, o filósofo Ortega y Gasset (1962) propõe a existência de uma *razão narrativa*, que se diferencia, sem substituir, da *razão físico-matemática*. Esta última se caracteriza por ser a base de toda possibilidade de conhecimento humano, tanto a partir dos sentidos como a partir do raciocínio. Mas, o filósofo propõe que esta razão corresponde somente a uma base, e é insuficiente para compreender os fenômenos não naturais, como aqueles frutos das produções humanas, tanto no campo subjetivo quanto no coletivo. Para compreender essas produções, precisamos recorrer à razão narrativa, que não tem a lógica matemática como veículo do raciocínio, e sim a história contada e recontada:

> Não podemos entender nada histórico – e tudo que é humano é histórico, e o homem não é em substância mais que história – se não o situamos e o colocamos com todo rigor em seu lugar, dentro dessa cadeia enorme que é a história. A razão para isso é a simplicidade de um truísmo, é esta: o que ao homem acontece hoje, acontece dessa forma e desse modo porque ontem lhe aconteceu outra coisa, e assim sucessivamente; e não entendemos o que acontece hoje se não nos contarem o conto do que aconteceu ontem e anteontem, porque isso é a chave e a causa do presente. A razão das coisas humanas é uma razão cujo arrazoar consiste em contar, em contar histórias, é a razão narrativa, é a razão histórica (Ortega y Gasset, 2010, p. 443).

Essa ideia de haver uma razão narrativa se baseia em duas concepções sobre a natureza da realidade. A primeira é a negação da crença de que existe uma história esperando para ser descoberta independente do processo de construção narrativa. Essa crença é denominada "falácia ontológica", no sentido de que haveria uma realidade objetiva na experiência humana que poderia ser destacada e "calculada" independentemente do ser que a produziu (Brockmeier & Harré, 2003). A segunda ideia é a negação da crença de que existe apenas uma realidade humana à qual todas as narrativas devem se reportar. Essa crença é denominada "falácia representacional" (Brockmeier & Harré, 2003), no sentido de que haveria uma maneira fidedigna e verdadeira de retratar a experiência humana, estando todas as outras equivocadas ou imperfeitas.

O uso da razão narrativa deve romper com essas duas crenças, pois de forma alguma busca *determinar uma realidade* objetiva e pura, e sim *constituir uma realidade* com a pessoa:

> Apresentar algo como uma narrativa não significa externalizar algum tipo de realidade interna nem oferecer uma delimitação linguística para essa tal realidade. Ao contrário, narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos. Em outras palavras, a ordem discursiva através da qual nós tecemos nosso universo de experiências emerge apenas como um *modus operandi* do próprio processo narrativo. Ou seja, estamos lidando primariamente não com um modo de representação, mas com um modo específico de construção e constituição da realidade (Brockmeier & Harré, 2003, p. 531).

Assim, as diferenças entre as duas razões apresentadas por Ortega y Gasset podem ser melhor entendidas com um exemplo próximo do escopo dessa pesquisa. O tempo, por mais complexo que seja, pode ser estudado via razão físico-matemática, gerando fórmulas, equações, estatísticas, axiomas, cronogramas e cronologias. Mas, para se

estudar a relação do ser humano com o tempo, ou seja, a experiência humana de estar sob a dimensão física do tempo e não poder se excluir desta, somente é possível a partir do ponto de vista do sujeito da experiência, seja ele singular ou coletivo. É a partir do trabalho narrativo, e somente deste, que temos acesso a esse fenômeno da experiência como vivida pelo sujeito.

A razão físico-matemática diante desse mesmo fenômeno pode no máximo descrever, por exemplo, os funcionamentos cerebrais da pessoa, ou o comportamento filogenético da espécie diante da passagem do tempo, ou ainda, como aquela pessoa se classifica dentro de uma distribuição estatísticas de comportamentos. Tudo isso, por mais complexo, importante e fascinante que seja, nunca será sinônimo da experiência do sujeito diante do tempo. Portanto, o conhecimento alcançado a partir de uma das razões não substitui o alcançado por meio da outra:

> É importante frisar que o desenvolvimento de instrumentos científicos mais e mais sofisticados não nos garante fugir de nossa 'bolha' particular; o real permanece inacessível, só podemos trabalhar signos e é desse trabalho que emergem signos cada vez mais complexos na medida em que mergulham na complexidade sugerida pelos índices do real (Vieira, 2006, p. 13).

O próprio Freud, ao final do século XIX, chegou a esta mesma conclusão sintetizada por Vieira (2006), quando se propôs a trabalhar de forma científica não diante do corpo observado da paciente histérica, e sim pela escuta das palavras que compunham suas falas. Os sintomas (inclusive físicos) passaram a ser compreendidos como signos e não como afecções, como se fossem parte de uma narrativa a ser decifrada. Esse processo de decifração, no entanto, deveria se dar pela via de um método rigoroso e sob a visão de mundo (*Weltanschauung*) da ciência, como aponta Mezan (2007).

Dessa forma, o uso da narrativa na produção de ciência em orientação profissional e de carreira é possível desde que se entenda os fundamentos racionais desse método e se esclareça o alcance e escopo do conhecimento produzido e transmitido dentro dos ritos científicos. É, de fato, um arrazoado, ou seja, um discurso imbuído de razão – a razão narrativa – e por isso se presta a ser método de transmissão de saber, além de um operador no campo prático informado pela ciência, que é o caso da orientação profissional e de carreira.

Neste, a narrativa ajuda o orientando a se perceber como autor que *conceitua* e *verbaliza* sua experiência e existência humanas (Del Corso & Rehfuss, 2011). Isso tem tido consequências para a postura do orientador em sua prática. Para Savickas (1997), nas décadas de virada do século XX para o XXI percebeu-se uma preocupação maior com a produção de significados do que com o discernimento de fatos sobre a pessoa, este último sendo a marca principal da orientação profissional e de carreira desde seu surgimento.

Nesse "novo" cenário, "o problema do entendimento dos padrões dinâmicos do comportamento humano parece estar mais próximo de uma solução através dos estudos da narrativa do que até mesmo de abordagens bem conhecidas, como a utilização do modelo de regras e papeis" (McIlveen & Patton, 2007, p. 230). Sobre isso, Malki (2018) aponta a necessidade de se manter o trabalho de orientação como um espaço no qual a pessoa pode reconstruir-se com o outro:

> O trabalho da orientação profissional tem um caráter artesanal, que se realiza a cada sessão, calcado na liberdade do cliente para expor seus aspectos contraditórios, desorganizados e sem respostas com a reconfortante experiência de ser compreendido. Ele então experimenta o tempo como dimensão qualitativa nova, restauradora, integradora, nutridora (Malki, 2018, p. 168).

O trabalho via narrativa fornece os meios para articular as contradições, necessidades, objetivos, propósitos e ações, sendo hoje de extrema relevância não somente para a prática como para a elaboração de teorias de carreira (Bujold, 2004). Isso porque a estrutura narrativa guarda essa semelhança com o processo da orientação: em ambas se busca racionalmente por padrões, mas sem prescrever uma forma fixa para definir a pessoa,

> porque as pessoas narram sua experiência, certos padrões e temas emergem relacionados a quais são seus objetivos de vida e carreira, como esperam atingir esses objetivos e por que esses objetivos são importantes para eles (Fasbender et al., 2019, p. 25).
>
> Elas são constelações transitórias (flutuantes) de formas de vida que são melhor entendidas de acordo com uma concepção de estrutura como padrões fluidos de acabo e posicionamento. As formas de narrativa não existem como padrões a serem concretizados, mas elas são orientadas para assumir as formas que assumem pelas exigências da situação em que ocorrem (Brockmeier & Harré, 2003, p. 532).

Para isso, deve-se levar em consideração a pessoa como "o perito de si mesmo" (Maree, Ebersöhn, & Molepo, 2006) enquanto o orientador assume uma posição de não-saber, que não invalida seus saberes teórico-técnicos. Mesmo que a narrativa não reconstrua os eventos reais da pessoa no mundo do trabalho exatamente conforme aconteceram, ela tem seu valor no fato de ser a versão idiossincrática do orientando a respeito dessas vivências (Maree et al., 2006).

Assim, a narrativa não se expressa apenas como uma versão possível da história da pessoa, podendo ou não ser uma verdade, mas sim como um conjunto de versões de verdades (Law, 2017). É uma ferramenta útil para mostrar quais decisões terão sentido na vida do indivíduo localizado em seu contexto: "é através da interpretação e

subsequente construção de narrativas e histórias que os indivíduos dão sentido a sua carreira e mundo" (Collin & Young, 1992, p. 2).

No entanto, vale ressaltar que as atividades concretas nos diferentes domínios da vida constituem elementos fundamentais nos processos de construção de narrativa e, por consequência, na construção de projetos. Mesmo que se compreenda que a pessoa constrói seu mundo através do discurso verbal, as atividades concretas que pratica são parte importante da evolução deste discurso (Duarte et al., 2009).

Mais do que conceber carreiras como metanarrativas de estágios da vida, as teorias do século XXI abordam a carreira como se tratando de um roteiro individual (Duarte et al., 2009). Por exemplo, no *Life Design*, a narrabilidade refere-se à continuidade da relação da pessoa com o mundo, fazendo oposição complementar à adaptabilidade, que por sua vez, refere-se às mudanças nessa relação. Enquanto o foco da adaptabilidade proporcionaria maior flexibilidade no desenvolvimento da pessoa, é a sua capacidade de narrar-se que garantiria a "fidelidade a si mesmo" (Duarte et al., 2009, p. 399).

Ora, essa fidelidade não pode ser de outra forma senão mutante, complexa e não linear, pois a "vida vivida" assim o é. A validade do método narrativo está justamente no fato dele não se propor a ser factual.

A narrativa tem mais capacidade de representar a vida do que os constructos psicológicos caros à orientação como interesses e aptidões, por ser capaz de trazer coerência e continuidade para a compreensão da trajetória de vida da pessoa, e não somente ao estado em que a pessoa se encontra no presente (Duarte et al., 2009). É uma maneira de produzir uma consistência pessoalizada, ou seja, que não mimetize o discurso genérico disponível no social, mas se estruture enquanto um discurso narrativo.

Para que esse método seja utilizado em toda sua potência, é fundamental que a narrativa seja entendida como um conceito psicossocial.

A narrativa também é psicossocial

> Enraizamento no contexto. Risco do relativismo. Singular/coletivo. Enunciação/ação. *Leggereza.* Significado pessoal em um quadro cultural.

O enraizamento no contexto, somado ao fato da narrativa ser uma plasticidade, a faz servir de modo distinto a diferentes propósitos (Trentin, 2017), o que é uma vantagem em face de objetos de estudos cada vez mais complexos e instáveis, mas traz o perigo de se tornar tão relativa a ponto de insinuar-se como não obrigada a se haver com o âmbito histórico, material e contextual. Entender a narrativa dessa maneira seria um equívoco, pois sua natureza é psicossocial:

> As histórias pessoais são consideradas construções socioculturais na medida em que, embora recorram a eventos biográficos únicos, são construídas dentro de recursos narrativos culturais que moldam os significados que as pessoas atribuem às suas experiências (Ronkainen & Ryba, 2018, p. 44).

Para nos precavermos desse risco do relativismo individualista, é necessário acrescentar um outro item à conceituação da narrativa. Devido ao seu caráter de intermediário, a narrativa, além de transmitir um saber de uma pessoa a outra, deve ser constituída sempre de forma dialética, compondo-se com elementos de dois polos: o singular e o coletivo:

> As narrativas integram, portanto, o geral e o particular: elas são construídas pela cultura, ao mesmo tempo em que a cultura se constrói na narrativa. A cultura organiza a operação simbólica humana, emprestando significado às ações e aos estados emocionais, relacionando-os a um sistema interpretativo mais geral, compartilhado por um grupo de pessoas. É a participação nesses sistemas semióticos que proporciona a possibilidade da criação de inúmeras configurações

> simbólicas que acabam por ter a capacidade de se tornar modos de vida através das ações humanas (Nery, 2017, p. 54).

Assim, é da natureza fundamental da narrativa que ela seja feita no encontro de pessoas (Fonseca, 2016). É ao ser compartilhada que a narrativa se faz, reconstruindo o saber que ela transmite para ser reconstruída pelo coletivo no qual ela foi anunciada. Por isso que "as histórias pelas quais vivemos são feitas, não encontradas" (McAdams, 1993, p. 274). Isso implica na existência da narrativa não preceder a sua própria enunciação, sendo, portanto, sempre uma ação:

> A narrativa é mais bem concebida como um verbo, 'narrar'. É uma ação expressiva, algo que as pessoas fazem. Eu argumento que uma das funções primárias da narrativa é 'tornar presente' a experiência de vida e as interpretações da vida em um determinado tempo e espaço. A narrativa coloca em jogo experiências e interpretações, em um campo de ação, em um aqui e agora específico (Schiff, 2012, p. 33).

Mas, o que essa ação de narrar produz? Sobre isso, devemos atentar que a construção de significados é uma das mais importantes propriedades da narrativa (Dunker, 2014). Essa característica localiza a narrativa em um processo dialógico fundamental para a possibilidade de ela servir como um operador para a orientação profissional e de carreira. Garantido isso, não confundimos a narrativa com o devaneio individual, com a história com a qual a pessoa se ilude, ou com uma dissimulação da realidade. Não é nosso objetivo que, ao construir uma narrativa, o orientando fique mais iludido, alunado ou alienado.

Ao contrário: ela é uma oportunidade de entrar mais em contato tanto com a realidade histórica e material de seu contexto como com a experiência de si dentro de uma cultura:

> As histórias de vida são construções psicossociais, com coautoria da própria pessoa e do contexto cultural no qual a vida dessa pessoa está inserida e recebe um significado. Como tal, as histórias de vida individuais refletem valores e normas culturais, incluindo suposições sobre gênero, raça e classe. As histórias de vida são inteligíveis dentro de um mesmo quadro cultural, mas também diferenciam uma pessoa da outra (McAdams, 2001, p. 100).

Ao mesmo tempo que propicia essa compreensão aguda, o método narrativo permite uma aproximação dessa realidade de forma cuidadosa e, por que não, mais leve do que os métodos somente positivistas ou críticos. E leveza é importante quando se trabalha com pessoas. O que fornece essa leveza não é alguma "maquiagem" alienante da realidade, mas sim a origem estética da narrativa:

> A literatura rompe os horizontes estabelecidos pelo costume, pela rotina, ignorância e letargia (e com frequência, pelo discurso científico da Psicologia), os quais se inscreveram em nossa vida cotidiana. É essa opção que Ítalo Calvino (1988) denominou como *leggereza*: a leveza a que a imaginação narrativa pode inspirar a *pesantezza*, o peso da realidade (Brockmeier & Harré, 2003, p. 534).

Dessa maneira, o enfoque narrativo pode ser um caminho ao mesmo tempo efetivo e afetivo para dar atenção a formas culturais mais amplas de compreensão da experiência humana. Mas, para isso, ela deve se descolar da psicologia individualista, o que exige que se coloque no centro do processo de orientação profissional e de carreira o contexto histórico e sociocultural da pessoa.

Isso pode ocorrer porque através da narrativa os significados pessoais são construídos pela pessoa sempre dentro de seu contexto cultural. Esse é um dos principais fatores do uso da narrativa na orientação profissional e de carreira (Reid & West, 2008), pela qual é possível se trabalhar a singularidade e a profundidade sem perder de vista seu lugar no mundo social: "a chave do uso da narrativa em orientação profissional e de

carreira é colocar em primeiro plano os significados pessoais, mas sempre dentro de um quadro cultural" (Reid & West, 2008, p. 176). Então:

> A narrativa lida com a ação e a intencionalidade humana, mediando o mundo previsto culturalmente com o mundo idiossincrático dos desejos, crenças e esperanças. A narrativa organiza nossas experiências idiossincráticas, conferindo-lhes significado, que depois vamos continuamente construindo e reconstruindo (Fonte, 2006, p. 126).

Essa constante construção e reconstrução de si no mundo remete à ideia de identidade, tão cara à orientação profissional e de carreira. Assim, é necessário que se explore como ela se relaciona à noção de narrativa que está sendo trabalhada nessa pesquisa, para depois nos lançarmos a descrever como esse processo acontece no tempo.

Narrativa e identidade

> Claude Dubar. Narrador e ouvinte. Reconstrução indenitária. Identidade narrativa. Biografia. Retrônimos. Arco da vida. Embrião narrativo.

Como fenômeno psicossocial, as pessoas constroem sentido para as transições em suas vidas através da construção e do compartilhamento de suas histórias, e as histórias que eles fazem e contam sobre suas principais transições contribuem para suas identidades (McAdams et al., 2001). A definição de identidade para Dubar (1997) inclui processos relacionais, onde o outro é participante da formação identitária da pessoa (identidade para o outro), e inclui também processos biográficos, que abarcam tanto a história passada como seus projeto futuros – ou seja, histórias sobre o futuro – (identidade para si). A identidade se dá nesse cruzamento eu-outro, relação e biografia, constituindo um processo de socialização que inclui espaço para as contradições e problemas, assim como abertura a constantes reconstruções.

Dessa mesma maneira, a construção da identidade através da narrativa é concebida como um resultado psicossocial e interpessoal, construído na díade "narrador" e "ouvinte" enraizados num contexto (Agibo, 2016). Mas, isso somente, no caso da contemporaneidade, não garante unidade à pessoa:

> No final da adolescência e na idade adulta jovem, as pessoas que vivem nas sociedades modernas começam a reconstruir o passado pessoal, perceber o presente e antecipar o futuro em termos de uma auto-história internalizada e em evolução, formando uma narrativa integrativa de si mesmo que proporciona à vida moderna algum mínimo de unidade psicossocial e propósito (McAdams, 2001, p. 100).

Por isso, a narrativa pode ser entendida como um "princípio de organização" para a vida humana (Crossley, 2002). Isso significa que processos como pensamentos, percepções, imaginação, interações e escolhas da pessoa são influenciados de acordo com as estruturas narrativas que a organizam. O conjunto desses fatores organizados narrativamente participam da formação da identidade da pessoa, onde cabem contradições, ocultamentos e afetos, desde que enleados entre si:

> A narrativa funciona para estabelecer laços íntimos, para organizar eventos passados, para dar cor e *patho*s às nossas vidas, para atribuir causa e agência às nossas experiências, para estabelecer a identidade social e até mesmo para mentir e ocultar (Schiff, 2012, p. 44).

Para Demazière e Dubar (2006), a identidade narrativa tem como marca "o predomínio do processo biográfico que privilegia a incerteza de um projeto sobre a segurança da dependência institucional, e se constrói disperso numa rede social não institucionalizada" (Ribeiro & Uvaldo, 2011, p. 47). Ou seja, o que dá uma ordem contínua para a identidade da pessoa é menos as instâncias sociais e mais a sua narrativa a partir dessa relação psicossocial. É aqui que a orientação profissional e de carreira contribui para a reconstrução identitária via narrativa:

> O aconselhamento narrativo (ou seja, construção de carreira) baseia-se na ideia de que, para sobreviver e prosperar no mercado de trabalho do século XXI, os indivíduos devem construir reflexivamente suas identidades em um processo de construção de significado, onde a identidade é coconstruída na forma de uma narrativa: uma história sobre alguém que fornece significado e direção (Lengelle, Meijers, & Hughes, 2016, p. 60).

Para Pouyaud et al. (2016), a identidade narrativa é a forma como micro e macro narrativas se conectam na pessoa. Assim, a identidade pode ser entendida como a construção narrativa de uma história de vida (Amado, 2008). Essa história é parcialmente explicada pela "tradição dos estágios a que pertencem Freud, Piaget, Erikson e muitos outros" (Amado, 2008, p. 18), mas dentro dessas categorias e etapas, o caminho de deriva que a pessoa faz, e que somente ela faz dessa maneira específica (pois o faz a partir de seu lugar singular no mundo) é mais bem compreendido e descrito por uma construção narrativa. Se prescindirmos dela, corremos o risco de, apesar de trabalhar com histórias de vida, estas serem histórias sem sujeito, ou então com o sujeito indeterminado. Isso faz com que tenham um caráter genérico e adequadas somente a ter um valor comparativo – isto é, inadequadas aos processos de orientação profissional e de carreira.

Assim, o processo de construção de identidade durante a vida de uma pessoa pode ser organizado pela chave da narrativa. Isso porque a construção biográfica é uma construção sempre mutável do passado (Santo, Oliveira, & Susin, 2014), mas que ao se fazer, produz uma consistência para o presente. Nesse sentido, o processo biográfico acontece na mesma maneira que os retrônimos. Esses, em semântica, são definidos como sendo um novo nome com o qual rebatizamos um objeto do passado que à época tinha outro nome, a fim de distingui-lo de uma inovação que lhe usurpou esse nome. É o caso, por exemplo, de *telefone fixo*. Foi com a chegada e popularização do *telefone celular* que

aquele precisou ser rebatizado, pois ninguém mais pensa nele ao ouvir o nome “telefone”, que lhe coube, exclusivamente, por muitas décadas.

Esse processo de renomeação retroativa acontece durante toda a vida da pessoa. Mas, o arranjo desse processo em forma de narrativa, que remete mais à construção de identidade, não ocorre desde o nascimento da pessoa. Em outras palavras, não se trata de um fenômeno natural, e sim construído socialmente.

McAdams (1996) classifica três fases dessa construção de acordo com a época da vida. Na infância, há uma fase *pré-narrativa* da formação da identidade, na qual ainda não há uma organização estruturalmente mais consistente em forma de enredo coeso dos elementos recolhidos no mundo que geram identificações. A adolescência até o fim da idade adulta é a *era narrativa* da identidade, quando há o esforço de justamente construir elos, causas e harmonias entre as diversas histórias de vida, consolidando a identidade da pessoa. Por fim, na velhice, há a fase *pós-narrativa*, que os autores ressaltam que não necessariamente ocorre a todos, mas é frequente nos idosos em cujas vidas presentes já não há tanta criação identitária. A identidade, nesses casos, está atrelada ao que eles já foram, já fizeram e já viveram, mesmo que no presente não vivam mais. E isso não significa que suas identidades são fixas, pois toda memória biográfica tem uma natureza reconstrutiva e narrativa (Alves, 2008). Daí a importância nas famílias e na sociedade como um todo dos mais velhos serem os “portadores de histórias”.

Ou seja, na infância, por não haver a necessidade de se reconhecer e se dar a conhecer pelo outro como uma unidade constante (mesmo que mutável), não há construção de narrativas sobre si (Afonso & Diniz, 2010). Não significa que não haja reconhecimento do outro, e reconhecimento de si, desde a tenra idade. O que está sendo

dito é que este reconhecimento não busca se tornar um corpo unificado e dotado de coesão interna, como é o caso do arranjo da identidade narrativa.

Por isso, mesmo ao conceber essa fase como pré-narrativa, já é possível enxergar ali o que nas ciências da comunicação se chama de *embriões narrativos*, conceito proposto por Buitoni (2010) que significa uma imagem, cena ou fragmento de história que sugere uma ação a ser continuada fora do instante retratado:

> Um embrião narrativo ocorre quando a imagem nos dá pistas de uma ação a ser continuada, ou que pelo menos nos sugira a existência de ações – antes ou depois – da cena registrada. (...) O conceito de embrião narrativo envolve uma ideia de sequência, de sucessividade: a modificação temporal está implícita em sua percepção. Assim, o embrião narrativo é toda forma ou gesto congelados no tempo que permitam imaginar o passado ou o futuro imediato daquela ação (Buitoni, 2010, p. 12).

Esse conceito pode servir para embasar os momentos do processo de orientação profissional e de carreira nos quais o orientando fala de episódios da infância e início da adolescência, que aparentemente nada mais são que fragmentos de cenas que por algum motivo lhe foram marcantes, e que podem ser lidos como embriões narrativos: cena-sementes, imagem-sementes ou tema-sementes das quais podem ser discernidos o princípio das ramificações narrativas principais da vida da pessoa, e das quais podem florescer cenas, imagens e temas desejados para o futuro.

Assim, a identidade como uma imagem de uma árvore com suas raízes, galhos e flores é importante para frisar que não se busca uma história "única, grandiosa e sintetizadora" (Del Corso & Rehfuss, 2011) que assim que alcançada poderia fazer o efeito de identidade necessário para a pessoa se reconhecer no mundo. Ao contrário: é um todo complexo, vivo, mutável, interdependente com o ambiente em que está e que produz ela mesma os subsídios para sua existência futura – como uma árvore.

A narrativa, assim, é esse conjunto que busca ser uma unidade que fez efeito de um todo, mantendo-se vivo e mutável. Esse conjunto de palavras dotado dessas características acaba por ter efeitos muito maiores que um mero texto. Como disse Clarisse Lispector, "ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa!". Além de dar alguma consistência ao presente em forma de identidade, essa estrutura que é a narrativa parece ser capaz de articular e dar consistência àquilo que por sua natureza é inconsistente: o futuro.

Narrativa como articulador do tempo

> Condição da existência temporal. Metáfora da reta e do ponto. Intermediário psicossocial, identitário e temporal. Descristalização.

O tempo, e aí inclui-se o futuro, somente pode ser experimentado, ou seja, somente torna-se tempo humano "na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança a sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal" (Ricoeur, 2011, p. 93). No entanto, a produção narrativa, que sempre tem um quê de reprodução, uma vez que é psicossocial, está necessariamente localizada no presente.

Em uma metáfora geométrica, se o passado e o futuro são retas, o presente seria no máximo um ponto: não possui forma nem dimensão. No entanto, é nesse ponto e somente nele que estamos sempre localizados, agindo no mundo. Contar histórias faz parte da linguagem cotidiana, tanto para contar sobre momentos anteriores, como para fazer projeções para cenários futuros (Schiff, 2012). Nesse sentido, a narrativa sempre abarca uma extensão temporal que agrega tempos, lugares e experiências em torno do presente de sua enunciação:

> Narrativa é um esquema por meio do qual o ser humano dá sentido à sua experiência de temporalidade e ações pessoais. O significado narrativo funciona para dar forma à compreensão de um propósito para a vida e para juntar ações e eventos cotidianos em unidades episódicas. Ele fornece uma estrutura para a compreensão dos eventos passados de sua vida e para o planejamento de ações futuras. É o esquema principal por meio do qual a existência humana se torna significativa (Polkinghorne, 1988, p. 11).

Então, a narrativa é sempre uma ação no presente, mas sempre fala do passado ou do futuro, uma vez que o presente não tem "corpo" suficiente para ser narrado. Isso faz com que a narrativa seja naturalmente uma articuladora privilegiada do tempo:

> Através das narrativas, as pessoas relembram fatos, encontram explicações para suas experiências e refletem sobre elas podendo projetar ações para o futuro. Devido a este caráter transformador, as narrativas sobre experiências vividas não são apenas uma reprodução do que foi vivenciado, mas são uma constante reinterpretação da experiência (Araújo et al., 2013, p. 192).

Pensando em narrativa literária, é possível dizer que o surgimento de novas intenções para o futuro é semelhante à ideia de desenvolvimento de novas linhas de história para a narrativa da pessoa (Richardson, 2004). Toda nova linha que se abre na trama tem, de uma forma ou outra, sua raiz na narrativa que já existe (inclusive se for uma intenção de rompimento, por exemplo). Por isso, a origem que qualquer nova narrativa sempre está em uma narrativa do passado:

> Embora tenhamos argumentado que há uma configuração temporal passado-presente-futuro (uma estrutura narrativa), não é difícil também ver que em um nível mais complexo (a vida como um todo), é necessário algo na forma de um feixe temporal reflexivo (um olhar para trás), para manter amarradas as fases do fenômeno de longo prazo e preservar sua coerência. Esse é o processo clássico de autobiografia (Crossley, 2002, p. 5).

Nessa articulação de experiências, a narrativa promove uma ligação entre passado e futuro, e entre o futuro e o passado. Nas palavras de Ricoeur (2011), "a narrativa é a guardiã do tempo, na medida em que não existe tempo pensado que não fosse narrado" (p. 412).

Dessa forma, podemos destacar três amarrações que a narrativa faz ao ser utilizada no processo de orientação profissional e de carreira: é um *intermediário entre a história dos fatos vividos e os discursos* que constituem o laço social que enreda a pessoa (fator psicossocial); é também um *intermediário entre os saberes* que uma pessoa tem sobre a própria vida e o outro que vai conhecê-la a partir disso (fator identidade); e ainda é um *intermediário temporal*, fazendo conexões entre passado, presente e futuro.

A narrativa é a via pela qual "o passado constitui a reserva de possibilidades e de atualizações na qual o presente mergulhará para construir o futuro" (Boutinet, 2002, p. 67). Essas três características são especialmente importantes para a orientação profissional e de carreira, pois permitem manejar os elementos abstratos que compõem o material de trabalho dessa prática: a pessoa, o social e o tempo.

Para se efetivar esse manejo via narrativa não é necessário que o orientando seja um narrador habilidoso, pois o efeito buscado com a narrativa não reside na capacidade de reconstruir e transmitir suas histórias de forma bela, convincente, consistente ou qualquer outra característica que o valha. Essa habilidade é necessária no campo do social, onde, remetendo às ideias de Walter Benjamin, Granato et al. (2011) colocam que a transmissão narrativa é necessária ao grupo social pois constitui a "oportunidade de vivermos uma experiência pelas mãos do habilidoso narrador que, ao revisitar o passado, tece no presente histórias que nos remetem a um devir, garantindo assim a continuidade da humanidade no homem" (p. 158).

Então, sem precisar de uma habilidade especial, esse efeito de tecer o tempo, inclusive o futuro, via narrativa, é algo possível como construção no processo de orientação profissional e de carreira, pois a natureza da narrativa, baseada na fala e na escuta, aberta e estruturada, permite uma comunicação em um nível de profundidade muito maior do que quando utilizados outros objetos intermediários mais estruturados e objetivos.

A narrativa tem o caráter de ser uma produção contextualizada, aberta e transitória (McIlveen & Patton, 2007). Por isso que, ao contarmos uma história na qual examinamos mais uma vez as experiências passadas, podemos lhes dar novas camadas de sentido (Schiff, 2012). O valor da narrativa é que na sua espontaneidade está a abundância de possibilidades:

> Uma narrativa que se produz no tempo e de maneira espontânea é sempre singular e coletiva, pois a cada nova versão encontramos a pessoalidade do narrador assim como o contexto do qual ele parte, forjando o narrar como recurso inesgotável de comunicação do humano (Granato et al., 2011, p. 158).

Diante de contexto contemporâneo, Ribeiro e Uvaldo (2011) destacam que, para construir sua identidade, a pessoa deve se localizar em um *continuum* entre duas posições distintas em relação ao mundo: a *nostalgia do passado*, onde se busca segurança e estabilidade nas referências anteriormente constituídas e conhecidas, mas que não permitem muita ação no mundo; ou o *mergulho no futuro*, onde se busca a construção constante de estratégias visando a ação no social.

A orientação profissional e de carreira busca proporcionar uma descristalização do lugar da pessoa nesse *continuum*, possibilitando o movimento entre a visita ao passado e o projeto ao futuro. Assim, a nostalgia pode se transformar em reencontro e ressignificações com as referências do passado. E, por sua vez, o mergulho desenfreado

no futuro se transforma em um projeto não instantâneo ou efêmero, mas com raízes mais profundas na história de vida de trabalho reescrita (nunca totalmente) pela construção narrativa da pessoa. Isso propicia uma reorganização dessa história não no nível da cronologia, e sim no nível da experiência singular do tempo:

> Narrativizar é constituir uma gramática temporal, (...), como eu experimento e narrativizo no tempo. Não é do tempo fixo, cronológico do relógio, por isso, justamente, uma gramática pode ser construída – algo do passado pode repercutir em escolhas que envolvam o futuro (Yamaguishi, 2015, p. 82).

Por ter esse caráter integrativo da dimensão temporal, a construção de narrativa pode ajudar jovens e adultos cuja vida foi marcada pela luta pela sobrevivência diante de um contexto de precariedade a integrar suas experiências em uma história de vida (Human & Human, 2016). Essa história pode ajudar a amarrar os diversos fazeres, saberes e modos de ação que eles desempenharam de forma geralmente caótica e improvisada no seu dia a dia, contribuindo para fornecer à pessoa uma identidade ocupacional mais conspícua.

Não que isso automaticamente permita uma mudança de vida da pessoa: para isso são necessárias ações políticas, sociais, econômicas que ultrapassam os limites de um processo de orientação profissional e de carreira. Mas, esta não pode se furtar a buscar alcançar um público maior, com um compromisso ético de promoção de conscientização e autonomia, sempre em diálogo com as outras esferas de ação citadas.

A rigor, a orientação profissional e de carreira pode e deve chegar a todos que necessitam de alguma forma dizer algo sobre seu próprio futuro. Por isso, a seguir vamos nos deter nas formas como narrativa e futuro de relacionam.

Narrativa do futuro

> Projeto é narrativa. Revisar o passado, fazer o futuro. Foco no futuro. Processo de fala e escuta. Narrativa fechada: *storytelling.* Coconstrução.

Narrativas do futuro não são uma invenção da orientação profissional e de carreira, pois já são utilizadas tanto na sociedade como na academia, como na psicologia da saúde, por exemplo, para explorar como as pessoas constroem significado no presente e qual é a sua capacidade de construírem e entenderem seus "eus" e mundos futuros (Sools et al., 2015). No entanto, é na orientação profissional e de carreira que essa narrativa não será utilizada nem como objetivo final, nem apenas como caminho para alcançar outro objetivo: é parte constituinte do próprio objetivo do processo – o projeto é uma narrativa.

A possibilidade de se trabalhar o futuro pela via da narrativa está intimamente atrelada à ideia de que é possível alterar a percepção do passado através dela. Essa ideia é colocada por Paul Ricoeur nos seguintes termos:

> A ideia de que a história esteja por fazer e possa ser feita pelo ser humano marcam um modo de perceber o horizonte de expectativas. De imperativa, a disponibilidade da história torna-se um modo optativo, até mesmo um indicativo do futuro. (...) A humanidade torna-se sujeito de si mesma ao se dizer. O fazer e o narrar tornam-se frente e verso de um único processo (Ricoeur, 2011, pp. 360-361).

Assim, o futuro pode ser "feito" pela ação e pelas palavras das pessoas na medida em que o passado também pode ser revisitado de forma narrativa. Quando aos acontecimentos passados, há pouco a ser feito e muito a ser narrado. Já quanto ao futuro, há muito – se não tudo – ainda a ser feito.

Por essa característica de estar atrelada e atrelando passado e futuro, a narrativa dentro da psicologia tem um foco principal nas narrativas do passado (Ronkainen & Ryba, 2018). Apesar de muito presente na orientação profissional e de carreira, essas narrativas não constituem seu foco, pois este está deslocado para o tempo futuro. Portanto, se na orientação profissional e de carreira há uma produção intensa de narrativa sobre o passado, só há por que é a partir desta que será possível produzir uma narrativa do futuro, este sim, foco principal do processo.

Assim, a pessoa recorre a várias narrativas de vida e carreira para projetar seus caminhos de vida, e "elas moldam muito da maneira como pensam e sentem sobre o desenvolvimento futuro de suas carreiras" (Ronkainen & Ryba, 2018, p. 44). Esse processo não é automático nem linear, como se a narrativa do futuro fosse alguma soma das narrativas do passado. É inegável que as narrativas têm uma atração retrospectiva (Richardson, 2004), ou seja, se prestam a trazer episódios do passado ou de tempo indeterminado e presentificá-los. Quando a narrativa é sobre o futuro, ela faz o mesmo efeito: traz a dimensão do futuro para o presente.

O passado presentificado tem qualidades muito diferentes das histórias sobre possíveis futuros (Polkinghorne, 1988). É por isso que, durante processo de orientação profissional e de carreira, a narrativa vai se construindo, parafraseando Lacan (1954/1987, p.55), "lembrança por lembrança, relato por relato", sem que o orientando a relacione com o que quer que seja que virá a ser o projeto dela.

Para que isso seja possível, o processo de fala e escuta é a base para a construção da narrativa. O ato de contar a narrativa a alguém (no caso, o orientador) faz com que essa narrativa seja diferente do que ela seria se permanecesse apenas como um processo interno da pessoa. O efeito que a narrativa compartilhada tem para a construção de seu

futuro é diferente, senão maior, do que a narrativa somente pensada (Valach & Young, 2017):

> Se falar e escrever — pensar, portanto — como ato político coloca-nos diante do conflito, do debate e do embate público, é também verdade que se nos abre a possibilidade de construção de alianças, de realização de projetos e de novos horizontes da vida social (Almeida, 2020).

Esse processo de fala permite que a narrativa vá se construindo de forma aberta, sempre sujeita a ser alterada para próxima frase ou pela próxima história que será contada.

Uma narrativa fechada, que já não se altera em nada ao ser recontada, tende a ser uma narrativa estereotipada, e perde a sua função de reorganizar o estado da vida. No lugar disso ganha a função de reforçar determinada história com algum propósito relativo ao convencimento e à provocação do ouvinte. Esse tipo de narrativa, comumente chamada de *storytelling* nos meios coorporativos e de empreendedores, se afasta bastante do uso da narrativa em processos de orientação profissional e de carreira. Aliás, quando chega diante do orientador uma pessoa com uma narrativa muito fixa e acabada, é necessário um trabalho prévio de tentativa de desconstrução dessa narrativa a fim de que seja possível novas coconstruções (Cardoso et al., 2014).

O convite ao orientando é ajudá-lo a olhar sob a superfície do conteúdo de suas histórias (Law, 2017), provocando desautomatização, mesmo das histórias que a pessoa já contou muitas vezes, pois "a narrativa vai além dos fenômenos superficiais e olha para a estrutura básica de significado na história contada" (Vilhjálmsdóttir & Tulinius, 2009, p. 273).

Essa deve ser uma característica da narrativa: ela é profunda, mas viva, e só existe a partir do momento que ela é enunciada (Delory-Momberger, 2006). E, quando ela se

reenuncia, ela se reconstrói, nunca totalmente, mas em alguma medida. Isso é o que torna não somente possível como necessário que, ao atender um adulto (e alguns adolescentes mais "vividos") em orientação profissional e de carreira, se passe algum tempo trabalhando a narrativa do seu passado, pois é, em última instância, uma reconstrução de quem a pessoa é no presente.

Quem se é não está dado, e a forma narrativa de trazer à tona esse estado do ser é através da palavra, abrindo espaço para o ser do futuro: "Histórias sobre o passado têm a ver com lembranças e interpretações sobre o que já aconteceu, enquanto histórias sobre o futuro exigem um personagem aberto e adaptável" (Richardson, 2004, p. 107).

No contemporâneo, a orientação profissional e de carreira é a ciência aplicada que está incumbida de ajudar as pessoas a se haverem com seus futuros. Por isso, ela tem se desenvolvido em torno do conceito de narrativa, o que será exposto a seguir.

Narrativa na orientação profissional e de carreira contemporânea

Escolha, positivismo e traço-fator. Abordagens contemporâneas. Reflexividade. Demandas não-narrativas. Limitações e benefícios.

A produção de narrativa se distancia claramente da conceituação clássica da escolha como um processo de combinar as características do indivíduo com os requisitos do trabalho (Bujold, 2004). Isso porque esse ajustamento não consegue ser tão bem-sucedido em um cenário de alta complexidade como é o contemporâneo, onde convivem as mais diversas inserções no mundo do trabalho, diferentes formatos de carreira, pluralidade de conexões entre cursos superiores e campos de atuação etc.

Não que essa tenha se tornado a única maneira de lidar com a crescente complexidade das relações das pessoas com seus futuros, mas é uma via de grande valor

para tal (Maree et al., 2006). Não é de se estranhar que o uso do método narrativo nas ciências aplicadas tomou maior impulso no giro hermenêutico das ciências sociais no final do século XX (Guerra et al., 2017), justamente devido à irredutível complexidade dos fenômenos sociais, humanos e subjetivos. É inegável que a mudança de curso do desenvolvimento de novas teorias em direção ao campo do construtivismo reflete um afastamento de uma visão de mundo positivista lógica (Sultana, 2010).

Mesmo assim, as abordagens mais psicométricas, quando conseguem propor um processo que agregue ao positivismo lógico um aspecto narrativo, "têm mais chances de serem úteis e ajudar os orientandos a ter sucesso nos ambientes de trabalho da economia global de hoje" (Maree, 2015, p. 5). Nesse caminho, por exemplo, Ambiel (2020) propôs uma abordagem narrativa para a utilização de inventários de interesses, colocando o foco no processo mais do que no resultado do material, requerendo do orientador uma atitude colaborativa com o orientando que responde ao teste, a fim que este faça uma narrativa a partir das palavras selecionadas das respostas mais relevantes do teste respondido.

Por isso que, longe de serem oposição à narrativa, as abordagens mais vinculadas ao traço-fator podem continuar sendo úteis do ponto de vista teórico para produção de pesquisa, mas menos para a aplicação no mundo atual, pois:

> se previsões válidas são de fato possíveis em termos gerais a respeito de comportamentos de carreira, também deve ser reconhecido que a previsão de destinos individuais é um empreendimento muito arriscado. (...) Conceituar o indivíduo como um projeto, por exemplo, como alguns autores sugerem ao discutir a narrativa, é um afastamento das formas tradicionais da teoria da carreira (Bujold, 2004, p. 471).

A capacidade de narrar suas próprias histórias e agirem intencionalmente tem se tornado o objetivo central da orientação profissional e de carreira (Maree, 2014). Autores e teorias alinhadas a essa ideia vêm ganhando força no cenário mundial, como as teorias

de narrativas de carreira (Savickas, 2015), o paradigma *Life Design* (Duarte et. al., 2009; Nota & Rossier, 2015), e as abordagens de base socioconstrucionista (Blustein, 2011; Ribeiro, 2014; Young et al., 2002).

Longe de compartilhar um significado único, dentro da área também encontramos diversos usos do termo em diferentes referenciais teóricos, assim como acontece com a noção de projeto. O que todas têm em comum é o uso da narrativa como meio de organizar as vivências pessoais e dar significados a elas, permitindo a projeção de ações futuras (Araújo et al., 2013). Por isso que "a criação de sentido está no coração do aconselhamento narrativo de carreira" (Maree, 2016, p. 29).

Mas, diferente do projeto, a construção de narrativa não constitui por si mesma o objetivo final do processo de orientação profissional e de carreira. Isso faz com que não se exija sobre ela uma definição no nível de conceito teórico próprio de cada abordagem da área (como deve acontecer com o conceito de projeto). A narrativa pode se manter como uma noção, ou seja, com uma definição emprestada de outra área do saber e que funcione, com algumas adaptações, para alcançarmos os objetivos a que nos propomos. Dessa forma, o valor da narrativa para a orientação profissional e de carreira se dá pelo seu caráter de ferramenta útil para lidar com as características que nosso objeto ganha no contemporâneo.

Segundo Lengelle et al. (2016), uma das teorias de abordagem narrativa mais bem elaboradas atualmente é a Teoria de Construção de Carreira (Savickas, 2005). Nela, os comportamentos vocacionais da pessoa, além de relevarem seus interesses, personalidade e competências, também são atribuídos de significados. Para que se chegue a esses significados, o caminho é perceber quais são os temas que se tecem pelos enredos que compõem a macronarrativa sobre a identidade vocacional da pessoa.

Isso constitui um grande avanço metateórico para a área, pois contribui para a remodelação das definições teóricas mais prescritivas (Watson, 2013) para outras mais baseadas em um trabalho de fala do orientando e escuta do orientador. Há diversas abordagens teóricas que se adequam a esse tipo de dinâmica de trabalho, e o que todas elas têm em comum, segundo McMahon et al. (2012), é a capacidade de conectividade (*connectedness*), de criação de sentido, de agência e de um caráter hermenêutico.

Há até mesmo o uso de imagens gráficas que, produzidas pelo orientando, propiciam o trabalho hermenêutico da dupla orientador e orientando para formar uma narrativa. É o caso do modelo da narrativa pictórica (Taylor & Savickas, 2016). Nela, se busca a possibilidade do orientador fazer contato com o quadro de referência interno do orientando. Ela consiste em uma integração dos seus componentes experienciais ao convidar o orientando a fazer três desenhos: o primeiro, sobre história do problema, como está sendo experimentado no aqui e agora; o segundo, sobre o resultado preferencial que ele deseja como solução para sua situação; e terceiro, um desenho sobre algum passo que o orientando pode dar para ir da história do problema em direção ao resultado desejado.

Um processo semelhante, mas focado na fala verbal e na escuta dentro do paradigma *Life Design*, é apresentado por Cardoso et al. (2016). Os autores colocam que cabe ao orientador auxiliar a pessoa a perceber "qual é o problema central de sua vida, identificando necessidades e promovendo o alcance da resolução dessas por meio da formulação de metas" (p. 14). A consciência deste "núcleo temático" é o que permitiria a construção de uma narrativa que interligue coerentemente o passado, o presente e o futuro da pessoa.

Assim, no paradigma *Life Design*, o processo narrativo acontece como um meio de primeiramente simbolizar, depois refletir e finalmente expressar suas experiências de si no mundo do trabalho:

> Inicialmente, os clientes deveriam desenvolver representações simbólicas da experiência por meio de tentativas de articular micronarrativas. A reflexão subsequente sobre essas experiências é necessária para compreender suas origens e sua congruência com as necessidades, interesses e objetivos atuais. Na terceira fase, o cliente elabora novas realizações permitindo o desenvolvimento de macronarrativas de experiências e novas intenções. Por fim, os clientes se revisam formulando modos alternativos de ser e ver que se expressam, por exemplo, por meio da construção de novos planos de carreira (Cardoso et al., 2016, p. 14).

Ainda dentro do paradigma Life Design, o modelo de Momentos Inovativos (Cardoso et al., 2019) preconiza que o sofrimento de uma pessoa tem relação com as narrativas que ela constrói sobre si mesma e sobre os outros. Há casos em que essas narrativas são rígidas, limitantes ou negativas, e a pessoa não é capaz de ir além dessas autonarrativas problemáticas e produzir novas narrativas, funcionando como uma posição subjetiva dominante (Silva, 2016). Quando isso acontece, não há momentos de mudança no processo terapêutico da pessoa em sofrimento, o que inclui os processos de orientação profissional e de carreira pela via da narrativa.

Essas autonarrativas problemáticas podem ser classificadas como dominância, dissociação e desorganização, de acordo com o padrão de rigidez, fechamento, falta de emoção, intencionalidade e conexão entre os eventos narrados (Cardoso et al., 2014). Esses padrões influenciam nas formas como a pessoa se relaciona com seu futuro:

> Essas autonarrativas problemáticas criam expectativas, preconceitos e sentimentos que restringem as opções de construção de significado e tornam difícil para os indivíduos acomodar experiências únicas ou mesmo aspectos importantes das experiências cotidianas. (...) Narrativas repetitivas dominantes,

> dissociativas e desorganizadas também contribuem para que os clientes tomem decisões de carreira irrealistas que prolongam um tema de vida problemático (Cardoso et al., 2019, p. 195 e 206).

Na mesma busca de discernir como a narrativa da pessoa afeta os sentidos produzidos para a sua vida, Vilhjálmsdóttir e Tulinius (2009), em seu trabalho inspirado em teoria literária, trazem da narratologia os fundamentos para a interpretação da fala dos orientandos, ao analisar as estruturas das narrativas com métodos rigorosos que procuram as relações sistemáticas e padrões entre seus elementos. Para isso, buscam representar os elementos narrativos em fluxogramas, representações gráficas e esquemas que possibilitem a visualização dessas relações e padrões. Esse modelo se encaixa na vertente metodológica da *análise da narrativa*, já apresentada nesse capítulo (McIlveen, 2017).

Por sua vez, Guichard (2016) busca na narratologia o conceito de arco de personagem, trazendo que, durante a intervenção com uso de narrativa, sempre um arco desse é criado baseado nos elementos de vida selecionados pelo orientando. "Em alguns casos, esse arco de personagem define um certo 'eu' futuro, cuja realização é percebida pelos orientandos como dando sentido à sua vida" (p. 80). A narratologia ensina que, em uma narrativa, geralmente se privilegia ou o desenvolvimento da ação ou a verticalidade do personagem. No caso da orientação profissional e de carreira, ambas são necessárias, pois o arco de personagem remete tanto aos objetivos lançados em uma linha do tempo como no sentido profundo que eles têm para o orientando:

> O personagem principal de uma história literária é conhecido como protagonista. Um protagonista muitas vezes enfrenta obstáculos e deve superá-los. Da mesma forma, o modo como um indivíduo narra sua própria história de vida revela como ele se adaptou, está se adaptando e espera se adaptar aos obstáculos que enfrenta ao tomar decisões relacionadas à carreira (McAdams, 1993). Os indivíduos narrarão como lidam com contratempos e fracassos e se se tornam ou não o herói em sua própria história de vida (Del Corso & Rehfuss, 2011, p. 337).

Para montar esse arco de personagem que se constrói pela narrativa do orientando, McMahon (2013, p. 13) propõe que o orientador deve adotar as seguintes estratégias para ajudá-lo: 1) fornecer espaço para reflexão; 2) escutar profundamente em busca de "dicas" na história da pessoa; 3) usar essas "dicas" para construir respostas breves ou convites para contar mais histórias; 4) auxiliar a pessoa a identificar e construir temas explícitos e padrões em suas histórias; 5) conectar histórias anteriormente desconexas através da identificação de temas e padrões; 6) e incorporar esses temas e padrões como "ingredientes" para as histórias de futuro.

Esse arco ou caminho mostra um itinerário de identificar, conectar e incorporar elementos, para enfim desembocar em uma história do futuro. Esse é o motivo da grande penetração do uso de narrativa em diversos modelos de orientação profissional e de carreira: a tentativa de criar uma história do futuro, que aqui chamamos de projeto.

Mas, a construção de projeto não atende a todas as demandas relativas à carreira. Há outros objetivos fora da orientação profissional e de carreira, mas de campos muito próximos a ela, como, por exemplo, a recolocação profissional (*outplacement*), desenvolvimento de competências (*coaching*), tutoria de atividades profissionais e temas de vida (*mentoring*). Não necessariamente o método narrativo é o mais indicado em todos esses processos. Por isso, Savickas (2016) aponta que:

> Para evitar insatisfação, os orientadores devem enfatizar o papel central do cliente e explicar aos clientes que eles terão que fazer a maior parte do trabalho de análise e reflexão [no caso da construção de projeto]. Uma discussão sobre os objetivos e tarefas da construção do projeto desempenha um papel central no desenvolvimento de uma aliança de trabalho (p. 85).

Assim, as práticas narrativas cabem melhor justamente nos processos em que o futuro está mais em pauta para a pessoa, e não outros fatores como o desempenho no

trabalho, uma recolocação ou até mesmo uma decisão pontual. Isso porque a narrativa não está propensa a ser um meio mais eficiente para a reconstrução factual da história de carreira da pessoa, e sim a colocar em jogo temas como reflexividade e a compreensão de si (Agibo, 2016).

O método narrativo é o que melhor se adequa ao estudo da reflexividade. Savickas e Guichard (2016), ao introduzirem um simpósio sobre o tema da reflexividade no paradigma *Life Design*, descrevem esse método de pesquisa como "descrever o processo e o progresso dos pensamentos tanto do orientando como o orientador enquanto ambos lentamente constroem uma nova intenção para o futuro" (p. 1). Aqui, o que está em jogo é a descrição do processo de pensamento, não por outra via senão pelas palavras, formando uma narrativa sobre o próprio processo de atendimento.

Todo método narrativo tende a condir a pessoa a uma posição reflexiva. A narrativa pode ser entendida como "uma reflexão autoconsciente que constrói continuidade no passado, presente e futuro" (Savickas, 2012, pp. 15-16). Por sua vez, a reflexividade pode reordenar a experiência ao construir significados e intenções, abrindo novos espaços para possibilidades futuras:

> Se a reflexão e a reflexividade promovem a mudança, o que estimula a reflexão e a reflexividade? A resposta é conhecida há muito tempo pelos orientadores. Quando os clientes acreditam que estão sendo escutados e se sentem validados, eles refletem mais profundamente. Um ambiente seguro, a aliança de trabalho, o questionamento estratégico, a sintonia com os sentimentos do cliente, a resposta empática e o incentivo facilitarão sua reflexão e reflexividade (Savickas, 2006, p. 88).

Guichard e Pouyaud (2015) descrevem que o processo reflexivo via narrativa ocorre em três seguimentos: identificar elementos emocionalmente significativos da vida; interpretá-los em palavras; e inscrever essa interpretação em uma linha do tempo que dá

sentido à vida da pessoa. Guichard (2016) cita como metáfora desse processo o trabalho do diretor de um filme:

> O diretor filma diferentes tomadas, seleciona algumas delas e as combina em uma sequência para formar o enredo do filme. Nessa metáfora, uma tomada isolada é como uma imagem sentida ou emoção, enquanto o filme editado é uma narração que organiza os elementos em um determinado enredo que faz sentido (p. 81).

Esse processo de edição e montagem é muito mais subjetivo que objetivo, mesmo que sem objetos, ele seja impossível de ser realizado. Sobre isso, Savickas (1993) acrescenta que essa exploração da vida da pessoa deve ser subjetiva, uma vez que a vida como vivida é em si subjetiva: "o que importa para o indivíduo é o propósito de sua vida, e não sua posição em uma curva normal" (p. 213).

Essa relação entre subjetivo e objetivo remete à questão metafísica sobre a realidade, nas velhas oposições entre natureza e cultura, e fato e fenômeno. A narrativa aparece aqui como uma possibilidade de mediar esses polos, dirimindo as oposições: "As ordens culturais vão responder mediante narrativas que interpretam este mundo, este chão, esta existência material, explicando a origem e o fim de sua humanidade neste mundo e o próprio mundo" (Tassara & Tassara, 2019, s/p). Assim, sem materialidade ou historicidade, não há elementos para alimentar a construção narrativa; ao mesmo tempo, sem construção narrativa, não há subjetivação ou apropriação dos sentidos dessa materialidade.

Sobre isso, o socioconstrucionismo considera que a ontologia do ser humano é ela mesma narrativa e relacional (Souza & Scorsolini-Comin, 2011), fazendo com que a orientação profissional e de carreira nessa perspectiva seja necessariamente dialógica em detrimento de uma prática baseada na relação sujeito e objeto. Por isso, um dos conceitos principais da proposta socioconstrucionista de Ribeiro (2014) para a orientação

profissional e de carreira é a narrativa. Nela, narrativa se diferencia de discurso na medida em que este último é produzido e legitimado socialmente pelo coletivo em que a pessoa se encontra. Já a narrativa é a produção da pessoa a partir dos diversos discursos que a atravessam e a formam, a fim de que ela possa rever esse processo formativo e se construir no mundo a partir de seu lugar (de fala, relacional, social, cultural, subjetivo, enfim, psicossocial).

Em outra linha sobre a narrativa, dentro de um espectro mais construtivista, o paradigma *Life Design* se posicionou com uma mudança de enfoque de trabalho, se afastando da busca por fatos científicos em direção às realidades narrativas. Para ele, passa a constituir como material de trabalho do orientador a formação de significados que permitam à pessoa construir uma nova visão de si mesma (Savickas et al., 2009). Para isso, o *Life Design* busca encontrar na narrativa os padrões ou temas que fornecem sentido ao indivíduo, a partir de pequenas histórias que são construídas e descontruídas para serem coconstruídas em uma narrativa de futuro da pessoa (Savickas, 2015).

Diante de tantas práticas narrativas, embasadas em diversas abordagens teóricas aqui apresentadas (para citar algumas: psicométrica, pictórica, linguística, construtivista e socioconstrucionista), Reid (2005) propõe uma lista que elenca as possíveis limitações e os possível benefícios do uso da narrativa no processo de orientação profissional e de carreira, que talvez possam dizer sobre todas as vertentes apresentadas até aqui. Essa lista não é sobre os parâmetros teóricos ou metateóricos, e sim sobre o uso prático da narrativa. Mesmo sendo um número considerável de itens, vamos citá-los na íntegra, por se tratar de um resumo completo que pode unificar os efeitos práticos advindos de diversas abordagens teóricas sobre a narrativa.

As limitações do uso do método narrativo são (Reid, 2005, pp. 130-131):

• Não seria recomendado para profissionais inexperientes ou não treinados, por seu caráter ao mesmo tempo complexo e aberto que dificulta seu manejo;
• Pode ser mal interpretado como colocando muita ênfase em problemas do passado, perdendo o foco no futuro;
• Por levantar questões mais profundas, visando muitas vezes projetos de longo prazo, requer um comprometimento considerável de todos os envolvidos;
• Se aplicado dentro de um modelo de déficit, que vê o comportamento atual apenas em termos de problemas a serem corrigidos, pode levar à patologização do indivíduo;
• Se o foco for muito individualista e não incorporar contexto social, pode ignorar a influência da família ou da comunidade na tomada de decisão e elaboração de projetos;
• Pode ser menos adequado para aqueles que se sentem desconfortáveis em contar suas histórias e que precisam de ajuda extra para expressar suas preocupações e interesses;
• Não atrairá positivistas que considerariam problemática a falta de pesquisa científica e quantitativa na área;
• Como há um trabalho extra, por ser necessário investir para construir uma relação de confiança, tende a ser mais demorado e caro.

Já os benefícios são os seguintes (Reid, 2005, pp. 131-132):

• Fazer narrativas tem uma atração que seduz, fascina e pode energizar clientes e profissionais;
• Pode ajudar a pensar criativamente sobre nossas intervenções com os clientes;
• Presta a devida atenção à história da pessoa e pode ajudar revelar, em vez de ignorar ou subestimar, preocupações pessoais;
• Evita resumos seletivos do que é ouvido, o que pode frustrar o indivíduo que pode se sentir ‘‘não escutado’’;
• É orientado para objetivos, mas coloca os objetivos no contexto (Valach & Young, 2002), levando a planos realistas baseados em considerar seriamente os interesses das pessoas e seus pontos de vista;
• Pode encorajar um senso de realização e agência, o que ajuda a construir confiança e autoestima. Isso pode demonstrar como um cliente pode evoluir do passado, em vez de permanecer preso a ele;

• Reconhece que as características individuais e a influência contextual podem mudar: pode tornar visível e desafiar visões autoimpostas e limitantes do que é possível;
• Através de uma escuta cuidadosa e questionamento adequado, pode ajudar a evitar fazer suposições sobre o que é "melhor", com base em crenças imprecisas sobre o que é importante para o indivíduo;
• Consegue encontrar o tema carreira ou de vida rapidamente, desde que a relação de confiança não seja um problema;
• Pode ajudar a desenvolver habilidades de autoapresentação, dando aos clientes espaço e tempo para contar suas histórias à sua maneira;
• Evita a síndrome da "porta giratória", pois o cliente tem menos probabilidade de receber uma "solução rápida" de curto prazo;
• Enfatiza a importância de uma abordagem colaborativa em que se auxilia na reautoria de uma história, o que abre a possibilidade de novas escolhas.

Assim, esses vinte pontos levantados, entre limitações e benefícios, podem ser a base para sintetizar todas as ideias sobre o uso de narrativa na orientação profissional e de carreira expostas até aqui: a construção de narrativa é adequada diante da complexidade; desliza entre o passado, presente e futuro, articulando-os; pode ser profundamente singular e ao mesmo tempo psicossocial; é sempre produzida no processo de fala e escuta, e assim, é coconstruída; é aberta, viva, mutável e, ao mesmo tempo, é estruturada e faz efeito de verdade pessoal; pode propiciar a produção de conhecimento de forma leve e criativa e, ao mesmo tempo, não efêmera e fornecendo consistência e coerência para o presente e principalmente para o futuro.

Diante dessa definição descritiva do uso da narrativa, a proposta dessa pesquisa é que ela possa ser uma noção para colaborar para constituir o conceito de projeto dentro da estratégia clínica. Então, para nos aproximarmos dessa conceituação, ainda cabe apresentar como a narrativa aparece dentro do escopo teórico da psicanálise, teoria base dessa abordagem.

Narrativa e psicanálise

> Sofrimento e linguagem. Convite ao narrativo. Portadora de enigma. Relatos de casos clínicos. Sujeito e pessoa. Inconsciente e linguagem.

Conforme já explicitado, a narrativa não é sinônimo da história ou da tentativa de descrever os fatos de forma mais próxima de como aconteceram. Mais que uma descrição, é um processo de alinhavar as reminiscências que ficaram dos fatos vividos, sendo o foco do trabalho narrativo os sentidos que emergem, mais do que a história em si (sem alijar-se desta).

A narrativa existe devido ao caráter temporal da experiência humana (Ricoeur, 2011), e não porque essa experiência precisa ser descrita. A diferença entre narrativa e descrição é que "esta última busca neutralizar o tempo, não tê-lo como variável, já que se busca por conceitos universais (a gravidade, por exemplo, é um conceito que pode ser descrito da mesma forma, não importa se ontem, hoje ou amanhã)" (Yamaguishi, 2015, p. 82).

A psicanálise, mesmo não sendo um processo à primeira vista com o foco na construção de narrativa, se trata de um trabalho de palavra, e leva em consideração esse aspecto ao considerar que a forma de incidência do sofrimento na linguagem faz parte do próprio sofrimento (Dunker, 2014). Ou seja, a narrativa que se faz de um episódio traumático afeta a própria forma como a pessoa vive o sofrimento causado por ele.

Essa afetação advém de novas conexões de fios narrativos, atribuindo, por exemplo, efeitos causais de determinados episódios da vida sobre outros, novas conexões entre lugares e tempos diversos, e novas associações entre fazeres e sentimentos que não necessariamente tinham ligação entre si à época em que foram vividos.

Por isso, Figueiredo (2002) coloca que "a ausência de histórias são o testemunho de uma severa perturbação na temporalidade" (p. 160), e por conseguinte na própria experiência de estar no mundo. Assim,

> Nosso exercício diário de construção da própria vida – nossa autobiografia – não se faz de fatos históricos separáveis de maneira singular, como os tomamos e da forma particular como os narramos. Dito de outro modo, não há outra maneira possível de contar-se a não ser por meio de ficções (John, 2017, p. 84).

O convite ao trabalho psicanalítico é, a princípio, um convite narrativo; no entanto, o processo de fala e escuta não se limita a uma forma de trazer à tona os fatos da vida da pessoa, ainda que grande parte do trabalho aparente de fala e escuta narrativas seja sobre esses fatos e como foram vividos. A narrativa nunca é puramente factual, pois ela somente toma uma forma em virtude da apreensão subjetiva que a pessoa faz dela.

Trabalhar de forma narrativa, como entendida pela psicanálise, é também escutar como a pessoa coloca os fatos em determinada ordem, trazendo à tona um campo narrativo que é maior que a soma das suas partes narradas. A escuta do orientador, nessa abordagem, não tem o caráter somente de escuta atenta, mas também de oferecimento de um espaço seguro para "conter" a narrativa do orientando (Reid & Scott, 2010).

Por isso, podemos afirmar que a narrativa na psicanálise se mantém como uma coconstrução[29], como afirmam as teorias de orientação profissional e de carreira que trabalham com essa perspectiva como, por exemplo, o paradigma *Life Design* (Duarte et al., 2009) e o modelo socioconstrucionista (Ribeiro, 2014). No entanto, há diferenças quando à natureza daquilo que é enunciado. Para a psicanálise, e por tabela para a

[29] As especificidades da coconstrução no processo de orientação profissional e de carreira de base psicanalítica serão abordadas no próximo subtítulo.

estratégia clínica, a narrativa é entendida como portadora de um enigma, parcialmente ignorado pelo tanto pelo narrador (orientando), como pelo ouvinte (orientador), e que contém o que não está colocado em palavras:

> Enquanto os 'psicólogos discursivos' examinam como as pessoas falam, as ideias psicanalíticas enfatizam a importância do que não é dito e do que psicologicamente não pode ser dito. Como tal, os teóricos psicanalíticos procuram fatores que aparentemente estão por trás das ações sociais externas (Billig, 2011, p. 159).

É esta busca por aquilo que estaria por trás, por baixo, oculto ou latente que marca a relação da psicanálise com a produção de narrativa. Isso não invalida o que está expresso, aparente e manifesto; somente enfatiza que esse nível não contém tudo o que há no discurso da pessoa – e que, muitas vezes, o mais importante fica sem palavras.

O estranhamento de se trabalhar de forma claramente narrativa em psicanálise vem do fato dela (a narrativa) não ser um conceito metapsicológico, como são, por exemplo, os objetos internos, o inconsciente e a fantasia. No entanto, a narrativa constitui o material principal de transmissão e investigação da psicanálise: o relato de caso clínico. Sem o fazer narrativo, não haveria transmissão da psicanálise.

Pensando nisso, Paulon (2018), em estudo que procurou introduzir a narrativa como um operador em psicanálise, vai conceituá-la como aquilo que possibilita que seja realizada uma análise teórica (discurso) a partir de suas práticas (história) sem dissociar esses dois campos. Ou seja, é através da narrativa que temos acesso às histórias das pessoas (que por sua natureza passada, já não permite o acesso direto) e, ao mesmo tempo, temos acesso ao discurso (entendido aqui como as vias de laço social institucionais, culturais e relacionais). A narrativa, para a psicanálise, comportaria então uma estrutura intermediária de significação (Paulon, 2018).

Novamente a narrativa aparece no papel de intermediário, como já descrito anteriormente nesse capítulo: intermediário identitário, psicossocial e temporal. Acrescentamos a esses, então, a característica de intermediário da relação da pessoa consigo mesma, ou melhor dizendo, da *pessoa* com o *sujeito*.

Para a psicanálise, esses não são sinônimos, pois o sujeito está descentrado na pessoa, não correspondendo perfeitamente com aquilo que se manifesta enquanto pensamento, identidade e autoconhecimento. O sujeito é do desejo inconsciente, enquanto a pessoa inclui o ente psicossocial. No presente texto, evitamos a palavra "indivíduo" e preferimos a palavra "pessoa", esclarecendo que esta é composta pelo sujeito do desejo inconsciente e o ente psicossocial, e por isso está sempre afetada tanto por sua relação com o contexto em que se encontra, como por seus processos inconscientes.

No entanto, a instância inconsciente não pode ser entendida como mental e somente interna, e sim como uma manifestação intersubjetiva, produto da inscrição na linguagem a qual todos nós nos submetemos desde o nosso nascimento (Lacan, 1953b/1998). O inconsciente só existe porque a linguagem existe, e o acesso a ele se dá por manifestações de linguagem:

> Em vez de ser vista como uma entidade mental oculta, o inconsciente é visto como uma atividade - a de reprimir - e essa atividade é vista como discursiva. Como tal, a atividade habitual de reprimir faz parte da atividade da linguagem. Além disso, dentro das rotinas da linguagem pode-se vislumbrar o funcionamento habitual do poder ideológico e da repressão dialógica (Billig, 2011, p. 168).

Aí há uma coincidência que aproxima (mas não iguala) a produção inconsciente e a produção de narrativa. Se não fossem produtos da linguagem, não seria possível utilizar o meio narrativo para se aproximar das instâncias inconscientes. No entanto, é exatamente isso que se faz no processo de psicanálise, e também nos modelos e práticas

com base psicanalítica, como é o caso da estratégia clínica em orientação profissional e carreira[30].

Pela narrativa, "a memória conserva e mantém junto o que tende à dispersão, mas não é suficiente para, sozinha, atribuir ou descobrir sentido naquilo que aparentemente não tem nenhum" (Figueiredo, 2002, p. 45). Assim, na psicanálise e nas estratégias de base psicanalítica há claramente o uso da narrativa, mesmo que também haja a percepção de que há um "para além" daquilo que se expressa pela via da narrativa[31]. Isso porque cada história que a pessoa conta "não é da ordem da pura criação, mas diz respeito a uma apropriação do que lhe foi ofertado e a um reposicionamento frente a esse legado" (John, 2017, p. 89). Para a psicanálise, mais do que um ente psicossocial, há sempre um sujeito que narra.

Como exemplo de estratégias do uso de narrativa em psicanálise, existe a narrativa memorialística (Guerra et al., 2017). Esse método consiste na pesquisa de fenômenos sociais por meio da narrativa a partir do referencial da psicanálise. Nela, o participante é convidado a construir uma narrativa a partir da seguinte pergunta disparadora: conte-me sua história de vida (Moreira et al., 2019). Os pesquisadores gravam a resposta dada pela pessoa em formato de áudio, analisam, e após algum tempo um artista faz uma performance baseada na narrativa gravada, para o participante assistir, com o objetivo de corporificar a história em objetivos e atos, de forma aberta o suficiente para incluir mudanças, novos significados e pontos de tensão, e estruturada o suficiente para servir de representação da experiência de vida da pessoa. O intuito do método é:

[30] As diferenças entre um processo de psicanálise clássica e um processo de base psicanalítica como é a estratégia clínica serão abordadas nas próximas páginas e mais detalhadamente na Parte 4 dessa tese quando discutirmos o trabalho da fantasia e com a fantasia.
[31] Um desses "para além" é a fantasia, que será apresentada na Parte 4 dessa tese.

> Apreender a ficção pela qual toda história é contada no sentido pulsional. Assim, faz-se possível, para o sujeito e para os pesquisadores, apreender os pontos nodais que enlaçam o sujeito na história e no próprio corpo, a partir de marcos na linguagem que tratam o impossível de significar como falta em torno da qual se abrem possibilidades subjetivas de criação e de elaboração, ou seja, de transformação (Guerra et al., 2019, p. 361).

Aqui, percebe-se a narrativa como caminho privilegiado para a compreensão da experiência, como já abordado nessa pesquisa, com atenção ao fato de que há aspectos da experiência humana que escapam à própria construção narrativa, e somente são revelados com um trabalho e retrabalho de fala e escuta dessa narrativa.

Assim como a narrativa tem as características de ser aberta e mutável, permitindo ser intermediária psicossocial e da identidade, essa abertura e mutabilidade também se manifesta na relação do sujeito com seu inconsciente, ou seja, em um nível intrapsíquico. Explorar essa abertura ao não dito, latente e oculto (mas presente), é, em última instância, um trabalho também narrativo: é a tentativa de simbolizar em palavras aquilo que ficou sem representação:

> Do ponto de vista da minha teoria dos mitos pessoais, a exploração psicanalítica do inconsciente envolve, entre outras coisas, a busca por novos materiais narrativos. Tenho dito repetidamente que antes mesmo de conceituarmos nossas vidas em termos de narrativa - mesmo quando bebês e crianças pequenas - estamos reunindo material para a história que um dia iremos construir. Na psicanálise, o cliente retorna simbolicamente à infância para encontrar novas matérias-primas, novos recursos para a construção de si. Não há identidade enterrada, nenhuma história oculta esperando sob a superfície. Jamais poderemos voltar ao passado e descobrir o mito pessoal que sempre nos aguardou. As histórias pelas quais vivemos são feitas, não encontradas. Mas, com a ajuda de um terapeuta habilidoso, podemos descobrir um tom mais adequado, imagens melhores e temas motivacionais há muito esquecidos para começar o árduo processo de nos recompormos (McAdams, 1993, p. 274).

Assim, os conteúdos inconscientes da experiência da pessoa não estão em um quarto escuro, escondido, esperando para serem encontrados: eles são efeitos da própria linguagem, que vêm à existência no momento em que emergem. Ao serem finalmente colocadas em narrativa, revelam camadas que enriquecem, aprofundam e singularizam a compreensão da experiência humana daquela pessoa.

Mas, como isso pode se manifestar em um processo de orientação profissional e de carreira? Reid e West (2016) propõe uma orientação profissional e de carreira embasada em "um repertório interpretativo psicossocial, informado pela psicanálise, psicologia narrativa e teoria crítica" (pp. 562-563) na qual o foco é a reflexividade nas biografias pessoal e profissional. Ao relatar um caso apresentado no artigo, os autores falam do funcionamento da dupla orientador-orientando:

> A experiência de se sentir escutado e compreendido, de receber tempo e atenção e poder falar, mais ou menos abertamente, sobre materiais difíceis, foi crucial. No cerne desses processos estão qualidades particulares de uma relação suficientemente boa, onde a ansiedade é contida e a pessoa pode brincar, narrativamente, com novas possibilidades em processos de autonegociação. Matthew é um exemplo de como construir um futuro de carreira positivo a partir de uma experiência negativa passada (Reid & West, 2016, p. 9).

Termos como fala, escuta, ansiedade e relação, que foram utilizados no relato dos pesquisadores ingleses, ressoam muito na prática que conhecemos bem aqui no Brasil e em parte da América do Sul: a estratégia clínica, um modelo teórico e prático consolidado de orientação profissional e de carreira de base psicanalítica. Assim, precisamos adentrar às vicissitudes da questão da narrativa na estratégia clínica, campo quase insondado que nos propomos a desbravar pelo menos por alguma trilha.

A narrativa na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira

> A fala. A partícula "co". Problema e pessoa. Manifesto e estruturante. Análise e síntese. Anti-narrativa. *Porre* e *levare*. Por que e para que.

Na estratégia clínica de base psicanalítica, sempre se trabalhou com o processo de fala do orientando e escuta do orientador como a maior fonte de conteúdos a serem trabalhados para se chegar a uma escolha (ou, mais recentemente, a um projeto). Mas, o termo coconstrução é posterior à obra fundadora, datada da década de 1970 (Bohoslavsky, 1977).

À semelhança das demais abordagem que usam o método narrativo, a estratégia clínica também visa permitir ao orientando uma participação sobre o processo de construção de significados de si. Para Bohoslavsky (2001), a definição da relação da pessoa com o trabalho e a educação no futuro está vinculada com essa relação no passado, a qual temos acesso através das histórias de vida. No entanto, o processo construtivo nessa abordagem tem suas peculiaridades quando se entende essa coconstrução.

Primeiramente, a partícula "co" não significa uma equivalência de posições, pois essas estão em dois polos irremediavelmente distintos: a fala o mais espontânea possível (dentro do foco dado pelo enquadre) e a escuta parcialmente descentrada da enunciação, e assim aberta a perceber o que não está nas palavras, mas para além delas, na forma como se arranjam.

Essa configuração da dupla orientador e orientando remete à regra fundamental da psicanálise, colocada por Freud desde os primeiros anos de sua investigação do novo método como sendo o par da associação livre com a escuta flutuante (Isolan, 2015). Remete, mas não equivale, pois a orientação profissional e de carreira se trata de um enquadre diferente da psicanálise tradicional e tem seus objetivos próprios.

A estratégia clínica tem como principal característica abordar os problemas de um sujeito que enfrenta conflitos frente ao seu futuro considerando que ele é um ser humano. O que parece uma obviedade, não é, pois aqui deixamos claro que é a concepção do que é o ser humano que determina, mais do que qualquer outro fator, a dimensão prática da abordagem.

Assim, o posicionamento diante do orientando segue os seguintes parâmetros: "Considerá-lo um ser humano significa ocuparmos não do problema, mas sim da pessoa que tem o problema; não da solução, mas sim dos motivos que o permitem, ou que o impedem, de chegar a uma solução" (Bohoslavsky, 2001, p. 29). Por isso, a "estratégia clínica não significa usar um tipo de técnica em particular, mas sim ter um conjunto de atitudes" (p. 29).

Essas atitudes são as dimensões da estratégia e da tática, como discutidas na introdução dessa tese. Elas estão determinadas pela dimensão metateórica, que no caso da estratégia clínica, inclui a ética da psicanálise, que é a ética do sujeito do desejo inconsciente. Por isso, mais do que uma metodologia, essa abordagem implica em uma prática na qual a fala e a escuta para além no enunciado é uma condição de trabalho, uma vez que o sujeito não se revela pela aparente racionalidade do discurso.

A partir dos polos de fala e escuta, o orientador também vai falar o que escutou, e o orientando vai ouvir o que está sendo dito sobre aquilo que ele falou e eventualmente não falou, não existindo uma regra rígida que visa engessar a relação de fala e escuta desde posições fixas. No entanto, tudo o que o orientador falar no processo da estratégia clínica terá como objetivo o aprofundamento da situação do sujeito para além do conteúdo manifesto pela fala:

> Estratégia clínica é entender que tanto o problema como a solução requerem um tipo particular de leitura: que se deve distinguir entre o universo fenomenológico da situação para a qual somos solicitados, o manifesto, o que se vê; e o nível estruturante que determina o que se vê, se é problema, se é o dilema, se é a solução. Estratégia clínica significa saber ver de um modo particular, a partir e através do fenômeno lógico, do aparente, do que se apresenta diante de nós, para compreender aquele que estruturalmente o determina (Bohoslavsky, 2001, p. 30).

O objetivo final desse processo de fala e escuta, no caso da estratégia clínica, é uma construção, daí a coconstrução: uma narrativa sobre o futuro que ganha o nome de projeto[32]. Isso difere a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira de um processo de psicanálise tradicional, onde o objetivo final não se trata de uma construção (mesmo que elas estejam presentes, como apontou Freud (1937/2019) já no final de sua vida com o texto "Construções na Análise"), e sim de um atravessamento da fantasia fundamental da pessoa (Lacan, 1958a/1998).

É necessário se diferenciar claramente os objetivos da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira e de um processo de psicanálise. Na primeira, todo o processo existe para se desembocar em uma construção: a escolha, o projeto ou um desenvolvimento vocacional. Essa construção tem um valor de síntese, ou seja, de uma operação de reunião de elementos trabalhados tanto em conteúdo quanto em forma que juntos se configuram como um todo o mais coerente e consistente possível, mesmo que nunca absolutamente definitivo, pois continua aberto à dialética inerente ao futuro.

Já no processo de psicanálise, o objetivo não é desembocar em uma construção sintética que se sustenta em si mesma. Ao contrário, está em jogo um processo de análise, caracterizado não pela reunião, mas pela decomposição dos elementos do todo

[32] Ou uma palavra sobre o futuro que ganha o nome de uma escolha. Ou, ainda, um exercício metafórico sobre o futuro que ganha o nome de desenvolvimento vocacional. No texto, privilegiamos o objetivo do projeto por se tratar do escopo dessa tese.

imaginariamente consistente que se apresenta no início do processo, a fim de tentar regredir até as causas primeiras, e partir de lá discernir e tratar as origens dos sintomas e sofrimentos que afetam o todo.

Note-se que as duas operações, análise e síntese, são essenciais para ambos os processos em questão. A psicanalista Daniele John, ao discorrer sobre o lugar da narrativa no processo de análise, conclui que "no percurso da análise, acreditamos, trata-se de verdade *e* ficção, invenção *e* descoberta. (...) Por meio das ficções que encontramos nossa verdade ou, nas palavras de Lacan, a verdade tem estrutura de ficção" (John, 2017, p. 91).

A diferença é que a psicanálise é marcadamente um trabalho de análise, e a orientação profissional e de carreira é marcadamente um trabalho de síntese:

> A narrativa que se tece em análise é muito particular e em nada lembra a coerência de histórias bem acabadas e homogêneas. Muito pelo contrário, a história contada em transferência resulta do ir e vir de um tempo heterogêneo que transforma o sujeito, tornando sua apreensão em um puro presente uma tarefa impossível. Trata-se de uma história *em construção/desconstrução*, passível de ser ressignificada *a posteriori* e, portanto, sempre inacabada, incompleta e imperfeita (John, 2017, p. 109).

Assim, podemos afirmar que quando há sínteses no processo psicanalítico, elas existem para favorecer a continuidade da análise; já quando há esforços de análise no processo de orientação profissional e de carreira, são sempre para favorecer uma melhor síntese.

O que justifica a presença do exercício analítico no processo da estratégia clínica, então, é ser meio para se chegar a um objetivo sintético. Análise aqui é o correlato ao têm sido chamado em outras abordagens de desconstrução: seu sentido é sempre propiciar coconstrução e reconstrução. No uso de narrativa não é diferente: ela tem um valor final

de síntese, e todo o trabalho de fala e escuta que é feito para se chegar a isso é uma sucessão de pequenas análises e sínteses sobre as experiências de vida de trabalho.

A narrativa trabalhada dessa maneira tem um caráter de estrutura, dotada de coerência e consistência, nunca absolutas, para não perder a função de criadora de sentidos e de ações, mas presentes o suficiente para terem um cariz de totalidade na qual as partes podem florescer.

Sem esse caráter suficientemente coerente e consistente, a narrativa não poderia ser um articulador que reúne o presente, o passado e o futuro em um todo que funciona como fornecedor de sentidos para a vida (McAdams, 1996). Esse "todo", lançado no futuro, é o projeto: "A construção do projeto como narrativa se faz como um meio de conferir unidade à vida profissional como um todo, conectando as experiências aparentemente desconectadas que o sujeito vivencia ao longo dos anos" (Dib, 2006, p. 222).

Esse "todo" deve estar sempre entre aspas, porque, na verdade, se trata de um semblante de totalidade, nunca sendo de fato absoluto. A prova disso é que o projeto é uma narrativa que tem sempre um final *anti-narrativo*. Isto é, não há a previsão de um final estruturado no projeto; do ponto de vista do enredo, não é nosso objetivo que no projeto tudo se resolva, e sim que ele termine carecendo de um próximo capítulo. Do ponto de vista dos elementos que compõe a narrativa (lugares, personagens, cenários etc.), tampouco há a previsão de uma resolução da história, e sim que haja espaço para outros lugares, outros personagens e outros cenários que não foram (nem poderiam) ter sido planejados. O projeto não existe para pautar o futuro do orientando.

Por que a expressão *anti-narrativo*? Porque o projeto não é uma antecipação exata do futuro, e sua estrutura é tal que precisa abarcar o imponderável sem ser destruída. Essa é a função da narrativa. Se o futuro fosse mais escrutinável, recorreríamos a outro método mais preciso e consistente para antecipá-lo na forma de projeto. No entanto, entendemos que, invariavelmente, ao final do projeto a estrutura narrativa se esvai, tendo já cumprido sua função, e o que sobra é o retorno ao enigma que é o futuro.

Esse retorno àquilo que nunca nos deixou é bem compreendido pela psicanálise. Por isso, a narrativa para a estratégia clínica não é uma tentativa de superar o enigma, e sim uma tentativa de construir algo ao redor dele – sabendo que ele continua sob nós. Esse enigma não se trata somente do futuro, mas da relação do sujeito com o futuro. Diante dele, podemos retomar o exemplo que Freud tomou de Leonardo Da Vinci:

> Há entre a técnica sugestiva e a analítica a maior antítese possível, aquela que o grande Leonardo da Vinci resumiu em relação às artes nas fórmulas *per via di porre, per via di levare.* A pintura, diz Leonardo, trabalha *per via di porre*, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona *per via dei levare*, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida (Freud, 1904/1989, p. 244).

A narrativa é um método que privilegia a *via di porre*, isto é, que procura dar cores através das palavras para a história de vida de trabalho tanto de passado como de futuro da pessoa. A narrativa propicia mais nomes, mais significados, mais concatenação, amarração e coerência; enfim, mais produção de sentido. Não é essa via que a psicanálise privilegia, pois esta entende que quando mais tinta, menos conseguimos ver o que está por trás da tela. A outra opção seria a *via di levare*, na qual se retira palavras, crenças, certezas, significados fixos etc., até que um elemento vai ganhando forma, resistindo às marteladas e aos formões. Aí, sob tudo mais, estaria uma verdade do sujeito.

Ora, a estratégia clínica, que tem base psicanalítica, deveria privilegiar a *via di levare*; no entanto, ela trabalha diretamente com a dimensão do futuro. Assim, temos o seguinte problema: como trabalhar pela *via di levare* diante do futuro, se não há nada lá? O que retiraríamos a fim de desnudar o enigma?

Por isso, mais uma vez frisamos, a base psicanalítica não significa a utilização do método da psicanálise clássica, e sim de sua ética e a sua compreensão teórica sobre os fenômenos, instrumentalizada por outros métodos[33]. No caso da construção de projeto, a narrativa corresponde à *via di porre* porque diante do futuro necessitamos colocar algo no vazio adiante de nós. No entanto, a narrativa não corresponde à totalidade do projeto.

A narrativa, assim, é uma ficção que porta uma verdade do sujeito – mas não a revela em suas palavras. "Não há oposição entre verdade histórica e produção criativa, mas uma indissociabilidade entre ficção e verdade nos processos de construção/reconstrução da história de um sujeito" (John, 2017, p. 92). Há mais coisas para além das palavras narradas que são projetadas para o futuro uma vez que passamos a falar sobre ele. Em direção a elas, vamos com esse texto.

Assim, para a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, o projeto é uma construção que tem tanto uma profundidade oculta quanto uma superfície bem acabada. Essa característica pode ser muito útil para épocas que se configuram em complexidade e consequente impossibilidade de reducionismo dos fenômenos: "o que difere o humano do mundo físico e inanimado é a complexidade" (Vieira, 2006, p. 14). Compreender a experiência humana com o futuro em um contexto de complexidade exige que se assinale, além das categorias de "o quê" fazer e "como" estar no futuro, o "por

[33] Essa ideia remete à noção de prática ampliada da psicanálise de Winnicott, expressa na seguinte frase: "somos psicanalistas praticando outra coisa que acreditamos ser mais apropriada para a ocasião" (1982, p. 155).

que" e o "para que" fazer e estar dessas maneiras (Bohoslavsky, 1977). Isso significa inferir sentidos às ações, motivações, causa, efeitos e conexões de uma história construída sobre o futuro (Schiff, 2012). Não há outro meio mais adequado a isso do que a construção de narrativa.

Sobre isso, Bohoslavsky (1997) chama a atenção para o fato de não nos tornarmos "superespecialistas" em nossa escuta diante daqueles que nos procuram, pois incorremos no risco de promover um trabalho tecnicamente agudo, mas cronicamente alienado:

> Existe uma série de argumentos que, baseados na complexidade atual da cultura, defendem a necessidade de promover a formação de especialistas. Mas, a desvinculação em relação aos aspectos mais complexos e intrincados que dão sentido às partes só pode ser definida às custas de racionalizações que defendem a necessidade de marginalizar os grupos aos quais são concedidos explicitamente papéis de vanguarda na promoção de mudanças que carecem da percepção do sentido social autenticamente humano que estas mudanças deveriam ter. O especialista não passa de um ilustre alienado (Bohoslavsky, 1997, p. 329).

As dimensões do "por que" e "para que" remetem a esse âmbito ético e profundo, para além do técnico, que Bohoslavsky (1977) nomeou como identidade vocacional. No processo da escolha, essa identidade responde a esses advérbios, enquanto a identidade ocupacional responderia a "o que", "como", "onde" e "com quem" efetivar a escolha no mundo. Ambas as identidades juntas formariam no decorrer dos anos vindouros a identidade profissional da pessoa. Podemos nos inspirar no fundador da estratégia clínica para fazer um correlato com o conceito de projeto.

Ora, o projeto também deve responder a todos esses advérbios interrogativos. Mas, diferente da escolha que tem um caráter de tomada de decisão pontual no presente, como se fosse um bom começo para uma caminhada cujo caminho se fará ao caminhar, o projeto deve ser mais do que isso. Ele deve contar mais sobre o caminho, relacionando

espaços e tempos futuros de forma a conter em si diversas escolhas, planos alternativos, objetivos e cenários, formando uma construção consistente e coerente o suficiente para se sustentar enquanto estrutura no vazio e aberta o suficiente para "balançar" sem quebrar diante da dinâmica imponderável inerente ao futuro.

Essa construção é uma narrativa, por todos os motivos já expostos sobre suas características. No entanto, deve haver um nível mais profundo no projeto que atinja melhor as respostas àquelas perguntas trazidas pelos advérbios interrogativos mais abstratos: "por que" e "para que".

Diferente dos outros, cujas indagações remetem a objetos externos como locais (onde), momentos (quando), outras pessoas (quem) e modos de ação (como), esses dois advérbios mais abstratos querem saber as causas e os sentidos. Bohoslavsky, apoiado na ideia de Wender (1965) e na teoria de Klein (1987), responde a eles remetendo também a objetos, mas nesse caso objetos internos que, por estarem danificados, exigem uma reparação por parte da pessoa – daí a determinada causa e sentido de uma escolha.

Essa explicação no nível de sentido profundo ou causa primeira é característica dos modelos de base psicanalítica, não sendo comum de se encontrar nas teorias de orientação profissional e de carreira, constituindo uma problemática pouco explorada pela área:

> A escolha do projeto de carreira levanta questões existenciais e a existência está repleta de questões de carreira. É nestes termos que devemos afirmar a indissociabilidade do tema da orientação profissional e do 'sentido da vida'. No entanto, este último tema apresenta o paradoxo de um alto grau de centralidade e de uma posição minoritária nas pesquisas e intervenções em orientação profissional (Bernaud, 2013, p. 2).

No caso do projeto, por não dizer sobre uma relação pontual e específica da pessoa com o mundo (como é na escolha, por mais profundamente motivada que esteja), os objetos – tanto internos como externos – parecem não dar conta de uma explicação no nível de causa e sentido. Se o projeto é um todo maior que as partes que o compõe, os objetos internos e externos, por si mesmos, não são aquilo que vão definir a estrutura do projeto, e sim as diversas relações entre esses objetos – isto é, a narrativa que os contém.

Do ponto de vista metapsicológico, ocorre o mesmo com os objetos internos: é necessário mais do que as relações objetais para que se explique o "por que" e o "para que" do projeto. Enquanto narrativa, se a relação das palavras é o que fornece a semântica dessas, alterando seus sentidos e formando um todo não redutível à soma de cada palavra isolada, são as regras que formam a estrutura sobre a qual essas relações se compõem que podem explicar as causas e funções de cada palavra em relação às outras e ao todo. Isto tem o nome de sintaxe, do ponto de vista gramatical. E do ponto de vista metapsicológico, qual conceito teria esse valor de sintaxe, ou seja, um valor explicativo ao revelar a estrutura sobre a qual todas as relações entre as partes "sujeito" e "objeto" acontecem? Uma proposta será apresentada a seguir.

Sob a narrativa

> Fundamento metapsicológico. Apofenia. Estilo do narrador. Enunciado e gramática. Sotaque e idioleto. Ponto de fala e ponto de escuta.

A importância de haver na estratégia clínica um conceito metapsicológico fundando conceitualmente a narrativa é evitar que esta seja uma produção entendida como uma construção rasa e efêmera, feita ao sabor do momento e que muito pouco tem a revelar sobre a pessoa que a produziu. Se assim fosse, não adiantaria essa abordagem em orientação profissional e de carreira investir na narrativa, pois alguns meses após o

término do processo, ela já não teria os efeitos que um dia teve, e o orientando estaria novamente na necessidade de um novo atendimento. A narrativa não corresponde a totalidade da construção do projeto.

Há um termo que pode nos ajudar a entender o que não pode ser a narrativa: trata-se da apofenia. Ela é definida como uma percepção espontânea de conexões e significados de fenômenos não relacionados, produto de coincidências e/ou simplesmente erros estatísticos (Mishara, 2010). É um termo usado para se estudar as superstições e em alguns casos de distorções de percepção envolvidos em delírios como em episódios de esquizofrenia.

A construção de narrativa em orientação profissional e de carreira não se trata de uma apofenia, ou seja, não é a junção aleatória, feita ao sabor do momento, de episódios significativos da vida da pessoa e cujo novo arranjo passa a conter algum significado novo ou surpreendente, mas que não se sustenta na realidade psíquica dessa pessoa, devido à falta de profundidade em sua construção. Isso não basta para a orientação profissional e de carreira, pois nosso propósito é que esse arranjo se sustente no vazio do futuro:

> Destas narrativas emergem padrões e temas de vida que refletem a forma como cada cliente enxerga a si mesmo e o que considera importante, além das aspirações que podem levar ao sentimento de realização e completude. Assim, o indivíduo reconhece referências pessoais significativas que dão à sua vida um sentido de direção e os recursos para enfrentar tarefas de desenvolvimento, como as transições ocupacionais e tomadas de decisão profissional (Araújo et al., 2013, p. 196).

Caso a narrativa seja uma apofenia, ela incorre naquilo que já foi dito aqui: somente contribui para que o orientando fique mais iludido, alunado ou alienado. O que, então, pode garantir alguma profundidade e afastar a narrativa de um caráter raso e

efêmero? É necessário que se diga o que é essa profundidade, e se descreva esse campo metapsicológico onde a narrativa encontra um enraizamento que a sustente e a estabilize, mesmo que não a torne fixa nem imutável.

Posta a ideia de que na narrativa não há somente um conteúdo, mas também um arranjo específico desse conteúdo, ela não se resume àquilo que a pessoa fala: também é aquilo que ela não fala, ou melhor, não enuncia, mas fala através das repetições, das ênfases, e de uma gramática própria que causa uma singularidade ao seu arranjo de elementos narrativos. "O conteúdo de uma narração não existe em si mesmo, mas apenas relacionado de diversas maneiras à estrutura, à forma e ao propósito de sua apresentação escrita ou oral" (Brockmeier & Harré, 2003, p. 528).

À primeira vista, o componente principal de uma narrativa é a história, ou seja, o conteúdo (McMahon et al., 2012). No entanto, sempre vem junto um estilo do narrador, que, muitas vezes, é invisível para ele mesmo. É na escuta do orientador que esse estilo pode se revelar para o orientando. Cabe ao orientador escutar essa gramática, como se escuta o sotaque de uma pessoa que nos fala mesmo que para ela este não esteja lá, pois nada mais é do que a normalidade de sua fala em seu contexto cultural. Nas palavras do personagem Marco Polo, do escritor Ítalo Calvino: "quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido".

Assim, cabe a seguinte afirmativa: a narrativa não é sinônimo daquilo que a pessoa enuncia. Há também uma ação de escuta por parte do orientador que é fundamental para a composição do todo narrativo, uma vez que o que se escuta contém mais do que o conteúdo falado: escutamos uma gramática, ou um sotaque próprio que precisa ser levado em consideração para uma composição narrativa mais profunda e singular como deve ser o projeto, essa narrativa lançada sobre o vazio do futuro.

Essa gramática própria é tão singular que, na verdade, não se compara a um sotaque regional, ou a um dialeto da língua: seria mais como um idioleto, ou seja, a maneira específica daquela pessoa singular se expressar. Isso não significa negar a existência e importância do sotaque – aqui como metáfora do âmbito psicossocial. Mas, é dizer que sob o sotaque há ainda um idioleto, isso é, um estilo, não de fala, mas de jeito singular de estar no mundo na relação com os objetos que a cercam, constituem, provocam e a assustam. Esse idioleto, do ponto de vista metapsicológico, é o encontro entre a fantasia da pessoa e sua narrativa de vida. Assim, sob a narrativa construída de forma profunda, sempre há uma fantasia.

Duarte (2017), ao analisar os ensaios pessoais de Montaigne, discorre sobre o status de realidade que uma narrativa pode ter ao explorar o autoconhecimento:

> Ao inserir-se em sua própria narrativa, Montaigne busca afirmar sua autoconsciência em uma combinação de *objetividade com a perspectiva de um observador* e *subjetividade com a perspectiva do sujeito da enunciação*; ambos são, obviamente, condicionados pelo contexto social, vis-à-vis o respeito pelas tradições e a adequação do contexto (p. 511, grifos nossos).

A narrativa em orientação profissional e de carreira, assim, é uma prática que pode aliar duas posições ocupadas pela pessoa de forma simultânea que são fundamentais para se produzir conhecimento de si: observador e sujeito, pelas quais é possível conciliar objetividade, subjetividade e o contexto social.

Do ponto de vista da estratégia clínica, essa dupla posição é possível porque, como já foi dito, a narrativa não é composta somente pelos elementos que a pessoa conta de sua vida, como pessoas importantes, locais em que trabalhou, matérias que estudou, e situações em que obteve prazer e desprazer, entre outras muitas coisas das quais a pessoa fala ao ser solicitada a contar sobre sua vida. Além dos elementos, o arranjo que vai

ganhando forma no exercício narrativo é tão importante quanto o conteúdo da fala, pois é ele que dá um caráter de singularidade à narrativa.

Esse arranjo não pode ser feito a não ser a partir de ponto de vista, ou melhor dizendo, de um *ponto de fala*, que é a posição da pessoa enquanto sujeito em sua relação com o mundo. Na narrativa de si mesmo e do mundo, o orientando pode utilizar sua própria linguagem e sistema de significado (Bujold, 2004), e nessa produção não é possível dissociar o par sujeito-narrativa, ou autor-texto (Alves, 2008). Isso implica em admitir que não há uma posição genérica ou neutra, menos ainda correta, da qual a pessoa interpreta seu passado. Por isso, a pessoa é sempre o objeto de sua própria narrativa (Duarte, 2017).

Dessa forma, o conceito central de todas as abordagens narrativas é escutar a história do cliente (Reid, 2005). Isso não significa se limitar a ouvir os dados contidos na fala do orientando desde uma posição de técnico do saber. Ao contrário: é se propor a colocar ênfase nos significados da fala do orientando desde uma posição de "um profissional autoconsciente e politicamente consciente" (Reid, 2005, p. 132). Assim, a empatia, por exemplo, é um fator importante, mas de forma alguma suficiente, pois tampouco se trata de um lugar análogo às outras relações sociais, como de amizade ou de polidez.

Por sua vez, o saber teórico também é importante, mas também insuficiente, pois não se trata de um lugar de neutralidade de um observador técnico-científico, que não quer produzir ruídos que podem atrapalhar a coleta de dados. É necessário que o orientador conheça o lugar desde onde escuta, com suas vicissitudes subjetivas, sociais, históricas e éticas, tudo isso atravessado pelos saberes das teorias que tanto estuda. Esse

lugar forma não o ponto de vista, pois aqui já não se trata de um observador, mas sim o *ponto de escuta* do qual o orientador percebe e responde à narrativa do orientando.

Assim, entre o *ponto de fala* e o *ponto de escuta*, para a estratégia clínica, não é somente no conteúdo que é dito (objetos), mas também na forma mais ou menos repetitiva como eles se arranjam entre si (estrutura) que revela um sujeito compositor das histórias. Compreendido desta maneira, essa característica da produção narrativa remete ao conceito metapsicológico que nomeia justamente essas repetições estruturantes da relação entre sujeito e objeto: a fantasia.

A seguir, vamos apresentar o que significa o termo "fantasia" e como ele se relaciona com a narrativa, a fim de conceituar teoricamente a construção do projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

Síntese parcial 3

O termo narrativa, assim como o projeto, não é originário da orientação profissional e de carreira e nem do campo das ciências, e nomeia um fenômeno social atrelado à história da própria humanidade. No campo das ciências, o método narrativo se caracteriza pela problematização das noções de verdade, objetividade e reducionismo.

Diante de fenômenos humanos intrinsicamente complexos, o método narrativo é aquele que permite uma maior aproximação das experiências das pessoas, sem a intenção de esgotá-las em uma explicação, isto é, vencer a complexidade, uma vez que se reconhece a não possibilidade do reducionismo de partes diante do todo. O conhecimento produzido pelo método narrativo tem o teor de verdade pessoal/local/situacional que pode até remeter – mas nunca corresponder – a uma verdade determinada e objetiva em formato de uma lei geral.

No campo da orientação profissional e de carreira, a narrativa tem sido extensamente utilizada por diferentes abordagens teóricas e em diversas propostas práticas. O que há em comum entre elas é o fato da narrativa ser construída em um processo de fala e escuta, na qual se produz uma construção de linguagem onde se articula a experiência de passado da pessoa com seu estado presente e sua experiência de futuro.

Isso ocorre a partir da composição de uma história de vida com foco da vida de trabalho e educacional, dotada de linhas orientadoras como enredos e evolução temporal, e elementos como personagens, lugares e eventos. Esses elementos são inter-relacionados pelas linhas orientadoras de maneira a formar uma estrutura não rígida, fixa ou absoluta, e sim maleável e criativa, mas que seja dotada de coerência e consistência suficientes para ter uma função de totalidade da qual podem emergir conhecimentos, reconhecimentos, sentidos e ações.

Para a psicanálise, o trabalho com a narrativa tem a peculiaridade de se entender que há elementos ocultos ou latentes a ela, e estes são muitas vezes reveladores dos pontos chave para o entendimento profundo da posição da pessoa diante de si e do mundo. A narrativa não é um conceito metapsicológico, e isso acarreta duas coisas: primeiro, carece de ser assentada sobre uma explicação que abarque a dimensão da metapsicologia, e, segundo, que ela é utilizado como meio, e não como um fim desejado. Isto é, no processo de psicanálise, a característica de síntese da narrativa é utilizada para favorecer a continuidade do processo de análise. Diferentemente da orientação profissional e de carreira, na qual os processos de análise dos elementos trazidos pelo orientando conduzem à produção final de uma síntese em forma de narrativa.

No caso da estratégia clínica, sendo uma abordagem de base psicanalítica, a narrativa está presente desde a sua fundação (mesmo que não com esse nome), com a

ideia de não se trabalhar com o problema vocacional e sim com a pessoa que traz o problema pela via da sua fala. Há, na produção da narrativa, um ponto de fala e um ponto de escuta, correspondendo ao orientando e ao orientador. Ambos os pontos são marcados por lugares psicossociais e subjetivamente singulares. A construção narrativa se vale de elementos da realidade material da pessoa, de seu processo de identidade, e de seus aspectos metapsicológico, entre eles a estrutura da fantasia. Esta está sob a construção narrativa, e é o tema da próxima parte dessa tese.

PARTE 4

A FANTASIA NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA

No silêncio, onde o texto se engendra, uma travessia está efetivamente se operando...

(Rolnik, 2002, p. 17).

Conforme exposto nas Partes 2 e 3 dessa tese, o projeto como um objetivo central do processo de orientação profissional e de carreira tem sua construção viabilizada pelo método narrativo. E, conforme exposto na Parte 1, é sobre o futuro que se trata essa construção, principalmente no que tange às relações entre sujeito e objeto nos âmbitos da educação e trabalho.

Essa relação, desde o aporte teórico da estratégia clínica, deve ser explicada levando em conta aspectos não somente sociais e psicológicos, como também metapsicológicos. Um conceito dessa natureza que pode contribuir com um valor explicativo à construção de projeto ao enraizar a narrativa na singularidade do sujeito é a fantasia.

Por isso, a seguir vamos expor como esse termo já tem aparecido na orientação profissional e de carreira e, por contraste, apresentar uma outra conceituação do termo. Para alcançar tal empreitada precisaremos primeiro passar pela metapsicologia freudiana e as definições de fantasia em Freud e Lacan, para então poder destacar como esse conceito pode aparecer na teoria e prática da orientação profissional e de carreira cujo objetivo seja a construção de projeto via narrativa.

O uso do termo fantasia na orientação profissional e de carreira

> Polissemia. A fantasia entendida como: fase do desenvolvimento; categoria; estilo; impossível; externa. Oposição à realidade. Atividade mental.

A palavra “fantasia” não é de uso exclusivo da psicanálise, sendo mais um dos muitos termos que pertencem ao mesmo tempo ao linguajar cotidiano e à esfera conceitual científica. E, nessa esfera, é também utilizada por várias teorias:

> Ao abrir um dicionário de língua portuguesa (Bueno, 2000) para verificar o significado do termo "fantasia", encontra-se como sinônimos: imaginação, ideia

> ou até capricho. Popularmente esses significados também são aceitos, visto que para milhares de pessoas fantasia é um lugar na imaginação onde tudo é possível e ideal, um lugar onde há sonhos, mesmo que alguns deles sejam impossíveis. Contudo, para a Psicanálise, essa é apenas uma das faces da fantasia (Matte & Facchin, 2019, p. 2).

Aqui estamos novamente diante da polissemia, já enfrentada no estudo dos termos projeto e narrativa. Por exemplo, a palavra "fantasia" designa todo um gênero literário, profícuo desde as produções infantis, como analisado no livro Gramática da Fantasia, de Gianni Rodari (1982). Em geral, na orientação profissional e de carreira, os significados de fantasia não aparecem atrelados à literatura, e sim mais próximos daqueles do vocabulário cotidiano, remetendo de variadas formas a uma ideia: a de oposição à realidade.

> Teorias de desenvolvimento e escolha vocacional muitas vezes incluíram o conceito de 'realismo crescente de escolha' como um dispositivo explicativo central. Este conceito abstrato e operacionalmente difícil forma a base para numerosas explicações de mudança na escolha vocacional. Na terminologia de Ginzberg et al. (1951), a hipótese de 'aumentar o realismo de escolha' tem sido frequentemente usada como um construto subjacente na explicação da mudança da fantasia inicial (centrada no objetivo) das escolhas de pré e início da adolescência para a escolha realista (centrada na média) de adolescentes mais velhos e início da idade adulta (Cosby, 1974, p. 53).

Isto é, no que tange à escolha, a partir do momento em que cresce o realismo, diminui a fantasia. Por isso, esse termo designa a primeira fase do processo de desenvolvimento vocacional (Ginzberg et al., 1951), marcada pelo não compromisso imediato com a efetivação da tomada de decisão. Fala de um tempo de liberdade e criatividade onde são permitidas contradições e impossibilidades que, se mantidas mais para frente, inviabilizariam a escolha de fato.

No modelo de Ginzberg et al. (1951), a fantasia corresponde às etapas cronológicas da infância e pré-adolescência. É desejável que nessas idades o desenvolvimento vocacional seja fantasioso porque é a partir desse exercício que seria possível passar às outras etapas marcadas pelas tentativas de realização, em forma de ensaios na adolescência e estágios realistas, cronologicamente localizados no final da adolescência e início da idade adulta.

> No que concerne ao desenvolvimento vocacional é na adolescência alargada que ocorre a mudança da fantasia para o realismo em um período de definição e concretização de escolhas e tentativas, e as escolhas gradualmente vão se tornando mais realistas, em como o resultado do confronto com e entre as percepções provenientes da escola e do mundo do trabalho, marcando o início do estágio da exploração do desenvolvimento vocacional (Agibo, 2016, p. 184).

Note-se que o crescente realismo da escolha é um dos eixos de verificação de que o desenvolvimento vocacional está em processo. É próprio do raciocínio infantil pensar as carreiras de forma fantasiada, sem compreensão de como obtê-las, uma vez que o importante é imaginar-se em várias funções ou ambientes de trabalho de forma mais livre possível (Howard & Walsh, 2010)

Conforme os anos passam, o raciocínio fantasístico vai se tornando impróprio. A realidade ganha mais peso e deve se sobrepor à fantasia, não eliminando esta, mas a cerceando com vistas ao ajustamento ao mundo social:

> De acordo com Hill (1969), uma das tarefas de desenvolvimento mais importantes da adolescência é a obtenção de uma integração bem-sucedida entre fantasia e realidade. Se a integração não for alcançada, a transição da escola para o trabalho é carregada de problemas e os jovens muitas vezes não conseguem se ajustar totalmente ao mundo do trabalho (Kidd, 1984, p. 63).

Sobre esse processo, Trow (1941), ainda na década de 1940 e anterior à proposta das fases de Ginzberg et al. (1951), escreveu um artigo intitulado “Fantasia e escolha

vocacional", no qual mostra um estudo com 161 alunos e 169 alunas do Ensino médio referente às suas escolhas vocacionais. O autor destaca três categorias de análise: probabilidade, possibilidade e fantasia. Ele concluiu que esses alunos eram realistas em sua perspectiva de futuro, isto é, estavam satisfeitos com a probabilidade de sua escolha profissional, e que seus planos e expectativas estavam em harmonia com suas possibilidades ocupacionais.

Ou seja, entre realidade e fantasia, quando uma perde espaço, a outra ganha. Assim, ambas têm sido usadas como categorias de pesquisa opostas de experiência de futuro:

> Distinguimos duas formas de pensar sobre o futuro: expectativas versus fantasias. Expectativas positivas (julgar um futuro desejado como provável) previam alto esforço e performance de sucesso, e o inverso era verdadeiro para fantasias positivas (experenciar de forma positiva os próprios pensamentos e imagens mentais sobre um futuro desejado) (Oettingen & Mayer, 2002, p. 1198).

De um lado, aparece a racionalidade diante do futuro, onde a percepção do que é mais provável de bem suceder pauta os investimentos em ações. Do outro, aparece a fantasia, que preenche o futuro com imagens mentais sobre o que é desejado. É importante notar que ambas são posições descritas como positivas, ou seja, que motivam a pessoa a ir ao encontro desse futuro. No entanto, somente na primeira, a realista, é que o jovem de fato toma atitudes de realização, enquanto os que ficaram fantasiando mostram baixo esforço nesse sentido.

Então, uma posição marcada pela fantasia no presente não ajudaria a pessoa a se haver com o futuro. Sobre isso, Harren (1979) propõe alguns estilos de tomada de decisão. Eles referem-se "à maneira única em que uma pessoa aborda, responde e age em situações de tomada de decisão, consistindo em um componente único do comportamento e

desenvolvimento profissional" (Phillips et al., 1985, p. 106). Harren (1979) propôs três estilos: racional, intuitivo e dependente. O primeiro envolve "avaliação sistemática e deliberação lógica com uma perspectiva de tempo expandida, antecipação das consequências das decisões anteriores e coleta de informações de maneira cuidadosa, completa e objetiva" (Phillips et al., 1985, p. 107). Já o estilo intuitivo "é caracterizado pela consideração de fatores emocionais, muitas vezes de maneira impulsiva, dependendo fortemente da fantasia, atenção aos sentimentos presentes e uma autoconsciência emocional" (p. 107). O terceiro estilo seria o dependente, que "atribui a responsabilidade pela escolha a eventos externos ou outras pessoas, de forma passiva, complacente e influenciada pelas expectativas dos outros" (p. 107).

Chama atenção o contraste apresentado quanto à atitude em relação ao futuro entre o estilo *racional,* no qual avalia-se de forma deliberada "a presente situação de si mesmo e expande sua perspectiva de tempo para incluir parte do passado e do futuro em seu presente psicológico" (Harren, 1979, p. 122); e o estilo *intuitivo*, no qual a pessoa se "envolve em pouca antecipação do futuro, comportamento de busca de informações ou avaliação lógica de fatores. Em vez disso, é caracterizado pelo uso da fantasia, atenção aos sentimentos presentes e uma autoconsciência emocional como base para a tomada de decisões" (p. 122). Para esse autor, o termo fantasia aparece como um olhar para dentro, parente das emoções, sentimentos e devaneios, em detrimento do olhar para fora, das informações corretas sobre a realidade que poderiam embasar decisões mais eficazes.

Avançando para a década de 1960, Beall (1967) escreveu um artigo intitulado "Escolha vocacional: a fantasia impossível e a escolha improvável". Nele, o autor traz que os problemas vocacionais podem envolver "a preservação de uma 'fantasia impossível' que funciona para manter uma identificação defensiva ambivalente em uma

fantasia encapsulada" (Beall, 1967, p. 86). Junto a esse, haveria ainda outro tipo de problema vocacional, que ocorre quando

> a escolha é do tipo 'escolha improvável' (uma solução basicamente defensiva) que ou está tão distante do impulso que nenhuma gratificação é permitida ou tão perto do impulso proibido que o perigo de sua expressão está constantemente gerando ansiedade e interferindo na gratificação (p. 86).

Aqui o termo fantasia aparece acompanhada de um adjetivo: "impossível". Juntos eles nomeiam um problema no processo de escolha, que mantém o sujeito em uma posição defensiva diante da realidade, impedindo assim uma escolha mais fluida.

Mesmo em estudos de caráter psicodinâmico, a fantasia aparece com a conotação de oposta à realização. Isso também ocorre com Kidd (1984), que propõe o uso de conceitos metapsicológicos no estudo da orientação profissional e de carreira, e no mesmo parágrafo faz uma ressalva utilizando o termo fantasia:

> A orientação profissional deve dar mais ênfase ao conceito de ideal do eu e às ideias dos jovens sobre o futuro. Os jovens devem ser encorajados, por meio de aconselhamento, a pensar cuidadosamente sobre suas esperanças e desejos e a desenvolver metas realistas. Um possível perigo dessa abordagem, é claro, é que *as fantasias sobre o eu e o trabalho podem ser reforçadas e reificadas, levando a escolhas inadequadas de trabalho* (Kidd, 1984, p. 63, grifos nossos).

Essa oposição entre realidade e fantasia aparece mesmo quando não é o jovem que está fantasiando. Segundo Mulvey (2012), a influência da família sobre o projeto de vida de um jovem se manifesta "pelas fantasias projetadas da família sobre ele, e podem superar em poder de influência a base de informações e realidades do mercado de trabalho" (Maree, 2010, p. 99). Há, então, uma luta entre fantasia e realidade mesmo quando ambas são externas à pessoa.

Assim, o termo fantasia, conforme aparece na orientação profissional e de carreira, tende a ir contra o escopo psicossocial que procuramos dar à escolha e ao projeto. De forma que, se não houvesse a dimensão dos limites sociais, o âmbito da fantasia equalizaria a experiência de futuro de todas as pessoas:

> Algumas evidências sugerem que as pessoas de diferentes classes sociais não diferem muito no nível de trabalho que gostariam de poder fazer se não enfrentassem restrições (ocupações fantasiadas), mas diferem nas oportunidades que percebem e nas expectativas do que serão realmente capazes de fazer (ocupações possíveis ou prováveis) (Gottfredson & Becker, 1981, p. 133).

Então, o que há em comum nos diversos usos do termo fantasia na orientação profissional e de carreira é o sentido de oposição à realidade pela via da psicologização. Essa oposição se dá de diversas maneiras psicológicas, mas sempre preservando o antagonismo: fantasia como atividade imaginativa infantil sem compromisso com a realização; fantasia como pensamento por imagens mentais ligadas a sentimentos e intuição em vez de a fatos e análise da realidade; e fantasia como ideação em detrimento da ação na realidade.

Por isso, esse termo não caberia como um conceito fundamental para compreender a construção de projeto, pois este é mais adequado como objetivo da orientação profissional e de carreira com adultos ou com adolescentes que necessitam se haver mais prontamente com a realidade social, econômica ou familiar.

O projeto tem sempre um caráter psicossocial em sua construção e um compromisso com sua implementação ao menos no futuro de curto prazo, a partir de planos de ação elaborados para tal. Afinal, como coloca o próprio Freud (1930/1996): “nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à

realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, lhe fornece um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana" (p. 88).

Assim, a fantasia, enquanto oposição à realidade, poderia no máximo entrar no processo de construção de projeto em um nível de técnica, isto é, como uma atividade com objetivo delimitado, e nunca no nível de estratégia, onde teria valor de conceito teórico que informa os objetivos finais e os enquadres do trabalho prático. Um exemplo de técnica que fomenta a fantasia dentro desse processo mais amplo em busca do "lugar seguro numa parte da realidade" é a atividade chamada fantasia do dia futuro:

> A fantasia do dia futuro é um exercício comum usado no aconselhamento para o planejamento de carreira/vida, que foi descrito por Morgan e Skovolt (1977). Geralmente é uma fantasia guiada sobre um dia típico de trabalho em algum momento específico no futuro. Instruções detalhadas geralmente são fornecidas pelo conselheiro ou líder. Neste estudo, instruções impressas foram usadas de forma limitada para manter o máximo de ambiguidade possível. Os entrevistados foram convidados a imaginar e descrever por escrito um "dia típico" em vez de um "dia típico de trabalho" para evitar dar aos sujeitos um conjunto de pensamentos sobre o trabalho. As instruções específicas foram as seguintes: "Imagine que é daqui a 10 anos. Como você acha que será um dia normal para você? Passe algum tempo imaginando e depois escreva, da forma mais completa que puder, como você acha que será o seu "dia típico" de dez anos no futuro. Seja o mais específico possível ao descrever seu sonho do futuro (Yanico, 1981, p. 294).

A atividade de fantasia, como exemplificada acima, é de valor fundamental como parte do processo de tentar se lançar ao futuro, seja por via da escolha ou do projeto. É também uma fase fundamental do desenvolvimento vocacional durante a vida, pois é partir da riqueza do repertório advindo da capacidade de fantasiar que a pessoa conseguirá material para promover interesses e inclinações que indicarão caminhos de escolha quando chegar a hora (Qu & Zou, 2009). No entanto, é uma parte ou fase do processo que

precisa sempre ser superada: cumprida sua função, perde o lugar principal e deve abrir espaço para a entrada de seu oposto – a realidade.

Junto à fantasia, há outros termos que sobressaem no campo da orientação profissional e de carreira com esse caráter de serem parte do processo, mas não parte de seu objetivo. Por exemplo, o termo "sonho" e o termo "vocação", que aparecem prontamente na fala da população em geral quando vai se referir à nossa área. Esses três termos, fantasia, sonho e vocação, se apresentam como se nomeassem os estados nos quais a pessoa gostaria de estar caso não houvesse a realidade para "atrapalhá-la".

Geralmente nessas falas a realidade fica conjugada no pretérito imperfeito do subjuntivo ("se eu pudesse/ se eu fizesse/ se eu conseguisse..."), enquanto a fantasia, sonho ou vocação ficam no futuro do pretérito do indicativo ("...então eu poderia/ eu seria/ eu teria..."). É curioso notar como especialmente a ideia de vocação aparece como futuro do pretérito, ou seja, um futuro que está incubado em um passado, esperando para eclodir caso a realidade assim favoreça.

Esse caráter de oposição desses termos frente a realidade se dá por eles serem atividades mentais. O mesmo acontece com o termo fantasia. É esse caráter psicológico que faz com que ela seja preciosa como parte do processo, mas sempre deva ser suplantada nos momentos de realização, seja na escolha ou no projeto. Afinal, a orientação profissional e de carreira tem por característica sempre ter que prestar contas com a realidade, dada a natureza de seu objeto.

Por isso, é fundamental clarificar qual é o significado do conceito de fantasia que será utilizado nessa pesquisa para fundar conceitualmente a construção de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, pois este significado difere completamente dos sentidos apresentados até aqui.

A diferença se dá no nível da natureza do conceito: a fantasia a partir da psicanálise não é um descritor psicológico, senão metapsicológico. Dessa forma, ela não é uma atividade mental, nem tem a característica de ser oposição à realidade, e sim de coconstrutora desta: "a partir das percepções de realidades criamos as fantasias, e com elas recriamos as realidades" (Bandeira. 2016, p. 119).

Metapsicologia e orientação profissional e de carreira

> Além dos constructos psicológicos. Psicologia profunda. Realidade e determinismo. Teorias do Sul Global. Campo prático. Produção teórica.

Entre os anos de 1915 e 1923, Freud escreveu uma série de textos que tratavam de desenvolver conceitos e descrevê-los em suas características dinâmica, tópica e econômica (Furtado, 2018). Esses conceitos fundaram o que se chamou de metapsicologia, ou seja, todos os processos psíquicos que estão para além dos constructos psicológicos, e por isso, não podem ser observados e estudados via mensuração psicométrica ou comparativa, como ocorre com a inteligência, atenção, interesses, aptidões, entre muitos outros. São parte da psicologia do indivíduo, mas descrevem sua psicologia profunda, e os processos nesse nível fazem efeito de determinação sobre os constructos psicológicos, afetando de forma favorável ou prejudicial a inteligência, a atenção, os interesses e as aptidões, por exemplo.

Essa determinação nunca é total nem exclusiva, mas junta-se à realidade material ou exterior como balizadora dos comportamentos, pensamentos e atitudes humanas – o que inclui sua relação com o mundo do trabalho e sua experiência diante do futuro. Essa influência de processos não conscientes no ser humano tem sido extensamente estudada há mais de um século, mas nas pesquisas no campo da orientação profissional e de carreira tem sido pouco presente:

> Postular que o comportamento é influenciado pela cultura, gênero, idade e pelo socioeconômico é comum na psicologia e nas teorias de carreira. Mas sugerir que o comportamento também é impulsionado por objetivos inconscientes não é uma postura popular nas teorias de carreira recentes, embora as suposições psicodinâmicas tenham desempenhado um papel significativo na teoria da carreira anterior (por exemplo, Bordin & Kopplin, 1963; Bordin, Nachmann, & Segal, 1973). Dada a importância da noção de agência na teoria contemporânea da carreira e na prática de aconselhamento, e a visão comum de que a teoria psicodinâmica é determinística, isso não é surpreendente (Dyer et al., 2010, p. 344).

Alguns fatores que podem explicar por que os processos inconscientes não foram tão estudados quanto os fatores psicológicos no campo da orientação profissional e de carreira referem-se à ênfase histórica dada à agência, como coloca Dyer et al. (2010). Isto é, ao protagonismo da pessoa enquanto alguém que exerce sua liberdade de escolha. As teorias que compreendem essa escolha como determinada, seja do ponto de vista inconsciente, seja do ponto de vista materialista-histórico – ou ainda, por ambos – ficaram marginalizadas da história de intensa produção teórica de nossa área no século XX.

Essa marginalização pode ser verificada pela geografia dessa produção. Em países periféricos do ponto de vista econômico e político, que formam o Sul Global (Santos, 2014) onde estão a América Latina, África e parte da Europa e Ásia, a liberdade de escolha não pode ser tão usufruída pela maioria das pessoas quanto o é no Norte Global, composto pela América do Norte, Oceania, parte da Europa e Ásia (Ribeiro & Fonçatti, 2017).

Como consequência, na América do Sul, por exemplo, ocorreu a criação de algumas teorias de orientação profissional e de carreira cujo foco principal está em como os fatores sociais e/ou inconscientes limitam a autonomia da pessoa que escolhe, sendo os mais importantes determinantes a se levar em conta em qualquer prática do orientador.

Nomeamos aqui a abordagem sócio-histórica de Silvio Bock (2002) e a estratégia clínica de Rodolfo Bohoslavsky (1977).

Dito isso, é necessário reconhecer que a produção de pesquisa científica tanto teórica como aplicada com base nessas teorias não foi tão intensa e extensa como seria necessário para que elas tivessem consistência interna grande o suficiente para despontarem como grandes chaves de compreensão para os variados fenômenos que rodeiam a orientação profissional e de carreira, e a partir daí quem sabe se globalizarem um pouco mais – mesmo que sempre cerceadas pela discriminação estrutural que a globalização impõe ao Sul Global (Santos, 2014).

Essa intensidade e extensão de pesquisa que faltaram dizem respeito não somente ao volume, mas principalmente à variedade de conceitos, temas, objetos e métodos envolvidos na produção científica. Por exemplo, ainda hoje, as maiores fontes teóricas da abordagem sócio-histórica e da estratégia clínica continuam sendo os pares de livros escritos pelos seus fundadores – dois de Bohoslavsky (1977, 1983) e dois de Bock (2002, 2010).

Assim, do ponto de vista dos determinantes inconscientes envolvidos no processo de escolha, há produções, mas têm sido esparsas e pontuais, que envolvem conceitos metapsicológicos com grande potencial explicativo, seja advindos da extensa obra de Freud, seja da obra de outros autores como Klein, Winnicott, Lacan, somente para nomear as maiores escolas de psicanálise. Citaremos algumas a seguir.

Mas, antes, cabe diferenciar o campo prático e o campo de pesquisa em orientação profissional e de carreira. No primeiro, há muitas e variadas experiências na estratégia clínica nas últimas cinco décadas no Brasil e países vizinhos, o que se comprova pela

grande quantidade de relatos de experiência profissional e apresentações de material dessa abordagem em congressos da área.

Em pesquisa recente, Barros, Ambiel e Noronha (2019) mostraram que a maioria dos orientadores brasileiros "embasam sua prática na Estratégia Clínica de Bohoslavsky (n=18), seguidos daqueles que utilizam o referencial de Savickas e modelo *Life Design* (n=11 em cada) e a Teoria de Super (n=7)" (p. 110). Por isso, cerca de um terço dos orientadores relata não utilizar instrumentos psicológicos, baseando seu trabalho na teoria psicanalítica e em menor frequência em outras teorias psicológicas, como psicodrama, psicologia social e junguiana (Barros et al., 2019), onde prepondera o uso de entrevistas, dinâmicas e objetos intermediários.

Essa é a atual realidade da práxis dos orientadores brasileiros. Se a maioria deles se baseia, de alguma forma, na estratégia clínica, e se a demanda pela construção de projetos só aumenta em relação às outras demandas que chegam aos orientadores (inclusive pela ampliação do público para além do adolescente de classe média), então justifica-se aqui que pensemos em uma teoria do projeto na estratégia clínica.

É possível citar trabalhos práticos no campo da orientação profissional e de carreira realizados com diferentes públicos embasados nessas teorias psicodinâmicas, como por exemplo, com pessoas em situação de psicose (Ribeiro, 2004), em diálogo com programas de saúde mental comunitária (Rascován, 2004), adultos em transição de carreira (Uvaldo, 2010), trabalhadores informais (Fonçatti, 2016), vestibulandos (Toledo, 2018), universitários em crise (Fonçatti et al., 2018), processos grupais (Lehman, et. al., 2015; Lehman & Pezo, 2018), entre outros.

No entanto, do ponto de vista de produção teórica, não se verifica a mesma variedade e intensidade na inclusão mais profunda, rigorosa e abrangente de conceitos

teóricos advindos dessas abordagens. Aqui, parece que as maiores contribuições continuam sendo os "clássicos", alguns hoje de valor histórico. Dentre essas produções, destacam-se os trabalhos das décadas de 1940 a 1960 de Bordin (1968) e Roe (1956) que utilizaram conceitos metapsicológicos como desenvolvimento psicossexual, satisfação e frustração de necessidades e realização de desejo (Anne Roe), e identificação, mecanismos de defesa, sublimação e ideal de ego (Edward Bordin). Por sua vez, Bohoslavsky (1977) embasou sua teoria principalmente sobre os conceitos metapsicológicos de reparação, objetos internos e identificação.

Mais contemporaneamente, temos as contribuições de Lehman (1996, 2001) que introduziu conceitos winnicottinianos de *holding* e espaço potencial para compreender o processo e o enquadre de orientação profissional e de carreira; e de Ribeiro (1998a), que a partir dos conceitos lacanianos de suplência e nome-do-pai, propõe que o processo de orientação profissional e de carreira com pessoas em situação de saída de crise psicótica pode ajudar na reestruturação das referências perdidas no momento da crise. Além deles, há alguns autores sul-americanos que desenvolveram modelos teórico-práticos derivados da estratégia clínica, mesmo sem o foco em expandi-la teoricamente, como mostra a sistematização comparativa apresentada por Moura (2014).

Cabe ressaltar que essas contribuições conceituais a partir da psicanálise tinham como foco a problemática da escolha e não da construção de projeto. É para dar outros passos a partir dessa história que vamos apresentar a fantasia como um conceito metapsicológico a partir da psicanálise de Freud e Lacan, para enfim incluí-la na conceituação da construção de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

Fantasia para Freud

Realidade psíquica. Atemporal e amoral. Função articuladora. Fantasia originária. Sonho, delírio e devaneio. Cena teatral. Estrutura de ficção.

A fantasia é um conceito não central da psicanálise. Isso significa que ele não é base para a formulação de outros conceitos, como seriam, por exemplo, conceitos como o inconsciente, o complexo de Édipo e a castração (Dunker, 2017). A fantasia estaria assim em uma ponta da teoria psicanalítica.

Como consequência, a fantasia é um conceito muito maleável, por isso passível de ser posto mais facilmente em diálogo com as ciências-aplicadas e com outros saberes exteriores à psicanálise. Outra consequência é que as formulações teóricas da psicanálise sobre a fantasia não são tão extensas quanto as de outros conceitos mais centrais. Mesmo assim, Freud "cuidou para que em toda a sua obra o conceito de fantasia não fosse uma produção puramente ilusória" (Bandeira. 2016, p. 26).

Por isso, o termo fantasia aparece no decorrer da obra do Freud de forma não precisamente definida. Segundo Leandro, Couto e Lanna (2013), pode-se isolar um período na obra de Freud que foi dedicado ao desenvolvimento do conceito de fantasia, que corresponde aos anos de 1907 a 1911. São textos precursores da metapsicologia, como, por exemplo, *Gradiva* (1907), *Escritores criativos e devaneio* (1908), *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci* (1910) e *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), este último já trazendo uma metapsicologia da fantasia. Neles, o que é ressaltado é o caráter de realidade da fantasia, não a material ou externa, nem no nível de percepção psicológica e cognitiva, e sim de realidade psíquica. Dessa maneira,

> a fantasia diz respeito à vida imaginária do sujeito, bem como à forma pela qual ele representa sua história para si mesmo. Isto significa que a realidade precisa ser investida pelo sujeito para ser significada e é a fantasia que o permite (Leandro et al., 2013, p. 29).

Realidade psíquica é definida como aquilo que a fantasia possui, em contraste com a realidade material, ao ponto de não haver acesso à essa a não ser a partir daquela. Por isso, Freud (1917/1996) coloca que "no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva" (p. 370). Mais adiante em sua obra, Freud coloca claramente essa primazia da realidade psíquica, ligando-a definitivamente ao conceito de fantasia:

> Freud (1937/2017) ao se utilizar do termo construção enfatiza o caráter de criação existente no ato de interpretação do analista. E ao comparar o trabalho do analista ao do arqueólogo nos mostra que essa criação parte de um fato, mas como já bem desenvolvido em sua teoria através do conceito de fantasia, os fatos que marcam o desenvolvimento da psique do indivíduo são menos os reais, ligados à realidade material, e mais os ligados à realidade psíquica (Curado & Lazzarini, 2019, p. 39).

Do ponto de vista metapsicológico, é um equívoco dar valores genericamente diferentes para a realidade e para a fantasia (Barth, 2008). Isso porque a realidade psíquica não está alheia à realidade material, mas tampouco é uma extensão desta. Enquanto a realidade material é histórica, a psíquica é atemporal, ou seja, elementos advindos do passado, presente ou futuro se misturam e se influenciam, produzindo novas formações que não podem ser entendidas de forma somente cronológica e factual (como os sintomas e os sonhos, por exemplo).

Da mesma forma, enquanto a realidade material – que inclui nosso corpo e com ele nosso cérebro – funciona sob as regras do mundo natural (como as leis da física) e do mundo social (como os contratos sociais), a realidade psíquica funciona sob regras próprias, que são as regras do inconsciente: além de atemporal, é amoral (não há o certo

e o errado, nem o verdadeiro e o falso) e onde cabem paradoxos impossíveis na realidade externa. Considerar ambas as realidades juntas ajuda a compreender melhor o que é a experiência humana:

> O que sabemos e acreditamos uns sobre os outros e sobre o mundo é cocriado entre pessoas em contextos relacionais específicos. Uma oposição binária de mundos interno e externo é problematizada por essa compreensão, de modo que a experiência não é compreendida como nem totalmente objetiva, nem reduzida à fantasia interna (Macaskie, Meekums, & Nolan, 2013, p. 353).

A fantasia é o que compõe a realidade psíquica em sua função de atuar como um filtro na relação do sujeito com a realidade exterior. Freud (1925/1996) chegou a essa conclusão ao buscar na realidade material a origem dos sintomas histéricos e não a encontrar por lá:

> Quando fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que minhas pacientes haviam inventado ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, (...) fui capaz de tirar as conclusões certas da minha descoberta: a saber, que os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (p. 39).

Assim, Freud (1925/1996) nomeia os aspectos metapsicológicos de "realidade" porque eles fazem efeito de produzir estados na pessoa, assim como os fatores concretos da realidade material o fazem. Então, mesmo que abstrata (e não concreta), a fantasia não se confunde com uma mera atividade imaginativa, uma ilusão ou um devaneio. Mesmo que a mutabilidade e maleabilidade deste último seja o modelo prototípico da fantasia (Andrade & Herzog, 2017), para Freud (1915/1980) a fantasia se difere dessas outras produções psíquicas pois ela teria uma estrutura articuladora que permitiria entender a formação dos sintomas nos neuróticos e do delírio nos psicóticos.

Sua função articuladora está presente desde o início da constituição do sujeito, mesmo antes deste ter o repertório imagético e simbólico para montar cenas fantasísticas em sua cabeça. A fantasia está na gênese da forma como a criança se constitui no mundo pela brincadeira:

> A atividade de fantasiar é definida assim como uma modalidade de pensamento que prescindiria do teste de realidade, permanecendo subordinada ao princípio de prazer. Nesta perspectiva, as fantasias seriam a condição de possibilidade das brincadeiras infantis, na medida em que, ao brincar, a criança daria ensejo aos primeiros traços de atividade imaginativa, sendo capaz de criar um mundo próprio, ajustando-o do modo que mais lhe agrada (Andrade & Herzog, 2017, p. 172).

Sobre esse mundo próprio que a criança vai criando, Freud elenca três fantasias originárias, em relação às quais ela se defende no encontro com o mundo, e a partir daí se constitui psiquicamente: a fantasia da cena primária, que diz respeito à relação sexual entre os pais que deu origem a ele; a fantasia de sedução, que diz de um encontro desejante inesperado e antes do tempo do sujeito; e a fantasia de castração, que, em última instância, vai dizer sobre a relação do sujeito com os limites, a lei e a impossibilidade de completude (Laplanche & Pontalis, 1991).

Essas três cenas são chamadas de fantasias pois dizem respeito à relação da criança com o mundo que a cerca, mas não dizem respeito diretamente aos fatos concretos que descreveriam factualmente como essas cenas teriam ocorrido na realidade externa. É uma produção inconsciente, que existe como uma forma de lidar com essas cenas potencialmente traumáticas. Por isso, Roudinesco e Plon (1998) consideram a fantasia como “a expressão máxima e mais verdadeira da realidade psíquica" (p. 224). O ato de fantasiar é um ato de criar realidade (no caso, a psíquica), a partir da qual a pessoa vai se haver com sua experiência de estar no mundo (diante da realidade material).

Enquanto componente da realidade psíquica, a fantasia não se confunde com a realidade material. Nesse sentido há uma oposição: "o reino da fantasia tem como pressuposto de sua legitimação o fato de que seu conteúdo foi dispensado da prova de realidade" (Freud, 1919b/2019, p. 107). Mesmo que "toda fantasia se apoie sobre um grão de realidade" (Coelho Junior, 1999), ela não precisou passar pelas provas da consistência factual, da causalidade cronológica e da disponibilidade de objetos que tornam algumas ações possíveis e outras impossíveis na realidade material.

Na fantasia cabem contradições e paradoxos que inviabilizariam a formatação de uma cena externa. Por isso, ela é uma realidade com caráter de ficção:

> A fantasia, posta por Freud (1897) como uma ficção protetora diante da cena traumática sexual, tal como construída no relato dos pacientes, indica o recobrimento de algo que não diz respeito a uma realidade factual, datável e verificável. A fantasia é a própria realidade, não havendo outra que estaria recoberta, como aponta Jorge (2010); assim, uma suposta realidade objetiva está, de partida, perdida (Martins & Vorsatz, 2018, p. 268).

É possível perceber desde as fantasias originárias a "vocação" da fantasia como um veículo de articulação que permite o sujeito lidar com a realidade externa. É justamente nos processos de encontro com o real, como por exemplo, no encontro com o futuro, que a fantasia é convocada a trabalhar, pois uma presença perturbadora do real coloca a fantasia em uma situação de déficit em relação ao que ela permite organizar (Dunker, 2017). Essa convocação abala a fantasia, ocorrendo um processo de desorganização, e o sujeito deve trabalhar em sua reorganização.

A fantasia, então, não é estática, pois estamos em constante trabalho de (re)organização de nossas percepções, sentimentos e pensamentos em relação ao mundo. Como dito, não se trata de uma reorganização racional, baseada em cronologia e raciocínio lógico. Ela acontece de forma inconsciente, alheia à nossa vontade, mesmo que

não de forma invisível: todos nós nos havemos, algumas vezes por dia, com nossas próprias fantasias, seja em momentos de lapsos, atos falhos ou emoções sem causa imediata aparente, seja pela leve suspeita que às vezes temos de talvez estarmos fazendo pequenas distorções em como percebemos a realidade externa, que se manifestam por padrões de pensamento e sentimentos que se repetem e não controlamos.

Assim, haveria um "conjunto da vida do indivíduo que se revela modelado, estruturado por aquilo que se poderia chamar, para sublinhar o seu caráter estruturante, uma *fantasmática"* (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 232). Ou seja, mais do que um conteúdo ficcional produzido em nossa mente, a fantasia é um processo que nos acompanha em toda nossa relação com a realidade externa, filtrando, interpretando e enviesando nossa percepção de si e do mundo.

Por isso, na fantasia não está em jogo tanto do 'que', ou seja, não é da questão dos objetos que ela trata, e sim do entorno dos objetos, de como eles estão em relação à pessoa e como a pessoa está em relação a eles: "a fantasia é um como, ou melhor, o uso possível do como" (Dunker, 2017, s/p.). É claro que toda fantasia tem objetos, mas é errado dizer que para cada objeto haveria uma fantasia diferente.

A produção fantasística, então, revela um certo padrão do sujeito na forma como ele está no mundo. Mudam os objetos (locais, pessoas, situações) e algo da forma como as coisas nos acontecem permanece de uma mesma maneira mais ou menos repetitiva:

> O conteúdo das fantasias seria constantemente alterado, sucessivamente variável em função das diferentes vivências do sujeito, ganhando novos enredos a cada mudança de situação. (...) Esse movimento dinâmico do fantasiar, sua extraordinária plasticidade, permite ao sujeito obter prazer através da realização de desejo. Sendo assim, a organização da fantasia pode ser entendida, por definição, como uma representação da relação que o sujeito estabelece com o desejo e o prazer (Andrade & Herzog, 2017, p. 172).

Ora, o futuro é, por sua natureza, ambíguo, como apresentado na Parte 1 dessa tese por meio de algumas dicotomias relativas a ele. Quando precisamos nos haver com nosso futuro, além de lançar objetos como metas, prazos e estados desejados, inevitavelmente o fazemos filtrados pela nossa fantasia:

> A forma como está organizada nossa percepção, como vemos o mundo, está infiltrada por fantasias, por aspectos projetivos inevitavelmente. Quando perguntamos para alguém: 'o que você vê nessa imagem?' e essa imagem for minimamente ambígua, ela vai começar a depositar nessa imagem, a produzir ou encontrar nessa imagem aquilo que ela não consegue realizar ou subjetivar em si mesma (Dunker, 2019b, s/p).

Ao olhar – ou falar sobre – o futuro, necessariamente projetamos nossa fantasia. Ingmar Bergman, em seu filme "O Sétimo Selo", diz que "o vazio é um espelho". Em última instância, olhar para o futuro é olhar para nossa fantasia. Por isso, grande parte do "como" escolhemos e projetamos tem a ver com a nossa fantasia e não somente com nossa cognição ou contexto social. É sobre ela que se assomam os constructos psicológicos e os condicionantes sociais que dão uma "cara" aparente à nossa escolha ou nosso projeto.

Por isso, a inclusão da fantasia como chave conceitual para a compreensão da construção de projeto não visa substituir a importância dos interesses, competências, biografia, construções identitárias e psicossociais, e recursos econômicos e sociais. Mas, joga luz em um fator oculto e relevante desse fenômeno complexo que é se haver com o próprio futuro.

Para isso, é importante não se confundir a fantasia com o delírio, devaneio ou sonho, pois, para ter valor de fantasia, é necessário que a produção imaginária seja um articulador entre desejo e a lei. Para ser fantasia, deve indicar um modo de lidar com as contingências. Aqui cabe diferenciar duas outras produções psíquicas que não

correspondem à fantasia. A primeira é o sonho, definido do ponto de vista descritivo como uma formação inconsciente que ocorre quanto as funções conscientes estão rebaixadas durante o sono, e do ponto de vista dinâmico, como uma realização disfarçada de um desejo reprimido (Freud,1900/2019). Já o delírio, no caso da neurose, é uma tentativa de fuga da realidade por meio de um afrouxamento das relações com esta, devido a um fragmento dela que se tornou insuportável; e na psicose o delírio tende a ser não episódico, mas sim um funcionamento estrutural, constituindo um superinvestimento libidinal do eu em detrimento do investimento na realidade externa (Freud, 1924/2011).

Diferente da fantasia, o sonho ou delírio não tem necessariamente essa função de ponte, de intermediário entre realidade psíquica e realidade material: "essa propriedade da fantasia inconsciente de livre trânsito, como se pudesse navegar livremente em águas internacionais, pode servir de critério para diferenciá-la de pensamentos inconscientes incapazes de passar pela censura" (Bandeira, 2016, p. 38).

A fantasia não está confinada no inconsciente. Enquanto criação de cena, usa elementos da realidade para se constituir, e ao fazê-lo cria uma realidade: a realidade psíquica. Essa é a ponte: seus elementos vêm da realidade para poder recriar uma realidade, tão real enquanto determinante de nossa experiência no mundo quanto a realidade material ou externa:

> A realidade psíquica, objeto de estudo da psicanálise, não pode ser definida a partir de distinções feitas entre dados objetivos e subjetivos, entre o que seria realidade (verdade) e o que seria fantasia (mentira) ou, mesmo, entre mundos externo e interno (Barth, 2006, p. 73).

A fantasia seria como, por exemplo, os óculos, que feitos de materiais externos à pessoa, quando colocados se integram à função dos olhos e alteram a forma como ela enxerga o mundo ao seu redor, podendo inclusive promover distorções de foco, formas e

cores. A diferença é que podemos tirar os óculos quando quisermos, mas a fantasia, não: nos livrarmos dela seria nos livrarmos de nós mesmos. O que podemos fazer, seguindo na metáfora dos óculos, é tratar de perceber possíveis riscos nas lentes, seu grau e cor, para a partir daí tentar alterá-la. É o que se busca em um processo de psicanálise.

Dessa maneira, o conceito de fantasia pode contribuir para o entendimento de como acontece a ponte entre as duas realidades, psíquica e material. Isso porque ela é uma resposta ao desejo (inconsciente) que determina, cria e coordena os sintomas (manifestações materiais) (Laplanche & Pontalis, 1991), sejam estes patológicos ou de repetições vividas no cotidiano da pessoa:

> A fantasia, no entanto, pode ter destinos diferentes: pode servir para promover a nossa homeostase psíquica e, também, levar à criação artística e à grandes inventos, mas pode, ao contrário promover sofrimento psíquico e mesmo prejuízos à sociabilidade humana quando serve à fabricação de graves sintomas (Fontenele, 2011, p. 118).

Assim, a fantasia não é o sintoma em si, ou seja, não responde ao conteúdo dos sintomas, e sim à formação do teatro em torno deles: nela é possível a encenação do desejo, isto é, a produção das cenas nas quais o desejo se realiza de forma fantasiada.

Essa metáfora do teatro não é casual. A produção da fantasia se manifesta como um roteiro imaginário no qual o sujeito está presente e que representa a realização de um desejo (Laplanche & Pontalis, 1991). Essa *presença que representa* remete à ideia de narrativa, uma estrutura simbólica que sustenta uma série de sentidos sobre a realidade. A fantasia se trata de uma cena, e não do objeto de desejo. É a produção de uma encenação (envolvendo assim cenários, contextos, personagens, enredo) que visa facilitar (diminuir o conflito) a realização imaginária de um desejo:

> Da ligação da fantasia com o desejo, podem-se destacar: (a) as fantasias são encenações organizadas, mesmo que se enunciem em uma só frase, capazes de uma dramatização de forma visual; (b) o indivíduo que fantasia está presente nas cenas, ainda que se trate de uma cena primária e mesmo que pareça excluído; (c) o cerne da representação é uma sequência da qual o próprio indivíduo faz parte, com possibilidade de troca de papeis e de mudanças sintáticas pela frase que enuncia a fantasia; e (d) articulada ao desejo, a fantasia dá ensejo aos processos de defesa pela interdição a esse desejo (Barth, 2006, p. 65).

Mas, diferente da narrativa, no caso da fantasia essa encenação tende a deformar mais os conteúdos perceptivos de realidade, o quanto baste, pois sua função psíquica é garantir a realização do desejo (de forma subjetiva e não necessariamente factual). Já a narrativa precisa contar com uma estruturação exterior ao sujeito, que são as palavras (ditas ou escritas). As diferenças e a relação entre ambas serão apresentadas mais adiante.

Assim, como já dito, fantasia diz respeito mais a um "como", a um modo de acontecer, do que a um conteúdo específico. Na fantasia o sujeito diz como vai se relacionar com esse conteúdo. Não está em jogo a descrição ou verificação da realidade, em termos de verdadeiro e o falso, baseado nas operações lógicas de equivalências e contradições (Dunker, 2017). Isso garante uma liberdade que remete à função psicológica do fantasiar presente nas teorias de orientação profissional e de carreira como uma fase do desenvolvimento ou como uma atividade prática.

Mas, ao contrário dessas, a fantasia enquanto um conceito metapsicológico tem um efeito estruturante no sujeito. Ela forma o seu estilo, inclusive de escolher e projetar, e em última instância, seu jeito de estar no mundo. Dessa forma, a fantasia não se opõe à realidade nem a substitui. O que ela faz é promover articulação entre as duas realidades ao levar em conta elementos de ambas: inclui elementos materiais na cena ao mesmo tempo em que encobre a castração.

Essa função de lidar com a castração, aqui entendida como a internalização da lei (Aquino, 2008), essa instância simbólica que representa os diversos limites de ser, fazer e ter do sujeito, é a principal característica da fantasia. E como é certo que, nas palavras de Boutinet (2002), "o que procuro fazer no porvir estará contrariado pela irrupção do imprevisto" (p. 67), os limites que a indeterminação do futuro impõe ao nosso planejamento no presente faz com que a castração sempre esteja em jogo na construção do projeto:

> Estão incorporadas pelo duplo todas as possibilidades pressupostas das formas do destino, às quais a fantasia ainda quer se aferrar, e todas as aspirações do Eu, que não puderam se realizar devido a expressas circunstâncias desfavoráveis, assim como todas as decisões volitivas reprimidas que resultaram da ilusão de livre arbítrio (Freud, 1919b/2019, pp. 72-73).

Dessa forma, Freud parece concordar que a fantasia é um dos principais elementos pelos quais a pessoa vai tentar organizar seu futuro, seja simplesmente imaginando cenas futuras de forma mais livre no seu dia a dia, seja pela estrutura narrativa do projeto. É a partir dessa organização singular promovida pela fantasia que alguma verdade de si no futuro pode ser anunciada (Dunker, 2017). Essa verdade não descreve nem a realidade dos fatos futuros (pois estes não existem) nem o desejo do sujeito em si, e sim uma conciliação possível entre ambos projetada no futuro ao estilo do seu autor.

A fantasia, então, é uma ficção – como a encenação de uma peça teatral – que revela uma estrutura de verdade daquele sujeito singular diante do mundo, experimentado sempre dentro de um arco temporal:

> A temporalidade da fantasia é constante, é o chão do sujeito. Freud explora a relação do tempo com a fantasia, dizendo que a fantasia entrelaça o passado, o presente e o futuro, pois o indivíduo vive uma situação no presente, que desperta um de seus desejos infantis mais intensos. Com isso, a ideia investida por esse desejo do passado (infantil) é reativada, *e então o indivíduo cria uma situação no*

> *futuro que representa a realização do desejo* (Câmara, 2011, p. 58, grifos nossos).

Para avançarmos em como a fantasia se relaciona com essa "criação de uma situação no futuro", propomos a seguinte síntese da exposição feita até aqui. O conceito de fantasia a partir da psicanálise freudiana revela que haveria sim atividades mentais, isto é, de nível psicológico, que podem ser nomeadas sob o termo fantasias conscientes, como é o caso dos devaneios diurnos e das remontagens dos sonhos noturnos. Elas mantêm o seu caráter de oposição à realidade (não necessariamente de antagonista, mas sim de não submetida ao teste do princípio de realidade).

No entanto, há também o nível metapsicológico do fenômeno que pode ser denominado de fantasia inconsciente, que é aquela organizadora da realidade psíquica e que define como a relação do sujeito com a realidade externa se constitui. Essa diferenciação é importante de ser apontada pois não estamos propondo uma apropriação do termo fantasia para nomear somente a do segundo tipo, e sim apontar que há na fantasia inconsciente essa função estrutural que nos interessa ressaltar para pensar uma teoria da construção de projeto.

A fantasia tem essa função de estrutura porque é um conceito com indeterminação tópica, ou seja, não está recalcada no inconsciente, nem se trata de uma construção racional cuja estrutura está disponível para o conhecimento via observação ou reflexão. Esse trânsito que a fantasia possibilita a torna passagem entre as diversas instâncias psíquicas, sendo esta a sua principal vantagem, pois a todo momento a fantasia é a representante do sujeito.

Aqui o sujeito refere-se, como será exposto mais adiante, ao sujeito barrado do desejo inconsciente. Assim, a fantasia, ao transitar, leva consigo o desejo do sujeito. Aliás, esta é a sua função primordial: transportar um cenário no qual, nas mais diversas

instâncias, situações e circunstâncias, o desejo tenha alguma possibilidade de fluir. Isso inclui a dimensão do futuro.

Essa estreita relação entre fantasia e desejo fica mais clara a partir das contribuições que Lacan fez em torno desse conceito, principalmente no que diz respeito aos três registros da experiência humana e à fórmula da fantasia. A seguir, vamos adentrar nas ideias desse autor.

Fantasia para Lacan

> Escola inglesa. Desejar e querer. Três registros. Real, angústia. Imaginário, certeza. Simbólico, deslize. Real do futuro. O espaço potencial.

A escola inglesa de psicanálise, mais propriamente a partir da obra de Melanie Klein, consagrou o termo "fantasia" em um uso diferente do que estamos fazendo nessa pesquisa, mais alinhada ao lacanismo. Para Klein (1987), a fantasia inconsciente é uma função presente no bebê desde o seu nascimento, pois este já faz deformações das figuras da realidade externa, entre elas a mais importante para si que é a imagem da mãe (ou de quem cuida dele), ou, mais precisamente, o seio materno que o alimenta. É a partir dessas deformações que a criança inicia suas relações objetais, constituindo objetos internos e fazendo operações como introjeções, projeções e identificações. Essas fantasias são anteriores ao princípio da realidade e correspondem às atividades mentais primárias, que assim, são originárias do próprio sujeito.

Essas fantasias, do ponto de vista kleiniano, são representações dos instintos (Oliveira, 2008), e como representação, são baseadas em imagens, sejam visuais ou auditivas, às quais o bebê pode atribuir sentidos primitivos para lidar com o prazer e desprazer, como bom e mau, amor e ódio, que serão os protótipos de todos os sentimentos humanos.

Assim como a escola inglesa e a própria obra freudiana, Lacan também considera que fantasiar é construir cena que propicie a fruição do desejo. No entanto, é a sua resposta à seguinte pergunta que vai diferenciar sua conceituação sobre a fantasia: por que essa cena é necessária? Para Lacan, a necessidade da existência de uma cena para que o desejo aconteça se dá porque o desejo, ou melhor, o objeto causa do desejo, é da ordem do real que não se inscreve na experiência humana. Para facilitar a aproximação com o desejo, é necessária uma construção por outro registro de experiência, imaginário ou simbólico, que aqui está sendo chamada de cena.

Antes de adentrarmos às definições dos três registros da experiência, cabe ressaltar que quando utilizamos o termo desejo nessa pesquisa, de forma alguma estamos igualando sua significação ao querer. Assim como ocorre com o termo fantasia, a palavra desejo é também de domínio popular, geralmente com o sentido de um querer intenso ou profundo. No caso dessa pesquisa, desejo é um conceito psicanalítico definido por Lacan (1959-1960/1997) de forma negativa, isto é, não como uma ação, uma substância ou mesmo uma instância psíquica, e sim como aquilo que emerge a partir de uma falta. O desejo não se define pela presença de um objeto desejado, e sim pela falta de um objeto que esteve ali e se perdeu. Assim, o desejo é um movimento em direção ao preenchimento dessa falta, movimento este que é um elemento essencial da experiência humana e a forma como ele se dá é estruturante de todo psiquismo do sujeito (Nogueira, 1999). Aprofundaremos essa explanação ao analisarmos a fórmula da fantasia, mais adiante.

Então, quando dizemos que a fantasia é necessária para facilitar a fruição do desejo, é a esse fenômeno a que nos referimos, e não necessariamente à ação de querer algo. Algumas vezes, inclusive, o desejo inconsciente e o querer consciente se opõem um ao outro, gerando uma miríade de sintomas como angústia, mal estar, sentimento de culpa, explosões de raiva e atos falhos, por exemplo.

Dito isso, retomamos a ideia de que o objeto causa do desejo inconsciente é da ordem do real, nos obrigando a trabalhar nos registros imaginário e simbólico a fim de construir "cena" para abrigar esse desejo. Os três registros da experiência humana foram propostos por Lacan em 1953 com o intuito de demostrar as diferenças do uso da linguagem no discurso do paciente em análise: "do primeiro seminário, de 1953-1954, ao último, de 1977-1978, simbólico, imaginário e real podem ser situados como o eixo a partir do qual a teoria e a técnica psicanalítica são abordadas por Lacan" (Faria, 2019, p. 2).

Nas palavras dele, real, imaginário e simbólico "são precisamente os registros essenciais da realidade humana" (Lacan, 1953a, p. 3). Ou seja, é uma forma de decompor um todo, mas cujas partes somente fazem sentido junto às duas outras:

> Apresentar separadamente estas três dimensões responde a uma questão didática. No entanto, nos deparamos constantemente com o fato de que não podemos falar de uma dessas dimensões separadamente uma das outras, e que o operador de cada uma delas é relativo aos outros (Porge, 2000, p. 122).

No processo analítico, as formações imaginárias precisam ser dirimidas para que o tratamento se opere no registro do simbólico, a fim de alcançar alterações no encontro do sujeito com o real, esse registro onde estão, em última instância, seu gozo e o objeto causa do seu desejo.

O real é definido por Lacan (1953a) com aquilo que não cessa de não se inscrever. Adiantamos essa definição na Parte 1 dessa tese, ao propormos uma definição de futuro. O caráter de não cessar significa que o real está sempre presente, seja em que momento cronológico ou em que situação factual o sujeito esteja. Há sempre um resto que escapa à experiência, ao registro pelos sentidos ou ao entendimento pelo intelecto. Esse "resto"

é nomeado assim pois nunca se inscreve, isto é, nunca é diretamente acomodado dentro da ordem simbólica que compõe tudo aquilo que o sujeito é, pensa e faz.

Essa característica de não ter representação não implica que o real seja transcendente à realidade. Ao contrário, ele é parte da realidade, mas essa parte que "não tem nome, nem nunca terá; não tem tamanho, nem nunca terá; que não tem juízo", nas palavras de Chico Buarque em sua música "À flor da terra".

Então, se há essa dimensão da experiência humana que sempre escapa, como saber que ela existe? Não se inscrever via palavras ou medidas não significa que ela não seja percebida: há momentos em que o real recai sobre nós, e temos uma experiência de invasão, como algo que vem de fora, do outro, ou da própria realidade, e sobre a qual não temos controle. Nesse momento sentimos angústia:

> Também compete à fantasia uma forma de atividade constante no sentido de tornar menos hostil a realidade exterior gerando um mínimo de satisfação às exigências contínuas da pulsão. Assim, a fantasia é condição necessária, ao menos para a perspectiva neurótica, para que algo como uma realidade possa ser inferida da relação do sujeito com o Real, ou paradoxalmente, para que o Real possa ser inferido da relação entre o sujeito e a realidade (Leandro et al., 2013, p. 35).

Um sinal clínico da falha na fantasia é a angústia (Dunker, 2017). Quando uma pessoa procura um processo de orientação profissional e de carreira, ela está com algum nível de angústia (ou, dependendo do caso, alguém está angustiado por ela – geralmente os pais ou professores, se for um pré-adolescente). Estar angustiada não significa necessariamente estar em sofrimento. Este é mais que uma angústia que incomoda, pois pressupõe uma duração no tempo, alguma cronificação da qual a pessoa não encontra a saída (Dunker, 2015).

A angústia, mesmo desconfortável, é preciosa, pois é por esse sentimento que conseguimos nos "lembrar" do real e nos haver com nossa fantasia. Já o sofrimento não é precioso, ao contrário: precisa o quanto antes ser tratado e transformado. Por isso, Maria da Conceição Coropos Uvaldo (comunicação pessoal, 2011) diz que "a orientação profissional e de carreira, diferente da terapia, não trabalha com o sofrimento. Trabalhamos com o lado saudável da pessoa."

Assim, a angústia não é necessariamente sinal de doença. A causa de uma angústia é um encontro com o real, que no caso da nossa prática, é o encontro com o futuro. Este, que sempre está à nossa frente, por vezes se apresenta a nós, e nos questiona: "o que você quer?" Essa pergunta que o futuro nos faz, da ordem do real, convoca nossa fantasia a operar nos registros do imaginário e simbólico, a fim de calar a pergunta com algum tipo de resposta possível naquele momento. O processo de orientação profissional e de carreira na estratégia clínica é justamente uma tentativa não de calar a pergunta imediatamente, ao contrário, é sustentar essa pergunta para que a resposta a ela seja mais profunda e mais significativa para a pessoa.

Isso porque diante do real que se apresenta, o que o sujeito faz é usar recursos imaginários e simbólicos para dar conta disso que não tem nome. Eles compõem o material de trabalho do orientador, pela via da fala do orientando. Por isso, Nava (2004) ressalta "a importância de explorar e trabalhar o imaginário construído pelo sujeito em torno das profissões como elemento essencial de análise para esclarecer as fantasias dos adolescentes quanto ao seu futuro profissional" (p. 28).

O registro do imaginário pode ser entendido como a porta de entrada e saída da relação da pessoa com o mundo, caracterizada pelo uso de imagens, sejam elas mentais, acústicas ou visuais, compartilhadas socialmente e que portam um significado

consistente, estável ou fixo. Não se confunde com a imaginação, que é uma atividade mental ligada à outra atividade mental já abordada nessa tese: o fantasiar. O registro imaginário tem mais a ver com o valor de imagem do que com os pensamentos imaginativos, criativos ou fantasiosos.

Esse valor de imagem significa que ao sermos expostos a uma ideia, frase ou retrato, somos convocados à experiência de reprodução de um sentido único e compartilhado, que fabrica um efeito de certeza em nossa experiência: "um comportamento pode ser imaginário quando sua orientação para as imagens e seu próprio valor da imagem para outro sujeito o tornam suscetível a um deslocamento para fora do ciclo que garante a satisfação de uma necessidade natural" (Lacan, 1953a, p. 9).

Esse deslocamento é a característica de artificialidade que o registro imaginário tem, que ao mesmo tempo fornece pertencimento a um grupo social ou sintonia a uma ideia compartilhada, mas torna a experiência humana mais genérica e fixa. É o que aparece em orientação profissional de carreira como os estereótipos das profissões, de ser adulto, de ter sucesso, de ser homem, mulher, rico, feliz etc.

Já o registro no simbólico tem sua diferenciação em relação ao imaginário justamente pela característica de propiciar um deslize de sentidos, onde a experiência tem um caráter não de reprodução, mas de encontro, desencontro e reencontro:

> É precisamente assim que devemos compreender o que é simbólico na troca analítica, ou seja, que aquilo que encontramos e sobre o que falamos é o que encontramos e reencontramos incessantemente, (...) trata-se ainda e sempre de símbolos, e até de símbolos muito especificamente organizados na linguagem, operando, portanto, a partir daquele equivalente da articulação do significante e do significado: a própria estrutura da linguagem (Lacan, 1953a, p. 11).

O valor de símbolo denota a capacidade de articular e mover-se entre significados, portando ora um sentido, ora outro, e por vezes um duplo sentido. Não está em questão aqui o pertencimento e a certeza, senão a produção via linguagem de novos arranjos de sentidos.

Por exemplo, ao solicitar que o orientando fale mais sobre o que é para ele ser engenheiro, ser adulto ou ser mulher, de forma que ele tenha que se descolar dos estereótipos e buscar suas palavras para dizer algo ao orientador, o que se está fazendo é propor um deslizamento do registro imaginário ao registro do simbólico. Essa fala do orientando sempre será parcial, incompleta, ou contendo alguma contradição, e é esperado que assim o seja, uma vez que é o caminho para a ampliação e inovação de suas falas e ideias sobre si e sobre o mundo.

Há um ditado que diz que "quem nunca se contradiz certamente está mentindo", isto é, qualquer produto somente imaginário é, no fundo, uma mentira, pois afasta o sujeito ainda mais de um encontro com o real. A dimensão do simbólico na experiência humana não é nem a da verdade nem a da mentira, mas sim a da dúvida.

Como síntese para diferenciar os três registros, Jorge (2020) propõe a seguinte formulação. O real se trata do *não-senso*, onde está em jogo o *impossível*. Ele não cessa de não se inscrever. O simbólico se trata do *duplo sentido*, onde está em jogo o *contingencial*. Ele cessa de não se inscrever. E o imaginário se trata do *sentido*, onde está em jogo o *necessário*. Ele não cessa de se inscrever.

Alguns exemplos de experiência de vida tornam esse processo mais claro. É o caso de apresentações mais conspícuas do real, por exemplo, diante da morte, da sexualidade, e do futuro. O ritual do velório e enterro, por exemplo, é um trabalho simbólico para lidar com isso que nos escapa em relação à morte. Lançamos mão de

símbolos, rituais socialmente estabelecidos de passagem, que são de fundamental importância para que consigamos registrar a morte que recaiu sobre alguém querido.

Nesses momentos, provemos objetos estéticos, fazemos lembranças e homenagens para alguém que, a rigor, não está lá. Esse registro é simbólico (cerimônia de velório com todos seus símbolos e rituais até o enterro), e além disso contamos também com o registro imaginário (quando recorremos a crenças que fazem um efeito de certeza de que a pessoa falecida está bem, está melhor, descansada, em paz etc.). Mesmo com todos esses processos, a morte continua sendo da ordem do real: é o registro de nossa experiência diante dela que muda.

No caso da sexualidade, quando o impulso chega até o sujeito, este usa os recursos simbólicos e imaginários para criar as fantasias sexuais, que nada mais são que cenas ou situações confeccionadas para tentar dar lugar ao desejo sem que isso implique em entrar em confronto direto com a lei internalizada. A fantasia é importante para a fruição da sexualidade porque uma vez que esta emerge no sujeito, há um encontro com o registro do real do próprio corpo que o impossibilita de lidar diretamente com ela.

Uma boa fantasia sexual seria aquela que permitiria viver a sexualidade em forma de fruição, independente do objeto ao qual a energia está ligada. É uma cena que de certa maneira mascara ou encobre o real da sexualidade. A função da fantasia sexual, assim, não é necessariamente se realizar (tornar-se "verdade"), e sim ajudar o sujeito a deslizar entre a verdade e a mentira, entre o ato e a encenação.

Com o futuro, o mesmo processo acontece. Sendo o futuro da ordem do real, a cena que se constrói para viabilizar o contato com isso que não cessa de não se inscrever (ou, no caso do futuro, que não cessa de não acontecer) não pode ser feita a não ser a partir das ordens do simbólico e do imaginário. Se nos propomos a construir um projeto

para lidar com o futuro, depreende-se que este é a maneira imaginária e simbólica que encontramos para lidar com o real do futuro.

Uma boa fantasia, ou uma fantasia que funciona bem, é a que ajuda a suportar a dimensão do real. O projeto pode cumprir a função de uma boa fantasia se ele incidir sobre o futuro possibilitando suportá-lo, habitá-lo e saber algo sobre ele – mesmo que jamais revele a sua "verdade", isto é, que consiga antecipar a sua veracidade factual.

Essa impossibilidade de "adivinhação dos fatos vindouros" por meio do projeto remete à concepção de escolha de Boholavsky (1977), que considera que qualquer definição que o sujeito faça sobre seu futuro não diz respeito somente a uma definição do que *fazer* (a factualidade do futuro), mas também a quem o sujeito virá a *ser*.

Há no futuro algo no nível do real, indomável e eternamente enigmático. Diante dele, não temos outra opção a não ser nos lançar nesse trabalho imaginário-simbólico visando encobrir o real do futuro para que este se inscreva e se torne apto ao nosso desejo, assim como o nosso desejo se torne apto a ele:

> O encontro do sujeito com o Real se torna possível a partir da função de mediação da fantasia. Nessa perspectiva, a produção de sentido passa a ser efetuada pelo imperativo do desejo inscrito nas cenas fantasísticas, revelando que todo acontecimento possui algo de Real que precisa ser fantasisticamente suportado (Leandro et al., 2013, p. 43).

A fantasia seria, como já foi dito, aquilo que torna a lei apta ao prazer, o prazer apto à lei (Laplanche & Pontalis, 1991). Lei aqui está no sentido daquilo que a pessoa não escolhe, que recai sobre a pessoa, o real. Sobre isso, Martins e Vorsatz (2018) colocam que: "tecida pelo fio do desejo, a fantasia se destaca do mundo externo, conservando-se como uma reserva decorrente do princípio de prazer no momento de instauração do princípio de realidade, isto é, se mantém livre em relação às exigências da vida" (p. 268).

O fantasiar então pode ser entendido como uma zona de transição entre o princípio de realidade e o princípio de prazer (Andrade & Herzog, 2017).

Essa zona de transição remete ao conceito de espaço potencial de Winnicott (1975), introduzido por Lehman (2001) como um operador teórico para a compreensão da cena orientador-orientando (ou grupo de orientandos). A diferença entre o teor transicional do espaço potencial e da fantasia, conforme exposta nessa pesquisa, é que o primeiro é um conceito intersubjetivo, enquanto o segundo é um conceito metapsicológico. Winnicott (1975) coloca ênfase na relação com o ambiente – o que inclui as outras subjetividades – como um dos fatores principais para a constituição do sujeito. Por isso, o espaço potencial diz respeito ao que está entre os objetos subjetivos e os objetos objetivos, sendo assim uma zona intermediária que inclui o sujeito, mas não está conscrito dentro dele.

Já a fantasia tem seu caráter de fenômeno metapsicológico, isto é, conscrito no sujeito, mesmo que não "enterrada" em seu inconsciente e sem acesso nenhum à realidade externa. Assim, espaço potencial e fantasia são dois conceitos que não se contradizem nem disputam a descrição do mesmo fenômeno, pois têm naturezas diferentes, apesar de ambos estarem na zona intermediária entre as duas facetas da realidade: os objetos subjetivos e objetivos no caso do primeiro, e prazer e lei no caso do segundo.

Então, tornar o prazer apto à lei seria, por exemplo, como incluir o desejo da pessoa nos seus planos sobre seu futuro. E tornar a lei apta ao prazer seria o processo de desenhar um projeto que sirva justamente como canal para facilitar a existência daquilo que ela deseja para si e para o seu entorno no futuro. O projeto é uma figuração do futuro que permite alguma deturpação da realidade para que o futuro seja diferente do presente, e que seja mais semelhante à encenação do desejo. O projeto deve ser feito levando-se

em conta um modo de lidar com as contingências (não rígido e fechado), mas sempre com algum espaço para o desejo.

Por ter também essa função, a fantasia é convocada a aparecer mais fortemente quando estamos diante da pergunta feita em italiano pelo diabo no romance "O diabo Enamorado", de Jacques Cazotte, lembrada por Lacan no "Seminário VI – o desejo e sua interpretação" (1958b/2002): *Che vuoi?* Ou: o que você quer? Essa pergunta, quando vinda do Outro, nos convoca a uma resposta que desconhecemos, e aí a fantasia é convocada a trabalhar. O que é o futuro, senão uma grande e constante pergunta diante de nós: o que você quer?

Ora, o projeto é uma resposta a essa pergunta. Então, pensar no futuro é em alguma medida fazer a fantasia trabalhar. E quando somente pensar não basta, e precisamos dizer, nomear e planejar ações em direção ao futuro, é a hora de fazer um projeto.

A pessoa não precisa estar em um processo de orientação profissional e de carreira para se haver com seu futuro – fazemos isso todos os dias, mais ou menos intensamente e mais ou menos ordenadamente. Quando ela não consegue fazer isso sozinha, vai buscar um processo de orientação profissional e de carreira. Toda vez que a pessoa estiver nesse processo, ela será convocada a estar não somente diante de si e do mundo do trabalho e educacional, mas também diante de seu futuro, com a ajuda de alguém qualificado para isso.

Assim, a construção de um projeto não é exclusividade do orientador. As pessoas são capazes de fazê-lo sozinhas, assim como são capazes de escolher sozinhas. Mas, com a experiência de passar por um processo de orientação, tanto a escolha como a construção de um projeto tendem a ser mais significativos, profundos e esclarecidos, devido a seu caráter intenso e relacional.

O projeto é uma construção imaginária e simbólica que visa suportar o real sobre o futuro. É evidente que do ponto de vista operacional ele é repleto de pesquisas, raciocínios e planejamentos que visam sua realização. E do ponto de vista subjetivo, ele é psicossocial no sentido de levar em conta as características da pessoa e seu contexto, tanto suas potências como seus limites e impossibilidades. Agora, do ponto de vista metapsicológico, o projeto é um trabalho imaginário e simbólico sobre a relação do sujeito com o mundo, e esse trabalho tem o nome de fantasia. Os três pontos de vista que compõe o projeto não anulam uns aos outros, mas cooperam para sua construção, objetivo o qual a orientação profissional e de carreira se propõe a promover diante de seu objeto complexo.

Então, mesmo sem ajuda do orientador, a pessoa está constantemente fazendo esse processo imaginário e simbólico diante de seu futuro. E quando o faz, é pela via da sua fantasia. Desse modo, fantasiar não é uma opção racional: é o recurso neurótico que se manifesta diante do encontro com o real (Nasio, 2007). No entanto, construir um projeto é sim uma opção racional diante do futuro. Qual seria, então a diferença entre fantasiar sobre o futuro no dia a dia e construir um projeto sobre o futuro?

Pensado nos níveis operativo, psicossocial e metapsicológico citados acima, entendemos que o projeto não é uma fantasia, ou seja, não equivale a uma fantasia. Se podemos dizer que o projeto é uma coisa, ele é uma narrativa, como apresentado na Parte 3 dessa tese. Seja em sua estrutura ou em seu funcionamento, são as características da narrativa que correspondem ao que estamos conceituando como projeto. Acontece que, por estar diante do real do futuro, o projeto é uma narrativa que faz o efeito semelhante ao que a fantasia faz: cena para fruir o desejo. “Logo, a fantasia nada mais é do que uma encenação no palco do psiquismo, na qual o enredo da trama é a satisfação de um desejo que não pôde ser saciado na realidade” (Matte & Facchin, 2019, p. 4).

Então, podemos concluir que há uma fantasia que subjaz a narrativa do projeto. Se não houvesse, ele falharia em mascarar o real, ou, em outras palavras, falharia em nos permitir fruir melhor em direção ao nosso futuro. Cabe aqui compreender como narrativa e fantasia se diferenciam e cooperam na construção do projeto.

Relação entre fantasia e narrativa

> Fantasia via narrativa. $ ◊ a. *Objeto a*. Narrativa estrutura projeto, fantasia estrutura narrativa. Novela, conto e poesia. Adaptacionismo.

Entendendo-se o projeto como uma maneira de falar sobre o futuro, e esse dizer é enunciado desde o ponto de vista do sujeito, o que está em jogo nele é conciliar o desejo com os limites da realidade. Ao fazê-lo, o projeto deve se sustentar diante do constante fluxo de realidade que o futuro traz. Essa ponte entre o desejo e a lei é feita via fantasia. Sob o projeto, então, sempre está uma fantasia.

Mas, dada a sua característica de prescindir do teste de realidade, essa fantasia carece de uma estruturação que a faça se configurar como uma construção que se sustente na realidade, se mantendo maleável, mas "de pé" ao longo do tempo e das contingências. Essa construção visa fornecer, ao mesmo tempo, alguma consistência imaginária-simbólica para o futuro e algum sentido para as ações no presente. Ela é necessária para continuidade da vida:

> Se há ilusões em jogo na consistência imaginária, elas são em certa medida necessárias. Até mesmo sujeito que passou pela experiência de final de análise, que esvaziou ao máximo os espelhismos imaginários, deparando-se com o lugar vazio de demandas do Outro, precisará retomar alguma consistência imaginária para continuar vivendo (John, 2017, p. 101).

O que pode trazer essa estruturação no caso do projeto não é a fantasia, e sim a narrativa. Aqui estamos em consonância com a orientação profissional e de carreira

contemporânea, na qual o método narrativo tem sido apontado como o principal caminho para auxiliar as pessoas diante de seus futuros, conforme exposto na Parte 3 dessa tese. Para a estratégia clínica, então, o projeto seria uma fantasia sob uma estrutura de narrativa.

Fantasia e narrativa se diferenciam do ponto de vista conceitual (definimos a primeira como metapsicológica e a segunda como psicossocial), mas estão imbricadas enquanto fenômeno. Há um paradoxo na fantasia: ela "pode se apresentar como uma estrutura articulada ao campo discursivo do sujeito, ou então, como o que justamente escapa a tal encadeamento" (Salztrager, 2006, p. 79). Isso porque não existe como exemplificar ou descrever uma fantasia a não ser com palavras, que atribuídas ao sujeito, aos objetos e à relação entre ambos, costuma formar uma narrativa.

No entanto, apesar da fantasia ser expressa por representações (Bandeira, 2016), todos as palavras que estão sendo usadas no momento em que se produz uma descrição da fantasia não equivalem ao que ela é, pois ela é da ordem do real. Isso se verifica na constatação de que em tantas descrições feitas pelo mesmo sujeito, trocam-se totalmente as palavras, os nomes, os objetos e as situações, mas a fantasia permanece a mesma. É como se as histórias fossem todas diferentes, até serem a mesma – essa estrutura onipresente é a fantasia sob as narrativas:

> "Por maiores que sejam as variações da fantasia no âmbito imaginário, simbolicamente elas expressam sempre a mesma estrutura, já que em todas elas é possível observarmos a presença de um sujeito barrado em busca de seu objeto de desejo" (Oliveira, 2008, p. 95).

Para salientar esse caráter de estrutura, Lacan (1957-1958/1999) procura utilizar o termo fantasma, a fim de que não haja confusão com o termo fantasia enquanto descritor de uma atividade mental psicológica. Aqui preferimos manter o termo fantasia por um

motivo semelhante: evitar o mal entendido e confusão e susto que provavelmente decorreria da introdução de um "fantasma" no campo da orientação profissional e de carreira.

Retomando, para descrever essa estrutura, Lacan conceitua a fantasia a partir de uma fórmula: "É no Seminário V – Formações do inconsciente – que Lacan introduz o matema da fantasia: $ ◊ a, estrutura fundamental que está presente nas fantasias de todos os sujeitos, em qualquer idade" (Oliveira, 2008, pp. 115-116). O recurso ao uso de uma fórmula se justifica porque, à semelhança da linguagem matemática, nela não há o uso de palavras, e sim de símbolos com significados únicos e exclusivos através dos quais procura-se tirar qualquer nuance imaginária da definição conceitual:

> Lacan (1966-1967) nos adverte para o fato de a fantasia, comumente tomada na psicanálise a partir do registro do imaginário, ser por ele abordada em relação a uma estrutura, ou seja, em relação à lógica. A seu ver, não há antinomia entre a lógica e a fantasia, já que há uma lógica da fantasia, que ele escreve através do seguinte matema: $ ◊ a (Carreira, 2009, p. 163).

Esse uso de símbolos são os chamados matemas, presentes de forma cada vez mais intensa conforme avança a obra de Lacan. O objetivo de uma definição via símbolos ao invés de palavras é justamente lançar mão do mínimo de recurso simbólico para representar aquilo que não tem nome, portanto nenhuma palavra consegue captar: o real da experiência.

No caso da fantasia, esse real é representado com a seguinte fórmula: $ ◊ a (Lacan, 1957-1958/1999), que poderia ser expresso via palavras em algo como "o sujeito barrado em busca do objeto a". O símbolo $ representa o sujeito barrado; a letra *a* minúscula, o *objeto a*; e o losango representa a relação entre ambos.

Quanto ao sujeito barrado, aqui cabe mencionar novamente que esse sujeito não é a pessoa – como já explicado anteriormente, palavra esta escolhida para ser usada durante toda essa pesquisa para se referir ao polo do "indivíduo" em relação ao mundo. O sujeito é o sujeito do inconsciente, ou seja, a parte do "eu" que não se refere à identidade, aos papéis sociais, em suma, ao ente psicossocial. É o "eu" que está em função do seu desejo inconsciente, muito vezes à revelia da própria pessoa – daí ele ser barrado. Durante essa tese, quanto nos referimos especificamente a esse aspecto no indivíduo, procuramos utilizar o termo sujeito; quando nos referimos ao indivíduo de maneira mais geral, com seus aspectos psicossociais, utilizamos o termo pessoa.

Assim, o desejo inconsciente não tem um objeto, a não ser o *objeto a* (Lacan, 1962-1963/2005). Já o "desejo consciente", por assim dizer, sempre tem um objeto. É na passagem do desejo inconsciente para o "desejo consciente" que atravessam a classe social, gênero e demais fatores sociais e psicológicos que ajudam a determinar o objeto do "desejo consciente" – aquilo que a pessoa quer ou está inclinada a obter. Assim, os determinantes psicossociais determinam os objetos do querer, mas não determinam o desejo: o desejo é determinado pelo desejo inconsciente, que por sua vez é determinado pelo *objeto a,* descrito pela fórmula da fantasia.

O sujeito é aquele que conjuga, para usar uma metáfora gramatical, os "verbos" do desejo inconsciente. Estes são todos, em última instância, referidos a um objeto específico, que não são os objetos presentes na realidade material ou externa (como interesses ou gostos pessoais). Esse objeto é chamado por Lacan de *objeto a* (1962-1963/2005), e está contido na fórmula da fantasia pela letra *a* minúscula.

O *objeto a* está fundamentado a partir de sua função de causa do desejo inconsciente (Costa-Moura, 2003). Isto é, não é equivalente a nenhum objeto material,

pois se trata de uma inferência: como existe o sujeito do inconsciente, este existe porque o desejo inconsciente existe. E, para haver esse desejo, primeiramente deve ter havido um outro que causou esse desejo. Esse outro é o *objeto a*, cuja característica principal é ser eternamente inalcançável, sempre escapando ao sujeito que, diante disso, continua em seu movimento de desejar – e assim pode buscar ir ao encontro dos mais diversos objetos do mundo, sem nunca esgotar essa busca:

> Dessa forma, a passagem do plano semiológico para o hermenêutico revela o desejo como uma função negativa, na mesma medida em que postula a fantasia como uma função positiva, ou seja, o que falta ao desejo, a fantasia providencia. Ao desejo falta o objeto, pois o desejo é pura negatividade, no sentido de ser um ato psíquico que busca realização por meio dos recursos fornecidos pela fantasia. A positivação do objeto, então, é uma função exclusiva da fantasia (Leandro et al., 2013, p. 31).

Essa positivação do objeto pela fantasia é a eterna busca pelo objeto que a causou. É uma busca sempre malograda, e por isso mesmo potente, pois no ato contínuo impossível de reencontrar o *objeto a*, o sujeito encontra os mais diversos objetos que o encantam, o satisfazem e dão sentidos para sua vida (sempre de forma parcial e deixando uma falta). Na fórmula da fantasia, o losango que fica entre os símbolos *$* e *a* representa justamente esse ato contínuo.

A importância de incluirmos aqui a fórmula da fantasia para nossa conceituação está na necessidade de diferenciar claramente o conceito metapsicológico de fantasia, que é o que nos interessa, dos outros sentidos do termo, mais ligados às funções psicológicas ou até mesmo às produções artísticas:

> A psicanálise propõe um quarto lugar da fantasia, diferente daqueles traduzidos pela religião, pelo capitalismo e pela ciência. (...) Ela propõe um lugar do desejo, que é aquele lugar, no matema da fantasia, entre $ e *a* pequeno. Porque aquilo ali é um lugar, é um lugar da fantasia. E acredito que, na cultura, há, hoje, dois

> discursos que sustentam esse lugar: a psicanálise e a arte. A arte é também um discurso poderoso que tenta sustentar esse lugar do vazio e da falta (Jorge, 2006, p. 36).

Conforme coloca Jorge, a arte também pode nos propiciar esse "vislumbre" do real, pois nela é possível talhar os recursos de imagens e símbolos até seus limites. Por isso é comum sentirmos arrepios, angústia ou estupor diante de certas músicas, pinturas ou textos. Esse também é o motivo pelo qual, além da conceituação da psicanálise, utilizamos algumas metáforas da literatura para expor o funcionamento da fantasia na construção do projeto.

Essa exposição sobre a fórmula da fantasia um pouco longa, no sentido de um desvio do nosso tema, ao mesmo tempo muito breve e resumida, tendo em vista a complexidade do assunto, foi importante para podermos compreender a principal relação entre as funções da fantasia e da narrativa no processo de construção de projeto. Vamos a ela.

A fantasia no projeto teria a função de regra de sintaxe, enquanto a narrativa seria o vocabulário de palavras. A regra vale para as mais diversas combinações de palavras, coordenando-as de acordo com seu funcionamento. Mas, sem as palavras, a regra é abstrata e morta: toda fantasia só vem à tona como uma "fantasia imajada", nos termos de Nasio (2001).

Da mesma forma, não há como produzir uma narrativa na qual não esteja embutida a fantasia de quem a produziu. Uma vez que a narrativa somente existe a partir de seu autor e de um outro interlocutor, o que foi chamado na Parte 3 dessa tese de ponto de fala e ponto de escuta, a fantasia do autor, ou sua gramática, jaz por baixo de suas palavras, isto é, na organização narrativa de personagens, enredos e cenários.

As narrativas, então, são sempre históricas. Já a fantasia é pré-histórica[34]. Isso significa que ela não depende da série de elementos com os quais o sujeito se depara no decorrer de sua história para poder se constituir. Como um fenômeno inconsciente, ela não corresponde à lógica consistente da historicidade, e sim à uma lógica de estrutura, que tem funções tópicas, econômicas e dinâmicas. Essa estrutura é constantemente preenchida pelos conteúdos vividos da pessoa. Assim, a mesma fantasia virtualmente se presta a um número infinito de narrativas, como se fosse um conjunto de peças de um quebra-cabeça que poderiam formar infinitos desenhos.

Enquanto a narrativa estrutura o projeto, a fantasia estrutura a narrativa. E essas, por sua vez, "provocam" a fantasia. Isto é, ao articular de forma verbal os conteúdos vividos, a pessoa acaba por convocar a gramática do sujeito, ou, em outras palavras, seu estilo singular de arranjar esses elementos e experiências de vida.

A partir dessa afirmação, podemos pensar que, no que se refere ao processo de construção de projeto, tanto a fantasia como a narrativa estão presentes desde o seu início, quando frequentemente está em pauta o passado do orientando. O adulto em uma orientação profissional e de carreira, ao ser convidado a falar do seu passado diante de alguém que se propõe a escutar, vai produzindo algo que remete claramente a uma narrativa. Isso porque ele já viveu muitas experiências em sua relação com o mundo do trabalho e educacional, portanto, tem muito conteúdo – ou vocabulário – do qual buscar palavras para compor a narrativa.

[34] Pré-histórica aqui se refere à divisão antropológica entre pré-história e história pelo marco da criação da escrita. A era pré-histórica não está fora do fluxo da história, mas é anterior aos registros documentados pela escrita. Da mesma forma, a estrutura de fantasia de uma pessoa foi formada, evidentemente, durante sua história precoce, não sendo inata. No entanto, ela é pré-histórica na medida em que é anterior à aquisição da linguagem em forma de discurso falado ou escrito.

O mesmo não necessariamente acontece com o adolescente, principalmente se ele não precisou ainda se haver com muitas questões de trabalho e educação de forma não tutorada e protegida. Esses adolescentes tendem a produzir narrativas mais parecidas a um conjunto de contos ou crônicas, não necessariamente encadeados em um volume mais ou menos coeso no arco temporal, como acontece com os adultos, cuja narrativa remete a uma novela.

No entanto, seja com adolescentes ou com adultos, existindo um autor nessa cena de fala e escuta, há uma fantasia que vai se revelando. Ainda na metáfora literária, seja na forma de uma novela ou de um conjunto de contos, em ambas as produções há uma produção poética subjacente ao relato. Isso não significa que o relato se apresenta com uma estrutura de poesia, pois como já dito, não é a fantasia que estrutura o projeto, e sim a narrativa.

Mas, a base dessa estrutura é poética, no sentido das regras gramaticais de sintaxe e a semântica das palavras que estão singularizadas pelo autor da narrativa (como é próprio da poesia). Não é possível construir uma narrativa sem gramática – no mínimo haverá uma gramática desconstruída e muito própria de determinado autor, como em voga na literatura modernista, por exemplo.

A aparição da sintaxe do sujeito é o sinal de que aquele relato narrativo é significativo, isto é, *apresenta e representa* o sujeito, e é a partir de um relato assim que se torna possível construir projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. Como uma vez colocou Marcos Moura (comunicação pessoal, 2020), "uma vez que estamos diante de uma singularidade, escolhemos elevar essa singularidade ao nosso material de trabalho".

Ao orientador cabe, então, não somente auxiliar a pessoa a estruturar uma narrativa, mas também escutar e desvelar esse substrato poético que, em última instância, faz aquela pessoa ser ela mesma, e aquele relato, singular: a sua fantasia. Ao fazer isso, evidentemente que o orientador não para nesse nível, e também trabalha com os conteúdos psicossociais narrativos e ainda com os planos de ação operativos.

Vale ressaltar uma vez mais que nesse resgate do poético não há a intenção de que a pessoa estruture uma poesia sobre si. A estrutura precisa ser narrativa, pois ela precisa ser mais ou menos consistente, uma vez que traz material para, ao final do processo, ela poder falar sobre o futuro. Como o futuro não é consistente, então produzir algo sem consistência para falar sobre o futuro pode até ser bonito, mas não ajuda a pessoa.

Por outro lado, produzir algo mais ou menos consistente para falar sobre o futuro, como uma narrativa, sem que se tenha explicitado ao menos um vislumbre desse poético subjacente à narrativa da pessoa, coloca o risco de se produzir um relato genérico, *des-singular*, que pode até ser consistente, mas por ser dessubjetivado, tampouco ajuda a pessoa a se haver com seu futuro.

Todas as histórias que a humanidade produziu, exceto as propositalmente desconstruídas para efeitos estéticos ou poéticos, têm uma estrutura subjacente relativamente invariável, apesar das grandes diferenças de conteúdo de uma história para outra (Polkinghorne, 1991). Essa estrutura não tem em si mesma conteúdo, pois forma um esqueleto ou andaimes a serem preenchidos pelos elementos narrativos que juntos criam uma construção que se sustenta e encontra funcionalidade, garantindo a perpetuação da cultura. Mas, assim como em construções concretas como edifícios e pontes, o formato das estruturas altera consideravelmente a aparência da construção. Por

isso, a narrativa precisa ser erigida sobre uma fantasia, para não ficar com um caráter genérico.

Essa estrutura, chamada aqui de subjacente poético sob a narrativa da pessoa, é a fantasia. O orientador auxilia a pessoa em seu processo de moldar a narrativa ao desconstruir, coconstruir e reconstruir o conteúdo que enuncia. Já com a fantasia, não: não cabe ao orientador trabalhar sobre ela. Cabe sim escutá-la, presentificá-la, ajudar o sujeito a talvez enunciar algo que remeta a ela.

Caso a fantasia não seja trabalhada via narrativa, corremos o risco de ela emergir como real, isto é, sendo sentida como pura angústia, que é a tradução subjetiva desse encontro com o *objeto a* (Viola & Vocaro, 2009), ou na forma de repetições e sintomas. E por esse caminho, como angústia de repetição, inominável e infamiliar, não é possível um trabalho de orientação profissional e de carreira. Nosso caminho de trabalho é pela via do imaginário, convidando ao simbólico em sua relação com o real.

Por isso, essa pesquisa não visa fazer uma contribuição à teoria ou à prática psicanalítica. Se fosse essa nossa intenção, incorreríamos em uma proposta de trabalho adaptativa, visto que estaríamos indo na contramão dos objetivos da psicanálise tradicional, que não são os de possibilitar uma construção imaginária-simbólica sobre o futuro. O que essa pesquisa visa fazer é uma contribuição teórica para a orientação profissional e de carreira, mais especificamente para a estratégia clínica dentro dela, que tem base psicanalítica, mas não é psicanálise tradicional, como discutido na introdução. Dessa forma, o projeto como produto final que leva também em conta a fantasia do sujeito não visa ser adaptativo, pois dentro do enquadre e dos objetivos específicos da orientação

profissional e de carreira, essa construção se propõe justamente a fazer um efeito contrário ao adaptacionista[35]: isto é, um efeito *singularizador*.

Vamos dedicar o trecho seguinte para analisarmos mais detidamente essa diferença de como a fantasia aparece em um processo de orientação profissional e de carreira na estratégia clínica e em um processo de psicanálise.

Trabalhar a fantasia e trabalhar com a fantasia

> Sofrimento e potência. Atravessamento da fantasia. Orientabilidade. Diferenças de enquadre. O terapêutico e o iatrogênico.

É fundamental esclarecer o ponto que diferencia a orientação profissional e de carreira na estratégia clínica de um processo de psicanálise no que se refere à narrativa. Esse ponto é o seguinte: o orientador deve levar em conta a fantasia do sujeito, mas não se propõe a ajudá-lo a atravessá-la, como seria o que se busca alcançar ao final de um processo de psicanálise: "o material com o qual a psicanálise trabalha, além do sintoma, é a fantasia. A fantasia não é um sintoma e não pode ser dissolvida ou curada, mas sim atravessada, pois ela é uma construção que origina um sujeito" (D'Agord et al., 2010, p. 316).

Todas as pessoas (ao menos as de estrutura neurótica) têm questões com suas fantasias, mas algumas pessoas estão em sofrimento com sua fantasia. A essas cabe um encaminhamento para um processo de psicanálise, pois mesmo que os sintomas sejam

[35] Vale notar que nem todo processo em que está em jogo alguma adaptação é necessariamente adaptacionista, assim como nem todo ideia que valoriza o ser humano é humanista, ou toda concepção que trabalha com o conceito de indivíduo é individualista. O que o sufixo *ismo* marca nesses casos é uma ênfase em direção a uma finalidade que gira em torno da promoção ou valorização do conceito em questão. Então, em um trabalho adaptacionista as concepções teóricas e estratégias práticas estão organizados para promover o objetivo de adaptar (no caso, o indivíduo ao meio), mesmo que para isso perca-se ou desvalorize-se no caminho outros conceitos como a singularidade, autonomia, conscientização etc. Por sua vez, um trabalho organizado em torno de conceitos como singularidade e conscientização, por exemplo, pode produzir alguns estados adaptativos entre o indivíduo e o meio, desde que não seja essa a meta final do processo e a medida de sua eficiência.

curados e desapareçam, não há a desaparição da fantasia, mas sim sua travessia (Dezan, 2013). Isso porque:

> O problema é que, como tudo no nosso psiquismo, a fantasia tem dois lados: ela é uma salvação, mas também é uma patogenia. Pelo próprio fato de que ela nos salvou da derrelição absoluta na qual estamos fadados pela pulsão de morte, vamos nos agarrar a ela com unhas e dentes. Isso é o que Freud chama de "fixação". Agarramo-nos à fantasia com tanta intensidade, que ela passa a ser um núcleo da nossa vida, e passamos a produzir uma série de coisas chamadas "sintomas", que são a perpetuação constante da nossa relação com a fantasia. Ela tem, então, uma dupla face: uma face de salvação e uma face de produção patológica (Jorge, 2006, p. 35).

Essa dualidade entre a potência e o sofrimento de ser como se é (em outras palavras, ter determinada fantasia) é de fundamental importância para o orientador. Sobre isso há um termo cunhado por Bohoslavsky (1977), a orientabilidade, isto é, se o processo de orientação profissional e de carreira pode ajudar aquela pessoa que o procurou.

Para este autor, a orientabilidade do adolescente tem a ver com este não precisar de grandes modificações em sua estrutura de personalidade para poder efetuar a escolha. Isso porque a escolha é entendida como um processo profundo de reconstrução identitária, e para isso o orientando deve poder operar suas identificações sem se desestruturar psiquicamente.

Em seu livro, Bohoslavsky (1977) não cita nada sobre o trabalho com adultos. No entanto, podemos pensar que, na mesma linha da personalidade para o adolescente, a orientabilidade do adulto teria a ver com este não estar em grande sofrimento com a sua própria fantasia. Isso porque a construção de projeto também é entendida como um processo profundo no qual o orientando precisará "dialogar" com sua própria fantasia.

Esse “diálogo” dá forma ao seu “ponto de vista” a partir do qual ele vai enxergar o mundo, com e através das fantasias. Na raiz dessas, há fantasias mais primitivas, como as três já apresentadas e descritas por Freud. Além dessas, haveria uma fantasia que amarraria todas as outras, como um ponto em comum do qual verteria uma matriz na qual todas as fantasias se distribuiriam e se configurariam. Esta recebe o nome de fantasia fundamental (Lacan, 1958b/2002) e é essa que deve ser atravessada em um processo de análise.

A via do tratamento psicanalítico clássico daria conta de trabalhar essas fantasias, mas ela envolve limitações de enquadre, de tempo e de método que excluiria qualquer trabalho temático, focado ou aplicado, como é o caso da construção de um projeto. Assim, dentro do enquadre de orientação profissional e de carreira na estratégia clínica, é pela via da narrativa que é possível realizar um trabalho com a fantasia, visando trabalhar, operar, descontruir e reconstruir narrativas por sobre ela. Tendo em vista o giro teórico da escolha ao projeto, uma narrativa bem trabalhada por cima de uma fantasia, pode transcender o descritivo, e passar para um nível explicativo: por que escolho isso hoje, dentro dessa história que narro?

Na orientação profissional e de carreira, portanto, não cabe a elaboração dessas fantasias originárias e fundamentais, o que não impede que o trabalho seja feito na chave da fantasia. Mas, exige que o orientador lance mão de algum anteparo estrutural que possibilite não somente uma reorganização como também uma construção fantasística que se sustente diante do futuro da pessoa (matéria prima da orientação profissional e de carreira). O que pode trazer essa estrutura é a narrativa.

Isso porque a relação da pessoa com o mundo do trabalho é parte da relação da pessoa com o mundo. Bohoslavsky (1977) coloca que a identidade profissional da pessoa

é parte integrante da identidade geral dela, não podendo ser tratada como algo separado. Da mesma forma, a relação da pessoa com o mundo do trabalho é parte integrante da relação da pessoa com o mundo em geral. Como essa relação é o objeto da orientação profissional e de carreira e é sempre filtrada pela fantasia, a fantasia pode se qualificar como um conceito central para essa área.

Ainda sobre a diferença entre uma psicanálise e uma orientação na estratégia clínica, o trabalho do psicanalista e do orientador também não são equivalentes. Aqui remetemos ao depoimento de Claudio Pfeil, escritor que foi paciente de Lacan por muitos anos:

> Para Lacan o analista é como um editor. Você chega com um texto e sai com outro. Mas o analista não escreve o texto: ele tira uma vírgula, põe um ponto, realça uma palavra, corta. O texto é seu, mas é ele quem edita (Pfeil, 2015, p. 108).

O analista lacaniano faz esse processo de edição porque ele está menos preocupado com as palavras do que com a gramática; ou menos com a semântica e mais com a sintaxe; ou ainda: menos com a narrativa e mais com a fantasia. Na orientação profissional e de carreira é necessariamente o contrário. Nosso objetivo é de fato a construção de uma narrativa. Mas, se não levarmos em conta a fantasia nesse processo de construção, corremos o risco de ajudar o orientando a reproduzir um conjunto de palavras conhecidas por ele, com uma gramática por ele desconhecida.

Aqui cabe retomar a ideia apresentada na Parte 3 dessa tese de que uma terapia ou análise tem objetivos analíticos, enquanto a orientação profissional e de carreira tem objetivos sintéticos. Por isso, não cabe ao orientador ajudar o orientando a conhecer, trabalhar e lidar com sua fantasia. No entanto, tampouco cabe a ele ignorar essa fantasia no processo de construção de narrativa.

Se fosse o caso de trabalhar a fantasia, a via da construção de narrativa não seria a mais indicada, justamente por ela fornecer consistência ao relato da pessoa, dificultando o tangenciamento do nível fantasístico. Por isso, em uma análise, ao contrário da orientação profissional e de carreira, se estimula a associação livre e os cortes no discurso: "É fundamental levar em conta, diante disso, que a fantasia não pode ser simplesmente narrada, mas precisa ser reconstruída na passagem da cena ao significante, do difuso à estrutura, passagem essa sempre incompleta, nunca totalmente satisfatória" (Carreira, 2009, p. 160).

Na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira pode haver momentos de associação livre e apontamentos interpretativos do orientador, o que enriquece e aprofunda o processo, mas esses não são os métodos principais de trabalho com a linguagem. O método principal é a construção narrativa.

Assim, não se *trabalha a fantasia*, mas se *trabalha com a fantasia*. Nesse processo, eventualmente, pode haver efeitos terapêuticos, mesmo que esse não seja seu objetivo, pois ao levar em conta a fantasia da pessoa, ao ajudá-la a enunciar algo sobre ela, a pessoa pode se haver com ela e eventualmente se movimentar em sua relação com ela.

Mas, da mesma forma, o mesmo processo pode ter um efeito iatrogênico, no sentido de o processo fazer a pessoa perceber um sofrimento com sua fantasia que não tinha se dado conta antes. Não é incomum (tampouco muito frequente) que após um processo de orientação profissional e de carreira na estratégia clínica a pessoa solicite um processo terapêutico. A estratégia clínica é sim um trabalho subjetivamente profundo, exigente, e justamente por isso, pode ser altamente significativo para a pessoa.

Essa abordagem é assim desde a sua fundação. Isso porque naquela ocasião havia um motivador ético que Bohoslavsky (1977) deixa claro em seu livro ao fazer a oposição entre a estratégia clínica e a estratégia estatística ou atuarial. A principal diferença, fora a parte técnica, é a ideia de promover um processo no qual a escolha é um direito inalienável do orientando, o qual nem o orientador nem algum instrumento científico teriam o direito de tomar para si.

Esse posicionamento ético tem um preço tanto para o orientador, que apesar de todos os seus saberes deve lidar com seu não-saber sobre o outro, como para o orientando, que deve *trabalhar-se* em direção a essa escolha: o foco deve "passar de 'quantas referências tem e o que escolhe' a 'quem é e como escolhe'" (Bohoslavsky, 1977, p. 4).

A construção de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira mantem-se fiel a esse posicionamento ético. Mesmo agora, em outra época e outro contexto social, buscando outros objetivos e em diálogo com outros aportes teóricos, fazemos questão que a ética não seja um tema esquecido.

Conceituação teórica do projeto na estratégia clínica

> Deuteroescolha. Padrão, repetição e estilo. Tripé da formação e coragem. Psicossocial e fantasia. O não desvelamento da fantasia. Prosa e poesia.

Apesar de Bohoslavsky (1977) não trabalhar com o conceito de fantasia da forma como apresentamos aqui, o termo aparece em seu livro diversas vezes, sempre nomeando os processos profundos que aos quais o sujeito estava submetido na hora de tomar uma decisão diante de seu futuro. Essas fantasias são entendidas ao modo kleiniano, correspondendo às atividades inconscientes de relação objetal que foram originadas na constituição do sujeito, ainda bebê, e que permaneceriam presentes no decorrer de toda a sua vida.

Um dos termos propostos por Bohoslavsky (1977) para serem observados no sujeito que escolhe é a deuteroescolha. Esse conceito refere-se a como a pessoa "escolhe escolher", isto é, o estilo que ela tem e com o qual lida com as diversas situações (profissionais ou não) em que precisa tomar decisões. Não se refere aos interesses ou aos objetos de escolha, e sim ao estilo do sujeito que escolhe.

Uvaldo (2010) em sua pesquisa de doutorado sobre transições de carreira de adultos, define que a deuteroescolha é um dos fatores que tende a se manter imutável e constante na forma como a pessoa lida com transições em várias épocas de sua vida. Tomando-se as definições apresentadas até aqui, podemos entender que a deuteroescolha é um aspecto da fantasia do sujeito, isto é, a forma privilegiada com a qual ele procura por seu objeto perdido.

A fórmula "escolho escolher", cunhada por um Bohoslavsky (1977) inspirado na deuteroaprendizagem, na qual se estuda como se "aprende a aprender", traz duas vezes o mesmo verbo. No entanto, podemos inferir que eles estão conjugados por agências diferentes. O primeiro "escolho" refere-se ao sujeito do desejo inconsciente; o segundo "escolher" refere-se à pessoa enquanto um ente psicossocial. Ou seja, o primeiro refere-se à fantasia, em sua acepção metapsicológica, e o segundo aos constructos psicológicos, como interesses e habilidades, e condicionantes sociais, como gênero e classe social.

Assim, a pergunta base da deuteroescolha, "como escolho escolher?", pode ser lida conceitualmente da seguinte maneira: como minha fantasia estrutura os meus diferentes "quereres" em relação ao mundo?

O que Uvaldo (2010) mostrou em sua pesquisa está em consonância à ideia de que a fantasia é uma dimensão sempre presente nos momentos em que a pessoa precisa lidar com seu futuro. E, mais do que isso, é uma dimensão muito pouco variável, por sua

característica atemporal e amoral, cuja estrutura não está determinada por objetos ou elementos contextuais, e sim pela posição singular no mundo daquele sujeito específico.

Essa busca por aquilo que não muda, ou varia muito pouco, é fundamental quando a orientação profissional e de carreira se propõe a fazer um trabalho profundo, significativo e cocriado pela dupla orientando-orientador. Mais importante ainda, quando essa cocriação não diz respeito a uma decisão pontual, e sim a uma projeção por um arco temporal mais alargado sobre o futuro.

Um exemplo disso, advindo de uma matriz teórica não psicanalítica, está em Cardoso (2012), ao descrever um relato de caso pela abordagem narrativa embasada no paradigma *Life Design.* Segue a análise feita pelo autor:

> Este cliente em particular visa ganhar o respeito dos outros, mas suas crenças irracionais o levam a construir planos de carreira que incluem apenas ter uma ocupação que lhe ofereça respeito na forma de poder, posses e/ou prestígio. Como resultado, seus planos reforçam a preocupação central de sua vida, que é a necessidade de respeito. Quando visto pelas lentes da repetição desadaptativa, o tema dominante na vida dessa pessoa é a busca pelo respeito para resolver os sentimentos de insegurança e de não ser valorizado. O protagonista deste tema está interessado em ocupações que ofereçam poder e prestígio para superar esses sentimentos. Como essa pessoa é incapaz de gerar soluções alternativas, ela não consegue admitir que suas soluções projetadas possam ter um efeito negativo em seu relacionamento com os colegas e, portanto, suas soluções poderiam, na verdade, prolongar o problema. Cochran (1997) observou que os planos de carreira de indivíduos nessas situações contribuem para a repetição de padrões negativos em suas histórias de vida (p. 366).

No exemplo acima fica clara a importância desses padrões, preocupações centrais, repetições ou crenças irracionais, que nessa pesquisa estamos conceituando como a fantasia. Assim, a busca por padrões, estilos ou temas está muito presente na orientação profissional e de carreira contemporânea, em detrimento da busca por traços,

características e medidas psicológicas que, apesar de tirarem uma boa "foto" do orientando, servem muito pouco para este conceber um "filme" para seu futuro.

Por isso, atualmente vem sendo buscado por diversas abordagens da área aquilo que a estratégia clínica já inaugurou e vem praticando há cinquenta anos: o uso de métodos, instrumentos, atividades ou dinâmicas cujo objetivo é o auxiliar o orientando a falar, enquanto o orientador trabalha mais com seus ouvidos do que com seus olhos:

> Hartung e Taber (2008) observam que a técnica [Entrevista do Estilo de Carreira] ajuda as pessoas a discernirem como usar seus traços e estilo pessoal em um modo que contribua com seu progresso pessoal, aumento da satisfação e bem-estar, trazendo coerência às suas vidas. Isso acontece porque ao narrar suas autobiografias de carreira e ao articular sua narrativa, o cliente descreve memórias sobre seu autoconceito e enfatiza coisas que são importantes e que orientam sua existência. Destas narrativas emergem padrões e temas de vida que refletem a forma como cada cliente enxerga a si mesmo e o que considera importante, além das aspirações que podem levar ao sentimento de realização e completude. Assim, o indivíduo reconhece referências pessoais significativas que dão à sua vida um sentido de direção e os recursos para enfrentar tarefas de desenvolvimento, como as transições ocupacionais e tomadas de decisão profissional (Araújo et al., 2013, p. 195).

Essa busca pelo estilo ou padrões que "orientem a existência" e criem referências significativas para si precisam emergir a partir da fala do orientando e da escuta do orientador, mesmo que para isso ele escolha lançar mão de algum instrumento que considere que facilite esse trabalho. No entanto, caso esse estilo ou padrões pré-existam à cena do orientando-orientador, ou seja, estejam contidos em uma escala ou um teste, corre-se o risco da fala do orientando passar a ser somente um meio para alimentar o saber do orientador.

O problema disso, além do ético já apontado por Boholavsky (1977), é que o novo saber produzido perde em autoria e profundidade, pois é colhido da pessoa, cultivado pelo

orientador e replantado nela (mesmo que tudo tenha sido feito com cuidado e responsabilidade). Para se evitar isso, o orientador precisa deixar o relato sempre enraizado em sua origem, trabalhando para que ele se cultive no próprio solo onde nasceu.

Isso pode parecer menos trabalhoso, no entanto exige do orientador muito estudo – de teorias sobre o ser humano, sobre o mundo social e sobre a experiência do tempo –, muito treino e supervisão para que ele reconheça sua prática e constantemente aprenda a trabalhar melhor a cada atendimento que realiza, e muita coragem, tanto para deixar o outro falar, como para se haver com seu próprio ponto de escuta, isto é, a sua própria fantasia e as suas narrativas referentes à sua vida de trabalho.

Aqui remetemos ao tripé da psicanálise proposto por Freud (1919a/1974), composto de estudo teórico, supervisão e análise pessoal. No caso do orientador, podemos pensar esse tripé como sendo o estudo teórico, a supervisão da prática e a sua própria construção fastasística-narrativa de identidade e de projeto, nos termos apresentados aqui.

Então, como já foi dito, não cabe ao orientador trabalhar a fantasia do orientando, ajudando-o a atravessá-la, e sim trabalhar com a fantasia dele, isto é, reconhecendo sua presença no processo de construção de projeto. Assim como Bohoslavsky (1977), a partir de Wender (1965) enraizou sua teoria de escolha no conceito metapsicológico da reparação do objeto interno danificado, propomos o enraizamento da teoria de projeto no conceito metapsicológico da fantasia.

E, também como Bohoslavsky (1977) fez em relação à reparação e à escolha, não consideramos a fantasia como sinônimo do projeto, e sim sua raiz metapsicológica. Sobre ela, é necessário reconhecer todos os outros fatores que entremeiam a escolha e o projeto. Isso porque conceitos como identificação e fantasia são metapsicológicos, mas identidade e projeto são psicossociais. Uma operação que tem um caráter de construção deve ser

feita acima dos fenômenos inconscientes, que seriam somente como fundações enterradas no subsolo.

Para Bohoslavsky (1977), essa construção sob o nome de escolha tinha a ver com as funções do ego, às dimensões familiares, escolares, institucionais, produtivas e sociais, além dos interesses e habilidades da pessoa. Em seu segundo e último livro (Bohoslavsky, 1983), o autor ainda levantou como constitutivos fatores estruturais do mundo educacional e do trabalho, nomeadamente a partir do conceito marxista de alienação.

Aqui, reconhecemos que os fatores que irão se acomodar sobre a fantasia do sujeito para formarem o projeto da pessoa são todos de cunho psicossocial. Isto é, todo autoconhecimento deve necessariamente ser um conhecimento psicossocial, onde os constructos psicológicos da pessoa devem ser compreendidos dentro do seu contexto de gênero, classe social e raça, o que tem se chamado de interseccionalidade (Ribeiro, Figueiredo, & Almeida, 2021), além de seu enredo familiar, cultural, institucional e regional.

Não há outra maneira de todos esses fatores psicossociais se revelarem a não ser pela fala da pessoa. O mesmo acontece com a fantasia: somente é possível vislumbrar algo sobre ela a partir de um processo de fala e escuta. Então, a narrativa é o meio pelo qual se compõe o projeto que está sobre uma fantasia e sob uma *psicossoalidade* singulares.

Cabe ressaltar que no caso da fantasia, a fala da pessoa não é suficiente para que se chegue a trabalhá-la, porque se trata de um processo inconsciente no qual o não dito, os silêncios, os atos falhos, a produção onírica, os sintomas e todas as demais formações não conscientes são fundamentais para seu desvelamento.

Sendo a orientação profissional e de carreira um processo com objetivo claro e concreto, e enquadre especificamente desenhado para se chegar a ele, decorre-se que a fantasia do orientando jamais será desvelada pelo orientador.

Ora, o mesmo acontece com o processo de escolha de Bohoslavsky: não é necessário que se chegue a discriminar com exatidão qual é o objeto interno danificado que reclama por reparação para que depois disso a pessoa consiga escolher. Pode-se, no máximo e em alguns casos, hipotetizar por inferência qual seria esse objeto. Para se chegar a conhecê-lo, seria requerido um processo de análise (no caso, kleiniana).

Assim, não é o saber sobre a reparação do objeto interno que propicia a escolha por parte do orientando. Mas, saber que há um objeto interno clamando por reparação é o que permite ao orientador oferecer um enquadre no qual faz sentido que o orientando fale o quanto baste, pois será escutado e pontuado a partir dessa perspectiva profunda, visando uma escolha que seja a mais consciente, autoral e autônoma possível.

Da mesma forma, não é o conhecimento sobre a própria fantasia que permitiria ao orientando construir seu projeto. Mas, saber que todas as projeções que ele fará diante do seu futuro serão feitas a partir de sua estrutura fantasística é o que permite ao orientador oferecer um enquadre no qual faz sentido solicitar ao orientando que conte o máximo que conseguir sobre sua vida de educação e de trabalho, a fim de compor uma narrativa de passado no qual ele esteja como protagonista (no sentido de personagem-eixo dos enredos, não necessariamente de herói), e a partir da qual pode tentar protagonizar seu futuro com um projeto fundado em sua realidade psíquica e material e concebido como uma realidade poética. Esclarecemos, então, que não é necessário nomear claramente a fantasia para que se possa construir um projeto de forma narrativa.

Mesmo sendo pontes entre o sujeito e o mundo, nem a narrativa nem a fantasia, consideradas da forma definida nessa pesquisa, têm um caráter adaptacionista. E juntas, podem potencializar o inconformismo inerente ao compromisso ético da orientação profissional e de carreira em ajudar a construir um futuro melhor do que o presente, tanto para o orientando como para a sociedade.

Sobre isso, Bohoslavsky (1974), em um adendo à segunda edição de seu livro, onde comenta e reconsidera diversas ideias contidas nele, coloca a seguinte escolha de posição que a orientação profissional e de carreira deve fazer (já citada nessa pesquisa): trabalhar para uma liberdade pessoal enganosa e abstrata ou para uma "liberdade pessoal autêntica para a qual a libertação nacional e social é condição *sine qua non*" (p. 227).

A construção de projeto deve ajudar a promover a segunda liberdade, dentro dos limites de seu escopo. Para tomar essa posição, precisamos levar em conta que um projeto que se estrutura a partir de uma narrativa que não revela o poético subjacente que diz da singularidade do sujeito, ou seja, não afinado com a fantasia do sujeito, é um projeto mais "pobre" do que poderia ser, talvez contribuindo para alienar a pessoa de si mesma.

Ao mesmo tempo, para além da fantasia, é necessário que se faça um bom trabalho narrativo que dê conta de apresentar psicossocialmente a pessoa para si mesma. Caso não seja feito, em nome de um mergulho que tentaria produzir saberes sobre a fantasia, o "projeto" pode vir à tona somente como um espelho da fantasia do sujeito, sem a consistência que sua narrativa daria a partir de todos os elementos que a compõe. Um efeito desse tipo não pode ganhar o nome de projeto, pois provavelmente não se sustentaria como ponte sobre o vazio que liga o presente ao futuro, alienando a pessoa em relação ao seu contexto social.

Assim, em um projeto, a fantasia é o elemento que traz a possibilidade de extrapolação da relação da pessoa com o mundo. Por sua vez, a narrativa é o que traz a consistência para descrever uma relação específica que será projetada ao futuro. A narrativa por si mesma não permite extrapolações, pois tem uma singularidade limitada. A fantasia por si mesma não permite descrições claras, pois tem uma natureza poética.

Extrapolação e consistência juntas podem trazer a maleabilidade e a firmeza que são necessárias em qualquer construção lançada no vazio que é o futuro. O projeto que une ambas as características é aquele construído como uma narrativa estruturada a partir da fantasia, ou em outras palavras, uma fantasia com estrutura de narrativa. Ao contemplar fantasia e narrativa, no projeto podem estar presentes pertencimento coletivo e singularidade; objetivos concretos e sentido de vida; possibilidades e esperança; enfim: prosa e poesia.

Síntese parcial 4

O termo fantasia aparece na orientação profissional e de carreira como o nome de uma fase do desenvolvimento vocacional e como uma atividade psicológica. Ambas estão caracterizadas pela oposição à realidade, e este é tanto o seu valor, pois fomenta processos de exploração e ampliação de interesses e possibilidades, como o seu limite, pois invariavelmente essa fase ou atividade deve cessar ou diminuir para ser substituída por processos de implementação na realidade.

Diferente desses significados, a metapsicologia freudiana considera a fantasia não como oposição à realidade, e sim parte dela. Isso porque a fantasia não corresponde a uma atividade mental, e sim a um processo inconsciente que existe para que o sujeito lide com a realidade, fazendo ponte de ligação entre o sujeito e o mundo. A realidade é entendida como cindida, diferenciando-se a realidade material ou externa da realidade

psíquica ou interna, ambas com o mesmo estatuto de realidade, isto é, de determinantes da forma como a pessoa vai estar no mundo. A fantasia corresponde à realidade psíquica, e, por isso, a maneira como ela se estrutura vai determinar em alguma medida a forma como a pessoa vai compreender a si mesma, as suas relações com o outro e o funcionamento do seu contexto social.

Lacan (1957-1958/1999) toma o que Freud desenvolveu sobre a fantasia e precisa seu conceito através da fórmula da fantasia, a saber: $ ◊ a. Essa fórmula pode ser lida como "o sujeito barrado em busca do *objeto a*", onde o símbolo $ representa o sujeito barrado; a letra *a* minúscula, o *objeto a*; e o losango representa a relação entre ambos. O sujeito barrado refere-se ao sujeito do desejo do inconsciente, o que não corresponde com a pessoa, esta composta pelo sujeito e pelo ente psicossocial (que engloba a identidade e as categorias sociais que a atravessam).

Por sua vez, o *objeto a* não corresponde a nenhum objeto da realidade material, pois refere-se à função de causa do desejo inconsciente. Enquanto inferência, sua característica principal é ser eternamente inalcançável, sempre escapando ao sujeito que, diante disso, continua em seu movimento de desejar – e assim poder buscar ir ao encontro dos mais diversos objetos do mundo, sem nunca esgotar essa busca. A maneira específica como o sujeito estrutura essa busca é o que chamamos de fantasia.

Assim, a fantasia é entendida como a sintaxe singular que estabelece as regras de funcionamento nas quais os diversos elementos e significados advindos da vivência psicossocial vão operar entre si. Esses elementos, por sua vez, estão organizados de forma narrativa, compondo uma estrutura imaginária-simbólica que incide sobre o real.

Diferentemente do processo de psicanálise, na orientação profissional e de carreira não se trabalha a fantasia, mas se trabalha com a fantasia. Levá-la em conta no ato de fala

e escuta da construção de narrativa significa ir além de um produto descritivo sobre si e sobre o mundo, e alcançar uma profundidade singular que funda o projeto como uma construção subjetivada e autoral, e que, ao mesmo tempo, revela à pessoa a psicossocialidade que a constitui no mundo.

Assim, enquanto a narrativa estrutura o projeto, a fantasia estrutura a narrativa. Quando essa construção fantasística-narrativa toma como matéria a relação da pessoa com o mundo do trabalho e/ou educacional no futuro, a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira dá a ela o nome de projeto.

CONCLUSÃO

Quanto mais vago e confuso o conceito expressado por uma palavra, maior a pose e a segurança com que as pessoas a usam, fazendo de conta que o que se entende por essa palavra é tão simples e claro que nem vale a pena falar sobre o que ela realmente significa (Tolstói, L., 2019, p. 38).

Como conclusão, vamos retomar de forma condensada as principais definições apresentadas na introdução e nas quatro partes que compuseram essa tese, a fim de podermos estabelecer uma definição clara e circunscrita do conceito de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira.

Síntese de definições

A **natureza da orientação profissional e de carreira** está definida como uma ciência-aplicada; isto é, não consiste em uma prática que depreendeu de um corpo científico próprio, nem uma formalização científica que estava antecedida por uma prática já socialmente institucionalizada. Ela surgiu não após a descoberta de um objeto, e sim pela presença de uma necessidade social; a resposta a essa demanda criou seu objeto.

Por esse caráter de duas dimensões em um só corpo, a orientação profissional e de carreira deve especificar dois aspectos que sobredeterminam todo conhecimento teórico-prático que a compõe. O primeiro, é definir qual é o seu objeto de estudo enquanto ciência; o segundo é definir qual é a ética sob a qual se propõe a oferecer uma intervenção com o outro.

A **ética da orientação profissional e de carreira** estará relacionada às teorias de base de outras ciências das quais ela se alimenta para compor conhecimentos sobre seu objeto. Como são muitas concepções de ser humano e de mundo dentro do campo científico, não há somente um sistema ético que sobredetermina todo o campo da orientação profissional e de carreira. Mesmo que haja princípios comuns a todas elas, cada abordagem deve refletir e formalizar qual é a sua ética.

No caso da estratégia clínica, por ser uma abordagem de base psicanalítica, (mesmo não correspondendo a uma psicanálise tradicional), a questão da sua ética está influenciada pela ética da psicanálise, isto é, a ética do sujeito do desejo inconsciente. Da

mesma forma, por ter sido forjada dentro do campo da psicologia social crítica, sua ética está igualmente influenciada pela ética dessa matriz de pensamento, marcada pela ênfase no psicossocial e na conscientização, mais do que no âmbito individual e em processos adaptativos.

Não nos aprofundamos em descrever claramente como é a ética da estratégia clínica, pois é assunto que demandaria uma pesquisa própria, mas a partir dessas duas origens epistêmicas, extraímos o seguinte princípio: toda definição conceitual produzida pela estratégia clínica deve ter uma raiz em um conceito metapsicológico (campo do sujeito do desejo inconsciente) e uma descrição psicossocial (campo da psicologia social crítica). Com o conceito de projeto, não é diferente.

Quanto à questão do **objeto de estudo da orientação profissional e de carreira**, ele está definido como sendo a relação entre a pessoa e o mundo do trabalho e/ou educacional lançada ao futuro. Quando este objeto apresenta necessidades de intervenção, as respostas que a orientação profissional e de carreira vai promover definem quais são os objetivos dessa ciência-aplicada.

Os **objetivos da orientação profissional e de carreira** estão definidos como sendo de três tipos: processos de aprendizagem e preparação chamados de desenvolvimento vocacional; processos de tomada de decisão chamados de escolha; e processos de construção sobre o futuro chamados de projeto. O foco desta tese é definir conceitualmente esse último objetivo, o projeto, dentro do campo da estratégia clínica. Por isso, essa definição precisa advir de um conceito metapsicológico e desenrolar-se de maneira psicossocial.

Nesses termos, **o projeto está definido como uma narrativa que se estrutura sobre uma fantasia acerca da relação entre a pessoa e o mundo do trabalho e/ou educacional lançada ao futuro.**

Vamos agora definir cada uma das palavras contidas nessa definição conceitual de projeto.

O **projeto** se constitui de duas dimensões: a operativa ou procedimental, formada pelos planos de ação, e a de construção de sentido, formado por processos subjetivos. Nessa tese aprofundamos a dimensão subjetiva, sem diminuir a importância fundamental da dimensão operativa para sua existência. A principal característica do projeto é se referir ao arco temporal do futuro de maneira alargada, não sendo, portanto, uma ação pontual, como é a tomada de decisão em forma de escolha. Se trata de uma estrutura que se sustenta diante da imaterialidade do futuro de forma ao mesmo tempo estável e mutável, constituída e esvaziada. Assim, a natureza do projeto é a da potência, mais do que a da garantia ou da certeza.

A **narrativa** está definida como uma construção de linguagem falada ou escrita diante do outro na qual se articula a experiência de passado da pessoa com seu estado presente e sua experiência de futuro. Isso ocorre a partir da composição de uma história de vida com foco da vida de trabalho e educacional, dotada de linhas orientadoras como enredos e evolução temporal, e elementos como personagens, lugares e eventos. Esses elementos são inter-relacionados pelas linhas orientadoras de maneira a formar uma estrutura não rígida, fixa ou absoluta, e sim maleável e criativa, mas que seja dotada de coerência e consistência suficientes para ter uma função de totalidade da qual podem emergir conhecimentos, reconhecimentos, sentidos e ações. É a narrativa que estrutura o projeto.

A **fantasia** está definida como o conceito metapsicológico que nomeia as cenas que decorrem do *sujeito barrado em busca do objeto a*, expressão precisada pela fórmula $ ◊ a. Não se opõe à realidade, mas a constitui no que tange à realidade psíquica. A fantasia não se refere ao conteúdo presente nas atividades psicológicas de devaneio e imaginação, e sim à estrutura pela qual esses conteúdos e essas atividades tomam forma. Assim, a fantasia não tem o valor de conteúdo, e sim de sintaxe, ou seja, de estrutura que estabelece as regras de funcionamento pelas quais os diversos elementos e significados advindos da vivência psicossocial vão operar entre si. É a fantasia que estrutura a narrativa.

A **pessoa** está definida como o conjunto composto pelo sujeito do desejo inconsciente e o ente psicossocial. O sujeito refere à dimensão metapsicológica do funcionamento humano, onde estão operadores como a fantasia e o desejo, por exemplo; enquanto o ente psicossocial compreende os constructos psicológicos (como inteligência, interesses, aptidão e adaptabilidade, por exemplo) e os fatores sociais (como classe social, gênero e raça, por exemplo), ambos entendidos como sendo sempre constituídos na interface indissociável dos fenômenos psicossociais.

O **mundo do trabalho e/ou educacional** está definido como a parte da realidade externa que se refere às relações produtivas e suas estruturas sociais, econômicas e culturais. Nele está toda a materialidade que compõe o contexto no qual a pessoa se inclui e se constitui no laço social, como, por exemplo, a estrutura organizacional da educação básica, técnica, superior e de cursos livres, bem como a disponibilidade de ingresso e oferecimento destes em determinada localidade. Também se refere à organização do mundo do trabalho, formal e informal, bem como as vagas disponíveis em postos de trabalho; à situação estrutural micro e macroeconômicas na qual a pessoa se encontra; aos valores sociais que o contexto cultural estabelece para determinadas profissões, trabalhos,

gêneros e raças; e o contexto material mais próximo à pessoa, como sua organização familiar, recursos financeiros disponíveis, e os limites de seu próprio corpo.

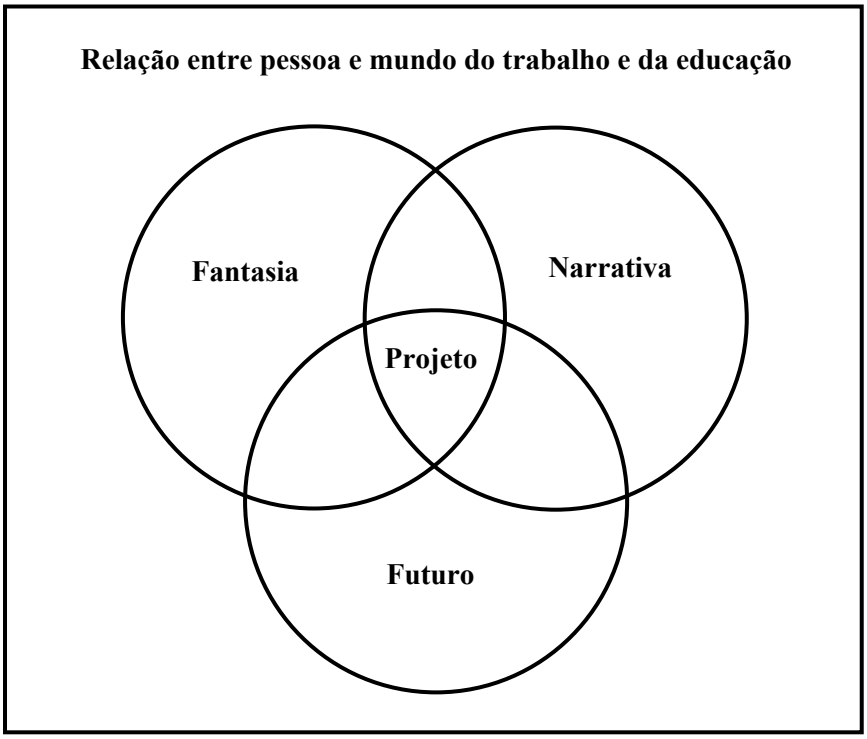
A palavra **relação** presente na definição de projeto se refere, então, ao encontro entre essa pessoa (sujeito e ente psicossocial) e esse mundo do trabalho e/ou educacional. Em cada caso atendido, variam as ênfases e as omissões, assim como os conteúdos de um determinado âmbito em detrimento de outro. Dessa forma, cada relação é única em função tanto da pessoa e do mundo, como do momento (dimensão temporal) em que essa pessoa e mundo estão se concatenando.

O **futuro** está definido como aquilo que não cessa de não acontecer. Isto é, consiste em uma divisão feita pela experiência humana diante do fluxo da dimensão temporal que corresponde aos eventos que ainda não ocorreram, mas mantêm a possibilidade potencial de acontecerem. Assim que se realizam, deixam de ser futuro; e assim que perderem a possibilidade de se realizarem, também deixam de ser futuro.

Definição de projeto

Propomos a seguinte figura como síntese visual de onde se localiza o conceito de projeto diante de todos os conceitos apresentados acima:

Figura 3 – Representação visual da relação do conceito de projeto com os demais conceitos apresentados durante a tese.



Diante de todas essas definições e da apresentação da figura para síntese visual, uma definição conceitual de projeto na estratégia clínica em orientação profissional e de carreira pode ser expandida no seguinte parágrafo. Este parágrafo é o produto final dessa tese:

> Para a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, o projeto é uma construção narrativa de linguagem sobre o futuro, contendo uma dimensão operativa e uma subjetiva, cuja função é fornecer uma estrutura na qual passado, presente e futuro se articulam junto aos elementos que compõem a vivência da relação da pessoa com o mundo. Essa construção, por sua vez, se estrutura sobre uma fantasia, que é a sintaxe singular do sujeito que está estabelecida pela forma como ele busca reencontrar o objeto causa do seu desejo nas relações que faz com o outro em seu cotidiano. A temática dessa construção fantasística-narrativa é o

> lançamento ao futuro da relação da pessoa, termo que compreende tanto o sujeito do desejo inconsciente como o ente psicossocial, com o mundo do trabalho e/ou educacional, termo que consiste em toda a materialidade que compõe as relações produtivas que formam o contexto social, econômico e cultural que inclui a pessoa. O lançamento dessa relação ao futuro consiste na construção de uma estrutura imaginária-simbólica sobre o real que advêm do futuro, essa parte da experiência humana sobre o tempo que engloba tudo aquilo que não cessa de não acontecer e ao mesmo tempo mantém em potencial a possibilidade de se tornar presente. Por isso, e nesses termos, a definição de projeto para a estratégia clínica em orientação profissional e de carreira é uma narrativa que se estrutura sobre uma fantasia acerca da relação entre a pessoa e o mundo do trabalho e/ou educacional lançada ao futuro.

Dessa forma, a fantasia é o conceito metapsicológico que permite que o projeto seja um conceito que pode operar dentro do campo da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira. Mas, para conseguir esse efeito de estrutura de linguagem que se sustenta sobre o vazio do futuro, a construção do projeto como objetivo da nossa prática deve estar o mais enraizada na realidade quanto possível.

Aqui se inclui a realidade psíquica e, com igual importância, a realidade externa ou material. Por isso, deve incluir em sua construção tanto uma visão crítica dos fatores psicossociais, como uma dimensão operativa, que consiste nos planos de ação que a pessoa deve fazer principalmente no curto prazo para que aumentem o máximo possível as possibilidades de viabilizar a realização do projeto. O estudo da dimensão do operativa do plano de ação não foi o objeto dessa tese, mesmo que lembrada sua importância para o todo do projeto.

Mesmo que o projeto seja construído dessa maneira, não se almeja que seu efeito seja o de garantia sobre o futuro (mesmo que se trabalhe para maximizar sua viabilidade), pois este, estando na dimensão do real, permanece como um enigma. A sua função é de fornecer sentido para as ações no presente.

Assim, utilizando uma metáfora de orientação geográfica, o projeto visa ser mais do que uma bússola, pois além de esclarecer uma direção para a qual se caminha, também descreve um esboço das veredas a serem percorridas e as formas de seguir nelas, pelo artifício da estrutura fantasística-narrativa; no entanto, o projeto não pretende ser equivalente a um mapa cartográfico, pois sua construção é feita no presente, e, portanto, está vetado ao projeto conter a descrição exata, mensurada, desenhada e precisamente representada sobre o que será factualidade da pessoa, do mundo e da relação entre ambos no futuro.

O projeto construído da maneira como foi apresentado pode ter o efeito de uma realidade poética, isto é, ser realidade no sentido de ser um fator determinante sobre os estados do presente, como o são a realidade psíquica e a realidade material. Ao mesmo tempo, ser poética significa estar aberta a lidar com o enigma que é o futuro dizendo coisas sobre ele, sem jamais tentar decifrá-lo totalmente, mas sempre dizendo a partir de uma posição de autoria (posição de sujeito no contexto psicossocial) – assim como fazem os poetas sobre o amor ou a morte, o módico ou o monumental, a montanha ou o momento.

Mesmo que o projeto seja construído de forma mais profunda e atilada possível, e com isso consiga fornecer sentido para a vida vivida no presente ao incluir um destino no futuro, ele não pode substituir a vida que acontece. Por isso, o projeto deve manter-se

humilde diante da persistente pergunta trazida a nós pelo poeta Caetano Veloso – "Existirmos: a que será que se destina?".

Consequências e avanço

De certa maneira, essa teoria de projeto subverte a lógica dominante em orientação profissional e de carreira. Isso porque sua conceituação não se propõe à resolução de problemas vocacionais (no sentido mais amplo e inclusivo do termo) para que uma carreira possa ser construída no futuro. Antes, é uma teoria que preconiza a necessidade da sustentação de uma questão que remete ao vazio (do futuro) e ao enigma (do sujeito). Sustentar essa questão é o que faz com que um projeto possa ser construído.

Isso não significa desnudar a questão e expô-la à céu aberto – fazer isso somente traria angústia e nenhuma potência. Sustentar não significa destacar, enfatizar ou reforçar, e sim manter soerguida uma dimensão na qual o que está em jogo é o não-saber, isto é, a impossibilidade de compreensão total do fenômeno – exatamente como é diante do futuro. Talvez a melhor resposta a um enigma seja outro enigma.

Introduzir o conceito metapsicológico de fantasia no campo da orientação profissional e de carreira, uma ciência-aplicada, deve gerar algum mal-estar. Afinal, sendo um processo inconsciente, mas conspícuo no dia a dia das pessoas, ele de fato é ao mesmo tempo incômodo e pouco prático: "o conceito de inconsciente certamente figura entre os mais controversos da história do conhecimento. Sua simples menção já suscita certo incômodo, contrariando uma ciência que se respalda em princípios como os de 'razão', 'controle' e 'materialidade'" (Xavier, 2010, p. 54).

Dito isso, enquanto orientadores, estamos compromissados em promover construção de sentido à vida das pessoas. Portanto, não é que deixaremos a pergunta sem resposta. Ao contrário, é por mantermos a pergunta no ar que é possível produzir respostas

a ela. Essa teoria não propõe o projeto como uma resposta pontual, definitiva ou permanente, e sim como uma resposta muito bem elaborada e construída, muito bem embasada nas diversas dimensões discutidas durante essa tese – mas que jamais responde à pergunta.

Reconhecer que a pergunta não tem uma resposta é a base para que se responda a ela de maneira mais singular e esclarecida possível. Um bom projeto – além de ser exequível via planos de ação – é aquele que fornece um sentido profundo para a pessoa, e somente pode fazê-lo ao manter viva a pergunta fundante do sujeito por meio da sua relação com o trabalhar/estudar no futuro.

O projeto tem essas características porque ele diz do futuro. Se dissesse sobre outra coisa, seria diferente. Mas, como o futuro é aquilo que não cessa de não acontecer, o projeto tem que ser aquilo que não permite resolver a questão fundante da pessoa, mas possibilitar que ela siga construindo uma narrativa que sustente sua vida de trabalho, estudo e sua carreira com sentido.

Assim, encontrar sentido para a vida não significa resolver ou realizar a fantasia, mas, antes, manter a impossibilidade dessa resolução acesa para que pela estrutura fantasística se construa este sentido. Por isso, a fantasia, ao mesmo tempo que ajuda a explicar a relação do sujeito com o mundo, mantém o enigma, e é isso que permite uma profunda construção de si pela carreira.

Como dito anteriormente, a construção do projeto não requer a enunciação clara da fantasia para se realizar. O que se requer é o reconhecimento dessa dimensão presente na relação da pessoa com o mundo, e por consequência, em sua construção de narrativa. Assim como não é necessário que se estude a teoria gramatical para que a gramática esteja estruturando a fala de uma pessoa, o esclarecimento da fantasia não é condição para que

esta esteja atuando de forma estrutural na vida da pessoa. Mas, assim como no estudo do idioma, quem se dedica a reconhecer sua fantasia pode encontrar mais liberdade para se exercer como leitor e autor de sua história de vida, guardados os limites psicossociais.

Assim, essa teoria de projeto não diz que é preciso nomear a fantasia nem explicar o futuro a partir dela – pois ambos estão à beira do impossível. O que essa teoria diz é que existem essas impossibilidades, e em nossos processos de orientação profissional e de carreira temos que lidar com elas não a fim de lutar contra elas para tentar torná-las possíveis, e sim incluí-las no processo para a partir delas construir projetos potentes.

Se tanto o futuro quanto a fantasia são inomináveis, nomeá-los implica em criar saídas imaginárias e simbólicas que podem tamponar a falta que causa o desejo e o lugar do sujeito em sua fantasia. E aí acontece de projetos perfeitamente embasados e refletidos não funcionarem e não se concretizarem no futuro. Se a teoria de projeto proposta nessa tese gerasse somente essa compreensão, não teríamos avançado em nada, a não ser na mera descrição de porque não funciona.

O avanço pode estar justamente em reconhecer que esses nomes não nomeiam de fato, ou seja, não esgotam pelo saber nem futuro, nem fantasia. E a partir desse reconhecimento podemos colocar o projeto como um vazio do futuro e uma falta do desejo: um lugar de potência, onde podemos lançar-nos ao futuro e não cair no nada, e sim no projeto (como a água que cai em um vazo vazio, e não se espalha pelo chão); e onde podemos buscar preencher a falta com cursos e ocupações, sabendo que a falta permanece e o desejo desliza para outros objetos.

PALAVRAS FINAIS

Somos todos continuação! (Yamandu Costa).

A definição de projeto apresentada nessa tese não é um ponto de chegada, e sim um ponto de partida. É nosso desejo que o leitor que foi generoso para chegar em sua leitura até aqui esteja mais incomodado, provocado ou instigado do que satisfeito. Tomamos a liberdade de citar as palavras de Bohoslasky (1974) ao comentar seu próprio livro, lançado alguns anos antes, ponderando diversos pontos de "omissões, silêncios e passos em falso" (p. 223): "se após a leitura desse livro você tem uma ideia acabada do que constitui o campo de problemas da orientação vocacional e as técnicas psicológicas para sua abordagem clínica, desconfie" (p. 223). Sentimos o mesmo em relação as ideias apresentadas até aqui.

Por isso, a contribuição que essa tese teórica se dispôs a fazer é ser profunda o suficiente para que a orientação profissional e de carreira continue sendo um campo fértil, plural e vivo no futuro, e a partir desse texto leitores instigados possam colher ideias, replantá-las, brincar com elas e transformá-las, para quem sabe expandir nossa ciência-aplicada tanto em volume como em diversidade epistemológica.

As limitações dessa pesquisa são muito maiores e mais evidentes do que algum avanço que se tenha alcançado. Parece ter se descortinado um campo imenso e inescrutinado, que convida a muito trabalho para que se comece dizer com mais precisão e consistência sobre a existência de uma teoria do projeto robusta e operativa. Por isso, o título dessa tese reflete aquilo que trouxemos nesse texto: bases para uma teoria.

Somente bases. A partir delas, é necessário estudar tudo mais profundamente, principalmente naquilo que se refere à práxis. Por exemplo, quais seriam as implicações para o processo de orientação profissional e de carreira do conceito de futuro como definido nessa tese? Como as diversas conceituações de projeto externas à orientação profissional e de carreira podem contribuir para o entendimento mais extenso desse

fenômeno (principalmente os conceitos de projeto de vida advindos da psicologia, filosofia e sociologia)? Que dispositivos, instrumentos e metodologias se adequariam da melhor forma ao trabalho de construção de narrativa como definida nessa tese? Como seria a fronteira entre o trabalho da fantasia e o trabalho com a fantasia, isto é, os limites entre o analítico e terapêutico, ou as psicoterapias e a orientação profissional e de carreira?

Dito isso, essa tese, enquanto desenvolvimento teórico, quer servir como chave simbólica para que se reveja a prática, isto é, a parte aplicada que é indissociável a qualquer trabalho de orientação profissional e de carreira. Nesse espírito, arrolamos aqui algumas sugestões de futuras pesquisas a partir das ideias apresentadas nessa tese.

É necessário que se discuta qual é a ética da orientação profissional e de carreira. Ou melhor, qual são os parâmetros comuns e diferentes em cada ética de cada abordagem dentro da área. Formalizações rigorosas de nível metateórico podem favorecer o melhor diálogo entre as diversas teorias e práticas na área, esclarecendo pontos em comum e divergências para além de afiliações políticas, concepções teóricas ou instrumentações técnicas.

Da mesma forma, é necessário que se pesquise qual é a ética da estratégia clínica em orientação profissional e de carreira, principalmente no que toca aos conflitos entre a ética do desejo e a ética na conscientização, advindas de ambas as mães dessa abordagem, a saber: a psicanálise e a psicologia social crítica.

Seria muito produtivo que se pesquisasse sobre a aplicação das ideias de construção de projeto apresentadas nessa tese a partir de casos clínicos nos quais esse objetivo foi perseguido. Esses casos não teriam o intuito de exemplificar as ideias apresentadas aqui, senão de questioná-las, confirmá-las e corrigi-las. Da mesma forma, a

prática da orientação profissional e de carreira que visa a construção de projetos também pode ser influenciada por essa tese, e a transmissão de casos clínicos de forma rigorosa pode ser um meio para a exposição dessa influência.

Importante também a pesquisa sobre como a construção de projeto pode ser um caminho para a ampliação do público atendido pela orientação profissional e de carreira, uma vez que, para grande parte da população, a tomada de decisão pontual em forma de escolha ajuda muito pouco, principalmente em casos de pessoal socialmente marginalizadas e vulnerabilizadas.

Ainda na área de aplicação do conhecimento, há campo para se pesquisar como se dá o trabalho de construção de projeto nos termos apresentados aqui em trabalhos de orientação profissional e de carreira em grupo, tanto de jovens como de adultos. Principalmente no que toca à composição de uma narrativa pessoal em meio ao grupo e à subjacência da fantasia singular de cada membro do grupo na produção final do projeto singular feito de forma grupal.

Outra pesquisa muito necessária para o cenário educacional atual é a aplicação das concepções de projeto apresentadas aqui em contextos escolares, onde ganha espaço a ideia de construção de projetos de vida com alunos do ensino fundamental e médio. É necessária uma análise da viabilidade de se abordar o projeto de forma profunda e singular, como apresentada aqui, em um contexto não clínico e com jovens que não necessariamente necessitam de uma construção desse tipo diante de seus futuros. No entanto, algum aspecto exposto aqui pode ser aproveitado e incrementar a prática do orientador em contexto escolar.

Já no campo teórico, cabem pesquisas que aproximem as ideias apresentadas aqui com outros operadores conceituais da psicanálise, como por exemplo: o narcisismo e toda

a teoria de funcionamento psíquico que se desenvolve a parte dele; conceitos que tocam de alguma forma a noção de futuro e de trabalho como projeção, ideal de ego, sublimação, suplência, *sinthome* etc.

Também sugerimos a aproximação da concepção de projeto apresentada com as outras teorias da orientação profissional e de carreira que também têm buscado conceituar o projeto pela via do método narrativo. A busca de padrões, repetições, estilos, e temas a partir da fala do orientando e escuta do orientador tem despontado como a principal via de trabalho para a construção do projeto, e seria interessante contrastar esses fatores com a sintaxe da fantasia, que tem uma função semelhante, mesmo se tratando de outro campo de fenômenos.

Por fim, chama a atenção que termos como narrativa e fantasia estejam presentes tanto no campo da orientação profissional e de carreira, isto é, da ciência, com no campo das artes. A interface entre ciência e arte, enquanto duas visões de mundo diferentes, mas grandemente imbricadas aos mesmos fenômenos, pode ser um dos campos mais ricos para o desenvolvimento das teorias e práticas em orientação profissional e de carreira. Explorar essa fronteira é algo que gostaríamos de ver mais orientadores se aventurando. Afinal, diante dos enigmas que são a pessoa, o mundo e principalmente o futuro, em todas as produções que se dediquem a decifrá-los, haverá um quê de poesia.

REFERÊNCIAS[36]

Afonso, J. A., & Diniz, A. M. (2010). Um viver feminino no interior rural português: descrição analítica do tecer de uma história individual. *Análise Psicológica*, *2* (XXVIII): 295-310.

Agibo, M. L. L. C. (2016). *Intervenção e avaliação em Orientação Profissional: narrativas de adolescentes moçambicanos sobre a escolha da profissão e a influência parental* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP, Ribeirão Preto, SP.

Almeida, M. E. G. G. de, & Magalhães, A. S. (2011). Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 205-214. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008&lng=pt&tlng=pt.

Almeida, S. (2020, 07 de agosto). Eu escrevo o que quero. *Folha de São Paulo*, Recuperado de https://www1.folha.uol.com.br/colunas/silvio-almeida/2020/08/eu-escrevo-o-que-quero.shtml

Alves, A. F. R. (2008). *Um ensaio de Psicologia Narrativa*. Lisboa, Portugal: IPB – Escola Superior de Educação.

Amado, N. M. B. S. (2008). *Sucesso no envelhecimento e histórias de vida em idosos sócio-culturalmente muito e pouco diferenciados* (Tese de doutorado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Ambiel, R. A. M. (2014). Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15–24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Ambiel, R. A. M. (2020). Taking a test is telling stories: A narrative approach to interest inventories. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, *20*, 1-12.

[36] De acordo com o estilo APA – *American Psychological Association* (6th ed.).

Ambrosino, V. (2003). Aider les chômeurs à reconstruire leurs repères temporels: une étude des stratégies mises en place pour mieux vivre le chômage. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 32/1. Disponível em: http:// journals.openedition.org/osp/3197. DOI: 10.4000/osp.3197

Andrade, A. B., & Herzog R. (2017). A fixidez da fantasia na clínica contemporânea. *Temas psicol.*, 25(1): 169-179. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100011&lng=pt.

Aquino, A. P. (2008). *Da Lei às leis: reflexões teórico-clínicas sobre os inimputáveis*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Araújo, G. B., Paradiso, A. C., Lassance, M. C. P., & Sarriera, J. C. (2013). Carreira e narrativa: contribuições para a intervenção. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(2), 191-201. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-33902013000200005&lng=pt&nrm=iso

Babini, M. (2006). Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura,* 58(2), 38-41. Recuperado de http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&tlng=en.

Bandeira, M. L. (2016). *Percepção e Fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Bandura, A. (1982). The psychology of chance encounters and life paths. *American Psychologist*, 37(7), 747–755. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.7.747

Bangali, M., & Guichard, J. (2012). The role of dialogic processes in designing career expectations. *Journal of Vocational Behavior*, 8(2), 183-190.

Barbier, J-M. (1991). *Élaboration de projets d'action et planification*. Paris, França: PUF.

Barnes, S-A., & Brown, A. (2016). Stories of learning and their significance to future pathways and aspirations. *British Journal of Guidance & Counselling*, 44(2), 233-242, DOI: 10.1080/03069885.2016.1145194

Barros, L. O., Ambiel, R. A. M., & Noronha, A P. P. (2019). Indicadores de formação teórica e prática de orientadores profissionais e de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional,* 20(2), 107-118. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902019000200010&lng=pt&tlng=pt.

Barth, L. F. B. (2006). *Da figuração à transfiguração da fantasia na construção do caso: as ficções metapsicológicas*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Barth, L. F. B. (2008). O caso metapsicológico: o papel da construção e da ficção em psicanálise. *Psychê*, 12(22), 139-154. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100011&lng=pt&tlng=pt.

Baubion-Broye, A., & Blanc, A. (2001). L'incertitude dans les transitions: nouvelles approches: présentation, *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 30/1. Disponível em: http://journals.openedition.org/osp/5669

Beall, L. (1967). Vocational choice: The impossible fantasy and the improbable choice. *Journal of Counseling Psychology*, 14(1), 86–92. Disponível em https://doi.org/10.1037/h0024235

Bernaud, J-L. (2013). Le "sens de la vie" comme paradigme pour le conseil en orientation. *Psychologie française*. Disponível em: doi:10.1016/j.psfr.2013.06.004.

Besnier, B. (1993). A distinção entre praxis e poiêsis em Aristóteles. *Analytica*, 1(3).

Biémar, S., Philippe, M-C., & Romainville, M. (2003). L'injonction au projet: paradoxale et infondée? *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 32/1. Disponível em: http://journals.openedition.org/osp/3167

Billig, M. (2011). Towards a Psychoanalytic Discursive Psychology: Moving from Consciousness to Unconsciousness. In N. Bozatzis, & T. Dragonas (Eds.), *The Discursive Turn in Social Psychology* (pp. 159-170). Chagrin Falls, EUA: Taos Institute Publications.

Blustein, D. L. (2011). A relational theory of working. *Journal of Vocational Behavior*, 79(1), 1–17.

Bock, S. D. (2002). *Orientação Profissional: A Abordagem Sócio-Histórica*. São Paulo, SP: Cortez.

Bock, S. D. (2010). *Orientação profissional para as classes pobres.* São Paulo, SP: Cortez.

Bohoslavsky, R. H. (1974). Addenda 1974. In R. H. Bohoslavsky. *Orientación Vocacional: la estrategia clínica*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Nueva Visión.

Bohoslavsky, R. H. (1977). *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Bohoslavsky, R. H. (1983). Vocação e alienação profissional. In: R. H. Bohoslavsky (Org.), *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo, SP: Cortez.

Bohoslavsky, R. H. (1997). A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente socializante. In: M. H. S. Patto (Org.), *Introdução à Psicologia Escolar* (3ª ed.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Bohoslavsky, R. H. (2001). Primeira aula do curso sobre orientação vocacional. *Revista do Laboratório de Estudos Sobre o Trabalho e Orientação Profissional – LABOR*, nº 0, São Paulo, SP.

Bordin, E. S. (1968). *Psychological Counseling*. New York, EUA: Appleton-Contury-Crofts.

Borges, R. C. P., & Coutinho, M. C. (2010). Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 189-200. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200004&lng=pt&tlng=pt.

Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas* (5a ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.

Boutinet, J-P. (1994). Barbier (Jean-Marie). Élaboration de projets d'action et planification. *Revue française de pédagogie*, 108, 139-142.

Boutinet, J-P. (2002). *Antropologia do Projeto*. Porto Alegre, RS: Artmed, 5ª Edição.

Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535.

Buitoni, D. H. S. (2010). *O registro imagético do mundo: jornalismo, embrião narrativo e imagem complexa*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt8_dulcilia_buitoni.pdf

Bruner, J. S. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18, 1-21.

Bujold, C. (2004). Constructing career through narrative. *Journal of Vocational Behavior*, 64(3) 470-484.

Câmara, G. (2011). O trauma, a fantasia e o Édipo. *Cógito*, 12, 57-61. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100011&lng=pt&tlng=pt.

Campos, C. M., Alt, F., & Ewald, A. P. (2009). Interrelação filosófico-literária do pensamento de Sartre: bases para uma psicologia fenomenológica do eu. *Revista da Abordagem Gestáltica,* 15(2), 126-132. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200008&lng=pt&tlng=pt.

Candido, A. (2011). *Vários escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre azul.

Cardoso, P. (2012). Maladaptive repetition and career construction, *Journal of Vocational Behavior,* 81(3), 364-369.

Cardoso, P., Savickas, M. L., & Gonçalves, M. M. (2019). Innovative Moments in Career Construction Counseling: Proposal for an Integrative Model. *The Career Development Quarterly,* 67, 188-204. Disponível em: https://doi.org/10.1002/cdq.12190

Cardoso, P., Silva, J. R., Gonçalves, M. M., & Duarte, M. E. (2014). Innovative moments and change in Career Construction Counseling. *Journal of Vocational Behavior,* 84, 11-20.

Cardoso, P., Duarte, M. E., Gaspar, R., Bernardo, F., Janeiro, I. N., & Santos, G. (2016). Life Design Counseling: A study on client's operations for meaning construction. *Journal of Vocational Behavior*, 97, 13-21.

Carelli, F. (2016). Eu sou um outro: narrativa literária como forma de conhecimento. *Via atlântica*, 29, 17-49.

Carreira, A. F. (2009). Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. *Psicologia USP*, 20(2), 157-171. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200002&lng=pt&tlng=pt.

Catão, M. F. F. M. (2001). *Excluídos sociais em espaços de reclusão: As representações sociais na construção do projeto de vida* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2019). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.

Cochran, L. (1997). *Career Counseling: A Narrative Approach*. New Delhi, India: SAGE publications.

Coelho Junior, N. E. (1999). Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 10(1), 25-54. Recuperado de https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000100003

Collin, A., & Young, R. A. (1992). Constructing career through narrative and context: An interpretive perspective. In R. A. Young, & A. Collin (Eds.), *Interpreting career: Hermeneutical studies of lives in contexts* (pp. 1-12). Westport, EUA: Praeger.

Collin, A., & Young, R. A. (2000). *The future of career*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.

Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6), 428-431. Recuperado de https://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012

Corral-Verdugo, V., Fraijo-Sing, B., & Pinheiro, J. Q. (2006). Sustainable behavior and time perspective: present, past, and future orientations and their relationship with water conservation behavior. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), 139-147. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902006000200001&lng=pt&tlng=en.

Corrêa, I. (2001). *A Psicanálise e seus paradoxos; seminários clínicos*. Salvador, BA: Ágalma

Cortina, A. (2020). Textos de divulgação científica na revista Pesquisa Fapesp: análise do sincretismo em reportagem sobre AIDS. *Signótica*, 32, 01-26.

Cosby, A. G. (1974). Occupational Expectations and the Hypothesis of Increasing Realism of Choice. *Journal of Vocational Behavior*, 5, 53-65.

Costa-Moura, F. (2003). Alguma coisa que fica em torno da função da causa – notas sobre a causa no Seminário A Angústia. *Tempo Freudiano*, 2, 63-75.

Crelier, V. (1993). Projeção para o futuro. In R. Monteiro (Org.), *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Crites, J. O. (1974). *Psicologia Vocacional*. Buenos Aires, Argentina: Paidos.

Crossley, M. L. (2002). Introducing Narrative Psychology. In M. L. Crossley (Org), *Narrative, Memory and Life Transitions* (pp. 1-13). Huddersfield, Reino Unido: University of Huddersfield, Huddersfield,

Curado, B. T. F., & Lazzarini E. R. (2019). Narrativa em análise: da escrita ao conto. *Cad. psicanal.* [Internet], 41(40), 35-47. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100003&lng=pt.

D'Agord, M. R. L., Triska, V. H. C., Araldi, E., & Sudbrack, R. P. (2010). Psicanálise, psicopatologia e literatura: modos de uso da fantasia. *Tempo psicanal.* [Internet], 42(2), 313-332. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200004&lng=pt.

Danza, H. C. (2014). *Projetos de vida e educação moral: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Del Corso, J., & Rehfuss, M. C. (2011). The role of narrative in career construction theory. *Journal of Vocational Behavior* 79, 334–339.

Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 32(2), 359-371, maio/ago.

Demazière, D., & Dubar, C. (2006). Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In N. A. Guimarães, & H. Hirata (Orgs.), *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações* (pp. 165-187). São Paulo, SP: SENAC.

Depolo, M., Fraccaroli, F., Guglielmi, D., Mariani, M., & Sarchielli, G. (2001). L'incertitude à l'égard de l'avenir professionnel: une recherche longitudinale chez des étudiants de doctorat. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 30/1. Disponível em: http://journals.openedition.org/osp/5694

Dezan, L. C. (2013). *Fetichismo da mercadoria e inconsciente: contribuições marxianas e psicanalíticas para uma teoria da ideologia*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Dib, S. K. (2006). *Juventude e projeto profissional: a construção subjetiva do trabalho*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ

Dib, S. K., & Castro, L. (2010). O trabalho é projeto de vida para os jovens? *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho,* 13(1), 01-15. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v13i1p01-15

Dominicé, P. (2005). Les composantes biographiques des apprentissages de la vie adulte. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 34/1.

Drabik-Podgórna, V., & Podgórny, M. (2006). Problèmes liés à l'orientation des jeunes dans la région polonaise de wałbrzych. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 35/2, pp. 205-224.

Duarte, M. E. (2017). Counselling and well-being: on the road to realities. *British Journal of Guidance & Counselling,* 45(5), 508-518. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2017.1309641

Duarte, M. E. (2019). Histórico do campo de aconselhamento de carreia e do Life Design. In M. A. Ribeiro, Teixeira, M. A. P., & Duarte, M. E. (Orgs.), *Life Design: um paradigma contemporâneo em orientação profissional e de carreira*. São Paulo, SP: Vetor.

Duarte, M. E, Lassance, M., Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Vianen, A. E. M. (2009). Construção da vida: um novo paradigma para entender a carreira no século XXI. *Revista interamericana de psicología/interamerican journal of psychology*, 44(2), 392-406.

Dubar, C. (1997). Para uma teoria sociológica da identidade. In C. Dubar, *A socialização*. Porto, Portugal: Porto Editora.

Dunker, C. I. L. (2014). Estrutura e personalidade na neurose: da metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento. *Psicologia USP*, 25(1), 77-96. Recuperado de https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642014000100009

Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo, SP: Boitempo.

Dunker, C. I. L. (2017). *Fantasia e Perspectiva na Psicanálise de Lacan*. Conferência ministrada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo no dia 20 de abril de 2017.

Dunker, C. I. L. (2019a). Animismo e indeterminação em "Das Unheimliche". In S. Freud, *O infamiliar*. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica.

Dunker, C. I. L. (2019b). *O que é a projeção e identificação projetiva?* Canal do Christian Dunker no Youtube. Video de 29 de janeiro de 2019.

Dyer, B., Pizzorno, M. C., Qu, K., Valach, L., Marshall, S. K., & Young, R. A. (2010). Unconscious processes in a career counselling case: an action-theoretical perspective, *British Journal of Guidance & Counselling*, 38(3), 343-362. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2010.482395

Estevão, I. R., & Metzger, C. (2015). Acompanhamento terapêutico: tática, estratégia e política. *A peste*, 7(2), 69-79, jul/dez, São Paulo, SP

Fan, W., & Leong, F. T. (2016). Introduction to the special issue: Career development and intervention in Chinese contexts. *The Career Development Quarterly*, 64(3), 192-202. Disponível em: DOI: 10.1002/career developmentq.12054

Faria, M. R. (2019). *O simbólico, o imaginário e o real no ensino de Lacan*. Campinas, SP: Toro Editora.

Fasbender, U., Wöhrmann A. M., Wang M., & Klehe, U. (2019). Is the future still open? The mediating role of occupational future time perspective in the effects of career adaptability and aging experience on late career planning. *Journal of Vocational Behavior* 111, 24-38.

Fernandes, H. A., Mourão, L., & Gondim, S. M. G. (2019). Professional development: Proposition of a trans-occupational model from a qualitative study. *Paidéia*, 29 (e2916), 1-12. Disponível em: doi:10.1590/1982-4327e2916

Figueiredo, L. C. M. (2002). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1550-1900*. São Paulo, SP: Editora Escuta.

Fonçatti, G. O. S. (2016). *Contribuições acerca da orientação profissional e de carreira com adultos em situação de trabalho precário* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Fonçatti, G. O. S., Malki, Y., Cernev, R. A. F., Lima, M. E. B., Almeida, M. C. C. G., Audi, D. A., & Uvaldo, M. C. C. (2018). Aconselhamento de base psicanalítica a universitários: a estratégia do diagnóstico interventivo-operativo. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs.). *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Fonseca, E. M. (2016). *Imaginário e formação de educadores: a narrativa de si* (Tese de doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2),123-131.

Fontenele, L. (2011). A clínica da fantasia. *Trivium – Estudos Interdisciplinares*, 3(1), 118-120. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000100012&lng=pt&tlng=pt

Foucault, M. (2010). *Do governo dos vivos*. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro, RJ: Achiamé.

França, L. H. F. P., & Soares, D. H. P. (2009). Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 738-751. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400007

Freire, P. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, SP: Cortez & Moraes.

Freire, P. (2004). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra; Anca/MST.

Freud, S[37]. (1900/2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud* (v. 4). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (1904/1989). Sobre psicoterapia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 7, pp. 239-251). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1904).

Freud, S. (1910/2013). Sobre psicanálise selvagem. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (v. 9, pp. 324-333). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1915/1980). Repressão. In S. Freud, *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 169-189). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (1917/1996). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1917).

Freud, S. (1919a/1974). Sobre la enseñanza del psicoanálisis en la universidad. In S. Freud, *Obras completas*. Madrid, Espanha: Alianza. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (1919b/2019). *O infamiliar*. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (1924/2011). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud* (v. 16). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1924).

Freud, S. (1925/1996). Um estudo autobiográfico. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 20). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1925).

[37] Apesar das referências estarem no estilo APA – *American Psychological Association* (6th ed.), no caso das referências de Sigmund Freud, foram mantidas as duas datas, a fim de serem apresentadas em ordem cronológica.

Freud, S. (1930/1996). O Mal-Estar na Civilização In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (v. 21). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1930).

Freud, S. (1937/2019). Construções na análise. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud* (v. 19). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1937).

Furtado, A. M. (2018). A metapsicologia de Freud. *Cad. Psicanál. (CPRJ)*, Rio de Janeiro, RJ, 40(39), 275-280, jul./dez.

Gabriel, S. (2008). *Ensinando o Futuro no Ensino Médio: Uma Investigação* (Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo, SP: Summus.

Ginzberg, E., Ginsburg, S. W., Axelrad, S., & Herma, J. L. (1951). *Toward a general theory of occupational choice*. New York, EUA: Columbia University Press.

Gomez, R. G., & Medrano, A. M. C. (2003). Propuesta teórico-metodológica desde un enfoque tutorial. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 1(1).

Gottfredson. L. S., & Becker, H. J. (1981). A Challenge to Vocational Psychology: How Important Are Aspirations in Determining Male Career Development? *Journal of Vocational Behavior* 18, 121-137.

Graf, L. P., & Diogo, M. F. (2009). Projeções juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 71-82. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100009&lng=pt&tlng=pt.

Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo,* Maringá, PR, 16(1), 157-163.

Guerra, A. M. C., Moreira, J. O., Oliveira, L. V., & Lima, R. G. (2017). The Narrative Memoir as a Psychoanalytical Strategy for the Research of Social Phenomena. *Psychology*, 8, 1238-1253. Disponível em: https://doi.org/10.4236/psych.2017.88080

Guerra, A. M., Marinho, F. C., Silva, A. C. D., & Lelles, A. L. X. (2019). Sobre a transdisciplinaridade em ato na pesquisa científica: aspectos metodológicos para discussão acerca da investigação sobre "curso de vida e trajetória delinquencial de jovens e adolescentes. *Psicologia em Revista,* Belo Horizonte, MG, 25(1), 348-364.

Guichard, J. (2008). Proposition d'un schéma d'entretien constructiviste de conseil en orientation (life designing counseling) pour des adolescents ou de jeunes adultes. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 37/3. Disponível em: http://journals.openedition.org/osp/1748

Guichard J. (2009). Self-constructing. *Journal of Vocational Behavior*. 78, 251-258.

Guichard, J. (2016). Reflexivity in life design interventions: Comments on life and career design dialogues. *Journal of Vocational Behavior* 97, 78-83.

Guichard, J., & Huteau, M. (2007). *Orientation et insertion professionnelle. 75 concepts clés*. Paris, França: Dunod.

Guichard J., & Pouyaud J. (2015). Processes of Identity Construction in Liquid Modernity: Actions, Emotions, Identifications, and Interpretations. In R. Young, J. Domene, & L. Valach (Eds), *Counseling and Action.* New York, EUA: Springer.

Harren, V. A. (1979). A Model of Career Decision Making for College Students. *Journal of Vocational Behavior* 14, 119-133.

Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo* (v.1). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (Trabalho originalmente publicado em 1927).

Hermann, F. (2017). *Sobre os fundamentos da Psicanálise*. São Paulo, RJ: Blucher-Karnac.

Holland, J. L. (1966). *The psychology of vocational*. Walthan, EUA: Blaisdell Publishing.

Houaiss, A. (2009). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva

Howard, K. A. S., & Walsh, M. E. (2010). Conceptions of career choice and attainment: Developmental levels in how children think about careers. *Journal of Vocational Behavior* 76, 143-152.

Howell, F., Frese, W., & Sollie, C. (1977). Ginzberg's Theory of Occupational Choice: A Reanalysis of Increasing Realism. *Journal of Vocational Behavior* 11, 332-346.

Hoyt, K. B. (1995). El concepto de educación para la carrera y sus perspectivas. In M. L. Rodríguez-Moreno (Coord.). *Educación para la carrera y diseño curricular: Teoría y práctica de programas de educación para el trabajo* (pp. 15-37). Barcelona, Espanha: Universitad de Barcelona.

Human, L. H., & Human, M. (2016). The usefulness of facilitating narrative career counselling with learner-athletes in a south african sport school. *South African Journal of Higher Education*, 30(3), 156-169. Disponível em: http://dx.doi.org/10.20853/30-3-666

Inwood, M. (2002). *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Isolan L. (2015). O desenvolvimento da regra fundamental na obra de Freud: da hipnose à associação livre. *Rev. bras. Psicoter.*, 17(3), 47-62.

Ito, L. H., & Soares, D. H. P. (2008). Projeto do futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. *Aletheia*, 27, 65-80. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100006&lng=pt&tlng=pt.

Jakobson, R. (2008). *Linguística e comunicação*. 23.ed. São Paulo, SP: Cultrix.

John, D. (2017). *Reinventar a vida: narrativa e ressignificação em análise*. São Paulo, SP: Editora Ideias e Letras.

Jorge, M. A. C. (2006). A travessia da fantasia na neurose e na perversão. *Estudos de Psicanálise*, 29, 29-37. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100006&lng=pt&tlng=pt.

Jorge, M. A. C. (2020) *Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan*. Rio de janeiro, RJ: Zahar.

Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade da depressão*. São Paulo, SP: Boitempo.

Kidd, J. M. (1984). The Relationship of Self and Occupational Concepts to the Occupational Preferences of Adolescents. *Journal of Vocational Behavior* 24, 48-65.

Klein, M. (1987). *Selected Melanie Klein.* New York, EUA: Simon and Schuster.

Kuhn, T. S. (2017). *A Estrutura das Revoluções Científicas* (13ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.

Lacan, J[38]. (1953a). *Le symbolique, l'imaginaire et le réel*. Conferência pronunciada no Anfiteatro do Hospital Psiquiátrico de Sainte-Anne, Paris, França, em 8 de julho de 1953.

Lacan, J. (1953b/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Conferência originalmente pronunciada em 1953).

Lacan, J. (1954/1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Portugal: Ed. Assírio e Alvim. (Trabalho originalmente publicado em 1954)

Lacan, J. (1957-1958/1999). *O seminário: livro V - As formações do inconscie*nte. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Conferência originalmente pronunciada em 1957-1958).

Lacan, J. (1958a/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Trabalho originalmente publicado em 1958)

Lacan, J. (1958b/2002). O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. Porto Alegre, RS: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. (Conferência originalmente pronunciada em 1958).

Lacan, J. (1959-1960/1997). O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Conferência originalmente pronunciada em 1959-1960).

Lacan, J. (1962-1963/2005). *O Seminário livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Conferência originalmente pronunciada em 1959-1960).

Lacan, J. (1966-1967). *Le séminaire de Jacques Lacan. Livre 14: la logique du fantasme*. Seminário inédito.

Lacerda, D. P., Dresch, A., Proença, A., & Antunes Júnior, J. A. V. (2013). Design Science Research: método de pesquisa para a engenharia de produção. *Gestão &*

[38] Apesar das referências estarem no estilo APA – *American Psychological Association* (6th ed.), no caso das referências de Jacques Lacan, foram mantidas as duas datas, a fim de serem apresentadas em ordem cronológica.

Produção, 20(4), 741-761. Epub November 26. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-530X2013005000014

Laplanche, J, & Pontalis, J. B. (1991). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo, SP: Martins Fontes.

László, J., Ehmann B., Pólya T., & Péley, B. (2007). Narrative Psychology as Science. *ETC – Empirical Text and Culture Research*, 3, 1-13.

Law, B. (2017). Learning for living: the point of narrative. *British Journal of Guidance & Counselling,* 45(4), 369-375. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2017.1343459

Leandro M., Couto D. P., & Lanna M. A. L (2013). Da realidade psíquica ao laço social: a função de mediação do conceito de fantasia. *Cad. psicanal.* [Internet]. 35(28), 27-48. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000100002&lng=pt.

Lehman, Y. P. (1996). O Processo de Orientação Profissional Como Holding Na Adolescência. In: I. F. M. Catafesta. (Org.). *O verdadeiro e o falso: a tradição independente na Psicanálise Contemporânea* (pp. 277-289). São Paulo, SP: Editora Lemos.

Lehman, Y. P. (2001). O Processo de Orientação Profissional como um holding na adolescência. *Revista do Laboratório de Estudos Sobre o Trabalho e Orientação Profissional (LABOR)*, 0, 66-75, São Paulo, SP,

Lehman, Y. P., Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., & Silva, F. F. (2015). A psychodynamic approach on group career counseling: A Brazilian experience of 40 years. *Bulletin – AIOSP Educational and Vocational Guidance*, 15, 23-36.

Lehman, Y. P., & Pezo, M. A. (2018). Orientação Profissional em grupo como processo afetivo-cognitivo integrador. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs), *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Lengelle, R., Meijers, F., & Hughes, D. (2016). Creative writing for life design: Reflexivity, metaphor and change processes through narrative. *Journal of Vocational Behavior* 97, 60–67.

Lévi-Strauss, C. (1970). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Tempo Brasileiro.

Lima, G. A., Uvaldo, M. C., & Dias, M. L. (2018). Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico. São Paulo, SP: Vetor.

Little, B. R., Salmela-Aro, K., & Phillips, S. D. (2007). *Personal project pursuits*. Mahwah, EUA: Lawrence Erlbaum Associates.

López, M. P. (2005). La Práctica del Orientador Educativo y la Motivación de Logro en los Alumnos. *Revista Mexicana de Orientación Educativa,* 6, julio-octubre.

Macaskie, J., Meekums, B., & Nolan, G. (2013). Transformational education for psychotherapy and counselling: a relational dynamic approach. *British Journal of Guidance & Counselling,* 41(4), 351-362. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2012.726348

Magalhães, S. M. F., Gabrielloni, M. C., Sanna, M. C., & Barbieri, M. (2017). Educação em Enfermagem: conceituando projeto pedagógico na visão de professores. *Acta Paulista de Enfermagem*, 30(3), 247-253. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700038

Maheirie, K. (2006). Subjetividade, imaginação e temporalidade: Atividade criadora em objetivações discursivas. In S. Z. Da Ros, K. Maheirie, & A. V. Zanella (Orgs.), *Relações estéticas e atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência* (pp. 145-156). Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC.

Maia, A. A. R. M., & Mancebo, D. (2010). Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 376-389. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200012

Malki, Y. (2018). Orientação psicodinâmica em tempos hipermodernos. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs), *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Mandelli M. T., Soares D. H. P., & Lisboa M. D. (2011). Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arq. bras. psicol.* [Internet]. 63(spe): 49-57. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt.

Maree, K. (2010). *Career counselling: methods that work*. Cape Town, África do Sul: Juta Press.

Maree, K. (2014). Career construction with a gay client: a case study. *British Journal of Guidance & Counselling,* 42(4), 436-449. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2014.886670

Maree, K. (2015). Blending retrospect and prospect in order to convert challenges into opportunities in career counselling. In K. Maree, & A. Di Fabio (Orgs.), *Exploring New Horizons in Career Counselling: Turning Challenge into Opportunities* (pp. 3-24). Rotterdam, Países Baixos: Sense Publishers.

Maree, K. (2016). How career construction counseling promotes reflection and reflexivity: Two case studies. *Journal of Vocational Behavior* 97, 22–30.

Maree, K., Ebersöhn, L., & Molepo, M. (2006). Administering narrative career counselling in a diverse setting: trimming the sails to the wind. *South African Journal of Education*, 26, 49-60.

Marsay, G., Scioli, A., & Omar, S. (2018). A hope-infused future orientation intervention: a pilot study with juvenile offenders in South Africa. *British Journal of Guidance & Counselling*, 46(6), 709-721. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2018.1480011

Martins, G. K. (2010). *Mapa conceitual de uma ontologia de domínio do patrimônio imaterial brasileiro: um percurso pelos caminhos de Peirce, Dahlberg e Novak* (Dissetação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Martins, R. D., & Vorsatz I. (2018). Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. *Cad. psicanal.* [Internet], 40(39), 251-272. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000200013&lng=pt.

Masi, D. (1999). *Desenvolvimento sem trabalho.* São Paulo, SP: Editora Esfera.

Massola, G. M., Crochík, J. L., & Svartman, B. P. (2016). A psicologia como ciência empírica. *Psicologia USP*, *27*(3), 379-394. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-656420162703

Matte, F. M., & Facchin, F. (2019). "Era uma vez: ...": a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. *Analytica: Revista de Psicanálise,* 8(14), 1-10. Recuperado

de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000100005&lng=pt&tlng=pt.

McAdams, D. P. (1993). *The Stories we live by: personal myths and the making of the self.* New York, EUA: The Guilford Press, William Morrow & Company.

McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity and the storied self: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry*, 7(4), 295-321.

McAdams, D. P. (2001). The Psychology of Life Stories. In D. P. McAdams (Ed.) *special issue: psychology of life stories, Review of General Psychology*, 5(2), 100-122.

McAdams, D. P., Josselson, R., & Lieblich, A. (2001). Turns in the road: Introduction to the volume. In D. P. McAdams, R. Josselson, & A. Lieblich (Eds.), *Turns in the road: Narrative studies of lives in transition* (pp. xv–xxi). Washington DC, EUA: American Psychological Association.

McIlveen, P. F. (2017). Dialogical self: Co-investigator in career self-research. In M. McMahon (Ed.), *Career counselling: Constructivist approaches* (pp. 153-163). Londres, Reino Unido: Routledge.

McIlveen, P. F., & Patton, W. A. (2007). Narrative career counselling: Theory and exemplars of practice. *Australian Psychologist* 42(3), 226-235.

McMahon, M. (2013). Narrative career counselling: an overview. *Australian career practitioner*, 24(4), 12-13.

McMahon, M., & Watson, M. (2013). Story telling: crafting identities. *British Journal of Guidance & Counselling*, 41(3), 277-286. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2013.789824

McMahon, M., Watson, M., Chetty, C., & Hoelson, C. N. (2012). Examining process constructs of narrative career counselling: an exploratory case study. *British Journal of Guidance & Counselling*, 40(2), 127-141. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2011.646949

Mead, G. H. (1953). *Espiritu, persona y sociedad*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

Mendonça, S. (2019). Tecno esperança versus esperança social. *Revista UP - TAP Airline Portugal,* 139, 126. Maio. Disponível em: http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/tecno-esperanca-vs-esperanca-social/

Meza, A., & Rosas, A. G. (2004). El Nivel de Educación Secundaria, un Espacio Olvidado por la O.V. *Revista Mexicana de Orientación Educativa,* 2(3), julio-octubre.

Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza humana*, 9(2), 319-359. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&tlng=pt.

Mill, S. (1963). *Da Liberdade*. Rio de Janeiro, RJ: Ibrasa

Mishara, A. L. (2010). Klaus Conrad (1905–1961): Delusional Mood, Psychosis, and Beginning Schizophrenia. *Schizophrenia Bulletin*, Jan; 36(1), 9-13.

Moreira, J. O., Rodrigues, B. F., Costa, J. D., Silva, C. S. W., Matos, C. A., Sena, C. L. Marinho, F., C., Guerra, A., & da Silva, B. F. A. (2019). A trajetória infracional de Cecilia: um estudo de caso na perspectiva psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud,* 18(3), 1-23. Disponível em: https://dx.doi.org/10.11600/1692715x.18301

Moreno, C. (2007). *O prazer das palavras*. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket.

Moura, M. L. (2018). A orientação profissional na estratégia clínica de R. Bohoslavsky e seus desdobramentos. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs.), *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Mulvey, R. (2012). Review: Career counselling: methods that work. *British Journal of Guidance & Counselling*, 40(2), 179-180. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2012.653184

Nascimento, L. A., & Santos, E. T. (2001). *A contribuição da tecnologia da informação ao processo de projeto na construção civil*. Escola Politécnica da USP. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Santos6/publication/228552422_A_contribuicao_da_tecnologia_da_informacao_ao_processo_de_projeto_na_construcao_civil/links/5413480b0cf2bb7347db2056.pdf

Nasio, J-D. (2001). Que é um caso? In: Nasio, J-D. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Nasio, J-D. (2007). A fantasia. In Nasio, J-D, *O prazer de ler Lacan.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

Nava, G. (2004). Nuevas tecnologías en la orientación vocacional. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 1(2).

Nery, M. R. (2017). *O direito de narrar e o poder de se fazer ouvir: a narrativa como fundamento da humanização* (Tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Nogueira, L. C. (1999). O Campo Lacaniano: desejo e gozo. *Psicologia USP*, 10(2), 93-100. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641999000200007

Nota, L., & Rossier, J. (2015). *Handbook of life design: from practice to theory and from theory to practice.* Boston, EUA: Hogrefe Publishing Group.

Oettingen, G., & Mayer, D. (2002). The motivating function of thinking about the future: Expectations versus fantasies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1198-1212. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.5.1198

Oliveira, M. P. (2008). A fantasia em Melaine Klein e Lacan. *Mental,* 6(11). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200007&lng=pt&tlng=pt.

Ortega y Gasset, J. (2010). *Obras Completas* (v.5). Madrid, Espanha: Taurus-Fundación Ortega y Gasset.

Ortega y Gasset, J. (1962). *History as a System*. New York, EUA: W.W. Norton and Co.

Osipow, S. H. (1990). *Teorías sobre la elección de carreras*. Cidade do México, México: Trillas.

Osipow, S. H., Carney, C. G., Winer, J. L., Yanico, B. J., & Koschier, M. (1976). *Career Decision Scale (3rd rev.)*. Columbus, EUA: Marathon Consulting and Press.

Osipow, S. H., & Fritzgerald, L. F. (1996). *Theories of career development*. Boston, EUA: Allyn & Bacon.

Parsons, F. (2005). Choosing a vocation. Boston: Houghton Mifflin. (Trabalho originalmente publicado em 1909).

Paulon, C. P. (2018). *Introduzindo o conceito de narrativa em psicanálise: sobre um operador comparativo para o estudo de casos clínico* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Peavy, R. V. (1998). *SocioDynamic counselling: A constructivist perspective*. Victoria, Canadá: Trafford.

Pelletier, D., Noiseux, G., & Bujold, C. (1982). *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: Enfoque operatório* (3ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Pépin, C. (2016). *As virtudes do fracasso*. São Paulo, SP: Estação Liberdade.

Pereira, F. H. (2003). Mídia, temporalidade e identidade profissional: das diferentes visões sobre o tempo à produção jornalística em 'fluxo contínuo'. *Anais do I Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo*, Brasília, DF.

Pereira, O. C. N. (2019). *A construção do projeto de vida no Programa Ensino Integral (PEI): uma análise na perspectiva da orientação profissional* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Pfeil, C. (2015). *Diário de um analisando em Paris*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Phillips, S. D., Friedlander, M. L., Pazienza, N. J., & Kost, P. P. (1985) A Factor Analytic Investigation of Career Decision-Making Styles. *Journal of Vocational Behavior* 26, 106-115.

Pichon-Rivière, E. (1993). Uma concepção de psiquiatria: psiquiatria dinâmica e social. *SaúdeLoucura*. 4, 173-189.

Pini, V. A. S., & Valore, L. A. (2017). O desamparo na construção do futuro de jovens em programas de assistência social. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(1), 103-119. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082017000100008&lng=pt&tlng=pt.

Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative Knowing and the Human Sciences*. New York, EUA: State University of New York Press.

Polkinghorne, D. E. (1991). Narrative and Self-concept. *Journal of narrative and life history*, 1(2 & 3). 135-153.

Popper, K. (2013). *Os Dois Problemas Fundamentais da Teoria do Conhecimento*. São Paulo, SP: Editora UNESP.

Porge, E. (2000). *Jacques Lacan, un psychanalyste*. Toulouse, França: Érès.

Pouyaud, J., Bangali, M., Cohen-Scali, V., Robinet, M. L., & Guichard, J. (2016). Exploring changes during life and career design dialogues. *Journal of Vocational Behavior* 97, 3-12.

Qu, K.-J., & Zou H. (2009). Structure, Method and Antecedents of Career Exploration. *Advances in psychological science*, 17(02), 442-450.

Rascován, S. (2004). Lo vocacional: una revisión crítica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 1-10. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v5n2/v5n2a02.pdf

Rascovan, S. (2012). Los jovénes y el futuro. *Revista Mexicana de Orientación Educativa,* 9(23), 62-64. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-75272012000200011&lng=pt&tlng=es.

Reid, H. L. (2005). Narrative and Career Guidance: Beyond Small Talk and Towards Useful Dialogue for the 21st Century. *International Journal for Educational and Vocational Guidance,* 5, 125-136. Recuperado de https://doi.org/10.1007/s10775-005-8790-5

Reid, H. L., & Scott, M. (2010). Narratives and career guidance: from theory into practice. In H. L. Reid (Ed.), *The Re-emergence of Career: challenges and opportunities: occasional paper of the Centre for Career & Personal Development* (pp. 27-34). Canterbury, Reino Unido: Canterbury Christ Church University.

Reid, H. L., & West, L. R. (2008). Talking with a shared purpose: Applying auto/biographical and narrative approaches to practice. In H. L. Reid (Ed.), *Constructing a way forward: Innovation in theory and practice for career guidance*: *occasional paper of the Centre for Career & Personal Development* (pp. 29-38). Canterbury, Reino Unido: Canterbury Christ Church University.

Reid, H. L., & West, L. R. (2011). "Telling tales": Using narrative in career guidance. *Journal of Vocational Behavior*, 78, 174-183.

Reid, H. L., & West, L. R. (2016). Negotiating professional and personal biographies in a liquid world: creating space for reflexive innovation in career counselling. *British Journal of Guidance & Counselling*, 44(5), 562-575. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2016.1145014

Ribeiro, M. A. (1998a). Atelier de trabalho para psicóticos: uma possibilidade de atuação em orientação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 18(1), 12-27. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000100003

Ribeiro, M. A. (1998b). *ENEP (Encontro nacional dos Estudantes de Psicologia): história e memória de um movimento* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 141-151. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100012

Ribeiro, M. A. (2004). *Orientação profissional para "pessoas psicóticas": um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Ribeiro, M. A. (2005). O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 55-70. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n2/v6n2a06.pdf

Ribeiro, M. A. (2010). A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(1), 120-130.

Ribeiro, M. A. (2013). Sistematização das principais narrativas produzidas sobre carreira na literatura especializada. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(2), 177-189. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902013000200004

Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba, PR: Ed. Juruá.

Ribeiro, M. A. (2018). Edward Bordin: pioneiro da perspectiva psicanalítica no campo da orientação profissional e de carreira. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs.), *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Ribeiro, M. A., Cardoso, P., Duarte, M. E., Machado, B., Figueiredo, P. M., & Fonçatti, G. O. S. (2020). Perception of Decent Work and the Future Among Low Educated

Youths in Brazil and Portugal. *Emerging Adulthood*. Disponível em: doi:10.1177/2167696820925935

Ribeiro, M. A., Figueiredo, P. M., & Almeida, M. C. C. G. (2021). Desafios contemporâneos da orientação profissional e de carreira (OPC): a interseccionalidade como estratégia compreensiva. *Psicologia argumento (PUCPR. Online*), 39, 98-122.

Ribeiro, M. A., & Fonçatti, G. O. S. (2017). The gap between theory and reality as a generator of social injustice: Seeking to confront social inequality in Brazil through career guidance. In T. Hooley, R. G. Sultana, & R. Thomsen. (Orgs.), *Career guidance for social justice: Contesting neoliberalism* (v. 1, pp. 193-208). Abingdon, Reino Unido: Routledge.

Ribeiro, M. A., & Ribeiro, J. F. M. (2019). Aconselhamento *Life Desing* para trabalharores/as informais adultos/as. In M. A. Ribeiro, M. A. P. Teixeira, & M. E. Duarte (Orgs.), *Life Design: um paradigma contemporâneo em orientação profissional e de carreira*. São Paulo, SP: Vetor.

Ribeiro, M. A., Silva, F. F., & Figueiredo, P. M. (2016). Discussing the Notion of Decent Work: Senses of Working for a Group of Brazilian Workers without College Education. *Frontiers in Psychology*, 7, 207.

Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (Orgs.). (2011). *Compêndio de Orientação profissional e de carreira* (v. 1). São Paulo, SP: Vetor.

Ribeiro, M. A., & Uvaldo, M. C. C. (1998). *Abordagem cognitiva em orientação vocacional: Dennis Pelletier, Charles Bujold & Gilles Noiseux* (texto não-publicado).

Ribeiro, M. A., & Uvaldo, M. C. C. (2007). Frank Parsons: trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 19-31. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902007000100003&lng=pt&tlng=pt.

Ribeiro, M. A., & Uvaldo, M. C. C. (2011). Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo do trabalho flexibilizado. *Polis e Psique*, 1(1).

Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., Fonçatti, G. O. S., Audi, D. A., Agostinho, M. L., Malki, Y. (2016). Ser adolescente no século XXI. In R. Levenfus (Org.), *Orientação*

vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos. Porto Alegre, RS: Artmed.

Richardson, M. S. (2004). The emergence of new intentions in subjective experience: a social/personal constructionist and relational understanding. *Journal of Vocational Behavior* 64, 485-498.

Ricoeur, P. (2011). *Tempo e narrativa (3 volumes)*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Rodari, G. (1982). *Gramática da Fantasia*. São Paulo, SP: Editora Summus.

Roe, A. (1956). *Psychology of occupations*. New York, EUA: John Wiley.

Roe, A. (1957). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 4, 212-217.

Rolnik, S. (2002). Apresentação. In: L. C. M. Figueiredo, *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1550-1900*. São Paulo, SP: Editora Escuta.

Ronkainen, N. J., Ryba, T. V. (2018). Understanding youth athletes' life designing processes through dream day narratives. *Journal of Vocational Behavior*, 108, 42-56.

Roques, J-L. (2003). Effet du local sur les projets de jeunes. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 32/1.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Salztrager, R. (2006). Os paradoxos da fantasia. *Interações*, 11(21), 79-96. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072006000100005&lng=pt&tlng=pt.

Santo Agostinho (1987). *Confissões.* São Paulo, SP: Nova Cultural. (Trabalho originalmente publicado em 398).

Santos, B. S. (2014). *Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide*, Boulder, EUA: Paradigm Publishers.

Santos, H., Oliveira, P., & Susin, P. (2014). Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas. *Civitas*, Porto Alegre, RS, 14(2), 359-382

Saussure, F. (2003). *Curso de Linguística Geral*. 25 ed. São Paulo, SP: Cultrix.

Savickas, M. L. (1993). Career Counseling in the Postmodern Era. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 7, 205-215. Disponível em: DOI: 10.1891/0889-8391.7.3.205.

Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *Career Development Quarterly*, 45, 247-259. Disponível em: DOI:10.1002/j.2161-0045.1997.tb00469

Savickas, M. L. (2001). Toward a comprehensive theory of career development: Dispositions, concerns, and narratives. In F. T. L. Leong, & A. Barak (Eds.), *Contemporary models in vocational psychology: A volume in honor of Samuel H. Osipow* (pp. 295-320). Mahwah, EUA: Erlbaum.

Savickas, M. L. (2002). Career construction: a developmental theory of vocational behavior. In: D. Brown & Associates, *Career choice and developmen*t (pp.149-205, 4. ed.). San Francisco, EUA: Jossey-Bass.

Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R.W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken, EUA: Wiley.

Savickas, M. L. (2006). Specific Treatments for Specific Populations [Video]. In M. L. Savickas, *Career counseling Series*. Washington DC, EUA: American Psychological Association Videos.

Savickas, M. L. (2011a). The self in vocational psychology: Object, subject, and project. In P. J. Hartung, & L. M. Subich (Eds.), *Developing self in work and career: Concepts, cases, and contexts* (pp. 17-33). Washington DC, EUA: American Psychological Association.

Savickas, M. L. (2011b). *Career counseling*. Washington DC, EUA: American Psychological Association.

Savickas, M. L. (2012). Life design: A paradigm for career intervention in the 21st century. *Journal of Counseling & Development*, 90, 13-19.

Savickas, M. L. (2015). Life Designing with Adults – Developmental Individualization Using Biographical Bricolage. In L. Nota, J. Rossier (Eds.), *Handbook of life design: from practice to theory and from theory to practice*. Boston, EUA: Hogrefe Publishing Group.

Savickas, M. L. (2016). Reflection and reflexivity during life-design interventions: Comments on Career Construction Counseling. *Journal of Vocational Behavior*. 97, 84–89.

Savickas M. L., & Guichard, J. (2016). Symposium Introduction: Reflexivity in Life Designing Interventions. *Journal of Vocational Behavior*, 97, 1-2.

Savickas, M. L., & Hartung, P. (2012). *A Minha História de Carreira: Manual para o sucesso na vida/carreira*. Tradução e adaptação para Portugal por Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa (Coordenação: Maria Eduarda Duarte). Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: www.iop.ul.pt.

Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Vianen, A. E. M. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75(3), 239-250.

Scheeffer, R. (1973). Dois aspectos do comportamento vocacional: escolha e maturidade. *Arq. bras. Psic. apl.*, Rio de Janeiro, RJ, 25(4), 5-14, out./dez.

Schiff, B. (2012). The Function of Narrative: toward a Narrative Psychology of Meaning. *Narrative works: issues, investigations, & interventions* 2(1), 33-47.

Schöpke, R. (2010). *Dicionário Filosófico*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Schutz, A. (1967). *The phenomenology of the social world.* Evanson, EUA: Northwertern University Press. (Trabalho originalmente publicado em 1938).

Silva, C. S. C. S. (2016). *Impactos e processos de mudança no aconselhamento de Carreira fundamentado no paradigma life-design* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Silva, F. F. (2003). *A escola e a construção de projetos profissionais: escolarização, imagens do trabalho e dos gêneros* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Silva, F. F. (2010). *Construção de projetos profissionais e redução da vulnerabilidade social: subsídios para políticas públicas de orientação profissional no ensino médio* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Skinner, B. F. (1978). Are We Free to Have a Future? In B. F. Skinner, *Reflections on Behaviorism and Society*. Englewood Cliffs, EUA: Prentice Hall.

Sools, A. M., Tromp, T., & Mooren, J. H. (2015). Mapping letters from the future: Exploring narrative processes of imagining the future. *Journal of Health Psychology*, 20, 350-364. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1177/1359105314566607.

Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F. (2011). Aconselhamento de carreira: Uma apreciação construcionista social. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 49-60. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000100007

Souza, M. G. C., & Castro, L. R. (2014). O projeto profissional de jovens das classes médias: orientações normativas e estratégias de inserção. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho,* 17(2), 161-175. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000300002&lng=pt&tlng=pt.

Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional,* 4(1/2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100002

Sultana, R. G. (2010). Career guidance re-viewed: tiger, tiger, burning bright? *British Journal of Guidance & Counselling*, 38(1), 113-130. Disponível em: DOI: 10.1080/03069880903403696

Super, D. E. (1951). Vocational adjustment: implementing a self-concept. *Occupations*, 30, 88-92.

Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior,* 16, 282-298.

Super, D. E., & Bohn, M. J. (1972). *Psicologia ocupacional*. São Paulo, SP: Atlas.

Tassara, E., & Tassara, M. (2019). *Pertencer ao Planeta Terra*. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, Grupo de Pesquisa Política Ambiental, São Paulo, SP. (Texto inédito).

Tavares, L. A. (2017). *Medicina narrativa: o significado de humanização para estudantes de Medicina* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Taylor, J. M., & Savickas, S. (2016). Narrative career counseling: My career story and pictorial narratives. *Journal of Vocational Behavior* 97, 68-77.

Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional,* 5(1), 47-62. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100005&lng=pt&tlng=pt.

Temple, G. C. (2007). *A crítica nietzschiana da democracia moderna* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado de São Paulo – UNESP, Marília, SP.

Toledo, L. C. C. (2018). Do resguardo ao ato: sobre escolhas profissionais, o vestibular e o inconsciente. In G. A. Lima, M. C. Uvaldo, & M. L. Dias (Orgs.), *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo, SP: Vetor.

Tolstói, L. (2019). *O que é arte?* São Paulo: Editora Nova Fronteira, 4ed.

Trentin, M. P. (2017). *Montanhas portáteis. reflexões sobre arte, design e narrativa* (Tese de Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Trow, W. C. (1941). Phantasy and vocational choice. *Occupations*, 20, 89-93.

Tzu, S. (1998). *A Arte da Guerra*. São Paulo, SP: Jardim dos Livros.

Uvaldo, M. C. C. (2002). *Impacto das mudanças no mundo do trabalho sobre a subjetividade: em busca de um modelo de orientação profissional para adultos* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Uvaldo, M. C. C. (2010). *Tecendo a trama identitária: um estudo sobre mudanças de carreira* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Valach, L., & Young, R. A. (2017). Action: a bridge between vocational and mental health counselling. *British Journal of Guidance & Counselling*, 45(5), 519-531. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2017.1370628

Veinsten, S. (2006). Ciclos Evolutivos: Identidad Personal y Ocupacional - La Orientación para Toda la Vida. *Revista Mexicana de Orientación Educativa*, 4(8).

Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Vieira, G. A. (2001). Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 589-597.

Vieira, J. A. (2006). Complexidade e conhecimento científico. *Oecologia Brasiliensis* (ISSN-e 1981-9366), 10(1).

Vilhjálmsdóttir, G., & Tulinius, T. H. (2009). Tales of two subjects: Narratives of career counseling. *Journal of Vocational Behavior* 75, 267-274.

Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2009). A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 9(3), 867-903, Fortaleza, CE.

Watson, M. (2013). Deconstruction, Reconstruction, Co-construction: Career Construction Theory in a Developing World Context. *Indian Journal of Career and Livehood Planning*, 2(1).

Watson, M., & McMahon, M. (2015). From narratives to action and a life design approach. In: L. Nota, J. Rossier (Eds.), *Handbook of life design: from practice to theory and from theory to practice* (pp. 75-86). Boston, EUA: Hogrefe Publishing Group.

Watson, M., & McMahon, M. (2020). Career assessment and creativity: potential complementarity or a contradiction in terms? *British Journal of Guidance & Counselling*, 48(1), 40-51. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2018.1476835

Weiss, J., & Harris, D. (2018). Making plans for future success: a timeline tool feasibility study. *British Journal of Guidance & Counselling*, 46(2), 255-266. Disponível em: DOI: 10.1080/03069885.2018.1434129

Wender, L. (1965). Psicoalálisis de la vocación. *Revista Psicoanalítica*, 22, 69-97, Buenos Aires, Argentina.

West, L (1996). *Beyond Fragments: Adults and their Motivation in Higher Education*. Abingdon, Reino Unido: Taylor and Francis.

Winnicott, D. W. (1975). O lugar em que vivemos. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 165-174). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Winnicott, D. W. (1982). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 152-155). Porto Alegre, RJ: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1993). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott*, Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (pp. 389-408). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

Whiteman, W. E. (1998). *Training and educating army officers for the 21st century: Implications for the United States Military Academy Defense Technical Information Center*. Fort Belvoir, EUA: U.S. Army War College.

Xavier, C. R. (2010). A história do inconsciente ou a inconsciência de uma história? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 54-63. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100007&lng=pt&tlng=pt.

Yamaguishi, R. A. I. (2015). *O terceiro passo na escolha de uma profissão*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Yanico, B. J. (1981). Sex-Role Self-Concept and Attitudes Related to Occupational Daydreams and Future Fantasies of College Women. *Journal of Vocational Behavior,* 19, 290-301.

Young, R. A., & Valach, L. (2006). La notion de projet en psychologie de l'orientation. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 35/4.

Young, R. A., Valach, L., & Collin, A. (2002). A contextualist explanation of career. In D. Brown & Associates, *Career choice and development* (pp.206-252, 4th ed.). San Francisco, EUA: Jossey-Bass.

Young, R. A., Valach, L., & Domene, J. (2005). Qualitative action-project methodology. *Journal of Counseling Psychology*, 52, 215-223.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 1271-1288. Disponível em: DOI: 10.1037/0022-3514.77.6.1271

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (2008). *The time paradox: The new psychology of time that will change your life.* New York, EUA: Free Press.

Zioni, F. (2006). Exclusão social: noção ou conceito? *Saúde e Sociedade*, 15(3), 15-29. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000300003